

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**POR UMA GEOGRAFIA DO COTIDIANO:  
TERRITÓRIO, CULTURA E  
HOMOEROTISMO NA CIDADE**

**Tese de Doutorado**

**Benhur Pinós da Costa**  
**Orientador: Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich**

**Porto Alegre, dezembro de 2007.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**POR UMA GEOGRAFIA DO COTIDIANO:  
TERRITÓRIO, CULTURA E HOMOEROTISMO NA CIDADE.**

**TESE DE DOUTORADO**

**BENHUR PINÓS DA COSTA**

**Orientador: Álvaro Luiz Heidrich**

**Banca examinadora:**

**Prof. Dr. Nelson Rego (PPG Geografia/UFRGS)**

**Prof. Dr. Paulo Soares Rodrigues (PPG Geografia/UFRGS)**

**Profa. Dra. Rosemere Maia (Fundamentos do Serviço Social/UFRJ)**

**Prof. Dr. Sergio Baptista da Silva (PPG Antropologia Social/UFRGS)**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS como requisito para obtenção do título de doutor em Geografia.**

**Porto Alegre, dezembro de 2007.**

<i>Ordem</i>	<i>Vida</i>	<i>Eu</i>	<i>Relação</i>
<i>Desordem</i>	<i>Dor</i>	<i>Id</i>	<i>Sem relação</i>
<i>Espontaneidade</i>	<i>Para sempre</i>	<i>Super</i>	<i>Casa</i>
<i>Regra</i>	<i>Nunca</i>	<i>Pobre</i>	<i>Rua</i>
<i>Norma</i>	<i>Talvez</i>	<i>Rico</i>	<i>Dialética</i>
<i>Desejo</i>	<i>Certeza</i>	<i>Emergir</i>	<i>Lógica</i>
<i>Calor</i>	<i>Incerteza</i>	<i>Imergir</i>	<i>Lugar</i>
<i>Frio</i>	<i>Ódio</i>	<i>Tudo</i>	<i>Não-lugar</i>
<i>AMOR</i>	<i>Fraternidade</i>	<i>MEU LUGAR?</i>	<i>Cultura</i>
<i>Paixão</i>	<i>HOMO</i>	<i>O QUE ESTOU</i>	<i>Fome</i>
<i>SEXO</i>	<i>Hetero</i>	<i>O que sou</i>	<i>Sede</i>
<i>Casamento</i>	<i>Bi</i>	<i>O que não sou</i>	<i>Muito</i>
<i>Lei</i>	<i>Bivolt</i>	<i>O que serei</i>	<i>Neca</i>
<i>Moral</i>	<i>Mono</i>	<i>O que nunca serei</i>	<i>Pouco</i>
<i>Caos</i>	<i>Estéreo</i>	<i>O que sei</i>	<i>Fumaça</i>
<i>Saudade</i>	<i>MÚSICA</i>	<i>O que não sei</i>	<i>Sólido</i>
<i>PAI</i>	<i>Edi</i>	<i>AMIGOS</i>	<i>Liquido</i>
<i>Amante</i>	<i>Silêncio</i>	<i>Quase amigos</i>	<i>Quero</i>
<i>Marido</i>	<i>Barulho</i>	<i>Inside</i>	<i>Não quero</i>
<i>MÃE</i>	<i>DEUS</i>	<i>Outside</i>	<i>Grande</i>
<i>Meu</i>	<i>Orgânico</i>	<i>CONFUSO</i>	<i>Pequeno</i>
<i>GEOGRAFIA</i>	<i>eletrônico</i>	<i>TRANQUILO</i>	<i>Certo</i>
<i>Seu</i>	<i>Amazing</i>	<i>PORTO</i>	<i>Errado</i>
<i>De ninguém</i>	<i>Rápido</i>	<i>ALEGRE</i>	<i>Previsível</i>
<i>Vontade</i>	<i>Lento</i>	<i>MANAUS</i>	<i>Imprevisível</i>
<i>Contensão</i>	<i>Mau</i>	<i>Norte</i>	<i>Constante</i>
<i>Aqui</i>	<i>Ben</i>	<i>Sul</i>	<i>Instável</i>
<i>Agora</i>	<i>Passivo</i>	<i>LUZ</i>	<i>Micro</i>
<i>Contra</i>	<i>Ativo</i>	<i>escuro</i>	<i>Macro</i>
<i>A favor</i>	<i>Conforto</i>	<i>Direção</i>	<i>Ajo</i>
<i>Para além</i>	<i>Desconforto</i>	<i>Sem direção</i>	<i>Demonio</i>
<i>Aquém</i>	<i>Território</i>	<i>dança</i>	<i>Livre... Preso...</i>
<i>Morte</i>	<i>Sem território</i>	<i>imobilidade</i>	<i>Benhur...</i>

*Eu não sou eu, nem sou outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio  
Pilar da ponte de tédio,  
Que vai de mim para o outro.*

*(Poema "O outro", Mario de Sá Carneiro, musicado por Adriana Calcanhoto)*

**Dedico este estudo aos meus pais, Lauro e Liene, pois somente eles representam o grande amor, a grande dedicação e o grande companheirismo. Também dedico a minha irmã Claudinha, a minha querida avó Othalina (tão linda pessoa) e a meu orientador (pelo caminho longo, desde o mestrado). Agradeço ao amor que encontro no restante de minha família (pais, avós, tios e primos. Como é bom estar reunido nos domingos de churrasco com vocês!). Aos meus amigos de muito tempo: Dari, Rafa (obrigado pela força nas figuras, desde o mestrado), Flower, Dja, Tio Luiz, Ale (embora tenha me abandonado). A todos colegas da UFRGS e da ULBRA, onde tracei muito de minha vida. Obrigado a estas duas instituições, pelas oportunidades que tive. Dedico esse trabalho a minha vida! A todos que passaram, ficaram ou não ficaram. Em cada um pude encontrar algo que me significasse e que me formasse. Aos prazeres da vida e, também, a tudo aquilo que os impeçam...**

**Pois a vida é assim.**

**À Geografia.**

## **Resumo**

Entendemos o espaço social como condição da relação dialética entre ordem e desvio na modernidade. Em primeiro momento se produz e reproduz vinculado a condição alienada do “homem-partiucular” (Heller, 1991) e dos atores sociais de Goffmann (1996), que representam uma “Geografia funcional dos papéis sociais”. Em segundo momento, é condição dos conflitos existentes entre o id e o superego de Freud (1974) e da emergência do sujeito de Touraine (1994). Essa relação dialética explica os sujeitos contemporâneos e implica em expressões territoriais que contém tanto elementos de repressão/ordem, assim como táticas desviacionistas (De Certeau, 1994). Procuramos entender as “microterritorializações urbanas” (COSTA, 2005) resultantes dessas relações enfocando a existência de agregados sociais vinculados aos desejos homoeróticos e a condição homossexual na cidade.

## **Palavras-Chave**

Território  
Territorialidade  
Homossexualidade  
Homoerotismo  
Espaço Urbano  
Cultura  
Identidade  
Modernidade  
Espaço Social

## **Abstract**

We understand the space social as condition of the relation dialectic between order and shunting line in modernity. At first moment if it produces and it reproduces entailed the mentally ill condition of the “man-particular” (Heller, 1991) and of the social actors of Goffmann (1996), that they represent a “functional Geography of the social papers”. In according to moment, it is condition of the existing conflicts between id and superego of Freud (1974) and of the emergency of the citizen of Touraine (1994). This relation dialectic explains the citizens contemporaries and implies in territorial expressions that contain as many elements of repression/order, as well as desviacionistas tactics (De Certeau, 1994). We look for to understand the “urban microterritorializações” (Costa, 2005) resultant of these relations focusing social the aggregate existence tied with the homoerotics desires and the homosexual condition in the city.

## **Words-Keys**

Territory  
Territoriality  
Homosexuality  
Homoerotism  
Urban Sapace  
Culture  
Identity  
Modernity  
Social Space

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	p. 14
2. CONTRADIÇÕES NA CONDIÇÃO HOMOSSEXUAL: A DIVERSIDADE HOMOERÓTICA E A EMERGÊNCIA DE (MICRO)TERRITORIALIZAÇÕES .....	p. 26
3. A PRODUÇÃO MULTITERRITORIAL DO COTIDIANO URBANO COMO CENTRO DA DIALÉTICA ENTRE ORDEM E DESVIO NA MODERNIDADE.....	p. 45
3.1. AS ESTRUTURAS ESPACIAIS E AS ORIGENS DOS REGRAMENTOS MODERNOS .....	p. 46
3.2. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL E OS CONDICIONAMENTOS COTIDIANOS .....	p. 59
3.3. O URBANO COMO DIALÉTICA DO CONTRA E DO A FAVOR DA SOCIEDADE .....	p. 65
3.4. NORMAS E DESVIOS SOCIAIS: A HOMOSSEXUALIDADE COMO EXEMPLO DIALÉTICO ENTRE PRODUÇÕES SOCIAIS E PRODUÇÕES COMUNITÁRIAS NO ESPAÇO URBANO .....	p. 93
3.5. A DIALÉTICA SOBRE A FRAGMENTAÇÃO RELACIONAL NA CIDADE E DA PRODUÇÃO DE MICROTERRITORIALIZAÇÕES URBANAS, OU POCKETS OF SOCIAL RELATIONS .....	p. 106
4. O METODO MICROTERRITORIAL E O CASO DAS MICROTERRITORIALIZAÇÕES HOMOERÓTICAS EM PORTO ALEGRE-RS .....	p. 123
4.1. O MÉTODO MICROTERRITORIAL .....	p. 133



4.1.1. A abordagem microgeográfica .....	p. 134
4.1.2. A abordagem sobre a Geografia do cotidiano .....	p. 134
4.1.3. Multiterritorialidade e microterritorialidade .....	p. 134
4.1.4. Formismo .....	p. 135
4.1.5. Nomoespço e Genoespço .....	p. 135
4.1.6. O conceito de cultura .....	p. 136
4.1.7. O espço social como produção dialética entre sociedade e comunidade .....	p. 137
4.1.8. As representações sociais .....	p. 138
4.1.9. Território e territorialidade para Bonnemaison .....	p. 139
4.1.9.1. <i>Geografia existencial</i> .....	p. 140
4.1.9.2. <i>Etnogeografia e espço vivido</i> .....	p. 141
4.1.9.3. <i>Grupos culturais</i> .....	p. 141
4.1.9.4. <i>Território e territorialidade</i> .....	p. 142
4.1.9.5. <i>Território como convivialidade</i> .....	p. 143
4.2. AS TÊNUES APROPRIAÇÕES NO ESPAÇO URBANO – MICROTERRITORIALIZAÇÕES URBANAS EM PORTO ALEGRE-RS: EXEMPLOS DAS MICROTERRITORIALIZAÇÕES HOMOERÓTICAS .....	p. 145

<b>4.3. O ESTUDO ETNOGEOGRÁFICO E O CASO DE ALGUMAS MICROTERRITORIALIZAÇÕES HOMOERÓTICAS EM PORTO ALEGRE-RS</b> .....	<b>p. 155</b>
<b>4.3.1. Os amigos</b> .....	<b>p. 155</b>
<b>4.3.1.1. Amigo AP</b> .....	<b>p. 158</b>
<b>4.3.1.2. Amigo BP</b> .....	<b>p. 159</b>
<b>4.3.1.3. Amigo CP</b> .....	<b>p. 160</b>
<b>4.3.1.4. O amigo DP</b> .....	<b>p. 160</b>
<b>4.3.1.5. Amigo EP</b> .....	<b>p. 161</b>
<b>4.3.1.6. Amigo FP</b> .....	<b>p. 161</b>
<b>4.3.2. As microterritorializações</b> .....	<b>p. 162</b>
<b>4.3.2.1. Venezianos Pub</b> .....	<b>p. 163</b>
<b>4.3.2.2. Ocidente</b> .....	<b>p. 175</b>
<b>4.3.2.3. Vitraux</b> .....	<b>p. 187</b>
<b>4.3.2.4. Centro Comercial Nova Olaria</b> .....	<b>p. 196</b>
<b>4.3.2.5. Parque da Redenção</b> .....	<b>p. 206</b>

4.3.2.5.1. Chafazriz central .....	p. 220
4.3.2.5.2. Área entre o chafariz e o lago .....	p. 221
4.3.2.5.3. Recanto Alpino e área arborizada .....	p. 221
4.3.2.5.4. Área gramada entre o chafariz, espelho de água e Recanto Oriental .....	p.. 222
4.3.2.5.5. Área arborizada entre o Recanto Oriental, o Auditório Araújo Viana, o Instituto de Educação e a Oswaldo Aranha: Recanto Oriental, taquareiras e rosa-dos-ventos .....	p. 223
4.3.2.5.6. Área gramada na periferia e no centro do caminho central até perto do monumento dos açorianos e principalmente entre o caminho central e Recanto Grego arborizado .....	p. 224
4.3.2.5.7. Recanto Grego .....	p. 225
4.3.2.5.8. Equipamentos de musculação atrás do Recanto Grego e nas periferias da pista Olímpica .....	p. 225
4.3.2.5.9. Banheiros e pracinha em frente ao colégio militar, na Rua José Bonifácio .....	p. 226
4.3.2.5.10. Campo de futebol sem grama, entre os banheiros e a pista Olímpica .....	p. 226
4.3.2.5.11. Cancha de bocha próximo ao campo de futebol sem grama .....	p. 227
4.3.2.5.12. Monumento aos Expedicionários .....	p. 227

4.3.2.5.13. Pracinha próximo a UFRGS, área arborizada perto do mini-zoológico .....	p. 228
4.3.2.5.14. Pracinha perto do minizoológico .....	p. 229
4.3.2.5.15. Café do Lago .....	p. 229
4.3.5.2.16. Quadras de vôlei, futebol de salão e pista Olímpica .....	p. 229
4.3.5.2.17. Bancos próximos à Rua José Bonifácio e João Pessoa .....	p. 229
4.3.5.2.18. Auditório Araújo Viana .....	p. 230
4.3.5.2.19. Brique da Redenção .....	p. 230
<b>4.3.2.6. Praça da Alfândega e Rua da Praia Shopping .....</b>	<b>p. 239</b>
<b>5. A DIALÉTICA DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL: MICROTERRITORIALIZAÇÕES (CULTURAIS) URBANAS “A FAVOR” E “CONTRA” A SOCIEDADE .....</b>	<b>p. 248</b>
<b>5.1. AQUÉM DO INDIVÍDUO, O HOMEM-PARTICULAR .....</b>	<b>p. 248</b>
<b>5.2. A NATUREZA DIALÉTICA DO COTIDIANO .....</b>	<b>p. 260</b>
<b>5.3 O ATOR E A GEOGRAFIA DOS PAPÉIS SOCIAIS .....</b>	<b>p. 264</b>
<b>5.4. DO ATOR AO SUJEITO .....</b>	<b>p. 272</b>
<b>5.5. A DIALÉTICA DO SUJEITO E AS TERRITORIALIZAÇÕES NO ESPAÇO SOCIAL .....</b>	<b>p. 289</b>

<b>5.6. LATOUR E OS HÍBRIDOS .....</b>	<b>p. 295</b>
<b>5.7. O ESPAÇO SOCIAL .....</b>	<b>p. 309</b>
<b>5.7.1. Relação sociedade/comunidade/natureza .....</b>	<b>p. 316</b>
<b>5.7.1.1. Sociedade .....</b>	<b>p. 317</b>
<b>5.7.1.2. Natureza .....</b>	<b>p. 321</b>
<b>5.7.1.3. Comunidade .....</b>	<b>p. 323</b>
<b>5.7.2. Relação espaço/tempo .....</b>	<b>p. 326</b>
<b>5.8. PERGUNTAS NECESSÁRIAS À GEOGRAFIA .....</b>	<b>p. 330</b>
<b>5.9. AS MICROTERRITORIALIZAÇÕES DE AGREGADOS SOCIAIS HOMOERÓTICOS .....</b>	<b>p. 332</b>
<b>6. CONCLUSÃO .....</b>	<b>p. 347</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>p. 353</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Além de entender sobre as expressões homoeróticas como manifestações diversas do desejo entre pessoas do mesmo sexo e a condição homossexual, como uma sexualidade de identificação de um pólo divergente e desviante da condição heterossexual – definida como instituição social normal à manifestação do desejo sexual -, este trabalho acaba procurando desvendar os sentidos da sociedade e o seu espaço, que não é só reflexo dela, mas a existência concreta da sociedade e de suas contradições.

Evidenciamos a relação íntima e imbricada entre a manifestação dos desejos e das afetividades homoeróticas e a parte do espaço no qual elas podem ocorrer. A territorialização dessas manifestações, suas restrições espaciais, está condicionada ao fundamento dinâmico cerne da construção da sociedade: a sociedade como expressão da civilidade e do regramento das espontaneidades e dos instintos, incapaz de poder abarcar toda a diversidade e toda a fluidez das emoções humanas em rígidos “enquadramentos” ideais, lingüísticos e territoriais.

Por outro lado, esse fundamento dialético da sociedade se esconde em suas definições e em suas instituições, aparentemente normalizadas e sólidas. No entanto, além das normalidades sociais, inúmeras marginalizações ocorrem. Elas a cada dia são mais claramente visíveis, principalmente nas cidades fora do centro dinâmico capitalista, nos bairros pobres, nas favelas, nos agrupamentos de homens e mulheres marginalizados no espaço público. Porém, além desses grandes agrupamentos marginalizados mais visíveis na paisagem urbana do mundo contemporâneo, múltiplos outros incompatíveis com os enquadramentos sociais acabam sendo marginalizados nos fatos mínimos da vida em sociedade. A sociedade, assim, é um misto daquilo que ela pretende e daquilo que ela *descarta*. Os *descartados* são abarcados pelas definições sociais como os outros repletos de dúvidas, degradados, doentes, insanos ou incapazes de viverem os “benefícios” dos modelos talvez mais condizentes da vida em sociedade. Mas, mesmo identificados por definições degradantes, os *descartados*, na sua luta para tornarem-se aceitos e inclusos nessa sociedade, rompem com as perspectivas normalizadoras e criam

pequenos mundos de interações nos quais possam viver na “plena felicidade” da expressão da afetividade coletiva e do desejo individual.

Assim ocorre aos indivíduos orientados para o mesmo sexo (*same sex oriented*, conforme COSTA, 1992). A eles é negado, na história da civilização moderna, o espaço público, cuja norma é a expressão das afetividades e sensualidades heterossexuais. Mas, além disso, também como evidência da incapacidade da norma, vai emergir a expressão e a sujeitificação<sup>1</sup> homossexual, que culmina nas manifestações de uma cultura e de uma comunidade gay<sup>2</sup> em formação nas cidades desse mundo moderno. Por outro lado, aquém da propensão de formação de uma comunidade e uma de cultura unificada, expressão de uma sujeitificação e identificação ampla a todos os homens e mulheres orientados para o mesmo sexo, inúmeras outras expressões homoeróticas ocorrem vinculadas a contextos psíquicos, identitários, coletivo-culturais e territoriais diversos, que transcendem múltiplas definições conceituais e/ou estereótipos. Transcendem também os elementos constituintes de uma cultura gay e de uma identidade homossexual<sup>3</sup>. Contudo, tanto como fundamento da sexualidade desviante e emergência de um tipo cultural gay, como também evidência da diversidade de expressões propostas pelas diversas comunhões de indivíduos orientados para o mesmo sexo (como desmanche da identidade homossexual e da cultura gay unificada), o espaço apropriado torna-se fundamental ao compartilhamento de uma das múltiplas formas de afetividades homoeróticas.

O território, como aqui concebido, se torna a localização de encontro daqueles mesmos indivíduos *same sex oriented*, ou seja, lugar possível ao esclarecimento e à efetivação da ação de desejo para o mesmo sexo. Em primeiro momento, se territorializam os desejos, pelo compartilhamento com os mesmos localizados. Em

---

<sup>1</sup> Sujeitificação homossexual se refere, conforme iremos ver no decorrer do trabalho, a idealização do sujeito homossexual, como constructo teórico que se impregna nas identificações do tecido social. Sobre isso usamos os trabalhos de COSTA, 1992, e PARKER, 2002.

<sup>2</sup> Neste trabalho, optamos por não grifar o termo “gay”, mesmo sendo um estrangeirismo, por ser de uso corrente.

<sup>3</sup> Como iremos observar no decorrer do trabalho, a cultura gay implica um movimento social e a formação de um mercado destinado a uma alteridade identitária, condizente com a emergência das diferenças culturais urbanas desde os anos 1960. A identidade homossexual apresenta-se como uma categoria conceitual anterior muito vinculada à ciência (médica) e a literatura do século XIX e início do XX, cujos muitos atributos foram reinventados como motivos de orgulho da auto-estima identitária gay.

segundo momento, outras concordâncias, como símbolos, comportamentos esperados, assuntos e gostos, acabam dando conformação a uma singular coletivização localizada pelas expressões que acontecem no tempo e no espaço exato, que costura sujeitos múltiplos que guardam em si o peso das experiências de se viver as certezas e as contradições de determinada sociedade. O território não se apresenta aqui num formato rígido. O território é o “aqui e agora”, que talvez possa repetir-se, mas se apresenta fluido e disforme, sobreposto e justaposto a outros, cujas fronteiras não-visíveis são a possibilidade de participação na agregação humana.

As microterritorializações homoeróticas apresentam-se como microespaços apropriados<sup>4</sup> (em muito grande escala), cujas fronteiras são as do compartilhamento das expressões ali presentes. São microterritórios em formação, enclaves diversos em um espaço social que se queria ordenado e regrado, mas cujos enclaves remetem à desordem de tal espaço social e evidenciam o caráter de uma sociedade que é pura expressão de suas próprias contradições e divergências. A sociedade, assim como condição da normalidade racional, não se realiza completamente. Desse modo, apresentamos como mais evidente a produção de um espaço orgânico de convergências e de segregações das diversidades identitárias, no qual as diversas marginalizações de uma pretensa normalidade social, de diferentes níveis e naturezas, se territorializam para poderem existir. A territorialização dessas expressões, portanto, significa a sua própria capacidade de existir e de viver na busca da felicidade e da afetividade.

Nesse sentido, cada agregação social microterritorializada, ao mesmo tempo em que é uma expressão do “aqui e agora” das relações dos indivíduos ali interagindo, também guarda em si as condições determinantes da sociedade que busca organizar as emoções humanas. São, ao mesmo tempo, evidência das contradições e das determinações sociais. Mesmo as agregações humanas mais divergentes dos projetos sociais acabam transpondo, em suas relações mínimas,

---

<sup>4</sup> Apropriação territorial refere-se a territorialização e não ao território, dominado, já definitivo e construído. Apropriação é a presença do grupo que aos poucos impõe suas práticas a uma parte do espaço, ainda não o dominando completamente, mas já selecionando os participantes a agregação espacial.



alguns discursos normativos das instituições que ficaram impregnadas nos atores sociais em suas trajetórias de vida<sup>5</sup>. Nesse sentido, pensamos que a sociedade pode ser entendida pelas condições expressas no espaço social nas inúmeras microterritorializações existentes nele, que são expressões ao mesmo tempo, como nos fala Maffesoli (2002), “contra” e “a favor” da sociedade. Assim, as normalizações e as contradições da sociedade são/estão expressas no cotidiano. São, ao mesmo tempo, o cotidiano da alienação e das condições normativas dos papéis sociais, mas também o da emergência do desejo, do prazer, da sexualidade, do imprevisto, do jogo e do acaso. O espaço social, cravejado de microagregações muito dinâmicas, fluidas e de vida curta, é produto da ordem da sociedade, ou seja, só existe em virtude da produção da sociedade moderna de direito, mas, concomitante a isso, é realidade da incapacidade de ordenação das espontaneidades humanas, que produzem “linhas de fuga” múltiplas e territorializações de mistos relacionais dialéticos entre a ordem e a espontaneidade das interações ali presentes.

Observamos que os regramentos da sociedade apresentam suas origens nas condições da modernidade, na qual suas definições espaciais estão contidas em duas escalas básicas: a escala do Estado-Nação Moderno, como projeto de unificação da diversidade cultural e homogeneização de uma cultura nacional “supra-orgânica”, que tende a imprimir suas condições a todos os indivíduos pertencentes ao território ampliado; e a urbanidade, que vai constituir o *locus* da temperança, da ordem racional e lógica e do controle das pulsões individuais. A modernidade, cujos marcos estão fincados na Renascença, no iluminismo e nos eventos político-econômicos da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, apresenta-se assim

---

<sup>5</sup> Em nossa pesquisa participativa verificamos que muitos dos estereótipos e preconceitos imersos entre os grupos de afetividade homoerótica são atributos vinculados àquilo que fez deles diferentes como desviantes dos gêneros sexuais “normais” e “aceitos” socialmente. Na diversidade homoerótica qual convivemos, tanto preconceitos quanto atributos estéticos e comportamentais segregam diversos sujeitos homoeróticos e os microterritorializam em grupos culturais diferenciados. Esses preconceitos se apresentam como marcos de gostos preferenciais de atributos contidos nas posturas de gêneros sexuais das definições do comportamento heterossexual (ora muito divergentes, ora muito próximos), definidos para as mulheres e para os homens. Na condição homossexual, inúmeros foram os “atributos-entre-gêneros” definidos pela literatura dos séculos XIX e XX, que convergiram para a diversidade de manifestações da cultura gay na segunda metade do século XX, cujos grupos culturais homoeróticos se identificam e se segregam de forma muito dinâmica, entre invenções estéticas e comportamentais diversas. Atributos esses que contêm inúmeros preconceitos e discriminações que complexificam as definições de uma cultura gay que se pensa unificada.

como imposição de uma racionalidade científica, moral e ética à desordem natural (o que remete à contenção dos instintos). No entanto, o próprio ambiente urbano agrega muita diversidade. Nele as múltiplas identificações vão construir outras formas de agregações não totalmente condizentes com os projetos de organização social, mas mais próximas a condições afetivas e espontâneas que produzirão inúmeras “centralidades subterrâneas” ao social.

Nas cidades modernas, as realidades divergentes de seus projetos e discursos ideológicos, contidos na ciência, na educação e na formação da cultura dos papéis sociais vão culminar na representação de todas as variantes humanas. Tais representações produzem inúmeras polarizações entre “certo” e “errado” aos determinantes sociais contidos nos papéis normalizados. Em relação à identificação dos desvios, que se tornam múltiplos, suas existências ficam contidas em inúmeras privatizações ou microterritorializações, que possibilitam pequenas oportunidades coletivas de expressão de desejos individuais discriminados socialmente. Pela diversidade de existência dos desvios, eles vão contaminando o sentido da ordem racional e moral da sociedade moderna e se espriam continuamente pelo espaço público normatizado, fechando suas fronteiras de convivência e privatizando pequenos domínios. A cidade, assim, torna-se um misto de funcionalidades e espontaneidades, sendo expressão de inúmeras culturas orgânicas muito singulares e territorializadas, as quais contêm as forças das regras e dos acasos sociais.

Considerando isso, expomos a importância de estudar o cotidiano urbano. O cotidiano é esse misto de forças que imprimem condições morais e ideológicas e alienam o homem, assim como de forças espontâneas emergentes dentro dos próprios homens e de suas coletividades afetivas, desconstruindo regras, valores rígidos, determinações de vida e burlando o campo de normas impregnadas nas instituições sociais e nas relações face-a-face. A dialética do cotidiano coloca em discussão idéias muito afastadas, impregnadas de contradições e discordâncias; porém, o cotidiano é fruto das relações das contradições e das existências conjuntas delas. O cotidiano são as condições instituídas que alienam e particularizam o homem – conforme visto em Lefebvre (1958) e Agnes Heller (1991) -, assim como é o conjunto de representações dos atores sociais cumprindo papéis – segundo

Goffman (1988, 1996) -, e as objetividades das formas e das normas construídas por uma microfísica do poder, que dobra o homem comum – como em Foucault (1993). Por outro lado, o cotidiano também são as agregações afetivas do “estar junto por si só” e as “potências subterrâneas” informais e desregradadas, como visto em Maffesoli (2002); assim como o necessário sentimento de viver-se em comunidade e de tornar a comunidade um refúgio para as “dores sociais”, como argumenta Baumann (2003); e a táticas desviantes que burlam a natureza instituída e rígida das coisas, dos lugares e das relações, que lemos em De Certeau (1994).

Verifica-se que, além de uma sociedade moderna, que tenta organizar-se para progredir, com vistas à perfeição, o que se instaurou, de forma ramificada, foram às críticas cotidianas severas à existência de profundas desigualdades econômicas e culturais, a negação das tradições e das formações culturais orgânicas e localizadas, bem como a emergência dos sofrimentos individuais quanto às dificuldades de estabelecer-se de acordo com as objetividades dessa sociedade<sup>6</sup>. Por outro lado, a própria condição capitalista da sociedade moderna instaura a sua contradição, uma vez que, principalmente na segunda metade do século XX, a empresa e as estratégias de consumo vão importar-se mais com o desejo e com as contradições/desordens existentes no seio da sociedade, não mais importando-se com a homogeneização consumista, mas com a diversidade e a promoção dos bandos, dos nichos culturais e da diversidade e da alteridade. Nesse sentido, o que se observa é a existência dialética de três (des)ordens, três mundos ideológicos que produzem o mundo do cotidiano, do concreto e do entendimento subjetivo das pessoas e dos grupos sociais: o mundo da regra e da razão abstrata, o mundo do desejo (consumista) e o mundo das exclusões. O desejo e a razão se chocam e produzem contextos outros diversos e impossíveis de se explicarem por classificações exatas. A dialética entre razão e desejo (consumista) inclui as exclusões definidas pela incapacidade de atingir-se ou a despreocupação das

---

<sup>6</sup> Os discursos de ordem e a transposição de valores de uma sociedade moderna em ascensão, desde a Renascença até a organização da sociedade industrial do século XX, foram tornando-se autoritários perante a complexidade de valores humanos tradicionais e de espontaneidades individuais e coletivas contidas nessa própria sociedade. Nesse sentido, uma pretensa ordem dos comportamentos e dos espaços de convivências humanas acabou não ocorrendo, formando-se, assim, um espaço social, para o qual convergem muitos significados e produções materiais, políticas e culturais fluidas e dinâmicas.

próprias normas em abarcar determinados agregados sociais, assim como as exclusões quanto ao mundo do desejo consumista e do fetiche. Esses três mundos vão existir em conjunto em todos os contextos sociais e vão instituir os sujeitos sociais: produtos dialéticos desses três mundos. Por outro lado, conforme nos mostra bem Lefebvre (1983), esses sujeitos são um devir instável, que identificamos como produtos do devir dialético dos três mundos. Os sujeitos sociais não são identidades lógicas, mas multiplicidades de coletividades em constante instabilidade e mutação, sempre prontas a explodir e transformar-se, sempre em processo de territorialização e desterritorialização. Por outro lado, para existirem, vão reterritorializar-se, constituindo assim, em virtude da diversidade de processos de territorialização dos sujeitos múltiplos e instáveis, um espaço social orgânico, mais identificado pela imprevisibilidade, pelo acaso e pela desordem do que por uma estrutura organizada e provável.

Nesse sentido, estabelece-se uma crítica ao sujeito homossexual, uma vez que ele não se apresenta como uma identidade lógica e estável, um pólo de desvio, mas sim um constante devir, condição sim da instabilidade e da diversidade dos desejos homoeróticos expressos em múltiplos e dinâmicos processos de agregação social territorializadas. O mundo da razão e da moral abstrata, o mundo do desejo de consumo e o mundo das exclusões diversas (da existência dialética dos dois mundos anteriores) vão constituir inúmeras condições individuais e coletivas de existências homoeróticas localizadas no tempo e no espaço. Nesse sentido, torna-se difícil encontrar uma condição unificada da homossexualidade, assim como classificações referentes a ela. O que sabemos é que se instauram “formas-conteúdos” instáveis traduzidos pelo devir dos sujeitos que expressam desejos homoeróticos de forma coletiva no “aqui e agora” de uma localidade do espaço social. Sendo assim, a microterritorialização desse devir, constituído pela objetivação da agregação de subjetividades<sup>7</sup> múltiplas, apresenta-se como essência do processo de identificação, de conformação estética e de produção cultural.

---

<sup>7</sup> Subjetividades aqui refere-se à construção do ego humano, visto em Freud (1974) e em Marcuse (1975), como ordenamento daquilo que é desejo e espontaneidade em relação aquilo que é razão e moralidade social. Nesse sentido, é um misto, não sendo totalmente aquilo que se espera socialmente, mas muito daquilo que é próprio a um eu não ordenado e “cheio” de desejos a serem

Assim, além da existência de uma “sociedade normal”, vista cotidianamente como uma ordem natural das coisas, e de uma condição de um homem particularizado como autômato determinado pelo labor e pela reificação, ocorrem condições prazerosas para viver-se no espaço social, que se apresentam como “veios” de expressão da espontaneidade humana. Além de uma sociedade mecânica ou definida como um conjunto de cerimônias preestabelecidas em cenários racionalizados pelos papéis sociais rígidos, temos também a existência do devir dos sujeitos múltiplos que se questionam e buscam compreender o seu mundo. Assim como os desejos, os questionamentos são muitos e instáveis, construindo a imprevisibilidade e o extremo dinamismo das microinterações sociais que se territorializam, produzindo um espaço fluido - de diversos enclaves, conectados ou não -, orgânico - pela natureza do corpo em constante transformação - e imprevisível - pela essência mutante das relações.

Em relação à sujeitificação homossexual, os estudos médicos e a literatura contribuíram em muito para sua unificação e rigidez. Por outro lado, isso se apresenta como uma insuficiência teórica em virtude da existência de uma geografia complexa das microterritorializações dos devires dos sujeitos homoeróticos em interações dinâmicas, fluidas, imprevisíveis e instáveis. As agregações homoeróticas, assim, apresentam-se como exemplos da condição ampla do espaço social, ou seja, um conjunto de microterritórios de interações sociais cujas relações que se tecem não são totalmente racionais quanto às normas morais da sociedade e não totalmente divergentes a ela. Verificamos, assim, um espaço composto por múltiplos fragmentos mistos que ora tendem a formas mais racionais de interação social (vida em sociedade) ora são evidências de agregações informais e afetivas de pessoas somente em busca do prazer mútuo.

---

saciados. Os desejos somente podem ser saciados nas relações sociais, pois são o campo da realidade. Assim, o próprio social não se apresenta totalmente como uma realidade objetiva das padronizações da ordem instituída, mas um misto de desordem contida nas espontaneidades dos desejos dos sujeitos sociais. Sujeitificação, palavra usada anteriormente, refere-se à construção da identidade social dos sujeitos que expressam seus desejos e espontaneidades individuais e que encontram coletividades propensas a essas expressões. A sujeitificação é a produção racional identitária dos discursos sociais procurando enquadrar a diversidade de existência humana e, ao mesmo tempo, é a realidade da incapacidade desses processos de enquadramento.

É nos sentidos que discutimos anteriormente que apresentamos este trabalho. Ele está disposto em quatro capítulos em que procuramos entender a condição do espaço social, estabelecendo como foco de análise a produção de microterritorializações urbanas das culturas que envolvem os desejos homoeróticos masculinos.

No primeiro capítulo procuramos atentar para a construção histórica da produção da condição homossexual, assim como para a emergência da cultura e do movimento social gay. Tanto a categoria identitária homossexual, como construto teórico, quanto a formação da cultura gay, considerando-se atributos estéticos, comportamentais e condições de um mercado de consumo, vão apresentar tendências a unificação de uma alteridade sexual e, assim, procuramos mostrar as insuficiências teóricas e empíricas contidas nelas.

A partir dessas insuficiências, vamos discutir também as diversidades que envolvem os desejos homoeróticos, que culminam em uma nova teoria denominada *queer*, a qual implica a necessidade de pensar o dinamismo e a multiplicidade de condições que envolvem as culturas e as convivências homoeróticas. É por essa dinâmica histórica da construção de uma série de discursos que procuram enquadrar os desejos homoeróticos e que atualmente tornam-se insuficientes em virtude das evidências em relação à diversidade que os envolve é que vamos explicar a formação de microterritorializações urbanas de indivíduos *same sex oriented*, como um cerne empírico que permite entender a própria condição dialética de uma sociedade moderna que não se realizou somente pela ordem e pela razão, mas pela fluidez e organicidade das espontaneidades diversas humanas. A sociedade que ainda não se realizou apresenta-se mais pela condição de um espaço social orgânico, complexo e diverso quanto às múltiplas condições culturais territorializadas que se apresentam em diversas escalas de análise empírica.

Além disso, nesse capítulo, incluímos uma exposição sobre notas de uma pesquisa, que traça principalmente a própria condição de existência e de experiências territoriais homoeróticas do autor, envolvendo uma profunda pesquisa participante e os envolvimento com a discussão dessa temática perante toda sua vida acadêmica.

No segundo capítulo, vamos atentar para as origens dos regramentos modernos, discutindo principalmente a formação do capitalismo e de suas condições espaciais da separação entre mundo rural e urbano e da integração territorial que envolve o Estado-Nação Moderno. Observamos que as escalas urbanas e do território nacional vão ser produtos e condicionantes dos regramentos individuais e da organização dos fluxos racionais e morais da vida em sociedade.

Por outro lado, nesse mesmo capítulo, vamos atentar também para a impossibilidade prática dos regramentos das instituições sociais modernas conterem os desvios sociais, sendo eles realidades existenciais múltiplas como produtos dialéticos das razões e morais sociais assim como expressão de espontaneidades incontidas humanas. Nesse sentido, o próprio urbano vai ser condição dialética daquilo que é convergente e divergente à sociedade. Como produto disso, a cidade vai apresentar-se pelas múltiplas fragmentações relacionais humanas, definidas como microterritorializações fluidas e orgânicas que contêm convivências que ao mesmo tempo são contra e a favor dos atributos e dos padrões normais da sociedade. A homossexualidade vai apresentar-se, assim, como um exemplo dessa dialética e como uma teorização sobre a existência concreta de círculos de convivência de desviantes sociais. Ela vai ser um importante elo de entendimento sobre os afastamentos de certos indivíduos as pretensões de organização das relações e dos espaços relacionais humanos na sociedade moderna.

No terceiro capítulo vamos aprofundar nossa análise sobre as microterritorializações homoeróticas na cidade de Porto Alegre, apresentando sujeitos que colaboraram com a pesquisa e a diversidade de seus comportamentos e posturas quanto a tais desejos e relações. Nesse capítulo vamos propor o método “microterritorial” para tentar entender as agregações sociais microterritorializadas nas grandes cidades da atualidade, discutindo exemplos em Porto Alegre a partir do estudo “etnogeográfico” sobre as relações *same sex oriented* estabelecidas nesse espaço urbano.

No quarto capítulo vamos dar corpo conceitual às dialéticas contidas na produção do espaço social e evidenciar que este se apresenta mais pela multiplicidade de convivências humanas microterritorializadas de forma orgânica e

instável do que um todo organizado, previsível e homogêneo. Para dar conta disso, vamos discutir o cotidiano pelas múltiplas vertentes teóricas que o definem e que podem ser expressas em duas perspectivas essenciais: o cotidiano banal e racionalizado do homem alienado e o cotidiano das espontaneidades instáveis das práticas imprevisíveis humanas.

Em relação à condição dialética do cotidiano, vamos adentrar as contradições do exercício de papéis racionais e morais dos atores sociais, o que implicará o debate sobre as condições emergentes dos diversos sujeitos sociais, frutos de uma racionalidade que os dobra ao exercício de funções e aos condicionamentos das normas morais, mas que também possibilita o exercício de autenticidades, espontaneidades e outras formas de entender o mundo que os rodeia. Os sujeitos não são totalmente condizentes com as definições sociais; porém, suas lutas políticas os fazem emergir como possibilidades alternativas de vida em sociedade.

De acordo com os argumentos de Santos (2002), a emergência dos sujeitos sociais implica a existência de um “multiculturalismo emancipatório”, ou seja, “temos o direito de ser iguais quando à diferença nos inferioriza e de sermos diferentes quando à igualdade nos descaracteriza”. A discussão sobre sujeitos sociais e sobre a complexificação da definição de sujeito – conforme Latour (1994), para quem os “híbridos” são vistos como sujeitos múltiplos que se definem por inúmeras posições daquilo que se afasta e daquilo que se aproxima dos padrões da racionalidade e da moralidade da sociedade moderna - são de extrema importância para discutir a complexidade do espaço social na contemporaneidade. Os sujeitos se expressam por seus espaços sociais como microterritorializações que contêm suas condições dialéticas de existência (de tudo aquilo que é “a favor” e/ou “o contra” a sociedade). Os sujeitos expressam sua cultura, que é o próprio território de existência concreta e simbólica. E o território é, ao mesmo tempo, necessidade e elemento de fortalecimento para suas lutas políticas.

Assim, vamos atentar para a condição alienada do “homem-particular” e do “ator social”, como produtos da racionalidade e da moralidade das ordens institucionais da sociedade moderna, além de aprofundar questões sobre a emergência dos múltiplos sujeitos híbridos entre dialéticas das questões que



convergem e divergem a essa sociedade. Nesse contexto vamos explicar a emergência do “sujeito homossexual”, sua insuficiência teórica,<sup>8</sup> e adentrar na complexificação desse tema, tratando sobre a diversidade de espontaneidades homoeróticas que vão produzir-se como múltiplas condições territorializadas da expressão coletiva desses desejos.

O homoerotismo apresenta-se para os indivíduos como expressões territorializadas das formações culturais dos sujeitos diversos em interação e envolvidos com tais desejos. Ao mesmo tempo, essas interações territorializadas são produtos dialéticos de inúmeros atributos que possam afastar-se tanto quanto convergir para os padrões de uma pretensa sociedade de padronizações morais e racionais que não se completou.

As microterritorializações homoeróticas são singularidades de uma cultura relacional que envolve o “aqui e agora” do acontecimento, mas, ao mesmo tempo, está impregnada de discursos e condições que perduram e que convergem para as padronizações e regramentos sociais. Tais microterritorializações expressam um contexto cultural e espacial único, e elas se multiplicam no espaço da sociedade, tornando essa sociedade uma pretensão de homogeneidade irreal que dá lugar a um espaço difuso, orgânico, complexo e mutante, produto das múltiplas existências dialéticas dos híbridos sujeitos sociais. Finalmente, também procuramos explicar com mais atenção o espaço social a que atentamos, principalmente pelas seguintes relações: a relação sociedade-comunidade-natureza e a relação espaço-tempo. Nesse momento retornamos à pesquisa empírica e vamos demonstrar a formação de microterritorializações homoeróticas em Porto Alegre-RS.

---

<sup>8</sup> A insuficiência teórica remete a uma crítica quanto à identificação do sujeito homossexual como algo estabilizado e rigidamente definido. Ao contrario de uma identidade homossexual unificada temos a diversidade de expressões e identificações homoeróticas.

## 2. CONTRADIÇÕES NA CONDIÇÃO HOMOSSEXUAL: A DIVERSIDADE HOMOERÓTICA E A EMERGÊNCIA DE (MICRO)TERRITORIALIZAÇÕES.

Em outro trabalho, sobre “a condição homossexual e a emergência de territorializações” (COSTA, 2002), salientamos a condição estigmatizada do homossexual, tomado como anormal e perverso pela Santa Inquisição – noção que persiste até 1821 (MOTT, 1988) – e depois caracterizado por desvio e transtorno sexual (GUIMARÃES, 2007).

A criação do termo homossexual, cunhado pela médica húngara Karoly Maria Benkert, em 1869, marca um modelo binário ao comportamento sexual: ou o indivíduo mantinha uma “saudável” vida sexual “hetero”, ou estava preso a um transtorno chamado homossexualismo. Por esse viés, toda a sexualidade humana, no mundo moderno, estava fadada a esses dois pólos ordenadores dos comportamentos sexuais.

Segundo Costa (1992), sexualidades emergem a partir do século XIX como construtos teóricos nascidos da racionalidade científica ou com pretensões a ela. O autor remete a Kraft-Ebing, que, em seu livro **Psychopathia sexualis**, desenvolve, com base no evolucionismo e no positivismo naturalista do século XIX, noções de ordem e desvio naturais, classificando todas as aberrações e anormalidades sexuais. Kraft-Ebing também estabeleceu uma distinção entre os “normais”, que copulam com pessoas do mesmo sexo, e os “perversos”, que somente se excitam com partes do corpo de pessoas (assim como de animais), sem ter compromisso de reprodução. Entre essas duas classificações identifica os “invertidos”, que só sentem desejos por pessoas do mesmo sexo. Mas a homossexualidade, como construção teórica, que acabou impregnando-se no tecido social, identificando de forma simplória a diversidade de atrações homoeróticas, como pólo contrário à heterossexualidade, emerge, segundo Costa (1992), por incrível que pareça, como instrumento de denúncia social.

Escritores *same sex oriented*, da passagem do século XIX para o XX, procuram encontrar saídas que amenizem a idéia do invertido perverso; no entanto, fundam a síntese dos traços comuns que identificariam o “homossexual”, acabando,

na mesma forma, por classificar e polarizar as diferentes subjetividades e expressões sexuais humanas. Escritos de Balzac, Proust e Wilde procuram denunciar a hipocrisia dos costumes emergentes da burguesia moderna industrial e dos padrões e representações da sociedade urbana emergente. Para esses autores, o “homossexual é um *outsider* cuja preferência amorosa desfaz o silêncio tecido pela sociedade em torno de sua origem e funcionamento escusos” (COSTA, 1992, p. 45). Porém, ao denunciar a sociedade hipócrita, a literatura sobre a homossexualidade cria um ser homossexual e, assim, acaba contribuindo para a polarização da sexualidade e a organização das expressões vinculadas a ela. Dessa forma, mesmo como críticos a sociedade, tais autores contribuem com a ordem ascendente. Segundo o autor (COSTA, 50-55), os discursos apresentados são estes:

- a) defesa do homossexual como um marginal ou como um rebelde romântico: o homossexual seria uma espécie de bom selvagem em meio à selva parisiense do século XIX, um homem apto a subverter moralmente a sociedade, como tratado por Balzac;
- b) a transgressão homossexual vista como mera submissão aos mandamentos do instinto; homossexualismo como sexo animal, sem freios, vergonhoso e imoral, como abordado por Adolfo Caminha em “O bom-crioulo”;
- c) homossexualismo relacionado às leis da evolução de Darwin: o Homossexual é um exemplar da natureza, mas de natureza especial, a natureza depois da queda, depois de banida do Éden pelo castigo dos deuses. Ele é visto, por exemplo, em Proust, como descendente da raça de Sodoma, dos que escaparam à ira de Deus. O homossexual, assim, é a transfiguração do infame. Os sodomitas se encontram e se atraem, porém o encontro inevitável não leva à reprodução biológica. O produto desse acasalamento é a fecundidade espiritual, uma fertilidade superior, que gera o belo, o artístico, o amor pelo elevado. O homossexual, assim, teria uma refinada sensibilidade. À imagem do homossexual depravado, perverso e corruptor de menores, Proust opõe o retrato do sodomita aureolado de flores, polens, insetos e delicados aromas;

d) homossexual como ser em conflito. Em Gide, o homoerotismo é um caso particular da luta entre o bem e o mal, o pecado e a virtude, a falta e a reparação, a carne e o espírito, a razão e a emoção, o hedonismo e o ascetismo. O homossexual é um ser dilacerado, um exemplo da divisão infeliz e da divisão ontológica do sujeito.

e) outras correntes:

- relações homoeróticas como latência perversa que todos possuímos: homoerotismo como etapa da vida (pertencente à infância) que deve ser meticulosamente vigiada e punida para ser controlada e esquecida. Se persistir, se degenera em atrocidades inconcebíveis. Costa cita Raul Pompéia, Musil, Forster, Stephen Spender e Gide como autores que desenvolveram essa idéia;

- homossexualismo de quartel: novelas como **O Bom Crioulo**, de Caminha, **O oficial prussiano**, de Lawrence e **Golpe de misericórdia**, de Yourcenar. O sono da repressão produz monstros. Em ambientes militares inflexíveis e rígidos, homoeroticamente inclinados entregam-se em verdadeiras orgias de brutalidade contra as vítimas de suas aspirações sexuais. O desejo amoroso torna-se uma descida aos infernos;

- homossexual moderno e sua matriz exótica, cumprindo três funções básicas:

- superioridade do burguês branco, civilizado, metropolitano e colonizador: Gide, em **O grão não morre** e **O imoralista** desloca o homoerotismo para a África do Norte, e, em meio às dunas, areias escaldantes, absinto, danças do ventre e “peles escuras”, qualquer desvario sexual justifica-se. Todo imoralismo torna-se parte da aventura colonizadora. Pecado e falta fazem parte de terras cristãs e civilizadas. Junto aos fracos e infiéis, tudo é permitido ao forte;

- o homossexualismo relacionado à face decadente e fantasmática da aristocracia, sendo contraface da saudável sociedade burguesa: para Gide, o homossexual é o exótico submisso e atrasado; para Proust é o arcaico, o pano de fundo pálido, onde desfilavam a vitalidade, o progresso e o expansionismo do imperialismo burguês.
- homossexual como “trasfuga” de classe (Foster e Gide): não podendo exercitar sua perversão entre pares, recorre à dissimetria social e faz-se aceitar por aqueles que não possuem a moral do verdadeiro cidadão (burguês).

Costa (1992) procura mostrar que, a partir da literatura e da medicina, desde a passagem do século XVIII para o século XIX, funda-se a idéia identitária do “homossexual” como construção teórica importante da cultura moderna, que irá encaixar as pessoas orientadas para o mesmo sexo. As caixas da identidade forçam a diversidade humana a orientar-se para alguma classe teórica, e isso é um dos principais fundamentos da sociedade moderna organizadora, de acordo com Giddens (2002). Dessa forma, os próprios desejos humanos referentes ao sexo, ou seja, o erotismo, tornam-se encaixados em descrições (PARKER apud COSTA, 1992, p. 44). Nesse sentido, a homossexualidade representa um conjunto identificatório, desviante e contraditório ao normal heterossexual, que torna convergente uma infinidade de desejos sexuais orientados entre pessoas do mesmo sexo. Esses sistemas de classificações representam a qualidade do sistema cultural supra-orgânico moderno que pressiona os indivíduos à auto-identificarem-se (GIDDENS, 2002). Os sistemas classificatórios modernos apresentam-se por sua racionalidade positivista binária, que legitimam pólos aceitos e não-aceitos pelos poderes que impregnam e constroem o social: o feio e o bonito, o certo e o errado, o desenvolvido e o subdesenvolvido, o selvagem e o civilizado, o heterossexual e o homossexual.

Por outro lado, também na segunda metade do século XIX, e também na Hungria, o médico Sandro Ferenczi<sup>9</sup> (COSTA, 1992) cunha o termo homoerotismo, demonstrando a insuficiência teórica do termo “homossexual”, para o estudo da diversidade dos desejos e das expressões eróticas entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, provavelmente devido à manutenção de um *status quo* centrado na procriação, na célula-mestra da sociedade moderna - a família -, na hereditariedade e nas condições morais e dos bons costumes relativos aos gêneros sexuais, o que mais largamente se utilizou nos estudos médicos e o que mais largamente se popularizou foi o termo “homossexual”, conotando um desvio e uma antinorma.

Costa (1992) e Braga Junior (2006) observam como a figura do homossexual imoral foi reforçada pela literatura do final do século XIX e início do século XX. Costa analisa os escritos de Balzac, Gide e Proust, e Braga Jr., aqui no Brasil, os livros de Caminha e Raul Pompéia, cujas figuras desviantes dos homossexuais se misturam à condição assimétrica dos gêneros sexuais, pela qual o feminino se estabelece como condição inferiorizada à masculina, definindo um elemento marcante da família patriarcal burguesa, nos países do centro e, principalmente, na tradicional família com origens coloniais brasileiras. O homossexual nessa literatura é mostrado como doentio, um ser incapaz de conter os instintos. Além disso, o homossexualismo é relacionado a uma ação em um contexto de sujeitos interagindo sob repressão e submissão, cuja “penetração anal” representaria o domínio dos mais fortes em relação aos mais fracos. O homossexual será o passivo dominado frente ao dominador masculino, ou seja, um homem que é penetrado e sujeito ao prazer do macho dominador, nesse sentido, assumindo o papel feminino, um ser, naquele momento, sujeito ao desprezo. Esse contexto, de acordo com Fry (1982), estabelecerá popularmente um modelo “homossexual hierárquico”, constituído pelas figuras da *bicha* (um verme), ou seja, o passivo, que assume o papel feminino na relação sexual, e o *bofe*, o macho, cujo papel de penetrador não altera sua figura masculina e nem sua condição de heterossexual.

Butler (2003) observa que na sociedade moderna ocorre uma “heterossexualização do desejo”, ou seja, a invenção de uma norma que enquadra a

---

<sup>9</sup> No texto de 1913, **L'homoérotisme: nosologie de l'homossexualité masculine.**

vida sexual dos sujeitos e os define quanto as suas práticas sexuais e quanto ao desempenho de papéis nas relações. Nesse sentido, construíam-se posições assimétricas de masculino e feminino em que, no seio das instituições família, escola e trabalho, os sujeitos deveriam cumprir um *script* que constitui os comportamentos, as formas de falar, de vestir, de agir e de se relacionar. O sexo deve estar condizente ao gênero, em todas as circunstâncias das vidas pública e privada, e, caso isso não ocorra, a sombra do desvio homossexual acaba corrompendo a “identidade sadia” do sujeito. Nesse sentido, a idéia de gênero (BUTLER, 2003) implicaria, segundo Gagnon (apud GARCIA, 2003), um sistema cognitivo estruturado, ou seja, um *script*, que não são propriedades cognitivas de atores isolados, mas parte integrante de uma estrutura social. Assim, para Butler (apud BRAZ, 2006), o gênero seria a estilização retida no corpo, ou seja, um conjunto de atos em uma cultura reguladora que irá constituir a “heterossexualidade normativa” (grifo nosso), estabelecida por um conjunto de fronteiras, individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas.

Nesse sentido, a heterossexualidade e a homossexualidade, vão acomodar o sexo e os sujeitos em um conjunto de representações que estabelecerão significados reguladores da sexualidade. Esses significados representativos, de acordo com Moscovici (apud LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002), traduzem um pensamento do senso comum sobre a sexualidade próprio da sociedade contemporânea. Assim, conforme os estudos de Costa (1992, p. 153), o homossexualismo é associado à continuidade e à constância de relações homoeróticas, passividade no coito, passividade de atitudes e ausência de agressividade, efeminamento de maneiras e modos de falar e gosto por atividades lúdicas e profissionais tidas como femininas.

De acordo com Braga Junior (2006), em virtude da ação de redes multiculturais inseridas na emergência da globalização, partir dos anos 1960, a homossexualidade sofrerá um descentramento. O final dos anos 1960 é marcado pela emergência das “minorias” culturais, em um contexto que, de acordo com Vallerstein (1995), representa a explosão dos movimentos sociais contra a desigualdade (econômica e cultural) e o descrédito, contras os discursos e teorias que pregavam a perfeição e o progresso da sociedade enquadrada em modelos “corretos” a serem seguidos. A marca da história do movimento homossexual

mundial (UNIDOS PELA CAUSA: PROCESSO MODERNO ESTABELECE VISIBILIDADE PARA O MOVIMENTO GAY, 2007) foi a noite de 28 de junho de 1969, na qual homossexuais reagiram - com garrafas e pedras, gritando frases como “poder gay” e “sou bicha e me orgulho disso” - ao fechamento, por policiais, do bar *Stonewall Inn*, no *Geenwich Village*, em Nova Iorque. Esse fato passou a ser comemorado em todo o mundo como “Dia internacional do Orgulho Gay”; comemoração que no Brasil teve a estréia em 1995. Em virtude da pressão dos movimentos homossexuais, emergentes desde então, e principalmente devido às discussões sobre a AIDS e a ampliação do debate sobre o homossexualismo a partir dos anos 1970/1980 (ver COSTA, 1992; TREVISAN, 2000; GREEN, 2000; PARKER, 2002), a Associação Psiquiátrica Americana retirou o homossexualismo da lista de transtorno mentais em 1973. Em 1985 o homossexualismo perde no Brasil o caráter de desvio e transtorno sexual e, em 1993, a Organização Mundial da Saúde adota o termo homossexualidade no lugar de homossexualismo (identificador de doenças). Em março de 1999, entra em vigor a resolução nº 001/99, do Conselho Federal de Psicologia, reiterando que a homossexualidade não constitui doença, distúrbio, nem perversão (GUIMARÃES, 2007).

Em virtude da emergência dos movimentos sociais e do debate sobre a AIDS, a homossexualidade entra em cena não mais como uma anormalidade ou um desvio a ser estudado em sujeitos definidos como transtornados psíquicos e pervertidos sexuais. Emerge, então, um movimento político que prega agora a luta pela existência de uma comunidade pela estratégia de afirmação da identidade social. Nesse sentido, de acordo com as idéias de Louro (2001) e Parker (2002), observa-se uma outra etapa na construção do que seria o sujeito homossexual. De anormais e perversos, para portadores de patologia e seres atormentados,<sup>10</sup> os homens orientados para o mesmo sexo a partir de então se inserem numa cultura “diferente” e minoritária das tantas existentes e emergentes no pós-anos 1960 e 1970.

---

<sup>10</sup> De acordo com Costa (1992), após o término da Santa Inquisição e a cunhagem do termo médico “homossexual”, os desejos homoeróticos passam de instintos perversos a uma patologia sexual. No próprio século XIX, assim como na continuidade do século XX, a patologia começa a ser tratada pela literatura “sobre o amor que não ousa dizer o nome” – no dizer de Oscar Wilde. Assim, o homossexual torna-se discutido e “sujeitificado” por inúmeros atributos humanos que expressa, como, por exemplo, em Gide, um ser atormentado sobre sua incapacidade de conter seus instintos sexuais (homoeróticos).



De acordo com Louro (2001), no final dos anos 1970 a política gay e lésbica se encaminha para um modelo que poderia ser chamado de “étnico”. Gays e lésbicas são representados como “um grupo minoritário, igual mas diferente”, ou seja, um grupo que busca alcançar igualdade de direitos no interior da ordem social existente. Afirma-se, no discursivo e na prática, uma identidade homossexual, denominada gay por seus defensores. A afirmação pública gay, causada pela presença do movimento nas ruas e na mídia, cria o discurso de invenção de uma “comunidade”,<sup>11</sup> no qual os lemas “assumir-se” ou “sair do armário” são importantes para o fortalecimento dessa identidade e da cultura que precisa existir. A comunidade,<sup>12</sup> nesse sentido, seria abrigo e proteção a todos os que se atraíam sexualmente por outros do mesmo sexo, e expressaria uma cultura que iria imprimir as marcas de uma diferença de existência possível no meio social. Funda-se a “cultura gay”,<sup>13</sup> que vai marcar um modelo

---

<sup>11</sup> Voltaremos a essa discussão, mas Parker (2002) argumenta que o movimento social gay culmina na organização de comunidades gays, como as de bairros das grandes cidades americanas, européias e australianas. Por outro lado, o autor verifica que no Brasil o discurso comunitário implicou mais uma imaginação sobre um conjunto populacional grande, mas disperso geograficamente, sem a produção de espaços contínuos e de concentração gay, como nas regiões anteriormente citadas.

<sup>12</sup> A comunidade aqui representa o agir em relação à agregação informal e afetiva, que se difere do agir em sociedade, no qual Weber (1995) aproxima os propósitos funcionais e dotados de instrumentalidade no cotidiano burocrático e prático dos papéis sociais. Nem razão nem a função constituem os traços da agregação, mas a afetividade contida subjetivamente nos indivíduos em interação. A comunidade aqui aparece concretamente, como os bairros gays de algumas grandes cidades americanas, como talvez a imaginação de uma população que, mesmo dispersa, partilha os desejos homoeróticos.

<sup>13</sup> A estética gay converge muito para a alteração e subversão dos padrões de gênero sexual, na forma de vestir-se e em comportamentos relativos ao corpo e nas interações entre indivíduos. Os prazeres gays valorizam a atratividade pelo mesmo sexo, enfatizando partes do corpo desejada, fato que vai marcar a forma de vestir-se e pontuar a maioria dos assuntos em grupos de amizade. A linguagem gay implica criações, simbologias e gestos que envolvem os prazeres sexuais e a necessidade de expressá-los, como gestos erotizados sutis no momento da paquera, uso de expressões específicas para determinar situações sexuais nas conversas entre amigos e assim como tipos de acessórios que vão definir os gostos do indivíduo durante o ato sexual. Pollak (1983), identifica, entre muitas comunidades gays norte-americanas, o uso de anéis em determinadas posições para identificar o ativo e o passivo. Por outro lado a necessidade de marcar partes do corpo masculino vai sugerir atrações diferenciadas, assim como o fetiche gay por determinadas expressões masculinas faz transitar indivíduos que se usam de determinadas estéticas para erotizar seu próprio corpo, assim como aproximação ao objeto desejado. A cultura gay, por sua vez, vai condicionar-se em muitas expressões convergentes às festas gays contidas em bares e boates a partir dos anos 1970. Nesses lugares, a *drag queen* vai expressar a reinvenção e o exagero da estética feminina, como um deboche às determinações de gênero. Os shows de *drags* vão expressar o deboche e a ironia quanto a situações da vida cotidiana repressiva, principalmente o sarcasmo quanto a heterossexuais, assim como as próprias situações envolvendo o homoerotismo. Outro ponto que converge à cultura gay contida nas festas do gueto é o culto a artistas femininos que se tornam divas, sendo reinventadas nos shows de transformismo, assim a culto à dança (*dance music*) como expressão de liberdade contida e como elemento de expressão dos desejos quanto ao corpo.

alternativo de vida (estética, consumo, prazeres, gostos, linguagens, etc), porém minoritário, fato que, de certa forma, não coloca em risco o padrão heterossexual e as condições de gênero. Louro (2001) afirma que a representação positiva de uma identidade gay apresenta um efeito também regulador, pois estabelece uma dada posição-sujeito, com seus contornos, limites, posições e restrições.

Assim emerge uma cultura gay, fundamento da construção de uma comunidade de indivíduos que, mesmo dispersos, assumiam-se como tal. Fry (1982) observa que nesse momento, junto às camadas médias urbanas, emerge um modelo “igualitário” que contradiz o hierárquico tradicional das dicotomias *bicha* e *bofe*. No final dos anos 1950, a tese de José Fabio Barbosa da Silva, republicada por Green e Trindade (2005), observa os elementos constituintes de uma cultura gay como expressão dos valores homossexuais: a conversação sobre sexo, a dança, o flerte sem conseqüências, a adoção e o exagero do comportamento feminino e a afetação na fala. O show de transformismo e o desfile de moda do travesti tornam-se formas extremas desse caráter. Esses elementos marcam a cultura de uma minoria como “uma visão privada de cultura desenvolvida pela maioria” (SILVA, 2005, p. 120). Em virtude do caráter positivo gay, estabelecido pela emergência do movimento político e pela divulgação da valorização estabelecida em *Stonewall* (“sou bicha<sup>14</sup> com orgulho” e “poder gay”), os indivíduos orientados para o mesmo sexo, em meio a tantas tensões entre a sociedade heteronormativa, acabam convergindo à proposta cultural gay e intensificam os contatos com essa minoria pela participação efetiva nos lugares de encontros do grupo. Muitos indivíduos homoeróticos, dispersos e à deriva,<sup>15</sup> atormentados em meio aos preceitos da sociedade heteronormativa, então convergem a lugares de expressão da cultura gay, que os protegem, vislumbram e estimulam. O *gueto gay* toma força em virtude do poder gay instaurado. A marcação e a divulgação da diferença possível e acolhedora ameniza os sofrimentos de muitos que não vêem mais possibilidades nem de conter, nem de exercer seus desejos. Os

---

<sup>14</sup> Tomamos a liberdade de não grifar termos como “bicha”, “bofe”, entre outros, embora não sejam, para um trabalho acadêmico, considerados próprios da linguagem que se espera de tal gênero de texto.

<sup>15</sup> Para Perlongher (1987), a “deriva” espacial, ou o perambular pelo espaço público, procurando alguma experiência sexual em lugares inusitados ou já evidentes como lugares de encontros homoeróticos, apresenta-se como uma importante características de sujeitos *same sex oriented*.

lugares de encontros gays sempre existiram,<sup>16</sup> porém nunca foram tão positivamente marcados por uma cultura possível, como a partir dos anos 1960. A eles vai convergir uma gama de indivíduos orientados para o mesmo sexo que serão abarcados pelos elementos culturais expressos nesses lugares e incentivados à participar da invenção de uma comunidade gay imaginada, que vai marcar positivamente uma nova cultura que contribuirá mais uma vez para a unificação das expressões homoeróticas.<sup>17</sup> Concomitante a esse processo - e em momento de expansão de um capitalismo que busca no prazer, no fetiche e na diferença a ampliação do consumo -, explode uma série de lugares gays de convivência marcados pelo consumo (bares, saunas, boates, casas de shows, cinemas, etc). Por esses lugares, uma cultura gay se transnacionaliza, inserindo e produzindo seus modelos de consumo: as bebidas, as músicas (das divas da *dance music*), os elementos estéticos da moda (disseminando modelos aos gays de classe média urbanos) e os elementos relacionais (assuntos, formas de expressão, temas de discussão, vínculos com a mídia, entre outros), que dão corpo a uma cultura mais ou menos unificada na rede de relações gays do mundo todo. Na continuidade do

---

<sup>16</sup> O filme “O Einstein do Sexo” mostra a existência de reuniões homoeróticas no início do século XX, por entre elementos da burguesia, cuja estética transgênero já ocorria, assim como a existência de lugares mais específicos na cidade, como praças e ruas, cujos indivíduos homoeróticos se encontravam para atos sexuais. O filme “Madame Satã” nos remete ao Rio de Janeiro antes dos anos 1960, em que se verifica que o trânsito de indivíduos homoeróticos estava presente de forma difusa entre bares da região boêmia da cidade, como a Lapa, antes da formação de uma rede de lugares específicos de reunião e consumo gay. Parker (2002) observa que, antes do surgimento do mercado gay, indivíduos orientados para o mesmo sexo circulavam camufladamente (ou não, como, por exemplo, a forma explícita de muitos travestis que também estavam presentes nesse contexto, como Madame Satã) por entre as regiões de boemia e acabavam concentrando-se em algum bar ou ponto dessas regiões.

<sup>17</sup> Trevisan (2000) e Costa (2002) argumentam sobre a influência artística dos anos 1960 e 1970 na construção do imaginário gay. Muitos personagens da música pop acabam sendo acatados como expressões gays, principalmente pela indefinição em relação às rígidas estéticas de gênero sexual. Artistas como David Bowie, Mick Jagger, Caetano Veloso e Ney Matogrosso tornam-se figuras referenciais da estética desse imaginário. As reuniões gays, mesmo antes da construção de um mercado gay, que vai reunir um conjunto de bares específicos a essa convivência, vão transitar pelo clima de festa e de orgia, no qual a transgressão e a reinvenção dos atributos valorizados socialmente, assim como os não valorizados, são fundamentos dessa cultura. Na música dos anos 1970 e 1980 as expressões artísticas vão acatar esse ímpeto transgressor e fazer extravasar pela mídia e pelo mercado cultural. Muitos artistas emergem dos bares e lugares de encontros homoeróticos e vão propor uma estética alternativa condizente às necessidades homoeróticas de ironizar aquilo que reprime esse sentimento. Assim como a festa, a liberdade momentânea e o brilho, em meio a um cotidiano imerso em repressão, acabam sendo valorizados (ver Gloria Gaynor, Village People, Gengis Kan, nos anos 1970, e Madonna, Pet Shop Boys, Erasure, entre outros, nos anos 1980).

processo, uma publicidade gay toma o espaço público nas bancas de revistas, nas novelas e nos programas televisivos. Nesse sentido, a produção de um mercado, que se torna acessível de contato pela publicidade e pela mídia, atrai aqueles orientados para o mesmo sexo a ter uma experiência territorializada em lugares que acabam tornando-se específicos ao consumo desse público. De certa forma, isso vai fortalecer a formação de uma identidade gay que contém os atributos relacionais e comportamentais de uma cultura gay produzida nos lugares de convivência e de consumo fechado de indivíduos orientados para o mesmo sexo. Nas grandes cidades, para as quais convergem as atenções de ações capitalistas vinculadas aos investimentos no oferecimento de serviços culturais destinados a públicos cada vez mais diversos, os bares e as boates de encontros homoeróticos se disseminam e fazem convergir para uma gama de indivíduos interessados a esse tipo de convivência. O resultado é a produção de uma cultura que envolve a territorialização do encontro homoerótico, na qual a festa, a dança, a música, a produção estética das vestimentas, o glamour e o brilho tornam-se elementos importantes à convivência que busca a alegria e a liberdade de expressão.

Parker (2002) observa uma descontinuidade nos atributos de uma cultura gay emergente no Brasil. Por um lado, ocorrem a manutenção e a valorização das relações comparativas aos atributos de gênero tradicionais no país, implicando as dicotomias bicha e bofe, cujas caricaturas vão promover uma visão debochada da sociedade tradicional – fato que marcará, então, uma cultura gay brasileira. Por outro lado, também observa a emergência de um novo personagem, ou seja, o “entendido” dos anos 1980, que paulatinamente será substituído/confundido pela palavra “gay” propriamente dita. De “gay”, componente do exagero feminino ou do efeminamento dos corpos masculinos, como expressão positiva, vamos ter o “gay” do final dos anos 80 (ou “entendido”), como uma auto-identificação comum entre homens não-caracterizados como efeminados (nos comportamentos e estéticas), cujo modelo se tornará mais próximo ao “padrão igualitário”<sup>18</sup> dos moldes norte-americanos.

---

<sup>18</sup> Embora as preferências entre “ativo” e “passivo” no ato sexual persista como um atributo de aproximação afetiva entre as pessoas, o tipo igualitário dá ênfase ao encontro sexual de dois homens cujos traços comportamentais estão de acordo com os atributos do gênero masculino heterossexual, coisa que pode implicar até mesmo um preconceito com o efeminamento que se aproxima da figura

Monteiro (2000), observa essas descontinuidades a respeito do que poderíamos definir uma cultura gay no Brasil, que já apresenta discordância quanto a sua unidade. O interessante trabalho do autor verifica propostas diferenciadas em relação à construção de “publicidade gay” brasileira. O autor verifica as propostas diferenciadas nas revistas **Sui Generis** e **Homens**. A primeira estaria marcada pelo incentivo à promoção de uma comunidade gay mais ou menos homogênea, na lógica do *gay positive*,<sup>19</sup> incentivando a construção de uma comunidade por evidenciar o “retrato” de uma unidade e um conjunto de virtudes e problemas pertencentes a todos. De acordo com o autor, a constituição corporal na revista preza pela figura da virilidade masculina e pelas formas musculosas, contrastando com a proposta de valorização do efeminamento, elemento que poderia também definir os fundamentos de uma cultura gay. A revista prega a necessidade de assumir-se, “sair do armário”,

---

da *bicha*. No entanto, não conseguimos observar uma polarização quanto a esse tipo de comportamento nas relações homoeróticas de que participamos. O efeminamento e a masculinização acontecem em circunstâncias diversas: muitos homens que prezam a distinção da masculinidade podem, em alguns momentos festivos entre amigos “gays”, apresentarem e liberarem comportamentos efeminados, outros nunca o fazem e outros gostam de marcar esse traço em todas suas relações. Costa (2002) explica esses comportamentos como um atributo de auto-afirmação em relação às experiências repressivas da pessoa, assim como reprodução festiva daquilo que é tido como desvio pela sociedade. Nesse sentido, o efeminamento transita como um comportamento ora de ironia e transgressão à sociedade repressora e rígida (que contém as determinações de gênero sexuais) ora de celebração à liberdade e à condição gay (auto-afirmação de uma cultura desviante, visto em Bourdieu, 1989). A idéia de Fry (1982) talvez sim implique a determinação da rigidez dos gêneros sexuais contaminando as relações homoeróticas, algo típico das relações existentes na cultura brasileira; porém, as sobreposições culturais estabelecidas pela introdução no mercado da cultura gay norte-americana no Brasil, a partir dos anos 1970, produziram uma complexidade de situações e de representações dos corpos homoeróticos quanto ao efeminamento e à masculinização. O efeminamento talvez implique a celebração da festa e dos ícones gays, muito contida na figura da *Drag Queen*, mas a masculinização talvez também implique o culto ao corpo masculino e à valorização dos atributos de gênero que tanto atraem sexualmente homens *same sex oriented*. Essas duas condições vão emergir em situações diferenciadas quanto às relações coletivas existentes, implicando assim uma condição da territorialização da situação, assim como a propensão individual, também mutável e instável, a tais comportamentos. Em relação ao nosso trabalho, podemos distinguir duas situações territoriais em relação a essa questão, assim como em Costa (2002): a territorialização amigável homoerótica em boates e bares gays vai implicar uma aproximação ao efeminamento de muitos componentes do grupo, assim como a acidez e o sarcasmo nos assuntos e a ironização quanto às situações do cotidiano. As territorializações de busca sexual implicam, quase sempre, a manutenção de posturas masculinizadas, como atrativo ao provável parceiro. Por outro lado, muitos sujeitos também podem marcar o efeminamento e a condição passiva em suas expressões, tornando a situação de busca sexual marcada pela preferência quanto à distinção de papéis sexuais no ato.

<sup>19</sup> *Positive Gay* foi um movimento contido na mídia e cinema gay norte-americano durante os anos 90. Constitui um esforço de publicitários, artistas e cineastas de produzir programas e filmes que romantizassem e valorizassem expressões gays, no intuito de aproxima-las e torná-las mais aceitas perante a sociedade.

da constituição de uma comunidade unificada, dos temas sobre preconceito e promoção de um consumo dito gay a todos pertencentes a essa comunidade. Por outro lado, a revista **Homens** centra-se numa variabilidade de personagens que transitam por um “mundo gay” (bichas, bofes, travestis, michês) e que vão configurar-se ao redor de suas práticas sexuais. Em primeiro momento, observa a ocorrência de contatos entre o que seriam heterossexuais e o que seriam homossexuais em tramas marcadas de fantasias erotizadas pelas práticas sexuais que transitam nas experiências cotidianas. Em segundo momento, a revista não vai preocupar-se com a militância ou com temas referentes ao preconceito, fundando uma diversidade de personagens que até fortalecem as divisões tradicionais entre “ativo” e “passivo”, típicos da manutenção dos gêneros na sociedade heteronormativa. Nesse sentido, a análise do autor sobre essas duas revistas coloca em questão um complexo mundo de desejos e de relações homoerotizadas, que podem circular tanto por atributos referentes à homogeneização de uma cultura, assim como pela fluidez de suas expressões, configurando personagens e formas de contato e agregação múltiplos e instáveis.<sup>20</sup>

Tonely e Perucchi (2006) observam que, relativamente à construção binária dos gêneros sexuais, ocorre a cristalização dos sujeitos sexuais, mulher e homem, e, inserido no contexto desses gêneros, se fortalece a “sujeitificação” da homossexualidade (PARKER, 2002). Isso ocorrerá, como vimos, pela definição de homossexual contida na medicina, na psiquiatria e na literatura do mundo ocidental, além da popularização de uma cultura e de uma identidade fará pertencer, de forma unitária, todos os indivíduos orientados sexual e afetivamente para o mesmo sexo. No entanto, Hall (2002) verifica que, no mundo dito “pós-moderno” (concebendo como pós-moderno as transformações culturais ocorridas por volta dos anos 1960 e 1970 que culminam num trânsito constante de culturas e identidades), ocorrem a

---

<sup>20</sup> Os desejos homoeróticos vão transitar por entre as estéticas que se acumulam quanto ao masculino, muito divulgada e explorada comercialmente desde a segunda metade do século XX, assim como os determinantes de gênero estabelecidos pela heterossexualidade. Por entre esses desejos, identificações (quanto à expressão do corpo em vestimentas, acessórios e comportamentos) vão estabelecer teor de atratividade homoerótica, fundando expressões corporais e reuniões grupais de diversas formas de expressar o homoerotismo, muitas delas confundindo expressões gays com outras não especificadamente de origem homoerótica: como estéticas que envolvem os *skatistas*, os *punks*, os *hip-hop*, os *motoqueiros*, os *fisioculturistas*, os *roqueiros*, os *executivos*, ente outras estéticas masculinas possíveis.

fragmentação e o deslocamento de identidades culturais de classe, etnia, sexualidade, raça e nacionalidade. Tonely e Perucchi (2006) também citam o autor, mas observam que a identidade não se apresenta hoje fragmentada, como evidência de uma condição pronta, mas como “uma unidade inacabada e fluida, constituída histórica e culturalmente a partir das posições que os sujeitos ocupam nas redes de socialidade”. Seguindo essa idéia de identidade fluida e inacabada, Braz (2006), estudando o contexto homoerótico *leather* (que significa couro, no qual ocorre uma “hiper-valorização” da masculinidade), verifica que, em contextos territoriais fechados a essas reuniões “sexuais”, homens “codificariam os sujeitos desejanter/desejados e os objetos desejanter/desejados como masculinos”. Nesse sentido, nos lugares de reunião *leather*, ocorre uma rearticulação e um deslocamento de convenções sobre o sexo e o masculino. Na conclusão do autor, ocorre uma “contextualização materializada dos sujeitos”, ou seja, suas existências são criadas a partir de suas práticas.<sup>21</sup> Assim, enfatizamos a concepção de identidades que não estão fixas, mas acabam fluindo em contextos diferenciados, nunca se finalizando, mas estando sempre em processos de construção de socialidades móveis. É nesse sentido que, em momento de fluidez identitária, não mais serve a estanque identificação homossexual. Observamos a emergência de contextos e de sujeitos criados pelos contextos, nos quais identidades são criadas para servirem de “porta-vozes” para a desconstrução de paradigmas heteronormativizados, segundo Braga Junior (2006). É nesse sentido que emerge a idéia de homoerotismo, que vai aproximar-se da idéia de que as sexualidades humanas (e os desejos homoeróticos) são cambiantes e expressos em múltiplos contextos, tão diversos quanto as práticas dos grupos que os exercem.

Braga Junior (2006) observa que a própria construção de uma “comunidade gay” enfraquece a unidade em torno do sujeito homossexual, uma vez que fortalece o sentimento de pertença a uma “personagem coletiva, mutante e provocadora”. A emergência do homoerotismo, em virtude da fluidez cultural pós-anos 1960, desculpabiliza indivíduos orientados para o mesmo sexo e, como tendência-reação,

---

<sup>21</sup> Esse trabalho tem como preocupação central explicar isso, ou seja, a territorialização homoerótica sendo condição essencial a sua existência.

ocorre a “carnavalização” das estéticas e dos comportamentos de gênero em inúmeros contextos polifônicos instáveis e constantemente construídos e reconstruídos. A polifonia da cultura gay, segundo o autor, torna-se evidente a partir da transnacionalização da mídia e da plasticidade do mercado da publicidade, da moda e da música, ou seja, torna-se vinculada a uma cultura *pop* pulsante que divulga e mistura constantemente estilos que detonam qualquer unidade identitária. Segundo o autor, o marco desse processo foi o surgimento da MTV norte-americana, em 1983, e o da brasileira, em 1990. O evento fundador do *pastiche* pós-moderno é a apresentação de Madonna no primeiro *MTV Music Awards*, com a música/performance *Like a Virgin*. Pela cultura da música, do videoclipe e das divas pop, emerge a paródia *camp* (excesso, carnavalização, *pastiche*), como representação pastichosa da realidade dos elementos heteronormativos. A cultura gay, como uma “visão delirante das coisas”, abre-se, então, ao experimento, à mistura, à irreverência, à multiplicidade de contextos e de sujeitos, ao sempre novo e à reinvenção de tudo.

Louro (2001) verifica que a AIDS, nos anos 1980, promove, em plena ascensão do movimento político gay, a retomada da homofobia. Caracterizada como “doença gay” a homossexualidade começa a ser vista como “coisa que se pega”. Por outro lado, a AIDS possibilita uma retomada sobre as discussões acerca da sexualidade, gênero e homossexualidade, deslocando os discursos sobre identidade e enfatizando os debates sobre as práticas sexuais (como a prática do sexo seguro), segundo a autora. Nesse sentido, em relação aos grupos políticos organizados e às teorias sobre a questão, nesse período, evoca-se, por um lado, a necessidade da criação de uma identidade que busque a igualdade e a cidadania (direitos homossexuais), mas, por outro lado, emerge um novo contexto de desafio generalizado a qualquer padronização identitária, cujos movimentos (intelectuais, culturais, políticos e artísticos) procuram desvendar e criticar todas as binaridades existentes, principalmente a que define os gêneros sexuais, e querem colocar em pauta todas as relações de poder existentes nas categorias sociais tidas como fixas. Emerge assim uma teoria pós-identitária chamada *Queer* que, segundo a autora, pode ser traduzida como excêntrico, raro, extraordinário, estranho e ridículo, mas



que significa colocar-se contra a normalização, representando as diferenças que não querem ser assimiladas ou toleradas. A teoria *Queer*, segundo Louro (2001), é uma construção inserida num quadro do pós-estruturalismo e da pós-identidade e que pode ser assimilada desde a desconstrução de Freud sobre a vida psíquica do indivíduo; perpassando Lacan, que instaura a divisão do sujeito instável e não coeso, e nas teorias que denunciam a autoritária racionalidade moderna, como em Foucault, pela análise dos múltiplos discursos de controle da sexualidade, e em Derrida, pela denúncia dos binarismos que impregnam a lógica ocidental moderna, que fixa a identidade dos sujeitos e de seus opostos desviantes. Nesse sentido, emerge uma nova forma de pensar a ambigüidade e a fluidez das identidades (sexuais), mas também uma nova forma de pensar a cultura, o conhecimento e a ciência.

Por esse viés, observamos que chegamos a um contexto de inúmeras representações sobre os desejos homoeróticos em que, ao mesmo tempo, todas se interpenetram e todas se tornam insuficientes. Observamos que a sociedade, em relação aos desejos e às espontaneidades homoeróticas, apresenta-se por forças que agem dialeticamente, tanto favorecendo a constante necessidade de regramento e enquadramento desses desejos, como possibilitando inúmeras fugas de tais enquadramentos, que culminam nas expressões de sujeitos desejantes em atos e ações de “comunhão” diversas. Assim, verificamos que os sujeitos homoeróticos não se apresentam em uma unidade homossexual ou gay, mas são contextualmente materializados. Nesse sentido, o que verificamos é a existência de uma complexa geografia, pela qual fundam-se inúmeros contextos territorializados nos quais fluem diferentes expressões individuais quanto a suas relações/experiências homoeróticas. A interpenetração das subjetividades dos sujeitos participantes dá corpo às microterritorializações existentes nas redes homoeróticas caracterizadas pelo contexto “aqui e agora” de existência. Nas microterritorializações fluem tanto desejos desregrados, espontâneos e definidos pelo acaso das relações, como regras de comportamentos e elementos condicionantes da cultura heterossexual, ambas situações apresentando diferentes níveis e interpenetrações.

Não mais totalmente perversos e anormais, os indivíduos orientados para o mesmo sexo, ao se (micro)territorializem, se encontram em escalas diversas entre o

visível e o não-visível, entre a abertura e o fechamento ao exterior, entre o trajeto de deriva e o ponto de agregação e entre suas condições de “tipo igualitário” ou “hierarquizado” (lembrando os modelos de Fry, 1982). Os desejos homoeróticos microterritorializam-se em inúmeros contextos que ora trazem o caráter desviante e unificador da sujeitificação homossexual; ora a homogeneização de uma minoria cultural gay; ora o desmanche, o experimento, a irreverência e o pastiche *camp*; ora a desconstrução e a negação generalizadas do controle na teoria *Queer*.

Na dialética da sociedade, entre eventos verticalizadores e autoritários, que procuram normalizar as expressões em identidades estanques, e a emergência imprevisível das espontaneidades e dos prazeres humanos, o que importa é a localização das práticas coletivas, contestatórias ou não, e a imposição dos significados a tais localizações, entre as muitas de um espaço social fluido, múltiplo e instável. Nesse sentido, as experiências, socialidades e expressões homoeróticas, seguindo as idéias também de Parker (2002), são mais condições de um “circuito” homoerótico - de inúmeras, fluidas e instáveis territorializações de desejos expressos em formações coletivas - do que uma condição única e impressa em todos os indivíduos. Essas microterritorializações vão abarcar as diferentes subjetividades nas quais a identidade do participante não é relevante, mas sim suas disposições ao local e a como ele pode encaixar-se no perfil do parceiro desejado, nas habilidades de relacionar-se com os outros e o conhecimento sobre a agregação, que existe como tal, assim como os modos coletivos de uso do espaço (LEAP apud SIVORI, 2002).

Perlongher (2005, p. 264), observa a importância da abordagem territorial para representar as categorias de auto-definição sexual “como pontos dispostos em redes circulatórias, numa relação de contigüidade e mesmo de mistura”. O lugar - as relações que se tecem e que tecem o lugar - é que define os sujeitos. Nesse sentido, de acordo com o autor, as “identidades” seriam substituídas por “territorialidades” e, por esse conceito, poderíamos apreender como “os sujeitos se definem mutavelmente a partir de ‘posições’ e ‘trajetórias’ (ou ‘derives’) variáveis dentro de uma rede, bem como a participação em diferentes redes” (PERLONGHER, 2005, p.

265). A territorialidade, assim, seria expressa por um “código-territorial”, que distribui atribuições categoriais a corpos e desejos em movimentos.

Nesse sentido, pelas instabilidades conferentes ao homoerotismo - mesmo com uma gama de definições construídas que procuram o enquadramento e a organização da sexualidade, definindo um ser homossexual ou gay - é o território de encontro - constituído por um código-territorial ou territorialidade (expressões que singularizam e asseguram a agregação territorial) - que constituirá a possibilidade de existência das relações afetivas de indivíduos orientados para o mesmo sexo, a troca de experiências e o conforto coletivo. Nesse sentido, a identidade apresenta-se como a projeção dos indivíduos quanto aos “enquadramentos” determinados pela sociedade; porém, em relação aos enquadramentos identitários, complexidades micro-coletivas se fundamentam nos territórios de encontro delas e definem uma diversidade de atributos individuais construídos pelos “campos” de vivências de certas práticas culturais localizadas. A identidade existe como determinantes individuais da sociedade e elas se multiplicam em virtude das diversas territorialidades daquilo que elas não conseguem aprender ou apreendem em termos.

Essas territorialidades ao mesmo tempo agregam aquilo que as identifica e que foge das identificações contidas como banalidades sociais, assim como propõem outros estados individuais e coletivos, afirmando as indefinições dessa sociedade. Tais territorialidades apresentam-se como diversidades representativas e simbólicas que apresentam o apoio material dos encontros coletivos delas, em grande escala (microterritorialização), no qual esse apoio material é delimitado no tempo e no espaço, mas, ao mesmo tempo, são instáveis, efêmeros, flutuantes, transitórios e mutantes, sendo produtos da dialética entre ordem e desvio, racionalidade e espontaneidade da sociedade.

Por outro lado, elas são expressão do “contra” e do “a favor” (MAFFESOLI, 2002) à sociedade: contra, pela necessidade de combater o controle; a favor, pela existência de elementos discursivos e relacionais que reproduzem o próprio controle. Nesse sentido, elas são condições “dentro” e “fora” da sociedade, representando,

assim, mais a existência de um espaço social orgânico, instável, caótico e mutante do que a de uma sociedade plenamente estruturada e organizada.

### 3. A PRODUÇÃO MULTITERRITORIAL DO COTIDIANO URBANO COMO CENTRO DA DIALÉTICA ENTRE ORDEM E DESVIO NA MODERNIDADE<sup>22</sup>

Este capítulo é uma reflexão acerca da produção histórica do espaço social da cidade e sua íntima relação com o desenvolvimento da modernidade e do capitalismo. Defendemos que a produção do espaço urbano não se dá de forma homogênea, como tanto foi o interesse do projeto moderno de controle social, mas se estabelece por múltiplos processos de fragmentação relacional dos grupos humanos. A própria fragmentação relacional urbana produz e é produto de diferentes formas de apropriação espacial dos agregados sociais que constituem a cidade. Verificamos, assim, a produção multiterritorial do espaço urbano, na qual cada parcela apropriada do espaço se identifica como um microterritório em formação (uma microterritorialização urbana) ou um *pocket of social relation*<sup>23</sup>.

A diversidade de microterritorializações urbanas é originada nos diferentes níveis entre contradição e concordância em relação a seus processos mediadores modernos, que procuram uma certa homogeneização do espaço construído (edificado e usado pela funcionalidade) e vivido (o espaço das relações sociais, tanto lugar de condições de funcionamento do sistema homogeneizante, como palco da expressão espontânea dos indivíduos e grupos sociais). A modernização<sup>24</sup> dos lugares não constitui a *tabula rasa* da modernidade, mas a dialética presente no ordenamento territorial<sup>25</sup> acompanha contestações generalizadas em relação aos próprios projetos de gestão e também de cumprimento de papéis e comportamentos previsíveis em situações do dia-a-dia. Daí a necessária atenção à produção do cotidiano urbano como centro de conflito entre regras e desvios (as regras) sociais, no qual o produto disso é expresso por apropriações espaciais tanto contraditórias

---

<sup>22</sup> As idéias contidas nessa seção foram utilizadas e originaram textos apresentados no IX Simpósio Nacional de Geografia Urbana, em Manaus - ver Costa, 2005 -, e no Seminário Globalização e Marginalidade, da comissão da União Geográfica Internacional sobre marginalização, globalização e seus impactos locais e regionais, em Natal-RN, em 2005 – texto no prelo.

<sup>23</sup> Gluckmann apud Velho, 2004. Como a sociedade fosse um conjunto de pequenos “bolsos” de relações sociais singulares. Esses bolsos além de sua singularidades fazem parte da dinâmica totalizante da sociedade.

<sup>24</sup> A condição racional e funcional na organização dos lugares: para a reprodução do capital e das instituições sociais modernas, assim como a moralidade a que fazem parte.

<sup>25</sup> Compreendido como o planejamento tecnocrático do espaço, assim como o “ordenamento das vidas”, inserindo-os na funcionalidade massificadora.

como concordantes (como contextos específicos) as condições presentes na modernidade das relações sociais. Assim, cada microterritorialização urbana é sentido e produto da dialética para o qual atentamos e para essa análise utilizamos a condição social de indivíduos e agregados humanos que se relacionam em virtude dos desejos e afetividades homoeróticas.

### **3.1. AS ESTRUTURAS ESPACIAIS E AS ORIGENS DOS REGRAMENTOS MODERNOS**

A vida urbana, como contraponto a vida no campo, é fundamento do que se chama modernização (do novo, do progresso, do rompimento do passado e da atenção ao futuro) e de suas implicações nas relações sociais. Ela emerge junto com a fundação do capitalismo burguês e o rompimento com o modelo de vida tradicional das comunidades feudais pré-modernas na Idade Média.

Sabemos que o modelo feudal começa a se desagregar na baixa Idade Média, a partir do século XIII, quando se torna incontestável a produção de excedentes agrícolas a partir de algumas evoluções técnicas artesanais estabelecidas entre camponeses dominados pelos senhores feudais. Novos equipamentos, ainda que rudimentares e não-industriais, foram criados, e, cada vez mais, excedentes foram produzidos, fazendo surgir um novo elemento nessa estrutura comunitária: o comerciante e, por conseguinte, a atividade de comércio de excedentes agrícolas (que se difere do restante das funções do regime fixo do feudo).

A produção de excedentes e o aparecimento dos comerciantes rompem com a organização comunitária feudal, caracterizada por um formato de pequenas unidades de produção auto-suficientes. As pessoas que se apropriam do excedente agrícola, assim como das técnicas que possibilitam sua produção, afastam-se das áreas produtivas e aos poucos organizam uma forma espacial destinada ao armazenamento e a comercialização dele. Tais formas, formas de “burgos”, constituem zonas de concentração populacional nas fronteiras dos feudos. Nos burgos moram os burgueses, ou os primeiros comerciantes, que fazem reflorescer o comércio na Europa depois de séculos da queda do Império Romano. Essa nova

classe vai criar um “capitalismo comercial” que vai desestruturar as relações tradicionais feudais, provocando a ascensão de um sistema territorial urbano e a centralização/homogeneização socioeconômica na organização dos primeiros Estados europeus.

A economia urbana, ao mesmo tempo em que requer um espaço político para seu desenvolvimento, proporciona os fundamentos materiais para que esse espaço se constitua. Uma vez estabelecida, desta maneira, a economia urbana integra as diferentes partes do território, ao especializá-las produtivamente, tornando-as interdependentes, o que reforça a unificação política. (SINGER, 1998, p. 17).

De acordo com Singer (1998), ocorre uma Revolução Comercial no século XVI. Os burgos crescem - as casas se aglomeram e esse espaço se diferencia - e se tornam hegemônicos sobre o campo, estabelecendo a centralização/concentração de pessoas e de objetos econômicos. Essa revolução é produzida pelos comerciantes e banqueiros, que libertam certas cidades do domínio feudal, tornando possível a fuga de servos para essas localidades, e criam a “liga de cidades”, organizando uma divisão de trabalho interurbana e o desenvolvimento das forças produtivas.

A cidade, na passagem do feudalismo ao capitalismo comercial, torna-se caótica em termos de convívio entre uma diversidade cultural que a habita e a indefinição de regras de comportamento que organizaria a estrutura social e as relações de poder. Segundo Gomes (2002, p. 75), era ausente nessa cidade um direito territorial, e ela estava fragmentada em várias unidades de direitos tradicionais de grupos que traziam seus costumes de outros lugares e os reproduziam em pequenos núcleos dentro do espaço urbano nascente.<sup>26</sup>

Nesse sentido, é na cidade nascente que começam a estabelecer-se as faces antagônicas (econômicas, políticas e culturais) entre o antigo regime (camponês e feudal) e a nova organização (que irá prezar o urbanismo como forma social). Antes disso a cidade começa a estabelecer um antagonismo de um novo “modo de vida”

---

<sup>26</sup> Nesse ponto, salientamos a importância de entender os conceitos de “cidade” e de “urbanismo” estabelecida por Harvey (1980, p. 174). Para o autor, a cidade constitui-se como uma forma constituída a respeito do modo de produção, como “uma loja atacadista de heranças fixadas, acumuladas, antes de produção”. Urbanismo seria “uma forma social, um modo de vida, ligado, entre outras coisas, a uma certa divisão do trabalho e a uma certa ordem hierárquica de atividade, que é amplamente consistente com o modo de produção dominante”.

que vai se contrapor ao do campo. Nela mesma torna-se necessário combater a “barbárie”, fruto da convergência diversa de pessoas que reproduzem nela a vida quase “animal” do campo. A cidade, assim, vai tornar-se condição de uma sociedade organizada e civilizada, ou seja, expressão materializada das relações sociais urbanas:

O antagonismo entre a cidade e o campo começa com a transição da barbárie à civilização, da tribo ao Estado, da localidade a nação e atravessa toda a história da civilização até o presente (...). A existência da cidade implica, ao mesmo tempo, a necessidade de administração, política, impostos, etc; em resumo, da municipalidade e assim, da política geral...” (MARX; ENGELS apud HARVEY, 1980, pp. 174-175).

O espaço urbano da cidade (aquela ainda da transição do sistema feudal ao comercial), vai representar, assim, o lugar no qual o comércio poderia ser regulado, em meio a um sistema intercidades ainda caótico, irregular e definido pelo contrabando. O principal antagonismo entre campo e cidade, nesse momento, vai ser a capacidade de controlar as relações comerciais dentro da cidade, calcado no desenvolvimento de uma regulamentação política e de uma sociedade ordenada. Harvey (1980) verifica que a cidade assumiu uma forma de “corporação territorial”, para facilitar o comércio. Nela também vão promover-se vantagens monopolísticas entre outras cidades, assim como o controle do conflito interno. O autor verifica que nas cidades comerciais emergentes fundam-se as sociedades ordenadas, que vão estruturar-se em relação ao parentesco e aos direitos herdados de propriedade, nos quais penetraram as antigas nobrezas feudais, que vão expressar suas normas sociais e morais, assim como a apropriação do excedente. Dessa forma, é na cidade que o capital vai acumular-se e monopolizar-se nas mãos de uma ordem de parentesco que funda as bases da organização social: organização do comércio e de suas atividades, baseadas numa hierarquização social (condição da hierarquização do capital pela monopolização); organização de um conjunto de normas baseadas na moralidade imposta pela ordem de parentesco que possibilita a sua reprodução econômica e social. Conforme Trevor-Roper (2003, p. 33),

A ascensão dos príncipes, no século XVI na Europa, é um espetáculo fascinante. Surgem um após outro, primeiro na Itália e Borgonha, depois em



toda a Europa. Suas dinastias podem ser velhas, e mesmo assim seu caráter é novo; são mais exóticos e muito mais apaixonados do que seus predecessores. [...] E, se quisermos entender a crise no final de seu governo, deveríamos lembrar que seu poder não surgiu do nada. Sua extraordinária expansão no início do século XVI não foi *in vácuo*. A Europa teve de abrir espaço para sua expansão. Os príncipes surgiram às custas de alguém ou alguma coisa, e eles trouxeram em seu séquito o meio de garantir seu novo poder repentino usurpado. Eles surgiram às custas dos órgãos mais antigos da civilização européia, as cidades, e trouxeram consigo como meio de conquista, um novo instrumento político, “a corte renascentista”. (TREVOR-ROPER, 2003, p. 133)

Em relação à produção do excedente, verifica que a condição monopolizante dos processos capitalistas se expressa em uma estrutura hierárquica das relações interpessoais entre indivíduos na cidade e se desloca para as relações que se estabelece pela troca de mercadorias e pela circulação da mais-valia em outras escalas (nas relação capitalistas entre as cidades). A estrutura se organiza em

[...] elos de exploração que estende o vínculo capitalista entre o modo capitalista e as metrópoles nacionais aos centros regionais (parte de cujo excedente se apropriam), e destes aos centros locais, assim por diante, para alcançar os proprietários de terras e comerciantes que expropriam excedentes de pequenos camponeses e rendeiros e algumas vezes mesmo destes últimos para os trabalhadores sem terra explorados por eles. (LÖSCH apud HARVEY, 1980, p. 225).

Isso condiciona a organização espacial do excedente pela metropolização e a definição de uma estrutura comercial que vai fundando-se, nas origens do mundo moderno, ao redor das “metrópoles européias” (baseadas na concentração do excedente próximo e também dos de origem colonial). Essas vão concentrar capital e organizar um poder que permita a sua reprodução, estabelecendo concretamente as suas hinterlândias: pela normatização do espaço comercial interurbano e de seu conjunto de práticas vinculado à homogeneização ampliada das instituições necessárias a ele. Isso dará constituição aos oligopólios e ao fim do mercado auto-regulado, dando forma a uma organização econômica a partir da metrópole, que concentra capital e inovações e que, por ela, se distribui e organiza a rede de cidades que constitui a sua hinterlândia.

Os poderosos grupos agem pelas veias do mercado oligopolístico (não mais auto-regulado) e no tecido das negociações fundam e impregnam uma organização

econômica ampliada territorialmente, por onde fluem suas normas sociais e morais. O mercado assim é forçado a uma regulamentação (dos oligopólios) e a necessidade disso marca a integração de uma antiga rede urbana ainda condição de um mercado não-regulado. A marca dessa regulamentação é a organização de uma estrutura de poder (um Estado) que integra os diferentes níveis hierárquicos burgueses e os diferentes lugares de comercialização e produção de excedentes num território ampliado.

Trevor-Roper (2003) contribui a nossa construção mostrando que o processo de formação/integração territorial do Estado está relacionado à emergência dos príncipes e a suas trajetórias relativas à anexação de cidades. Os príncipes vão subjugar a Igreja, estender sua jurisdição e mobilizar o campo. A partir do poder do Estado, vão estabelecer regras de circulação; cobrar impostos sobre as riquezas da cidade, protegendo e estendendo seu comércio; apoderar-se e desenvolver sua arte e arquitetura. Algumas cidades, assim, crescem através da concentração oligopolística organizada e legalizada pelo poder dos príncipes. Por esse poder e pela metrópole, o restante do território comercial vai integrando-se pela homogeneização da legislação e pela disseminação de instituições sociais como condições “acima” dos costumes e condições locais (organiza-se uma economia e uma sociedade condição de uma cultura supra-orgânica)<sup>27</sup>.

O capitalismo passa de uma desordem do mercado auto-regulado, condição do contrabando e das irregularidades das relações sociais (e culturais) na cidade medieval comercial, para a ordem da regulamentação dos oligopólios, imanentes das metrópoles que se originam dentro da rede de cidades comerciais (hierarquizadas pela dinâmica de hierarquização dos contatos burgueses, nas trocas dos excedentes e na apropriação da mais-valia). Da metrópole vão emanar novas formas institucionais e normas jurídicas que procuram a regulamentação do mercado em prol dos interesses hegemônicos estabelecidos. Essas formas institucionais e essas normas vão dar fundamento ao Estado, mentor e protetor do mercado regulado,

---

<sup>27</sup> De acordo com Duncan (2003), “supra-orgânico” refere-se a elementos de organização “acima” das condições locais, constituídas por todas as formas legais instituídas pelo Estado, assim como as superestruturas de legitimação. Desenvolvimento de uma cultura totalizante a todo território que por seus elementos faz integrar a diversidade.

como instituição máxima da manifestação da autoridade sobre uma sociedade que se organiza perante novas legalidades e verdades sobre a realidade:

A concentração geográfica de pessoas e atividades produtivas nos grandes centros metropolitanos nas nações capitalistas avançadas não seria possível sem as enormes concentrações de mais-valia em instituições superordenadas tais como as grandes corporações e o governo nacional. Nem seria possível essa concentração sem um aparato elaborado para proteger a estrutura hierárquica da economia de espaço global, para assegurar a manutenção de fluxos de hinterlâncias para os centros urbanos, dos centros menores para os maiores e de todos os centros regionais para os centros de atividade capitalista. (HARVEY, 1980, p. 230)

Singer (1998) também verifica que a economia urbana requer um espaço político para desenvolver-se e proporciona os fundamentos materiais para que esse espaço se constitua. Essa economia é capaz de integrar as diferentes partes de um território, promovendo a especialização produtiva e a interdependência, reforçando a organização/unificação política e produzindo o corpo ampliado dos Estados territoriais. O urbanismo, fundamento da economia urbana, do espaço das cidades, da emergência do capitalismo e das políticas territoriais do Estado, torna-se a base de uma nova sociedade regrada e ordenada que tende a homogeneização/funcionalização/racionalização das práticas econômicas e das relações sociais. As cidades (a rede delas) e o Estado territorial tornam-se faces da mesma moeda, ou seja, da organização dos agentes capitalistas e das relações sociais imersas nessa organização, pautando as necessidades de acumulação/concentração do capital e os condicionamentos sociais numa teia de formalidades e funcionalidades necessárias para sua manutenção.

A capacidade de produção de excedente foi possível pelo emprego de novas técnicas na agricultura. A visualização dessa capacidade e a possibilidade de comercialização incentivaram a evolução das técnicas. Aos poucos, com o incremento de pessoas morando em burgos e com a expansão da Revolução Comercial, surge a necessidade de domínio completo e ampliação territorial do campo agrícola, assim como o contínuo investimento e modernização da produção para suprir o comércio. Nessa relação, com a complexidade que passam a ter as relações comerciais a partir da circulação de moeda e da acumulação de capital,

vão-se produzindo maiores investimentos e surgindo a necessidade de controle de feiras, centros comerciais, áreas produtivas, produtores e mercados consumidores. Na continuidade do processo, a classe burguesa vai diferenciando-se intensamente, concentrando riquezas e poder, e começa a assumir estratégias de ampliação de controle territorial e homogeneização de práticas políticas em território ampliado, a fim de romper barreiras que dificultam a acumulação de capital.

De acordo com Singer (1998), a cidade vai constituir-se como uma inovação na técnica de dominação e na organização da produção. A cidade vai concentrar população e produção, e a relação entre elas torna realidade um mercado regulado pela monopolização/oligopolização do capital (comercial, em primeiro momento, gerador da mais-valia, em segundo momento). A expressão do mercado regulado se dá na institucionalização do governo, em primeiro momento a cidade; posteriormente como expressão do domínio exercido pelos oligopólios dentro de uma “classe burguesa hierarquizada e desigual” que se estabelece numa rede de cidades e trocas comerciais. A cidade dominante torna-se a metrópole, que acumula riquezas e organiza a sociedade, assim como a força necessária ao domínio estabelecido. A força profissional do exército do governo metropolitano lança bases a possibilidade de integração territorial efetiva da sua área de influência e ampliação territorial.

Assim, surge a necessidade de ordenamento político das sociedades tradicionais e a homogeneização das práticas legislativas, comerciais e culturais em um território maior para suprir as necessidades de acumulação capitalista dos novos atores hegemônicos burgueses. Por um lado, o controle já era estabelecido pelas relações comerciais que agregavam vários burgos e uma população extensa e heterogênea. Caberia, então, fundar uma instituição legal que possibilitasse homogeneizar as práticas econômicas e sociais em prol dos interesses comerciais das classes dominantes burguesas: o Estado-Nação. Em primeiro momento, o Estado se configura como Estado Absolutista e se impõe pela força, pela criação do exército e pela integração territorial a partir da figura do líder absoluto. É um momento de coação física para a manutenção necessária da ordem econômica, em que surge o Estado centrado na figura do todo poderoso monarca absolutista. Nesse período “convém perceber o Estado como uma organização do poder voltada ao

domínio do território que, por sua vez, contém habitantes que dele fazem parte, assim como as riquezas, numa estrutura voltada para a produção, etc” (HEIDRICH, 2000, p. 31). Por outro lado, a configuração do Estado Moderno, diferente do Estado Absolutista, já define um “poder político objetivado para a produção de um consenso voltado abstratamente ao todo social” (HEIDRICH, 2000, p. 32).

Com a expansão dos meios de produção, a diversificação das atividades produtivas e comerciais, a monopolização do capital burguês e a ampliação das atividades manufatureiras, se estabelecem uma diversidade de modos de apropriação do espaço, bem como a emergência de uma multiplicidade de atores econômicos que tendem a defender suas propriedades privadas e o direito de ação livre quanto a investimento e reprodução de capital. Ao poucos, a numerosa e complexa classe burguesa clama pela desvinculação de qualquer forma de poder tradicional ou absolutista. Nesse sentido, segundo Heidrich (2000), emerge a necessidade de um Estado que seja um articulador dos diversos interesses dentro do território nacional, que seja mediador dos conflitos, que proteja a propriedade privada e que organize as relações sociais e jurídicas, assim como a infraestrutura e os recursos públicos em prol dos diferentes interesses capitalistas.

É claro que os diferentes interesses capitalistas acabam hierarquizando-se em virtude dos mecanismos de concorrência e monopolização do mercado, mantendo hegemonias sobre as outras e afunilando o cume da pirâmide social, assim como do poder político. No entanto, a ideologia do Estado Moderno centra-se na liberdade de comércio e na proteção dos interesses privados, na igualdade das oportunidades, assim como na observação de que os benefícios das obras públicas e das regras e legislações políticas são para todos, em prol do desenvolvimento conjunto da população. Essa ideologia servirá para maquiagem as relações de poder, para a alienação de possíveis agentes revoltosos e para esconder os processos de apropriação desigual do capital em uma sociedade capitalista urbana que tende à formação de grandes concentrações populacionais.

Com a gradual perda de controle dos senhores feudais sobre o campo, a agricultura e a pecuária modernizando-se e tornando-se comerciais, a progressiva liberalização da mão-de-obra camponesa e a aglomeração constante de população

nas cidades, a Europa pós-feudalismo torna-se um conjunto de cidades ligadas por rotas de comércio que se agruparam num formato diferenciado àquele fragmentado feudal: é o Estado-Nação Moderno. A lógica do Estado-Nação Moderno centra-se na necessidade de aglutinar as forças produtivas e manter um controle dessa produção. Forças essas que escapavam quando ainda eram concentradas nas pequenas unidades de domínio e de produção dos feudos. Nesse sentido, o conceito de nação foi importante para aglutinar o conjunto das populações que não estavam tão mais dispersas, mas inseridas em conjuntos de cidades e rotas de transporte que dominavam a produção do campo.

A nação configura abstratamente uma comunidade territorial ampliada, conformada por uma língua oficial (uma língua comum que une a diversidade do território)<sup>28</sup>, uma religião oficial, um traço étnico predominante e, finalmente, a visualização de uma estrutura econômica e política comum evidenciada pelos mecanismos de informação<sup>29</sup> e a escolarização ampliada.<sup>30</sup> Dessa forma, os grupos nacionais são estabelecidos por compartilharem de forma nata o mesmo território e de uma herança comum à própria nacionalidade. Segundo Gomes (2002), a Revolução Francesa estabelece ideologicamente os laços de fraternidade e de solidariedade que firmam a coexistência dos homens, na construção de um mesmo espaço compartilhado entre iguais, submetido às mesmas regras jurídicas, que se tornam legitimadas pela racionalidade lógica e amparadas pela noção de bem comum.

Segundo Vallerstein (1995), a Revolução Francesa representou a grande expressão política do Iluminismo, que se apresenta por um traço de ambigüidade. Por um lado, apresenta um plano político pautado na fraternidade, igualdade e liberdade; por outro, refere-se a um projeto hegemônico de reprodução de capital e

---

<sup>28</sup> Segundo Anderson (1989), a reforma protestante e a tradução de artigos religiosos, como a Bíblia, por Lutero torna-se elemento importante a integração de uma diversidade sobre a imaginação de um nacionalismo. A língua comum torna-se um elemento mediano entre uma língua totalizante (o latim) e a diversidade de dialetos existentes no território. A língua comum é expressão do poder cultural, burocrático, político e econômico das metrópoles emergentes e a integração inter-urbana promovida por ela.

<sup>29</sup> A invenção da imprensa por Gutemberg é elemento dessa dinâmica integradora.

<sup>30</sup> A escolarização jesuítica torna-se fundamento de construção do nacionalismo francês, assim como o ensino de Geografia, como nos mostra Lacoste (1974), torna-se elemento fundamental para estabelecer o conhecimento necessário a integração do território alemão no final do século XIX.

manutenção do poder de classes privilegiadas, assim como da condição desigual de apropriação do capital. Segundo o autor, a restauração da França, depois da queda de Napoleão, em 1815, é centro de debates políticos que culminam na chamada “trindade ideológica”, que tem como pilares o conservadorismo, o socialismo e o liberalismo. Vallerstein (1995) indica a emergência do liberalismo como o mais capaz de manter uma geocultura de legitimação ao sistema de desigualdade e hierarquização do poder político e econômico. Esse sistema possibilitaria o controle das “classes perigosas” e a capacidade de reprodução da sociedade e do capital de acordo com a lógica das classes dominantes. Para isso, na essência, o liberalismo foi e ainda é repressor, mas essa repressão sempre esteve acompanhada de constantes concessões sociais e possibilidade de formação de minorias políticas, mantendo abafadas as possíveis revoluções.

Outros elementos essenciais foram a possibilidade de participação política, (o sufrágio universal), e a concretização da premissa-chave iluminista de pensamento e ação racionais. O liberalismo funda a visão dialética de que o Estado não poderia constranger o indivíduo e, ao mesmo tempo, esse Estado seria peça-chave a minimizar a injustiça para com ele. O Estado Moderno, então, se funda numa lógica liberal, estabelecendo uma ideologia e um conjunto de valores ditos nacionais para unificação das classes sociais e ruptura radical das possibilidades de separatismos populacionais. Mesmo duvidosas, a participação política, a partir do sufrágio universal, e as cláusulas de bem-estar social dão coerência aos ideais de igualdade, comprometimento social e sentimento coletivo, desestruturando as possíveis rebeliões de massas e mantendo coeso o sistema. Por outro lado, sob a ação do Estado-Nação Moderno Liberal, funda-se, segundo Vallerstein (1995), o reformismo racional, em que a educação escolar e a universitária, a partir das ciências formais/racionais, concretiza os modelos de planejamento e as ideologias de desenvolvimento que se tornam legitimados a toda população e dão continuidade harmônica ao processo de acumulação e reprodução social do capital. O Estado e os poderes político e econômico tornam-se “naturais” àqueles mais educados, mais estudados, que seriam capazes de guiar o restante da população segundo os ideais pregados pela Revolução Francesa.

Segundo Gomes (2002), esse processo funda uma cultura e um contrato social, ou seja, “trata-se de uma cultura que podemos chamar de pública e democrática, ou seja, há um certo número de valores que devem ser vividos por esses indivíduos: os da justiça social, da liberdade individual, da ética comportamental, da moral lógica, etc.”. Segundo esse autor, estavam opostos, por essa ideologia, os conceitos de civilização e de cultura, nas quais a civilização representou a expressão da pretensa superioridade do Ocidente e exprimiu “a idéia de um processo geral e irreversível que conduz ao estabelecimento de um código de conduta lógico, virtuoso e justo”. Por outro lado, a cultura estabeleceria a relação de um lugar que lhe é próprio e ontológico, ou seja, não adequado às premissas de homogeneização social necessária à unificação dos processos e fenômenos sociais dos Estados-Nações em caminho de consolidação.

Aos poucos, o termo *civilidade* começou a ser centro do projeto burguês. Esse termo vai substituindo o termo *courtoisie*, ou cortesia, que era utilizado na Idade Média como padrão de bom comportamento associado à sociedade cavalheiresca. Ainda Gomes (2002), a burguesia francesa, nos séculos XVII e XVIII, assume os comportamentos da aristocracia centrados na cortesia (da corte ou da aristocracia) e pressiona a difusão desses comportamentos como os que deviam ser aceitáveis para toda a sociedade, condicionando, então, formas e maneiras de convivência nas cidades que se desenvolviam nessa época.

Nesse sentido, contra a fragmentação territorial das cidades nascentes, se elege uma cultura, aqui chamada de civilidade e corte, como elemento de unificação da diferenciação para seguir a ordem iluminista que pretendia construir um campo de formas de relações comportamentos aceitos, gerais, uniformes e inteligíveis por todos. Nessa perspectiva,

[...] a urbanidade é um conjunto de atitudes e comportamentos que dá ênfase à reciprocidade entre indivíduos diferentes, mas expostos a um lugar de permanentes trocas sociais, a urbe. A cidade é, pois, nesse modelo o lócus de temperança, do controle das pulsões individuais e da ordem estabelecida sobre bases racionais e lógicas. (GOMES, 2002, p. 109).



De acordo com Giddens (2002), a modernidade aposta na razão instrumental pela qual o homem conseguiria desvendar as regras da natureza (que tanto ameaçavam a sociedade) e fundaria as regras da própria sociedade contra as naturais ameaças existentes nas relações humanas, dotadas de impulsividade, ambição e descontrole. A modernidade apresenta a necessidade de ordenar o mundo em relação a um conjunto de preceitos verdadeiros que levariam aos bons costumes e a civilidade da relação entre os homens. A modernidade teria em seu centro articulador o combate à barbárie, a desordem e a regulação das ações humanas. O bem-estar coletivo passaria pela organização de um conjunto de preceitos estabelecidos entre o “certo” e o “errado” ou um conjunto de normas racionais que garantiriam a convivência pacífica dos homens.

Plastino (2001) observa que o paradigma moderno é norteado para a definição de realidade subordinada à razão lógica que atua por dualidades (homem/natureza, sujeito/objeto, normal/anormal), que define um conjunto de imagens/representações de determinados ideais que convergem à figura de um homem interiorizado, racional, reflexivo e eternamente em conflito entre razão e paixão. A definição de norma e de normal é difundida no século XIX pelas reformas das instituições pedagógicas e sanitárias que se vinculam ao bom funcionamento da ordem capitalista a partir da regulação/normalização dos sujeitos (CANGUILLEM, 1978).

Essas reformas vão compor os projetos do “reformismo racional” indicado por Vallertein (1995), posteriores à Revolução Francesa, que incluem a organização do espaço (em prol de novas qualidades sanitárias e pedagógicas) e das relações sociais via a constituição de um corpo científico e legal que adquire posturas normativas e impõe modelos de comportamentos e julgamentos que atribuem uma essência ao ser vivo e a definição de valor de tipos ideais (PRATA, 2004).

Marcuse, 1975, verifica a modernidade como uma condição de progresso da dominação, no qual essa dominação evolui desde o “pai primordial”, do clã fraterno, a um sistema de autoridade institucionalizada cuja dominação torna-se cada vez mais impessoal, objetiva, universal, mais racional, eficaz e produtiva (efetiva divisão social do trabalho). A sociedade moderna, assim, emerge como “um sistema duradouro em expansão de desempenho úteis; a hierarquia de funções e relações

adquirem a forma de razão objetiva: a lei e a ordem identificam-se com a própria vida em sociedade” (MARCUSE, 1975, p. 91). Assim, o homem passa a ser avaliado, de acordo com o autor, por sua capacidade de realizar, aumentar e melhorar as coisas socialmente úteis. Desse modo, “a produtividade designa o grau de domínio e transformação da natureza, a progressiva substituição de um meio natural incontrolado por um meio tecnológico controlado” (MARCUSE, 1975, p. 143). A modernidade da razão e da produtividade vai definir, então, um meio controlado, distante da desordem natural, caracterizado pela organização do espaço social tecnologizado pela racionalidade científica (expressos na gestão e no planejamento do Estado e da empresa) e pela produtividade do indivíduo num sistema que exige e controla seu desempenho como possibilidade única de sua existência. São necessários a razão exploradora, a domesticação dos instintos da natureza e o estabelecimento de uma ordem lógica regida pela necessidade de produtividade.

Assim sendo, a modernidade se instaura como um paradigma que funda as bases de uma sociedade que preza a organização para a produtividade e a reprodução do capital. As necessidades de ordenamento são estabelecidas no campo da formação de uma cultura “supra-orgânica” que irá organizar o campo social em conjuntos de identidades fixadas aos sujeitos e organizadas em relação a padrões lógicos e “naturalizados” das normalidades sociais e seus desvios. Vinculado à necessidade de regramento do comércio, da produção e da geração de mais-valia, o homem moderno torna-se regido por um conjunto de procedimentos objetivos que o alienará mediante as necessidades vinculadas as suas avaliações de desempenho.

Como expressão dessa objetividade, a urbanidade se organizará como uma materialidade e uma forma social. A vida nas cidades torna-se então regida por um sistema instrumental que requer o máximo proveito de produtividade dos homens. Suas vidas, assim, tornam-se condicionadas pela lógica do trabalho e pelos mecanismos morais instaurados nas relações sociais. Além da moralidade, como expressão das vontades hegemônicas disseminadas no tecido social, o sistema jurídico racional apresenta a fatalidade das condições de se viver em sociedade.

O espaço social, por esse viés, é representado pela organização das regiões dentro das fronteiras dos Estados Modernos, pelas ações de planejamento e ordenamento territorial. Na escala urbana se evidencia, por um lado, o ordenamento racional e funcional das localizações e dos fluxos urbanos e, por outro lado, a manifestação de um modo de vida caracterizado pelo comprimento das obrigações que medem o desempenho dos indivíduos: pelos papéis sociais normalizados em identidades mais ou menos fixadas, pela instrumentalidade das trocas socioeconômicas e pelo raciocínio lógico nas ações e interações sociais.

### **3.2. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL E OS CONDICIONAMENTOS COTIDIANOS**

Podemos dizer que a modernidade refere-se a todo um conjunto de esforços e ações acumuladas historicamente que vão organizar a sociedade em prol da manutenção da reprodução econômica e das classes ou agentes sociais beneficiados por essa reprodução. O estabelecimento de mecanismos de controle perpassa tanto o campo das idéias, que impregnam o social e legitimam certas formas de “ser” e “estar” cotidianos, como a própria organização do espaço e das relações entre suas diferentes escalas.<sup>31</sup> A consolidação da organização do espaço mediante uma complexa funcionalidade promove a manutenção do *status quo* das estruturas hierárquicas de poder. Os poderes agem e emanam das próprias relações sociais, de acordo com Foucault (1993). Nesse sentido, tendem a reproduzir o social concreto e abstrato (o visível concreto e os pensamentos das pessoas). A lógica do poder apresenta-se como lógica da sociedade disciplinar, cujas formas construídas são objetividades de controle e cujas ações estabelecidas são produtos dos próprios sujeitos mediante suas atividades de desempenho numa complexa teia de funcionalidades.

---

<sup>31</sup> O capitalismo se organiza em processos de oligopolização que atingem a escala global. A crucial necessidade de manutenção da reprodução do capital em certos agentes econômicos organiza uma complexa teia que perpassa o estabelecimento de padrões de moralidade e de legalidade que se tecem entre diferentes escalas nos quais ligam diferentes contextos de acumulação. A organização assim preza o local, a cidade, a região, o Estado e os vínculos com o mundo.

A organização do espaço social ganha mecanismos complexos e dinâmicos não percebidos rapidamente: são os discursos políticos, as informações carregadas de intenções específicas, os projetos de infraestrutura que gerem os espaços urbanos e o regional, as repetições de atividades inseridas nas relações cotidianas e a inserção pessoal inevitável em instituições sociais inquestionáveis. Todos esses são mecanismos devidamente calculados que produzem as engrenagens eficazes de poderes que abarcam todo o campo social.

No surgimento da sociedade urbana, desde o final do feudalismo, era preocupante a necessidade de organização da diversidade social que tornava caótica a convivência espacial e perigosa aos projetos da classe burguesa dominante. A organização legal do espaço regional e urbano (o planejamento do Estado na escala nacional e local urbana) apresenta-se como premissas à integração/dominação das diversidades culturais a fim de converter essas energias em capacidades de produzir trabalho e capitais. Os ideais centrados no reformismo racional do liberalismo, emergentes após a Revolução Francesa, legitimam a racionalidade nas atividades de planejamento em prol do desenvolvimento e do progresso da cidade, da região e da nação. Tais ideais vão evidenciando a interligação das escalas mencionadas e reforçam um pensamento abstrato de pertencimento individual a todas elas, ou seja, a um povo ou a uma nação que representa uma totalidade cultural e econômica, mas que, na realidade, servem de território ampliado de reprodução de classes dominantes e de seus jogos de interesses.

O poder acaba sendo exercido diretamente nos corpos dos indivíduos, que vão ser submetidos, domados, transformados para o trabalho e docilizados para se tornarem úteis. O poder que emana das relações e das organizações objetivas da sociedade é denominado por Foucault (1984) por “disciplinas”. Na “sociedade disciplinar”, as condições dos indivíduos convergem para regras naturalizadas pela história das relações sociais e expressam a normalização de todas as atividades e suas instituições. Para Foucault, a sociedade se organiza em um conjunto de lugares por onde os comportamentos podem obter normatividade, sendo “instituições disciplinares” que objetivam corrigir e integrar os indivíduos através de uma forma de

poder ligada a “ortopedia social”. As instituições disciplinares funcionam a partir de “poderes laterais impessoais” (ao invés da verticalidade visível do antigo poder pessoal), como a polícia, as instituições psicológicas, psiquiátricas, pedagógicas e médicas. O poder, então, é a ação dos indivíduos sobre eles mesmos. Essas ações de regulamentação presentes nas interações entre os indivíduos advêm da incapacidade deles de questionarem os valores vigentes e da necessidade de desempenhar as atividades necessárias e comportamentos inerentes ao “dever ser” (não ao ser propriamente dito) em sociedade.

Além disso, Prata (2004) observa como força desse processo a própria existência da norma que é reforçada pelo “temor à norma”, que funciona como “culpabilização”. Concomitante a isso, a norma funciona a partir de um constante processo de produção de “verdades”, como efeitos específicos do poder, que agem para classificar, julgar e definir maneiras de viver dos indivíduos. Os poderes, de acordo com Foucault (1999), funcionam como formas de sujeição regionalizadas e instituídas localmente, o que não implica saber sobre “quem tem o poder”, mas saber como ele se implanta e acaba produzindo efeitos de realidade.

Segundo Lefebvre (2001), o processo de industrialização estabeleceu uma organização racional da vida pública urbana, uma vez que o advento da cidade industrial rompe com o sistema urbano preexistente. O urbano medieval e comercial, antes da Revolução Industrial, representa justamente a centralidade do encontro, do comércio e da visualização de um espaço público de discussão e de vivência conjunta. A cidade industrial, segundo Lefebvre (2001), é representada por um traçado racional e uma funcionalidade fria longe da cidade preexistente. Com a intensificação do processo de industrialização e a acumulação de população perto das fábricas, a cidade industrial torna a cidade comercial. Nesse sentido, o que se observa é um choque violento entre sociedade urbana e sociedade industrial, cuja racionalidade da produção mecânica influencia e determina a produção de relações sociais instrumentais e gera instituições criadas para perpetuação dessa funcionalidade.

O autor observa que a cidade industrial tende a crescer em virtude do êxodo rural. O campo acompanha as mudanças da sociedade industrial e moderniza-se - é

subjugado pela indústria -, tornando-se mais produtivo e, ao mesmo tempo, atingido por um processo de concentração fundiária. Por esse crescimento, a cidade tende a “explodir” e, ao mesmo tempo, “implodir”. “Explodir” pela proliferação de subúrbios industriais e/ou de classe distintas, planejados pela tecnocracia estatal ou produzidos por processos fundiários caracterizados pela racionalidade da rápida lucratividade da produção da terra urbana. “Implodir” por os centros urbanos tradicionais tenderem a perder importância, deteriorando-se arquitetonicamente e agregando população desviante das condições de convivência e relações padronizadas da Modernidade fabril.

A planeamento racional ataca a cidade para organizar as relações sociais caóticas existentes nela. Um primeiro exemplo disso é a (re)construção da Paris de Haussmann. O centro de Paris, em 1848, abriga uma diversidade social e uma infinidade de ruelas e casas que faziam florescer a vida boêmia e o contato com a diversidade de tipos sociais e diferentes classes sociais. É fato que essa democracia urbana ameaçava os privilégios das classes dominantes. Dessa forma, o centro de Paris é planejado a partir de um conjunto de monumentos e “boulevares” que dinamizam a circulação geral, principalmente a policial, e dificultam as agregações populacionais conspirativas que se escondem entre o antigo traçado orgânico. Em um segundo momento, a suburbanização faz explodir a cidade, tirando os operários e, posteriormente, outras classes do convívio e da obra urbana. A suburbanização marca a funcionalização do espaço e a racionalização das relações sociais, intensificando um modelo de vida especializado e marcado por um individualismo crescente.

Na continuidade do processo, já no século XX, com o crescimento populacional e a grandiosa aglomeração populacional urbana, os poderes municipais, como o de Paris, não conseguem controlar a produção do espaço. Nessa cidade, por exemplo, criam-se nos subúrbios os chamados “pavilhões”, condição de uma lógica orgânica, muito diferenciada da realidade funcional dos conjuntos habitacionais. Emerge nos pavilhões a possibilidade de realização das práticas sociais autênticas e comunitárias, do encontro e da diversão. A diversidade social e o afrouxamento do controle do Estado nos pavilhões produzem formas de convivência

que tendem a romper um pouco com a racionalidade da urbanidade industrial, acentuando a produção de um espaço orgânico estabelecido por relações sociais mais puras e não-condicionadas à lógica das instituições sociais modernas.

Até agora verificamos uma série de eventos que convergem para a formação de uma sociedade organizada por uma racionalidade instrumental e funcional vinculada as urgências da acumulação e reprodução do capital e dos agentes que se beneficiam dessa acumulação/reprodução. A funcionalidade da cidade industrial apresenta-se como evidencia da transposição da racionalidade abstrata num traçado e numa rede de relações concretas que vão moldar a vida dos indivíduos. Na ótica do indivíduo, a civilização e a construção da sociedade moderna, que vai culminar na racionalidade urbana-industrial, marcam a descrição de Freud da transformação do “princípio de prazer” em “princípio de realidade” (MARCUSE, 1975).

O homem, vinculado a uma realidade e a um conjunto de verdades estabelecidas, tende a transformar seus impulsos “animais” em um “ego organizado”, desenvolvendo-se em função da razão ao examinar a realidade e distinguir o que é bom e o que é mau, verdadeiro e falso, útil e prejudicial, tornando-se um sujeito consciente, pensante e equipado para uma racionalidade que lhe é imposta de fora (MARCUSE, 1975, p. 35). Nesse sentido, de acordo com o autor, o princípio de realidade materializa-se num sistema de instituições sociais organizadas, e o indivíduo, em contato com essas instituições, apreende que os requisitos do princípio de realidade são os da lei e da ordem.

Esse vai ser o sentido da civilização descrita por Freud (1974), ou seja, a realidade expressa pela cultura dos valores e realizações supremos, porém repressivos. Por outro lado, Freud observa que o princípio de realidade nunca cessa de ser restabelecido na própria história, indicando que o triunfo sobre o princípio de prazer nunca é seguro e completo. Nesse sentido, tal princípio, mesmo convertido em sublimações úteis à razão das trocas sociais, sempre se apresenta como força pulsante no indivíduo, o que indica a eterna luta primordial pela existência, condicionada ao seu antagonismo eterno em relação ao princípio de realidade.

Touraine (1994) evidencia uma modernidade que nunca se completou, uma vez que as realidades dos projetos de massificação ordenativa dos grupos humanos

nunca se adequaram efetivamente nos diferentes lugares do mundo. Por outro lado, o autor enfatiza sim um processo de “modernização” que apresenta como outra realidade que não aquelas racionais e abstratas das ações planejadoras do mundo material e dos discursos massificadores de verdades universais da razão científica e da moral. As forças das contestações das diversidades dos grupos humanos são movidas pela força do “princípio de prazer”, que enfatiza os valores localizados, as relações afetivas e comunitárias, o prazer e a espontaneidade contra a racionalização e instrumentalização das relações condizentes aos processos repressores que procuram instaurar uma universalidade e uma homogeneidade cultural, produtiva e institucional.

Como exemplo disso encontramos a própria evidência de processos contraditórios no contexto dos primeiros passos ordenativos do espaço urbano presentes na Paris de Haussmann, descrito por Lefebvre (2001). O surgimento dos “pavilhões” supõe a incapacidade do princípio de realidade instituir totalmente a razão nas relações humanas e nas suas formas produzidas. Além da realidade, os pavilhões apresentam-se como outras realidades não totalmente racionais, talvez irracionais, instintivas, prazerosas e afetivas, como fundamentos de outros interesses: o de se viver em coletividades afetivas e prazerosas e não em meio a um conjunto prático de fluxos e interações instrumentais.

Além do mais, a própria realidade dos bairros, além de muitas outras realidades desiguais existentes pelo mundo afora, apresenta-se por um conjunto de indivíduos que não conseguiram acompanhar às exigências econômicas pretendidas pelo princípio de desempenho nas sociedades capitalistas. Múltiplas patamares de exclusões levam a múltiplas formas individuais e coletivas de reinventar-se o mundo civilizado. Além disso, em virtude desses múltiplos veios de exclusão, são estabelecidas diversas tentativas de escape das necessidades de organização dos egos individuais (e também coletivos)<sup>32</sup>. O mundo das diversas exclusões inerentes

---

<sup>32</sup> A razão unifica egos, mediante princípios comuns, causando a massificação ordenativa. Os desvios em relação à ordem e os preceitos de desempenho, assim como os “veios” de escape deles, podem ao mesmo tempo implicar um caos individual como contestações coletivas (movimentos sociais) e exclusões (aglomerados de exclusão, favelas, guetos, governos paralelos). Devemos, porém, relativizar a exclusão e a contestação, uma vez que elas ou pertencem, ou são frutos, ou apresentam algum elo ao processo universal de racionalização/funcionalização e reprodução do capital.



às forças de desigualdades existentes no seio do modo de produção capitalista aproxima muitos indivíduos e grupos a situações distantes dos atributos de uma imagem pretendida de civilização.

Por esses contextos, aquém da civilização e da civilidade, emergem forças próximas a natureza<sup>33</sup> pelas quais os atributos do princípio de prazer são os que mais tendem a emergir. Por outro lado, somente podemos entender a emergência dessas exclusões e/ou contextos “quase natureza” (contextos permissíveis à promoção do livre prazer) pelo seu pertencimento a um processo que busca a totalização dos regramentos pela razão (desde a antiguidade grega) e que constitui a história da civilização humana que atinge seu ápice na modernidade capitalista-industrial. A razão vai implicar, então, a política da restrição dos impulsos e das paixões humanas em busca de uma sociedade perfeita e equilibrada. Por outro lado, os próprios domínios dessa sociedade, cuja perfeição é impregnada como meta a ser seguida, são corrompidos pelo extravasamento desses impulsos, presentes nos elos, domínios e processos e ações dos próprios agentes de modernização.

### **3.3. O URBANO COMO DIALÉTICA DO CONTRA E DO A FAVOR DA SOCIEDADE**

O processo de urbanização, de acordo com Clark (1985), está relacionado, além da concentração de pessoas na cidade e do aumento do número de cidades, ao florescimento de uma cultura urbana, que tende a diferenciar-se das relações estabelecidas no meio rural. Na cidade as pessoas se vinculam a atividades fragmentadas e especializadas, o que acaba promovendo uma individualização extremada, que é dinamizada pela necessidade de ascensão social, fazendo da cidade um lugar de desconfiança, concorrência e, ao mesmo tempo, de diferenciação extrema. A cidade é corrompida pelo urbanismo moderno. A cidade na modernidade

---

<sup>33</sup> Latour (1994), em **Jamais fomos modernos**, salienta a modernidade como expressão do distanciamento da sociedade em relação à natureza. Por outro lado, também salienta que o produto desse distanciamento nunca se estabeleceu por um completo distanciamento e uma definição precisa de polarizações sociedade e natureza, mas contextos diversos caracterizados como “híbridos” produzidos pelos processos desiguais existentes no seio da própria modernidade (mais caracterizada como modernização): são os diferentes contextos de “sociedades-naturezas”.

se diferencia daquela cidade requerida na antiga Grécia, caracterizada pela formação do espaço público de encontro com os diversos interesses pela cidade e da “ágora” da discussão democrática.

A cidade da modernidade é abarcada pelo urbanismo moderno, como conseqüência da “funcionalidade da máquina” da sociedade industrial. Como nos mostrou Lefebvre (2001), essa cidade, conseqüência da emergência da razão instrumental do iluminismo e da concentração do capital, que se tornou industrial, significou um choque com a cidade preexistente: a cidade comercial, ou seja, o lugar da possibilidade de existência, de encontro e de trocas simbólicas entre as diversidades culturais. A cidade industrial, conseqüência da emergência da modernidade, é condição da formação da sociedade disciplinar, racional e instrumental, cujo próprio traçado, cujas organização dos objetos e relações sociais (qualificadas pelas frieza das trocas mercantis, da maquinaria do trabalho e dos procedimentos burocrático-instrumentais) levam à “particularização” e a “alienação” humana.

Sennet (1998) observa o espaço público moderno como condição da sua contradição, ou seja, a característica de um individualismo extremado que leva a um intimismo generalizado na vivência desse espaço. Por outro lado, em virtude de o espaço público não representar o encontro com a diversidade e a discussão democrática sobre a cidade, ele é atacado por diversos microcontextos de “privatizações ilícitas” e de microenclaves de vivência afetiva dos “desgarrados” do conjunto de previsões racionais modernas.<sup>34</sup> Assim, se estabelece, então, a realidade urbana como expressão das contradições existentes entre “subúrbios” e “pavilhões” da Paris descrita por Lefebvre (2001).

---

<sup>34</sup> Senett (1998) argumenta que o espaço público declina por dois aspectos: um pelo extremo intimismo gerado pela funcionalização do espaço e das relações sociais, e outro pela própria contradição existente também no espaço privado. A política do espaço público, para Arendt (1998), significa o enfrentamento das paixões e da produção de regras de convivência entre elas. Na modernidade urbana, as paixões são relegadas ao espaço privado (da família). Por outro lado, o espaço afetivo-privado da família é propriamente produzido por uma extremada repressão moral, tornando-o *locus* da efetiva repressão das paixões. Na formação de um contexto privado repressivo e na instrumentalização e “intimização” do espaço público, as paixões vão convergir para novos contextos “público-privados” no seio do próprio espaço público: são os enclaves de uniões dos “desgarrados” das necessidades de desempenho na sociedade moderna. Esses contextos “privatizam” partes do espaço público em microconvivência com outras que se diferenciam das formas de relações baseadas na instrumentalidade e moralidade modernas.

A cidade e a urbanização seriam, sob a perspectiva da modernidade, uma forma e um conjunto de relações profundamente desagregadoras (contra a coletivização humana e formação de comunidades). Isso implicaria, segundo Oliven (1987), a formação da cultura urbana caracterizada por relações instrumentais preponderantes às afetivas, caracterizada pela competição individualista, pelo anonimato e pelo desempenho de papéis sociais racionalizados e fragmentados. A cultura urbana se diferenciaria da cultura camponesa, que se apresentaria com características homogêneas, sem forte diferenciação quanto aos papéis sociais a desempenhar, com uma forte solidariedade grupal (ajuda mútua) e cujas relações apresentam-se preponderantemente espontâneas, sem fins racionais e instrumentais.

Podemos observar a contradição estabelecida ao conceito de “cultura” às características de convivência na cidade. No desenvolvimento do trabalho de Gomes (2002), a “matriz nomoespaço” está relacionada a um projeto de regramento das relações sociais, estabelecendo critérios e parâmetros que irão definir as banalidades cotidianas no meio urbano.

Como já vimos, o início da urbanidade moderna vincula-se à polidez e à teatralização das posturas e dos comportamentos tomados da nobreza francesa nos séculos XVIII e XIX. Esses costumes se diferenciam daqueles dos camponeses pobres, separando a vida urbana das comunidades rurais e, num segundo momento (o momento da industrialização), o modo de vida urbano é influenciado pelos valores científicos racionais (emergentes desde o Iluminismo e com a ciência positivista). Como nos lembra Lefebvre (2001), os comportamentos e as relações sociais tornam-se meramente instrumentais e movidas por interesses específicos engajados no processo reprodução social sob a lógica econômica capitalista industrial (a extração da mais-valia).

Quando Gomes (2002) desenvolve a idéia sobre a matriz “nomoespaço” ele observa na urbanização e na modernização da sociedade um projeto civilizacional que se difere de um projeto cultural. O projeto civilizacional apresenta, na escala urbana e do Estado-Nação, a totalização das práticas sociais sob a perspectiva racional (instrumentalidade e funcionalidade), dando conta de organizar as contradições perigosas da diversidade cultural (afetivas, espontâneas, comunitárias).

O processo de totalização daria cabo à estruturação de uma moralidade definida por princípios lógicos e naturalizados pelas relações sociais (dados como verdades natas) e a um corpo material de objetos burocráticos e disciplinadores condizentes com o modelo panóptico<sup>35</sup> de Foucault (1984).

Relacionado a isso colocamos o conceito de cultura em discussão. Duncan (2003) discute a concepção de cultura por dois vieses: o primeiro como entidade supra-orgânica e o segundo como orgânica. O autor, na verdade, defende a noção de cultura como processos de interações entre as pessoas que representam um contexto, uma localização de costumes estabelecidos por uma dinâmica interativa, caracterizados como produções orgânicas e espontâneas dos indivíduos que remetem, ao mesmo tempo, a permanências e à mutações através das gerações. Nesse sentido, cultura seria um processo dinâmico e, ao mesmo tempo, espontâneo que se construiria na interação face a face nas localidades humanas. Por outro lado, Duncan (2003) nos demonstra muito bem como o conceito de cultura foi desenvolvido de forma contrária a essa perspectiva. A noção de cultura como entidade supra-orgânica remete justamente ao projeto moderno que pretendia/pretende a organização dos comportamentos sociais, tornando-os previsíveis. Por esse viés, a cultura apresenta-se como uma extrema força gigantesca que iria imprimir uma série de valores, posturas, formas de ação e situações possíveis às ações sociais, que iriam ser impressas e abarcar todo o corpo social. Nesse projeto, segundo Oliven (1987, p. 18),

[...] a cultura não é encarada como um fenômeno que é produzido pelos homens como resultado das relações sociais, mas como algo externo à sociedade e que seria uma espécie de variável independente. O comportamento social seria então explicado como resultado da cultura, e não o contrário.

Freud (1974) explica essa noção de “cultura” impressora de valores e criadora de personalidades como emergência de uma civilização moderna. A personalidade dissolveria o indivíduo, uma vez que ela representa as imposições morais que

---

<sup>35</sup> O panóptico, de acordo com Prata (2004), foi definido inicialmente por Jeremy Bentham e refere-se a um edifício em forma de anel, com pátio no meio, uma torre central e um vigilante. O anel se divide e celas que dão para o interior, que permite que o olhar do vigilante as atravesse. Essa forma apresentaria a caráter disciplinar, referindo-se também às escolas, às prisões, às fábricas, etc.

ensinam que o homem não pode saciar livremente seus impulsos instintivos (pulsões que buscam o prazer). O motivo da cultura seria sustentar a vida dos membros de uma sociedade restringindo seus impulsos (possíveis de se tornarem destrutivos), desviando sua energia para o trabalho e para a sexualidade.<sup>36</sup> A civilização seria fundada na supressão dos instintos, para o autor.

Freud (apud MARCUSE, 1975) explica que a formação da cultura<sup>37</sup> estaria ligada à figura do pai repressor, que se apodera da mãe (prazer), e que impõe a noção do “ideal do ego” (a personalidade condicionada ao trabalho e aos propósitos morais), ou seja, a canalização das pulsões/energias destrutivas (pulsões e morte)<sup>38</sup> à utilidade e às condições de respeito, convivência e afeição entre indivíduos. No entanto, na ordem patriarcal, ocorreria um ódio muito forte dos filhos, e a rebelião deles levaria ao assassinato e à devoração coletiva do pai, culminando no estabelecimento do clã de irmãos. Por outro lado, a culpa pelo assassinato levaria à adoração do pai (divindade) e à emergência de restrições que originariam a moral. A moral emergiria, assim, como contenção individual em virtude do interesse e da preservação do grupo. A passagem da dominação de um para a dominação de todos faz com que o prazer se “autopropague” e que a repressão seja “auto-imposta” no grupo. A repressão, a partir de tabus (moral), vai impregnar a vida dos próprios opressores e as energias individuais vão ser sublimadas por essa repressão “auto-imposta”, expressa pelo trabalho (social) e pela afeição/respeito, condições das interações civilizadas impostas pelos tabus.

Para Freud, a civilização apresenta, assim, sua origem no sentimento de culpa (complexo de Édipo) contraído pelo assassinato do pai pelos irmãos. O assassinato satisfaz o instinto agressivo, mas causou-lhes remorso. Do remorso emergem os tabus que vão significar as restrições que impediriam novamente o fato (agora a destruição dos irmãos pelos irmãos), ou seja, a satisfação do impulso agressivo e a possível vida em sociedade de irmãos. O conjunto dos tabus formaria o superego,

---

<sup>36</sup> A sexualidade aqui, como Eros, vai representar a emergência do amor e da afeição como compromisso com o outro, não o outro sendo puro objeto de prazer pulsional, cuja relação tenderia a destruição do objeto desejado.

<sup>37</sup> Aqui civilização ou como cultura supra-orgânica de Duncan.

<sup>38</sup> A pulsão de morte é regida pelo princípio do nirvana, ou seja, a aniquilação completa do prazer pela emergência do nada, da destruição da matéria, do objeto e, finalmente, do próprio sujeito.

que suprime as pulsões agressivas em busca da satisfação do pleno prazer (id). O impulso agressivo contra o pai e seus sucessores é derivativo do impulso de morte (que, caso não fosse contido, tenderia a aniquilação total do grupo, atingindo o princípio de nirvana). Os tabus (formadores do superego), além de representarem a culpa pelo fato, possibilitam a manutenção da vida.<sup>39</sup> Os tabus sublimam a pulsão de morte, tornando-a energia em sexualidade,<sup>40</sup> que guarda consigo a civilidade do amor, da afeição, da cortesia, do respeito e do romantismo, ou seja, Eros. E Eros torna-se a renúncia do instinto/pulsão de morte (a necessidade de totalização do prazer ou nirvana), combinando vidas em unidades cada vez maiores e produzindo a cultura. A cultura, assim, é a combinação possível de vidas em unidades maiores. A combinação é a totalização da energia sexual sublimada em condições de existência de vida (social) contra o princípio de nirvana.

Por outro lado, Marcuse (1975, p. 87) verifica que a cultura exige sublimação contínua: ao mesmo tempo que as inibições se propagam, os impulsos agressivos seguem na mesma ordem. Eros implica sublimação das pulsões em uma ordem moral da preservação da vida, o que implica a formação do “ideal do ego”, ou seja, a idealização do indivíduo, culminando no conflito/fusão<sup>41</sup> entre Eros e instinto de morte. A idealização do ego acaba sendo propagada/acumulada pela cultura moderna, assim como o é a “labuta” do trabalho, que impõe uma repressão profunda das possibilidades de prazer.

Por um lado, a fusão entre Eros e instinto/pulsão de morte representa a subjugação do elemento hostil. Por outro lado, a sublimação contínua enfraqueceria o Eros (sublimação cultural: romantismo, respeitabilidade, afeição, admiração, compromisso), tornando-o “mais-repressão” (lei, norma, autoridade vertical violenta, ditadura, trabalho, função, razão). A mais-repressão vai representar a

---

<sup>39</sup> Aqui se apresenta a noção de “impulso de vida”, assim explicada: a ausência do poder supremo do pai faz com que irmãos contenham seus impulsos pela invenção dos tabus, que acabariam preservando a vida numa situação sem regulação suprema dos impulsos de morte.

<sup>40</sup> Sexualidade aqui não é pulsão, mas a sublimação da pulsão, transformando-a em comportamento cultural.

<sup>41</sup> Temos que entender que o Eros não é somente a contradição entre as pulsões de vida e de morte, mas uma instância que combina as duas e satisfaz ambas. O Eros forte leva à preservação da vida pelo amor em relação ao outro, pela solidariedade, entrega e assistência.

“dessexualização” e o enfraquecimento do Eros.<sup>42</sup> Isso acaba libertando os impulsos destrutivos. A civilização, assim, é ameaçada pelos instintos de morte (que quer ascender sobre o instinto de vida) e, de acordo com o autor, tende para a autodestruição.

A cultura, ou a civilização, para Freud (1974), convergiria/estaria intimamente ligada/expressa no indivíduo pela produção da personalidade, cujas forças tenderiam de produção do ideal do ego. Nesse sentido, a psicanálise acaba sendo também uma teoria da sociedade (civilização e a sociedade moderna). Em sua teoria, ele procura resolver a discussão e a dialética existente entre indivíduo e sociedade.

O Eros, para preservação da vida, é acumulado em unidades maiores e gera a sociedade: conjunto de instituições que regula todos os impulsos individuais. Porém, a sociedade cresce, e o prazer se propaga no clã de irmãos. O Eros procura seu equilíbrio, porém, em relação o adensamento populacional, o prazer se propaga em múltiplas condições de dominação na sociedade de irmãos.

Ao mesmo tempo em que se auto-regulam (condição da sociedade), múltiplas condições do prazer de dominação dos objetos (irmãos e coisas) se estabelecem e levam à desigualdade dentro da sociedade (condição do desequilíbrio da regulação civilizada). Na sociedade capitalista, então, é latente essa desigualdade. Goldmann (1979) observa que o capitalismo expressa desordem, uma vez que sua principal característica é a promoção do desejo/prazer. As relações de consumo expressam a emergência do prazer de possuir e de destruir.<sup>43</sup> Na sociedade capitalista, o Eros está desequilibrado (relações sociais desiguais e de exploração), e isso levaria à autodestruição pelo consumo de tudo e de todos. Os processos capitalistas de exploração social levariam à necessidade da “mais-repressão” para o equilíbrio das relações entre o clã de irmãos. A mais-repressão se organizando-se em instituições cada vez maiores para o equilíbrio dos instintos de dominação e de consumo (destruição) de coisas/objetos/sujeitos.

A história da civilização, para Freud, é a história de sua dialética. No capitalismo, ela é expressa, conforme Goldmann, pela dialética entre

---

<sup>42</sup> O equilíbrio da fusão representativa do Eros seria quebrado, e a balança penderia para a emergência do prazer dos impulsos de morte.

<sup>43</sup> Consumir lembra destruir o objeto desejado.

prazer/desordem de consumo e ordem das instituições, da moral e da racionalidade. A modernidade repressiva também acaba sendo produto dessa dialética: ao mesmo tempo que gera intuições de controle das pulsões pela racionalidade nas relações sociais, é produto de relações desiguais no mundo do desejo e consumo capitalista. Por entre a racionalização de suas estruturas e instituições sempre o desejo acaba emergindo como latente nas relações desiguais de produção/consumo/acesso.

A modernidade é expressão de suas próprias contradições (TOURAINÉ, 1994), uma vez que a ordem racional sempre existiu perante sua contradição: a irracionalidade dos instintos impulsivos/consumistas. Na história das contradições instintivas da modernidade, a mais-repressão torna-se evidente: mais-repressão torna-se via de promoção de prazer de poucos em relação a muitos. A racionalização/funcionalização da vida de muitos se torna condição da existência do consumo e do poder de destruição das pulsões de poucos.

Em relação aos muitos dominados, a força das ordens modernas, racionalizadas em intuições repressivas, gera a canalização dos impulsos destrutivos pela histeria, de acordo com Freud (1974). Pela análise da histeria, Freud encontra, no indivíduo, a civilização e a sociedade, suas existências como instâncias integradas/dialéticas/contraditórias. Os casos de histeria seriam evidência das repressões exercidas pela moral e ordem modernas, nos quais os impulsos prazerosos/destrutivos encontram uma “válvula de escape” em meio às impossibilidades de exercício sociedade. A sociedade é condição da mais-repressão, ou seja, da canalização da energia do impulso sexual pela labuta (função/produção) e pela sublimação (compromisso/respeito/entendimento das condições de felicidade social).

No entanto, conforme Prata (2004, P. 43),

[...] ainda que a histeria, por exemplo, funcione como um refúgio para o sujeito diante das pressões sociais, talvez possamos também percebê-la como um modo de reação contestatória à disciplina, ou seja, não apenas como um esconderijo, mas como um modo de reação às normas sociais. Assim, na histeria de conversão, será que não poderíamos, para além de uma interpretação que a situa sempre no pólo negativo do queixume, ressaltar sua recusa à “docilização” do corpo?



Podemos entender a sociedade moderna como próxima à idéia de sociedade disciplinar descrita por Foucault (1984). A sociedade se organizaria, então, num conjunto de instituições, procedimentos, práticas e discursos que convergiriam a docilização dos corpos. O cumprimento das regras necessárias à vida em sociedade também serviria à manutenção da estrutura desigual do capitalismo.<sup>44</sup> A “sociedade-disciplina” é condição da necessidade de mais-repressão, ou seja, não mais a condição primeira da civilização como convergente para a pulsão de vida, na qual os instintos destrutivos são acatados pelo equilíbrio do Eros (da sexualidade, do amor, da sublimação pelo comprometimento e afeição com o outro).

O “panoptismo” social constitui a vida sobre a norma e a disciplina, coisa que enfraquece Eros e, aquém da pretendida disciplina, o que ocorre é a explosão da histeria e das ações de destruição. Nesse sentido, mesmo dependente dos impulsos de prazer (sublimado pelo consumismo de mercadorias)<sup>45</sup> o capitalismo deve encontrar meios de promovê-lo sem desorganizar suas estruturas hierárquicas. A hierarquia é representante da possibilidade de exercer prazer sobre os outros, assim como a racionalidade é a repressão organizadora dos muitos em virtude dos prazeres de poucos. No entanto, em virtude da mais-repressão que exerce, a sociedade disciplinar entra em colapso, em virtude da variante contestatória que gera. Foucault (1988) observa que o poder que regra e disciplina sempre está fadado ao fracasso e obrigado a recomeçar. Esses constantes recomeços geram mais-repressão. Nesse sentido, o recomeço significa o fracasso do poder e da disciplina, assim como o fracasso das normas que mantêm o prazer dos poucos detentores de prazer e poder<sup>46</sup>. Assim, a sociedade disciplinar torna-se inadequada aos princípios do capitalismo, uma vez que esse centra-se no prazer de consumo, mas também na capacidade de manutenção do pleno prazer (consumo) daqueles que o fundam, pela disciplina.

---

<sup>44</sup> A organização da sociedade como modo de manter a promoção do prazer de uns poucos sobre muitos outros.

<sup>45</sup> No capitalismo tudo se torna mercadoria: os produtos do mercado e o mercado de corpos, de paisagens, de culturas e de idéias. Pela necessidade de maior rentabilidade, o mercado se expande e consome tudo. O capitalismo, assim, apresenta-se também como autodestrutivo, uma vez que o consumo de tudo e de todos pode ser comparado à destruição de tudo e de todos no princípio de nirvana.

<sup>46</sup> Poder significa, assim, também prazer.

A disciplinarização constante pela mais-repressão gera a contradição da histeria, que tende a tornar-se coletiva, que culmina na necessidade de destruição de todas as estruturas que geram mais-repressão, ou seja, todos os poderes instaurados. Marcuse (1975), nos remetendo a Freud, chama isso de o eterno “retorno do oprimido”. Nesse sentido, é necessária ao capitalismo contemporâneo uma nova sociedade, que não contenha a mais-repressão em forma de disciplina e que mantenha a desordem do prazer de consumo; porém, não a desordem contestatória sobre ele mesmo.

Deleuze (1996) verifica que essa necessidade do capitalismo está acontecendo na contemporaneidade. A evidência disso talvez seja a deslegitimação e a desordem existentes em instituições próprias da sociedade disciplinar, como a crise das escolas, das prisões, dos hospitais, assim como a crise de todos os discursos tidos como verdades absolutas e dos binarismos que expressariam as sínteses autoritárias entre “certo” e “errado”. O controle e o poder a cada dia são menos impessoais. Além de impessoal, o poder é ausente, e o que controla é a própria ação/pensamento do indivíduo. Nesse sentido, o meio técnico-científico-informacional, cuja informação é o principal vetor da sociedade (SANTOS, 1999), torna-se a lógica da sociedade de controle. A sociedade da informação rompe a disciplina pela manobra de idéias que produzem os sujeitos, constantemente reinventando-os pela promoção do prazer de consumo.

Erenberg (apud PRATA, 2004) verifica que, na sociedade de controle, o homem é proprietário de si mesmo, e a relação indivíduo-sociedade não é representada mais pela disciplina, mas pela iniciativa individual em se projetar, sendo a auto-estima a condição da ação, que rompe a norma. Ao mesmo tempo, o homem contemporâneo insere-se no mundo da informação buscando sinais para agir e promover-se perante os outros.

Nessa necessidade de projeção a diversidade emerge e a criatividade é norma. A sociedade a cada dia se diversifica, e a racionalidade que homogeniza é rompida pela concorrência entre os diferentes e das inovações que reinventam tudo a cada instante. Além disso, a Prata (2004) verifica que o homem, na sociedade contemporânea, busca incessantemente saúde e felicidade, e essa busca representa

a convergência da ação pelo puro prazer: não mais aquele prazer sublimado e estável os quais as instituições modernas queriam produzir, mas o retorno do prazer instantâneo e do indivíduo por ele e para ele mesmo.

Nesse sentido, a vida, conforme Bauman (2001), é, a cada dia mais, regida pelo consumo, cujas normas já não são mais importantes, mas sim a orientação pela sedução e pelos desejos crescentes e instáveis (voláteis). Somos consumidores e devemos sempre estar prontos para adequarmo-nos às novas seduções, mantendo um corpo flexível e ajustável, mantendo a aptidão à ascensão competitiva e o constante ajuste ao novo (consumo, moradia, comportamentos, experimentos diversos, mercado flexível, trabalho flexível). Nesse contexto, o homem é responsável por si mesmo e encorajando à criatividade e à flexibilidade, numa condição social que afrouxa os sentimento de culpas sobre a não-adequação as disciplinas. Por outro lado, além da neurose e da histeria (tidas como condições/doenças modernas), o que ataca o homem contemporâneo é a depressão em não poder dar cabo das necessidades extremas de felicidade agora ligadas ao acúmulo da capacidade de consumir.

Em virtude da crise das instituições disciplinares e ao descrédito em relação a verdades tidas antes como absolutas, assim como do desmoronamento das visões lineares e de um mundo de segurança futura, Lasch (1983) verifica a emergência de uma era da diminuição das expectativas: o futuro torna-se incerto e, nesse sentido, o adiamento da satisfação<sup>47</sup> não tem mais sentido. O que ocorre, então, é o imperativo do gozo, que, para o autor, significa o enorme medo do envelhecimento, a fascinação pela celebridade, o receio permanente da competição, o culto ao corpo e a necessidade de ser reconhecido como um vencedor. Nesse novo mundo, o homem é largado como único responsável por seu sucesso e pela promoção de sua felicidade. Por outro lado, a nova culpa é representada pela situação de não conseguir ser feliz: sua infelicidade acaba promovendo a depressão quanto ao desamparo em que é largado.

---

<sup>47</sup> Imperativo do trabalho e do esforço/sofrimento no presente para construção do futuro melhor: típico discurso da razão moderna e do progresso.

O desamparo generalizado força o homem a resolver-se por ele mesmo: “afundando-se” na depressão e agregando-se à infelicidade/alienação da disciplina da labuta dolorosa e/ou criando novos mundo para promoção da sua felicidade. A depressão, como expressão da dialética contemporânea “felicidade/desamparo/responsabilidade sobre si mesmo” gera a emergência da diversidade do mundo atual e das diferentes forças de expressão do si (indivíduo) e dos mundos diversificados de interações humanas. Na sociedade disciplinar, a norma regia as necessidades de desempenho dos homens e sua adequação ao ideal do ego. Por outro lado, na atualidade, o que mais se percebe é a emergência do eu ideal pela autopromoção da criatividade individual e pelos mundos alternativos que se disseminam, nos quais fluem o consumo instável e o prazer da satisfação instantânea.

Voltando à disciplinaridade promovida pela razão moderna, podemos ver em Marcuse (1975) que esse domínio jamais foi realizado e que seus projetos de totalização sempre foram contestados. Daí a idéia de Touraine (1994) sobre modernização, não uma realidade facilmente moderna. A modernização converge para um mundo que nunca conseguiu progredir para a unidade, mas para uma dialética unidade/diversidade, razão/fantasia, racionalidade/fantasia, ordem/desejo. A principal incompatibilidade à razão é a fantasia; daí seu combate histórico às tradições culturais e ao misticismo contrários aos saberes verdadeiros da ciência. No entanto, em virtude da “grande recusa”, em relação à ruptura da integralidade do homem com a natureza (dos prazeres impulsivos/instintivos), gera-se a fantasia de que “as imagens irracionais de liberdade tornem-se racionais, e as ‘profundezas vis’ da gratificação instintiva assumam uma nova dignidade” (TOURAINÉ, 1994, p.147). Para isso, o autor remete aos personagens clássicos da mitologia grega do Orfeu e do Narciso.

O mundo órfico vai representar o reencontro com a natureza e o narcisista um auto-erotismo que se liga ao meio (mundo objetivo/realidade), integrando o ego<sup>48</sup> às coisas racionais do mundo. Esses mundos vão possibilitar uma outra relação existencial com a realidade, sendo símbolos de uma atitude erótica não-repressiva

---

<sup>48</sup> O ego narcisista pelo qual fluem, pelo auto-erotismo, os impulsos/prazeres ao mundo real.

em relação à realidade, muito além do princípio de desempenho determinado pela racionalidade. A figura do Orfeu é a realidade da irracionalidade, cuja razão não consegue combater: o encontro do homem com a natureza. O Orfeu é o híbrido demonstrado por Latour (1994), e sua idéia é de que “jamais fomos modernos” porque nossas fantasias extrapolam e implodem a realidade e a cultura repressiva da razão e seu projeto de expansão (cujo centro é a grande recusa em relação a natureza). Esse projeto se fez incompleto: perturbou e reprimiu a natureza, arrancando-a do homem. Por outro lado, isso gerou a infelicidade contida no projeto civilizacional e a contestação generalizada ou pela negação ou pela fantasia que extrapola ela mesma e se torna também realidade.

Kant (apud MARCUSE, 1975) observou que a dimensão estética vai ocupar um lugar central na relação de que estamos falando. Para o autor, sensualidade e moralidade são dois pólos fundamentais da existência humana. Kant liga estética ao prazer derivado da forma pura do objeto, independente de seu propósito. O objeto representado pela forma pura é obra da imaginação que dá prazer. A imaginação estética/sensual é criadora, constitui beleza e perturba a realidade/objetividade. Essa perturbação imaginativa pode gerar, então, a “essência de uma ordem não-repressiva” (MARCUSE, 1975, p. 160).

A imaginação, então, nos trabalhos de Narciso e Orfeu, sugere o exercício do puro prazer e a representação do mundo pela imaginação de sua forma pura: “a pura manifestação do seu ‘estar-ai’, de sua existência” (MARCUSE, 1975, 160). A estética, desse modo, apresenta-se como o fortalecimento da sensualidade e a canalização do prazer em mundos possíveis frente à repressão da razão. A ordem não-repressiva da beleza, do prazer e da natureza culmina na realidade incompleta da racionalidade/funcionalidade/moralidade moderna e se aproxima das múltiplas realidades “aqui e agora” ou formistas (forma pura) nas quais Maffesoli (2002) explica.

Como conclusão dessa discussão, podemos evidenciar uma condição dialética da realidade da sociedade moderna. Essa dialética se apresenta pelos seguintes elementos:

- a) a realidade é movida pelo princípio de desempenho, ou seja, pela adequação à moralidade e às exigências da labuta moderna;
- b) o mundo moderno é regido pela funcionalidade das diversas relações de trabalho existentes, fragmentando a vida social e alienando o homem;
- c) a moral burguesa adequou o homem às exigências das instituições sociais;
- d) a condição de mais-repressão apresenta-se como sobre-exigências ao desempenho do indivíduo. Isso provoca a histeria, a neurose e a criação de outros mundos egoísticos por onde ele pode se proteger do mundo exterior e reinventar os impulsos provenientes de seu exterior. A histeria apresenta-se como um projeto de libertação;
- e) o trabalho de imaginação está presente na repressão da razão, criando novas realidades existenciais e aproximando o homem da natureza (da natureza de seus instintos/impulsos e do prazer);
- f) a imaginação que cria novos mundos existenciais tende a aprender a pureza do objeto além de seu propósito, acompanhando a existência estética das interações sociais no “formismo” do acontecimento delas e não somente em virtude a instrumentalidade e a funcionalidades de seus propósitos;
- g) no capitalismo contemporâneo, as condições de mais-repressão apresentam-se como contraditórias à estrutura capitalista de manutenção da obtenção de prazer de poucos sobre a maioria. A mais-repressão gera a histeria e a violência, que vê, na ordem e na razão, a repressão. A histeria volta-se contra os detentores dos prazeres consumistas, perturbando a ordem capitalista;
- h) o próprio capitalismo centra-se no prazer/desordem do consumo contra a ordem da razão e da moral. O capitalismo incentiva o prazer do consumo e libera os instintos destrutivos dos impulsos humanos;
- i) como condição da contradição entre ordem moderna racional/moral e capitalismo dos prazeres de consumo, as instituições disciplinares na atualidade entram em crise; os indivíduos são organizados pela busca incessante de felicidade baseada no consumo, responsáveis por si mesmo

e largados à própria sorte em relação às necessidades de promoverem-se em sociedade. A dialética felicidade/infelicidade leva os sujeitos a criarem seus mundos de promoção da felicidade: várias condições entre os ditames da felicidade consumista e as reais condições de acesso dos indivíduos. Nesse contexto, vários mundos-imaginação-fantasia tornam-se realidades na busca de felicidade.

Sendo assim, o próprio conceito de cultura é dialético. Por um lado, a cultura pode ser encarada como um conjunto de normas e regramentos sociais. Por outro lado, a cultura também é dinâmica e produzida pelas interações sociais localizadas, sendo processos de construção de costumes, atitudes e valores orgânicos a convivência dos indivíduos, que se apresentam carregados de afetividade e sentimento de estar-junto coletivo, contradizendo a instrumentalidade relacional. Além da pretensa homogeneidade cultural moderna, da realidade baseada no princípio de desempenho, da instrumentalidade e racionalidade das interações de um mundo funcional, ocorrem múltiplas rupturas culturais em diferentes escalas. Em decorrência dessas rupturas, homens se relacionam pela criatividade e produção imaginária de outros contextos existenciais baseados na promoção do prazer intersubjetivo/coletivo/comunitário, nos quais fluem os desejos/prazeres humanos sem causa ou finalidade, pela pura representação da beleza no momento da existência desvinculada de propósitos.

Segundo Hall (2002), o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII promovem o nascimento do indivíduo soberano que rompe com os sistemas tradicionais do passado (feudal), tornando realidade o sistema social da modernidade. Carvalho (2002), estudando os processos de sensibilização da natureza na história, observa que nesse momento se estabelece um *ethos* antropocêntrico em que se afirma um modelo urbano em contraposição com o padrão medieval, camponês e teocêntrico, designado como inculto. Segundo a autora, nesse momento inaugura-se a modernidade, que corresponderia a um processo civilizador que se fundamenta nos traços urbanos de polimento, aperfeiçoamento, progresso e razão, para domesticação da animalidade e imposição

de uma ordem humana (aqui identificada como científica e racional) ao mundo natural desordenado.

Segundo Giddens (2002), a modernidade corresponde à afirmação de um mundo industrializado, centrado na dimensão capitalista em que a cidade e o Estado-Nação são seus correspondentes espaciais. Para esse autor, a modernidade representa a ascensão das tentativas de ordenação e o controle regular das relações sociais pelo mundo das organizações: o Estado, a empresa, as instituições sociais e as ideologias moralizantes que irão permear o cotidiano. Aliás, são importantíssimos, na emergência da modernidade, o regramento cotidiano e a construção de uma moralidade e de um sistema de constrangimentos que irão pré-formatar a ação dos indivíduos, sendo pequenos, triviais, rotineiros e previsíveis, mas exercendo uma força tão eficiente que farão construir no indivíduo as imagens de si mesmo, de acordo com complexas redes de poderes que constituem o social.

Segundo Giddens (2002, p. 53),

O mundo social, afinal, não deve ser entendido como uma multiplicidade de situações em que “ego” enfrenta “alter”, mas como um mundo em que cada pessoa está igualmente implicada no processo ativo de organizar uma interação social possível. A ordem da vida diária é uma ocorrência miraculosa, mas não deriva de qualquer intervenção externa; ela é produto de uma realização contínua da parte de atores cotidianos de maneira inteiramente rotineira.

Observamos uma racionalização da vida social que envolve o cotidiano moderno através das atividades rotineiras, em que as interações sociais face a face envolvem uma série de instituições, ordens burocráticas, normas de comportamento e formas de tipificação e pensar eleitos como irredutíveis. Tais instituições exercem uma constante vigilância do corpo e do discurso individual, caracterizando a pessoa como um ator que age desempenhando papéis para poder inserir-se e continuar seu percurso no mundo social. A rotina moderna irá basear-se num conjunto fragmentado de lugares, condutas e códigos de comportamento que irão representar um conjunto funcional e especializado de centros de convivência que se ligarão em prol do dinamismo racional e econômico da vida moderna. Esses fragmentos “encaixam” as



peessoas em atividades parcelares que se comunicam pelas interações dos objetos e dos serviços, mas não coletivizam as pessoas.

É nesse processo que a identidade torna-se um elemento-chave para a modernidade. Ela proporciona, segundo Giddens (2002), um elemento de segurança ontológica em que a disciplina da rotina ajuda a construir um referencial para a existência, cultivando um sentido de “ser” em separação do “não-ser”. Nesse sentido, Mead (apud GIDDENS, 2002) argumenta que a identidade apresenta-se como “mim”, ou seja, uma identidade social, de que “eu” se torna consciente no decorrer da vida da pessoa, como se o “eu” fosse o sujeito primitivo que assume o “mim” como reflexo dos laços sociais. A consciência do “mim” representa a lapidação do indivíduo na busca da sua inserção na rotina social pré-estabelecida, nas funções especializadas cotidianas e nos diferentes grupos sociais fragmentados que o indivíduo restritamente irá costurar para dar continuidade à necessidade de ser cidadão ativo na vida social.

A auto-identidade se estabelece pelo papel social do indivíduo nas relações com outros papéis sociais: na identificação do “outro” ou da(s) outra(s) identidade(s). Por outro lado, também é uma condição de esforço do indivíduo em sua inserção no processo social e na busca de sobrevivência: o sucesso e a ascensão no mundo do trabalho e a adequação às condições relacionais que irão exigir uma boa performance nas situações cotidianas. Tais situações exigem alguns tipos de adequações para encaminhamento do progresso da atividade especializada que contribuirá para o todo social da reprodução do capital e dos poderes inerentes a essa reprodução. Segundo Fortuna (1997, p. 128), a identidade é o elemento central no entendimento da manutenção do mundo urbano-industrial moderno, sendo “objeto de escolhas e de possibilidades individuais, feitas de acordo com a própria percepção da estrutura das relações sociais disponíveis e dos efeitos previsíveis”.

Segundo Bauman (2003), a invenção da identidade representa o colapso da comunidade: a guerra da sociedade contra a comunidade. A fundação da sociedade urbana moderna, como já vimos, por movimentos culturais e ideológicos da Renascença e do Iluminismo, firmados pela política da Revolução Francesa e consolidados pela economia industrial, representa a afronta e a destruição do modo

de vida comunitário, tradicional e camponês, tido como irracional, ignorante, feio e animalesco. Segundo o autor, comunidade significaria um entendimento compartilhado natural e tácito, sendo pequena, distinta e auto-suficiente, próxima ao modelo feudal anterior à sociedade industrial capitalista. A comunidade não se vincula a sentimentos de identidade individual, uma vez que, segundo o autor, “identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular” (BAUMAN, 2003, p. 21).

Observamos que, no decorrer do processo de expansão capitalista,<sup>49</sup> foi crucial romper com os vínculos tradicionais das comunidades pequenas, auto-suficientes e calcadas na descentralização do poder territorial. Pequenas comunidades distintas e coesas representavam um entrave ao modelo capitalista de liberdade dos fluxos de capitais necessários a lucratividade. A burguesia deveria, em primeiro plano, expandir o território de produção e consumo; em segundo, mobilizar a massa trabalhadora para as cidades e incrementar a produção no campo; em terceiro, criar condições de pertencimento abstrato a um território ampliado (do Estado-Nação) e, em quarto, criar condições de controle e coerção ao trabalho e ao consumo da diversidade populacional que convergia para cidade (e que também ameaçava caoticamente o próprio poder que a constituía).

Esse projeto se relaciona com a complexa estrutura da modernidade; e suas relações, com a emergência da racionalidade científica, de estruturação das rotinas sociais e de vinculação de todas as pessoas ao mundo do capital.<sup>50</sup> Sobre isso, Bauman (2003) e Gomes (2002) colocam em oposição dois traços principais da organização da vida comum humana: a vontade orgânica (*Wensenville*) e a vontade refletida (*Kurwille*). Conforme Gomes (2002), o primeiro se constrói dentro de um

---

<sup>49</sup> Acumulação e concentração do capital, acompanhada por uma concentração do poder político e necessidade de expansão territorial para reprodução do capital, a partir da mobilização de grandes massas populacionais, expansão da produtividade no campo, aumento do consumo na cidade e organização dos processos de trabalho.

<sup>50</sup> Na frenética busca pela ascensão social, na fragmentação das atividades produtivas de bens e serviços, nas concessões assistencialistas de bem-estar social, na dicotomização entre uma vida urbana civilizada e um rural arcaico, nas aspirações de desenvolvimento e modernização, no controle social panóptico e na vida em sociedade fundada em identidades social funcionais e especializada, em contraponto com as relações localizadas e produzidas por condições afetivas familiares e religiosas da comunidade.

contexto relacional afetivo e personalizado que seria denominado comunidade (*Gemeinschaft*), e o segundo guiaria as relações sociais através de um mecanismo lógico de relações formais que se aproximariam das relações em sociedade (*Gesellschaft*). No desenvolvimento da modernidade,<sup>51</sup> paulatinamente ocorre a transformação das relações humanas baseadas em comunidades mais afetivas, ou “quentes” (*Gemeinschaft*), para relações humanas que irão constituir sociedades (relações sociais em contraponto com relações comunitárias), interações “frias”, formais, racionais (*Gesellschaft*).

A lógica da modernidade e seus pressupostos iluministas pregam o progresso do indivíduo e o desenvolvimento da civilização, das atitudes e dos estudos racionais, da libertação do pecado e da ascensão do indivíduo livre de quaisquer restrições impostas pelo tradicional. Esse foi o lema da sociedade moderna, que se contrapunha à vida extremamente localizada, fechada e restrita das comunidades rurais. A cidade proporcionaria tal liberdade, ou seja, a autonomia do indivíduo dos laços familiares e religiosos tradicionais e o experimento de novas sensações, novas possibilidades e a capacidade de escolher. Esse foi o principal modelo de propaganda moderna e o principal foco atrativo à cidade (e ainda o é), principalmente para os jovens de pequenas cidades e regiões camponesas. A cidade é libertadora e oferece uma vida de autonomia e livre escolha.

Como vimos, esse discurso ou propaganda da vida urbana, que persiste no imaginário social até os dias de hoje, constitui um encobrimento da realidade panóptica e da produção alienante da vida restringida por rotinas cotidianas que reprimem o indivíduo. O que se conhece como autonomia urbana moderna, como observamos em Giddens (2003), é o esforço do indivíduo em construir o “mim” a partir do “eu”, de vencer a concorrência social em um fluxo de vida pré-construído, que o obriga a produzir as melhores performances de acordo com as exigentes normas de ascensão social e sobrevivência num meio de extrema concorrência vinculado ao consumo e à necessidade de busca de acumulação de capital (princípio de desempenho).

---

<sup>51</sup> Calcada na formação de Estados-Nacionais e em conjuntos de cidades que aprofundam as relações urbanas em contraposição com um modelo de vida camponês.

Bauman (2003) argumenta que o processo de individualização e autonomia moderna foi claramente uma troca em relação à segurança. Na frieza das relações funcionais e no excessivo individualismo capitalista moderno, as relações de afetividade concretas, de coletivização, de proximidade e de real fraternidade tendem a se extinguirem. A segurança coletiva foi trocada pela liberdade individualista, e essa liberdade restringiu-se na autonomia, ou, além disso, na obrigação de melhor competência para a inserção no movimento regrado da sociedade moderna. A própria idéia de liberdade também seria uma ilusão, segundo Bauman (2003, p. 30):

[...] uma guerra contra a comunidade foi declarada em nome da libertação do indivíduo da inércia da massa. Mas o verdadeiro resultado – ainda que não dito – dessa guerra foi o oposto objetivo declarado: a destruição dos poderes de fixar padrões e papéis da comunidade e tal forma que as unidades humanas privadas de sua individualidade pudessem ser condensadas na massa trabalhadora.

No entanto, Bauman (2003) argumenta sobre o crescente processo de expansão do sentimento e da necessidade de relações comunitárias na sociedade urbano-industrial moderna. Primeiramente, ele argumenta que o modelo panóptico também prendia os supervisores ao lugar (local, a região, a cidade e a própria fábrica como prisão).<sup>52</sup> Por outro lado, o sentimento de vida comunitária, de segurança e de vida coletiva, de afetividade grupal é inerente e fundamental ao humano. Como estratégia de segurança sobre a própria produção e para a coerção das massas, o modelo fordista culmina na produção de uma série de instrumentos assistencialistas de bem-estar social e projetos que incitarão a formação de direitos trabalhistas e processos de coletivização mediante interferência de sindicatos. Por esse modelo, concorreram duas tendências na história do capitalismo. A primeira seria a expropriação de total iniciativa da força de trabalho, baseada nas teorias de organização científica do trabalho de Taylor. Isso converge para total alienação e individualização, contrárias aos ideais de comunidade. A segunda representaria emergência de novos modelos urbanísticos de arquitetos filantropos que pensavam na organização de residências, traçados urbanos e condomínios que possibilitassem

---

<sup>52</sup> Henri Ford era tão dependente de suas máquinas e de sua força de trabalho quanto elas do modelo alienante construído pela racionalização das relações de trabalho e pela vida burocrática padronizada.

o encontro das pessoas e uma melhor qualidade de vida, pelo estabelecimento de práticas afetivas comunitárias em virtude da existência de uma série de espaços que estimulariam a integração informal.

Segundo Bauman (2003), emerge, na década de 1930, a “escola das relações humanas” de Mayo, que funda a necessidade de criar-se, em ambientes de trabalho, uma atmosfera doméstica e amigável, modificando a disposição dos trabalhadores e cuidando da circulação da informação a respeito do significado das contribuições de cada elemento ao processo geral de produção. Tal processo já possibilita uma nova guinada na modificação das relações sociais urbanas e a ascensão de possibilidades relacionais afetivas propriamente comunitárias. Os novos modelos arquitetônicos para a cidade, como os de Le Corbusier, Charles Forrier e Howard, vão privilegiar a produção de espaços de encontros e, além de valorizarem o incremento de paisagens “naturais”, convergem para um ideal urbano de projeção de ambientes típicos de comunidades.

Giddens (2002) alega que os sistemas de vigilâncias disciplinares, na sociedade moderna, não são inteiramente “consensualizados”. Isso quer dizer que, ante o projeto de organização e regramentos modernos, regidos por complexas tramas de poder, outras forças de contestação produzem barreiras para a completa modernização do espaço e a normatização das relações sociais. Podemos observar que, ao mesmo tempo em que existe um poder universal que vai corrompendo relações sociais comunitárias localizadas,<sup>53</sup> “revoluções moleculares” (GUATARRI; ROLNIK apud HAESBAERT, 2002, p. 78) impõem-se como forças contestatórias que comungam a afirmação do lugar, das práticas contextualizadas e da cultura comunitária. Segundo Giddens (2002), a vigilância e a identidade reflexiva trabalham no sentido de aplainar as diferenças que não fazem parte do mecanismo de reprodução dos sistemas, isolando-as, tornando-as alheias, desviantes, anormais e doenças que esperam uma cura. Dessa forma, podemos perceber, no processo de modernização, um constante conflito entre normatização e desregramentos às normas. Por outro lado, as forças disciplinadoras operam para a irreversibilidade

---

<sup>53</sup> Para a inserção de modelos abstratos carregados de controle disciplinar, que exploram o discurso do progresso e da modernização.

desse fenômeno, identificando algumas possibilidades de desregramento e trabalhando com a relação lógica binária entre “certo” e “errado” a fim de estabelecer constrangimentos cotidianos para frear ou anular a espontaneidade humana e a coletivização de práticas sociais discordantes aos modelos de comportamento e interação sociais racionais/morais.

Um grande avanço das forças que irão contradizer essa disciplinarização social são os estudos de Freud, que argumentam que

[...] nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com bases em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funcionam de acordo com a lógica muito diferente daquela da razão, arrasando com o conceito de sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o “penso, logo existo”, do sujeito de Descartes. (HALL, 2002, p. 36).

Por essa análise, Hall (2002) argumenta que os significados são totalmente instáveis, principalmente no meio urbano, desde sua formação, pois as coisas, as situações e as pessoas (a identidade) são constantemente perturbadas pela diferença que a cidade agrega: diferença étnica dos imigrantes; extrema diferenciação das atividades urbanas e tipos de engajamentos dos indivíduos; diferenças quanto aos níveis e formas de consumo.<sup>54</sup> Nesse sentido, as diferenças proliferam na cidade. Muitas diferenças radicais, que se afastariam por completo do projeto de identidades sociais aceitas na urbanidade moderna, tendem a ser fortemente segregadas, ficando escondidas em lugares bem específicos da cidade, longe de áreas onde a normatização do espaço público torna-se *status quo*. Comportamentos desviantes que contradiziam o bom senso social, relacionados a desvios sexuais, insanidade, crime, prostituição e doenças comportamentais, tornavam-se perigosos à estabilidade social e deveriam ser curados ou isolados socialmente.

Segundo Giddens (2002, p. 147), a própria “idéia que os homens podem ser submetidos à correção estava necessariamente envolvida com a noção que a própria vida social está aberta à mudança radical”. Assim, o autor argumenta que “os

---

<sup>54</sup> Pelas próprias necessidades de reprodução de capital o consumo tornam-se muito variáveis, e a sua geração está carregada de estratégias que se vinculam ao desejo que foge a razão.

ambientes urbanos modernos oferecem uma diversidade de oportunidades de os indivíduos procurarem outros com interesses semelhantes e com eles formarem associações, além de oferecer mais oportunidades para cultivo de uma pluralidade de interesse geral”, nesse sentido, “a vida social moderna empobrece a ação individual, mas favorece a apropriação de novas possibilidades; ela é alienante, mas ao mesmo tempo, de maneira característica, os homens reagem contra circunstâncias sociais que acham opressivas” (2002, p. 162-163).

Segundo Goffman (1988), são inerentes à sociedade normas de identidade que estão balizadas pelos seus próprios desvios. Esses desvios se estruturam em uma série de constrangimentos que definirão a estigmatização do indivíduo desviante. Nesse sentido, a manipulação do estigma é em si só uma característica geral da sociedade: a cada relação social normatizada e a cada lugar com regras de comportamento específicas, pode haver alguma forma de desvio de conduta. A sociedade é em si só um paradoxo entre norma e desvio, e o envolvimento do indivíduo representa seu trabalho de ora encobrir, ora desencobrir atributos que possam ser estigmatizados em determinados ambientes sociais. A cidade,<sup>55</sup> nesse sentido, torna-se palco das contradições e complementaridades existentes entre normas e desvios sociais, da dialética entre condutas regradas e condutas contestatórias. No meio urbano, as imprevisibilidades das conseqüências entre situações da contradição mencionada acabam por produzir “centros de reabilitação” ou espaços possíveis de convivência do desviante (como lugares gays e zonas de prostituição, por exemplo).

Maffesoli (2002) observa que, “para aquém e para além das formas instituídas, que sempre existem e que, às vezes, são dominantes, existe uma centralidade subterrânea informal que assegura a perdurância da vida em sociedade”. O autor compreende essa centralidade como “potência” que surge na forma de uma abstenção, de um silêncio, de uma astúcia que se opõe ao poder político-econômico. Essa potência contestadora representa uma forma de coletivização que se oporia ao social e convergiria à comunidade, rompendo com a idéia de identidades

---

<sup>55</sup> Pela diversidade de tipos e contextos de relações sociais originadas pela diversidade de funções urbanas e pela variabilidade de culturas que circulam, em virtude da polarização populacional que ela exerce.

fragmentadas baseadas na frieza das classificações e tipificações do sujeito em relação a uma sociedade funcional e racional. Estariam também presentes e incrustadas no mundo moderno comunidades emocionais que representariam o simples prazer e a necessidade de sentir-se em coletividade. As agregações de conjuntos de indivíduos romperiam as relações instrumentalizadas e se estabeleceriam por sensações estéticas, sexuais, “espirituais”, concretas em relação ao foco autêntico, empírico e carnal dos contatos estabelecidos.

De acordo com o autor,

O sexo, a aparência, os modos de vida, até mesmo a ideologia são cada vez mais qualificados em termos (“trans...”, “meta...”) que ultrapassam a lógica identitária e/ou binária. Em resumo, e dando a esses termos a sua acepção mais estrita, pode-se dizer que assistimos tendencialmente à substituição de um social racionalizado por uma socialidade com dominante empática. (MAFESSOLI, 2002, p. 5).

Para esse processo, o autor utiliza a expressão “tribalização do mundo”, com base empírica na infinidade de microagregados relacionais que se proliferam nas esquinas, nos bares, nas ruas, nas praças, ou seja, em espaços públicos ou semipúblicos das grandes cidades. As relações nessas microagregações urbanas, ou “tribos urbanas”, estariam fundamentadas na proximidade da idéia da estética Kantiana, no qual falamos. As relações sem propósito funcionais/rationais/morais entre sujeitos e sujeitos e objetos implicariam em relações orgânicas de sinergia, que representariam uma resposta não-consciente, quase animal, ao querer viver em coletividade; o que a contradição do social acaba por fazer perder.

O cimento da tribalização seria o lugar de encontro que possibilitariam os contatos triviais em propósito racional: como beber junto, conversar, paquerar, vestir-se de tal forma, compartilhar de certos prazeres estéticos e sexuais ou certas atividades corporais. As causas desse processo de tribalização convergiriam para os fundamentos racionais, abstratos, repressivos e individualizantes da sociedade moderna, que provocariam uma desumanização do real, uma abstração e uma perda de sentido das atividades e das interações, uma vez que não provocam prazer, mas dores coletivas pela racionalidade/funcionalidade da labuta e da repressão moral. Nesse sentido, a potência (MAFFESOLI, 2002), estaria contra o poder disciplinar, de



(FOUCAULT, 1984), gerando um conjunto de fugas, derivas, promiscuidades, extravasamentos emocionais e estéticas relacionais que contrariariam a rotina normatizante do cotidiano.

Bauman (2003) observa que tais microcomunidades, ou agregações tribais, se formam no espaço urbano e recorrem em muito a uma forma estética ou a um evento festivo coletivo. Por outro lado, muitas se apresentam em torno de problemas com que muitos indivíduos se deparam e não podem ser resolvidos socialmente, uma vez em que tais problemas representam exatamente situações de desvio social. Nesse sentido, o lugar de encontro, os agentes que possibilitam o encontro, os interesses e os próprios eventos de reunião funcionam como “cabides”, nos quais

[...] as aflições e preocupações experimentadas e enfrentadas individualmente são temporariamente penduradas por grande número de indivíduos – para serem retomadas em seguida e penduradas alhures: por essa razão as comunidades estéticas podem ser chamadas “comunidades-cabide”. (BAUMAN, 2003, p. 67).

De fato, havemos de concordar que, nas grandes cidades contemporâneas, existe um intenso fenômeno que remete a agregações tipo comunitário, em diferentes graus de integração e solidez política, desde as simples agregações de tribos urbanas, que se reúnem em determinados bares, ou ruas, esquinas e praças, até a comunidades políticas de bairros, que se organizam solidamente para resistirem a planos e interesses espaciais do Estado e da iniciativa privada, contestando as determinações que envolvem o grande capital na cidade. Na escala do Estado-Nação, observamos, conforme Haesbaert (2001), dois processos de fragmentação: um promovido pelas especificidades regionais de exploração e aproveitamento de vantagens comparativas do capital e outro movimentado por sentimentos regionalistas originados pelos complexos processos de inclusão e de exclusão social.

As formas sociais produzidas na desigualdade contestam espaços de participação/acesso às possibilidades da sociedade moderna, apegando-se às bases culturais locais e questionando os processos conservadores de exploração e desigualdade territorial. Vallerstein (1985) observa que o mundo passou por uma

revolução anti-sistêmica radical, a partir dos anos 1960, que colocou em xeque o próprio processo liberal e seu reformismo racional, (que prometia progresso, desenvolvimento e consumo a todos), assim como as próprias forças anti-sistêmicas, como o socialismo e os sindicalismos, que foram consideradas inadequadas e fracamente anti-sistêmica.

Algumas evidências desencadearam o processo de deslegitimação das situações instauradas, tanto do liberalismo como do socialismo, e a ascensão de movimentos contestatórios. São eles a própria globalização, facilitando a circulação da informação no mundo; a maior participação política, mesmo ainda existindo processos alienantes repressivos; a própria conscientização que a democracia liberal representava uma antidemocracia pela alienação e pelas manobras ideológicas, em virtude da interferência da mídia; ausência das possibilidades de discussão próprias da “ágora grega” em troca do simples sufrágio universal; e, principalmente, maior visualização e incapacidade de esconder as agravantes desigualdades e empobrecimento das populações em todo mundo.

A deslegitimação não é somente política, mas cultural, e, principalmente, deslegitimação quanto ao próprio projeto de modernidade e de crença irreduzível na racionalidade científica e nos projetos econômicos que pregam melhoria de vida a todos. As contestações permeiam diversas escalas, desde a contestação quanto à trivialidade das ações, rotinas e naturalização de conceitos e processos cotidianos, desde a desconfiança quanto a macroprojetos políticos, econômicos e científicos que entendem a sociedade como um todo unificado. Novas perspectivas se formam por essas contestações, principalmente aquelas voltadas à busca de segurança, crédito e confiança nas ditas “comunidades-cabides”. Múltiplos movimentos populacionais que giram em torno de questões como etnia, pobreza, riqueza, sexualidade, gênero e estética apresentam-se no meio urbano no tamanho/escala micro, mas representam uma diversidade local que rompe, agride e transforma o sistema e que atingem ramificações transnacionais que percorrem todo o globo.

Bauman (2003, p. 70) acrescenta que nos encaminhamos para um mundo de modernidade sem modernismo e que os processos sociais ainda continuam sendo levados pelo propósito de transgressão emancipatória e progresso. No entanto, esse

propósito ou destino único apresenta-se como obscuro, não-linear, instável e inseguro. Por outro lado, segundo o autor, as elites se desprendem totalmente dos subalternos, tornando-se globalizadas, sem raízes exatas, e assumindo cada vez mais comandos eficientes pelo uso de tecnologia. Isso deixa a maioria à mercê do acaso; e os indivíduos, desamparados quanto aos propósitos de suas vidas, tornando crucial alcançar a felicidade em virtude de sua auto-promoção e criatividade. Além disso, os projetos de alta civilização, alta cultura e alta ciência tornam-se superados pela existência de uma diversidade que não mais se deixa superar. Tais projetos agora se vinculam aos nichos culturais e à constante inovação, adquirindo interesses passageiros, formas voláteis e desprezando a instrumentalidade e os propósitos funcionais em troca da irracionalidade dos desejos e da sensualidade. Nesse sentido, segundo Friedmann e Fraser (apud BAUMANN, 2003, p. 70 e 71), “na decadência do modernismo, o que sobra é simplesmente a própria diferença e sua acumulação”, existindo hoje uma “indiscriminada separação da política cultural da diferença em relação à política social da igualdade” em que a “justiça hoje requer tanto a redistribuição quanto o reconhecimento”.

Mesmo saindo um pouco da escala intraurbana de análise e remetendo-nos ao momento atual chamado de globalização, podemos dizer, seguindo os pensamentos de Santos (2002), que existe uma dialética em relação aos processos culturais desse fenômeno e o seguimento concomitante de duas tendências: se, por um lado, a homogeneização modernista se evidencia como processo básico da construção de uma sociedade global, ela convive com uma intensa fragmentação cultural e étnica.

Segundo Appadurai (apud SANTOS, 2002), a abrangência dos meios de comunicação facilita a construção de mundos de imaginação coletivos. O “trabalho de imaginação” extravasa de espaços individuais, românticos e artísticos e são assumidos concretamente por grupos humanos em suas vidas cotidianas, construindo “comunidades de sentimentos” - partilha de gostos, prazeres e aspirações - que tanto podem ser transnacionais como bem específicas nas constituições de agregados humanos em partes do espaço urbano. Esses campos de imaginação e de agregação populacionais podem ser perfeitamente manipulados

por políticas culturais do Estado e do mercado, porém eles podem ser também campos férteis de contestações e agregações autênticas que buscam fugir dos regramentos políticos capitalistas:

É através da imaginação que os cidadãos são disciplinados e controlados pelos Estados, mercados e os outros interesses dominantes, mas é também da imaginação que os cidadãos desenvolvem sistemas coletivos de dissidência e novos grafismos da vida coletiva. (APPADURAI apud SANTOS, 2002, p. 46).

Podemos entender esse processo de constante acumulação da diferença por dois vieses: o primeiro iria ao encontro da crescente possibilidade de extravasamento emotivo que geraria comunidades políticas em busca do reconhecimento de determinadas práticas relacionais humanas que, muitas vezes, foram extremamente reprimidas no decorrer da história do desenvolvimento da civilização. O segundo indica que o acúmulo e a percepção de alteridades relacionais humanas estariam sendo incentivados pelo capitalismo em sua busca novos nichos de consumo. Isso geraria, a partir da propaganda e de manobras psicológicas da mídia, um comportamento de constante experimentação e superficialização das relações, que vai de encontro ao empobrecimento político das massas fragmentadas em agregações de cunho estético e afetivo muito exploradas pelo consumo mutante.

Ambos os fatos apresentados podem acontecer conjuntamente, mas as “comunidades-cabides” podem ser formadas justamente pelos problemas originados, por um lado, pela extrema instrumentalidade racional das relações sociais, assim como pela superficialidade do próprio consumo ou a incapacidade de consumir.

As desigualdades proliferam no sistema capitalista, e a modernização incompleta produziu múltiplas diferenciações em termos de renda e em termos de desvio dos modelos de identidade e comportamento social valorizados. Muitas das formas de diferenciação remetem a sofrimentos causados pela exclusão das estruturas socioeconômicas do sistema. Assim, as agregações dos desviantes serviram de possibilidades de “ajuda-mútua” e coletiva que amenizam as dores e os sofrimentos sociais. Essas pequenas comunidades, por mais fragmentadas que sejam, se proliferaram e tomaram contornos interescares, apresentando-se como

novas alternativas, novas racionalidades, novas perspectivas e novas formas de viver em sociedade, mais ainda, em comunidade.

Por outro lado, as forças alienantes, os poderes e as conformações panópticas existem e regram o cotidiano, muito embora as agregações de cunho emotivo ou “quentes” continuem a proliferar. Os indivíduos perpassam planos individualistas e funcionais, mas também, em oportunidades diferenciadas, procuram mobilizações políticas contestadoras ou simplesmente participam de agregações que remetem ao calor do viver coletivo, mobilizadas por desejos que possam estar escondidos no âmago do eu e que, em certos momentos, encontram possibilidades de serem liberados. Assim gira o social, nas contradições e num movimento dialético entre “eu” e “ser” ou “mim”, entre a busca de adequar-se à força mobilizante da sociedade e a constante necessidade de fuga à procura de relações quentes e fugazes que se afastem da funcionalização dos movimentos urbanos e do extremo individualismo que o assola.

### ***3.4. NORMAS E DESVIOS SOCIAIS: A HOMOSSEXUALIDADE COMO EXEMPLO DIALÉTICO ENTRE PRODUÇÕES SOCIAIS E PRODUÇÕES COMUNITÁRIAS NO ESPAÇO URBANO***

Podemos entender o exposto até agora, observando o caso do estudo sobre condição homossexual. O conceito de homossexualidade deriva de uma condição de desvio social (COSTA, 2002) em contraposição a uma normalidade ou a um conjunto de práticas, formatos de comportamento, expressões de sentimentalidades e prazeres componentes das determinações de gênero sexual e da heterossexualidade. Na construção da condição homossexual, esse termo assegurou a identificação de uma homossexualidade desviante dos padrões da maioria heterossexual e identificou-a como uma categoria paradoxal possível encontrada nas relações em sociedade. Tal termo amenizou um pouco a história de perseguição violenta a homossexuais.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> De acordo com Mott (1988), a Santa Inquisição perseguia homens que sentiam prazer de copularem com outros homens por via anal, desejo totalmente contrário aos fundamentos da civilização cristã, que foram motivados pela procriação para expansão populacional da fé, das

Segundo Mott (1988, p. 123-126),

[...] além de ameaçar a sempre instável e questionada ordem estamental vigente, realizaram certas fantasias (os sodomitas) que a maioria dos mortais tanto cobiçava, sem contudo concretizá-las por temor da repressão judiciária ou do repúdio social. [...] Mais do que derramar semente dentro do vaso traseiro, o que se temia e devia ser erradicado a ferro e fogo, era a tentadora alternativa erótico-social proposta pelos pederastas: a destruição da indissolubilidade compulsória do matrimônio; a dissociação do livre prazer sexual, liberto da abominável cadeia imposta pelo Levítico e Concílio de Trento, alforriado da procriação obrigatória; o rompimento das barreiras de idade, raça e condição socioeconômica nas interações erótico-sentimentais.

Em virtude do desenvolvimento de uma “literatura da homossexualidade”, segundo Costa (1992), desenvolveu-se a figura do homossexual extremamente sensível e muito propenso às atividades artísticas, mas por outro lado, uma pessoa incapaz de conter seus impulsos sexuais e revoltada com os padrões da sociedade. Em Gide e Proust, o homossexual aparece como um indivíduo importante para a crítica ao sistema, e, principalmente, um ser inquieto e confuso de sua própria identidade, que sofre de tormentos psíquicos constantes. Por esse viés, a condição homossexual saiu de uma posição de anormalidade e de animalidade, propensa a práticas violentas de repressão, para uma especialização das relações homoeróticas e, ainda mais, para um “afunilamento” e organização da própria sexualidade humana em dois pólos possíveis: um plenamente aceito socialmente, o heterossexual, e outro desviante, digno de pena e propenso à cura, o homossexual.

Esses pólos, ainda presentes na sociedade atual, são mantidos ideologicamente por uma complexa teia de definições sociais divulgadas por mecanismos de informação e regramentos que se estabelecem na cotidianidade, movimentados por ações, comportamentos e pequenas medidas de repressão originadas de preconceitos que permearam as relações face a face. Podemos falar, assim, de uma identidade homo e heterossexual, percebendo identidade, como já havíamos afirmado, como uma “moldura possível onde os sujeitos podem existir e se expressar, [...] na atualização de princípios de classificação social ordenado por

---

políticas e dos ideais cristãos e visavam à construção social familiar e as condições dos gêneros sexuais masculinos e femininos.

valores que fabricam e situam o sujeito” (HEIBORN, 1996, p. 137). Nesse sentido, quaisquer formas de desejo sexuais estariam regradas por esses dois pólos, ou seja, tenderiam a ser identificadas através deles, e isso apresentaria um mecanismo eficiente para a organização social cotidiana da sexualidade e o controle dos desvios que contradizem o projeto de desenvolvimento e progresso modernos, centrados ainda em valores referentes a hereditariedade, matrimônio, família e, principalmente, racionalidade lógica binária, que definem os gêneros sexuais.

O que se observa é que esse modelo contradiz a tese de que a sexualidade humana é muito diversa e pode ser variável na biografia pessoal. O relatório Kinsey, mostrado no filme *Kinsey*, argumenta justamente isso: na tabela produzida por essa pesquisa no meio do século 20, verificou-se que a sexualidade humana pode variar de 0 (heterossexual exclusivo) a 10 (homossexual exclusivo) e que, entre 0 e 10, várias outras possibilidades podem estar presentes na biografia sexual individual das pessoas. Porém, como o próprio filme mostra, essa pesquisa foi extremamente refutada e reprimida por políticas conservadoras da época.

Em alguns trabalhos de Luis Mott,<sup>57</sup> podemos observar que a história da homossexualidade está relacionada a um dos grandes estigmas da humanidade. Mesmo com toda a perseguição, pessoas orientadas sexualmente para o mesmo sexo nunca conseguem abafar tal desejo. Muitas são mortas por perseguições violentas, como na Santa Inquisição, e, já nos tempos modernos, durante o nazismo.<sup>58</sup> Na “idade da razão”, os desejos homoeróticos são envolvidos pelos estudos médicos e psiquiátricos, uma vez que tal sexualidade não mais poderia ser reprimida com violência, em virtude do desenvolvimento dos direitos humanos e do cidadão. Por outro lado, a partir da evolução dos instrumentos de comunicação e da formatação dos ideais da sociedade moderna, a homossexualidade, como um desvio sexual, serve de parâmetro à organização dos estímulos sexuais. A própria noção de uma sexualidade degradada, impura e desviante fortalece o outro pólo possível, baseado no romantismo do amor entre homem e mulher.

---

<sup>57</sup> Ver o *site* do grupo gay da Bahia: [www.ggb.org.br](http://www.ggb.org.br).

<sup>58</sup> O filme *Bent* mostra bem isso.

Os dois pólos sexuais serviram, e ainda servem, para balizar a sexualidade na modernidade e estabelecer comportamentos previsíveis quanto às necessidades de controle social. A partir daí a homossexualidade desviante aparece condicionada à intimidade, assim como toda prática sexual. À afetividade homoerótica foi negado o domínio público, e isso acabou estabelecendo-se em lugares bastante escondidos na cidade: geralmente em períodos noturnos, em que a circulação familiar cessa; muitas vezes em parques, em períodos de esvaziamento, ou em zonas industriais, portuárias, no próprio centro da cidade ou em áreas de degradação imobiliária que se tornam vagas fora dos horários comerciais.

O homossexual carrega consigo um estigma, porém é difícil para ele a negação dos desejos homoeróticos. A pessoa orientada para o mesmo sexo estabelece performances cambiantes que possibilitam ora o encobrimento, ora a divulgação da identidade homossexual. O indivíduo se apropria dessa identidade, uma vez que ela mesma expressa um *locus* de regramento sexual pela própria binaridade em que essa identidade é originada e pela contraposição desviante que identifica esse regramento. No entanto, o projeto social de fixação de identidades sociais rígidas sempre foi problemático. As identidades são múltiplas, em virtude dos inúmeros processos de interação social previstos e não-previstos na modernidade, tanto entre agrupamentos sociais e comportamentos estabelecidos como normais, como em nomeações e generalizações de impulsos desviantes. Nesse sentido, o processo de fixação de identidades na modernidade ainda está em pleno desenvolvimento e luta para uma organização binária entre certo e errado, entre normal e anormal, entre feio e bonito e entre certo e desviante.

Todas essas classificações procuram produzir a ordem previsível do cotidiano em relação à complexidade das possibilidades determinantes as práticas individuais, tanto afetivas, como em relação a complexificação das estruturas de produção e prestação de serviços no meio urbano moderno. Assim, de acordo com Fortuna (1997), as situações ainda definem e são definidas pelas identificações entre os indivíduos em processos relacionais, já previstos pelo social - tanto os relativos à normalidade dessas relações quanto os previstos como desviantes -; porém, as identidades vão-se acumulando nos indivíduos, tornando-se transitórias, plurais e



auto-reflexivas em relação a contextos em que se exigem performances e identificações definidas.

Goffman (1988), ao estudar os estigmas sociais, percebe que os indivíduos possuem uma ou algumas identidades virtuais e uma ou algumas identidades reais. As identidades virtuais remetem às performances, às representações que observam os indivíduos como atores sociais que devem representar uma cena lógica à situação dada. A identidade real remete à percepção que o indivíduo tem de si mesmo, sua intimidade, ou seja, o entendimento dos seus impulsos subjetivos em relação à realidade. O estigma visualizado pela construção da identidade homossexual está guardado na subjetividade individual e compõe a identidade real do indivíduo. O estigma identitário homossexual necessita ser encoberto enquanto o indivíduo estabelece performances em contextos e situações sociais de que faz parte ou que compõem a complexidade de sua identidade virtual. Por outro lado, a identidade real, que possibilita o aflorar dos desejos e afetividades homoeróticos, tende a ser mostrada em círculos restritos em que o desviante comunga com outros. Observamos, a partir desse exemplo, o caráter fragmentário das convivências e da vida em sociedade, que vai especializando práticas sociais em lugares específicos, tornando dividida a vida para melhor governá-la.

Plummer (apud WEEKS, 1999) observa que a formação da identidade estigmatizada gira em torno dos seguintes estágios: *sensibilização* da diferença, ao ser rotulado; *significação*, quando atribui sentido a diferença e toma conhecimento das possibilidades no mundo social; *subculturização*, pelo reconhecimento de si mesmo a partir do envolvimento com outros; e *estabilização*, ou estágio de plena aceitação e fortalecimento da identidade individual.

Percebemos, dessa forma, em primeiro lugar, o caráter processual identitário, como uma construção, e, em segundo, os processos cotidianos que vão envolvendo os indivíduos, especializando/fragmentando e territorializando as relações sociais no espaço urbano. As pressões sociais são exercidas desde a sensibilização. Após isso, se estabelece a identificação dos desejos pelo que já está pronto socialmente. Mais tarde, as relações de determinado estigma ficam domesticadas em algum lugar restrito onde as práticas relacionadas a ele possam ser vividas. Nesse sentido se

processa a territorialidade, como observa Perlongher (2005), ou seja, as relações confinadas vão produzir relações próprias ao confinamento, cheias de representações e simbologias quanto aos seres que partilham dele. Isso acaba fazendo parte presente na construção subjetiva dos participantes dos lugares, produzindo elementos contidos em suas personalidades, em seus valores e em suas expressividades.

Em relação ao estigma, a identidade desviante que o compõem se dissolve e é reinventada em múltiplas territorialidades originadas das produções simbólicas e imaginárias dos indivíduos em interação localizada. Embora a territorialidade não implique localização e materialização como o território, sua existência simbólica implica a realidade e o marco de convivência e de partilhamento coletivo dela.

A subculturalização remete a processo de “guetificação”,<sup>59</sup> que possibilita o encontro com iguais e exercício livre de práticas relacionais desviantes. Por outro lado, o gueto também representa o controle dessas práticas, restringindo sua área de exercício, privatizando-a e excluindo-a do domínio público. Nesse sentido, o gueto é um paradoxo entre liberalização e restrição de sentimentos que no espaço público tornam-se repudiados.

O gueto fecha-se ao social, assim como o social a ele. O gueto restringe práticas a fronteiras bem definidas e é produzido justamente pela negação que essas práticas têm na esfera pública regradada pelo ordenamento entre o que é e o que não é aceito socialmente. Por outro lado, a convivência no gueto pode assumir preceitos políticos e de valorização da própria identidade estigmatizada. Os indivíduos que se encontram nos guetos costumam usar, assumir e valorizar palavras e atos que no espaço público soam como preconceitos e estereótipos sociais: como o uso do termo “bicha” para comunicação entre pessoas de um gueto homossexual, termo que é empregado no cotidiano social como visualização da degradação individual.

Segundo Bordieu (1989, p. 125),

---

<sup>59</sup> Tonely & Perucchi (2006) observam que a palavra guetto encontra-se no clássico “The Guetto” de Wirth, de 1969, referindo-se aos bairros gays e lésbicos de Nova Iorque, Chicago e São Francisco, nos EUA. No entanto, conforme Perlongher (1987), os “guettos” no Brasil não se referem a contornos de bairros e comunidades politicamente organizadas como nos EUA, mas lugares-enclaves de encontros e de paqueras.

O estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reinvidicação pública do estigma, construindo assim um emblema – segundo o paradigma “black is beautiful” – e que determina a institucionalização do grupo produzido (mais ou menos tolerante) pelos efeitos econômicos e sociais da estigmatização.

A produção da identidade estigmatizada perpassa o fortalecimento das condições desse estigma, segundo Goffman (1988), pois ela é construída da seguinte maneira:

- a) a introjeção do estigma;
- b) o sofrimento individual ao carregar esse estigma e a tentativa de negação da identidade estigmatizada, procurando assumir outras posturas que levariam a identificações aceitas normalmente. Isso poderá produzir dois caminhos possíveis:
  - a infelicidade ou a assunção de uma vida enfadonha e repressão do desejo – tal situação remete a contextos sociais extremamente repressores e a baixa possibilidade de guetificação homossexual<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> Podemos pensar a maior dificuldade de expressão dos desejos homoeróticos em ambientes rurais ou pequenas cidades do interior do Brasil. A cidade, quanto maior, mais diversa culturalmente é, torna as expressões homoeróticas somente mais algumas entre as tantas possíveis. Algumas pessoas com que conversamos no decorrer desta pesquisa relatavam suas dificuldades em exercer livremente seus desejos homoeróticos quanto residiam fora de capitais como Porto Alegre e Manaus. As relações homoeróticas em cidades do interior brasileiro, como o caso de Dom Pedrito, no Rio Grande do Sul, e Anori, no Amazonas, - cidades de origem de dois amigos com quem podemos compartilhar discussões e histórias de vida – apresentam poucas possibilidades de compartilhamento coletivo e reunião afetiva de indivíduos orientados para o mesmo sexo. As relações homoeróticas acabam transitando entre a normalidade heterossexual, contendo inúmeras situações de conflito, dúvida, preconceito e discriminação entre os indivíduos que as exercem. A cidade grande, contendo lugares de reunião homoerótica e possibilitando relações coletivas de livre expressão dos desejos homoeróticos, acaba sendo muito atraente a tais indivíduos, e o próprio desejo acaba sendo o propósito de seus deslocamentos e mudança de residência (como mostra bem Parker, 2002). Além desses dois amigos, também conhecemos um advogado e um sargento do exército. Ambos moravam em cidades da campanha gaúcha, onde mantinham uma preocupação quanto a velar os desejos homoeróticos. Esses amigos esporadicamente se deslocavam a Porto Alegre e freqüentavam os lugares de convivência homoerótica procurando encontrar parceiros sexuais e amigades. Ambos alegavam não ter nenhum amigo “gay” nas cidades em que viviam, construindo grupos de amizade somente em Porto Alegre. O advogado apresentava muita preocupação quanto à revelação de sua condição à família. O militar, sendo de origem nordestina, não tinha família na cidade em que morava há seis anos, mas se preocupava muito com o preconceito dentro da instituição que fazia parte, além de perceber que sua cidade apresentava um círculo social muito fechado em que todos se conheciam. Outro fato também foi conhecer algumas pessoas que aproveitavam alguns eventos regionais, como a Expointer em Esteio, para freqüentar os lugares de freqüência homoerótica. Tivemos a oportunidade de encontrar duas pessoas: na Redenção, encontramos um jovem estudante de Santa Maria, que aproveitara a oportunidade da Expointer para procurar alguma experiência homoerótica em Porto Alegre, encontrando-a no parque; no Eróticos Vídeo, a transformista, do início da noite de uma quarta-

Por outro lado, mesmo assumindo vida heterossexual, muitas vezes os desejos homoeróticos acabam sendo assumidos em atos de infidelidade;

- o caráter inevitável desse sofrimento e a retomada da auto-identificação pelo próprio viés da identidade estigmatizada;
- c) a retomada da auto-identificação pelo próprio viés do estigma remete à possibilidade de encontrar pessoas que partilham o mesmo interesse e lugares de convivência. Nesse sentido, o desvio e a guetificação, originados pela opressão social, são fortalecidos pela assunção dos próprios indivíduos oprimidos em relação a uma identidade estanque que serve simplesmente para definir tal desvio.

Os guetos, assim, são condicionados e produtos da repressão, contribuindo para o próprio processo de ordenamento social. No entanto, as culturas produzidas nos guetos, mesmo assumindo construções sociais a partir de condições que reprimem elas mesmas, assumem momentos de fortalecimento da identidade e busca pela inserção no espaço público, adquirindo caminhos de luta política por grupos organizados.

No entanto, podemos verificar que, desde os 1970, os movimentos políticos gays foram vinculados a uma necessidade de auto-identificação de seus sujeitos (de uma cultura da assunção de uma identidade gay), estando muito comprometidos com a reprodução/consolidação dos pólos de sexualidade (hetero e homo), o que negou, de certa forma, a existência da diversidade das possibilidades sexuais humanas. A necessidade de marcar uma diferença gay, sustentada pelo movimento político, que se reproduz na publicidade gay, vai assumindo contornos culturais pautados em modelos estéticos fetichizados por uma série de estereótipos que consolidam o afunilamento das diversidades de desejos e práticas sexuais. Criam-se contornos culturais imaginários gays que pregam a necessidade de fortalecer o movimento político e o combate à discriminação, em busca da cidadania, pela

---

feira, apresentou um senhor de aproximadamente 50 anos de idade que se dizia fazendeiro do interior gaúcho, casado e pai de três filhos. Tal senhor alegou vir pouco à capital, mas sempre que vinha procurava o Eróticos Vídeos e "aventurava-se" pelos "labirintos" do lugar procurando alguma experiência homoerótica.

instauração de um mundo alternativo possível de vida. As práticas culturais dos guetos gays acabam extravasando e se dissipam entre os vários sujeitos homoeróticos, criando um imaginário de unidade e de uma condição existencial de luta pela cidadania em um mundo repressivo.

No entanto, mesmo querendo estabelecer a realização de uma sujeitificação e de um mundo imaginário, no Brasil os grupos e formas coletivas gays acabam sendo muito dispersas e perpassadas por inúmeros e diferenciados elementos que vão dar caráter singular à interação de seus integrantes,<sup>61</sup> diferentemente dos EUA e da Europa, já marcados por comunidades gays mais firmemente territorializadas e por contornos territoriais mais bem precisos. Nesse sentido, mesmo vinculada a toda uma publicidade que envolve a formação de um mercado gay e de um movimento de político em busca da cidadania, a “comunidade gay brasileira” acaba sendo mais definida como redes ou circuitos de interações homoeróticas microterritorializadas nos espaços das cidades brasileiras. Essas microterritorializações dos desejos e interações homoeróticas vão se caracterizar pela diversidade das expressões, estéticas, comportamentos e posturas de seus integrantes.

Como vimos, no capítulo anterior, nos anos 1980, a AIDS foi em muito representada como uma “epidemia gay”. Esse fato produziu uma ruptura social do movimento político gay e sua luta pela cidadania. A doença, ao mesmo tempo em que aumentou os debates sobre a sexualidade, fez também aumentar o estigma homossexual. Nesse contexto, produzem-se múltiplas fugas homoeróticas de uma pretensa sujeitificação/unificação da sexualidade sob a proposta gay. Os contornos culturais dos guetos e/ou das microterritorializações gays se tornam ainda mais indefinidos do que já eram. Os impulsos desejanter homoeróticos acabam convergindo para inúmeros possíveis contornos imaginários em relação a uma realidade que transita de forma instável entre a repressão e a livre expressão.<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> Perlongher (1987) e Parker (2002) nos mostram como no Brasil torna-se difícil demarcar a existência de uma comunidade gay mais consolidada, e sim uma diversidade de experiências territorializadas em circuitos gays existentes em todas as grandes cidades brasileiras. Em São Francisco (EUA), esta comunidade tem um contorno mais bem definido no bairro Castro.

<sup>62</sup> Costa (2002), Parker (2002) e Braga Jr. (2006) analisam a diversidade de formas de convivência e expressividades homoeróticas existentes nas cidades brasileiras. Costa (2002) atenta para Porto Alegre e Parker (2002) para Rio de Janeiro e Fortaleza. Braga Junior (2006) discute o *pastiche* gay como sintoma da diversidade contida nessa pretensa unidade cultural. Em nossas experiências

As redes dos circuitos gays nas cidades brasileiras, assim como as microterritorializações de encontros homoeróticos, tornam-se diversamente transitórios e múltiplos quanto aos caracteres estéticos, comportamentais e de formas de interação que agregam. A eles convergem, como criações imaginárias da realidade, inúmeros elementos expressivos da dialética repressão/liberdade que o momento histórico contém. Transitam, como elementos culturais dessas microterritorializações homoeróticas, representações de uma realidade que ora contém a aproximação a normalidade social, ora afasta-se como tomada de contestação. Nesse sentido, múltiplos contextos interacionais territorializados se tecem no qual cada um é um momento/espço específico da dialética ordem/norma/desvio/liberdade/espontaneidade. Por outro lado, como também vimos no capítulo primeiro, a teoria/movimento *queer* vê no movimento cultural gay justamente o *pastiche*, e não a unidade. Talvez o que se defina como gay seja a realização de uma explosão de possíveis imaginações de mundo que se libertam

---

participativas continuadas em Porto Alegre, assim como outras mais breves em outras cidades como Manaus, Florianópolis, Curitiba e Rio de Janeiro, verificamos que, a cada microterritorialização homoerótica formada, as definições estéticas e comportamentais são singulares. Mesmo quando os sujeitos se repetem nos lugares visitados, tais lugares acabam forçando a uma produção de uma postura quanto à estética, ao comportamento, ao tratamento do corpo e aos gestos e aos assuntos a discutir. Em primeiro momento, as estéticas de gêneros sexuais podem misturar-se, ou tornarem-se caricaturas, ou, até mesmo, serem exacerbados. As microterritorializações desses convívios transmitem o grau em que esses elementos são reinventados, exacerbados ou normalizados. Por outro lado, muitas outras estéticas e comportamentos distantes do que seria a representação de gay acabam misturando-se em determinadas convivências territorializadas, como, por exemplo, os elementos urbanos *surf, rock, dark, reggae, emo, retrô*. Braz (2006), por exemplo, analisa o universo homoerótico *leather*. Atualmente ocorrem muitas festas temáticas voltadas a um público essencialmente homoerótico, mas cuja agregação não se fundamenta somente pelo desejo, mas pelos estilos de música e de expressões artística que cultuam. Muitos sujeitos homoeróticos também acabam negando e mantendo repúdio a qualquer vínculo estético e prática cultural que se vincule a alterações quanto às definições de gênero masculino, denotando gosto a beleza do masculino, e a práticas esportivas que possibilitem a expressão dessa beleza: no Rio de Janeiro muitos adeptos ao surf e/ou a musculação se territorializam em partes das praias para manterem afetividades homoeróticas, assim como em Manaus a prática do voleibol na Praia da Ponta Negra também é permeada pelas afetividades homoeróticas desse tipo. Não há necessidade aqui de argumentar sobre cada realidade expressiva de agregados territorializados homoeróticos, porém é importante frisar que o desejo homoerótico pode ser o motivo da agregação, mas inúmeros outros elementos podem contribuir a sua diversificação. Outro fator evidente, analisado também em Costa (2002), é a capacidade de indivíduos *same sex oriented* experimentarem inúmeras situações de reunião homoafetiva, mantendo a curiosidade quanto à diversidade de possibilidades relacionais que possam viver. A necessidade do experimento e de investimento homoerótico em situações inusitadas e/ou condições de reuniões estéticas e comportamentais múltiplas acaba produzindo um constante processo de reinvenção quanto aos fatores de atração de indivíduos *same sex oriented*, tornando esse mundo cada vez mais complexo.

povoando a realidade em diferentes contextos de interação movimentados pelos desejos homoeróticos. Gay, nesse sentido, teria um caráter de expressão latente, mutante e instável, mais vinculado à diversidade e à alteridade de expressões do que propriamente a uma unificação cultural. Nesse sentido, o entendimento dessa cultura somente poderia ser aprendido pela diversidade que ela agrega, ou seja, pelas formas de expressão de agregados humanos homoeróticos microterritorializados no espaço urbano.

Nesse contexto histórico também observamos que os regramentos morais contidos nas interações cotidianas das instituições e dos discursos sociais acabam afrouxando-se perante a própria deslegitimação dessas instituições e desses discursos. Como discutimos, a disciplinarização entra em crise em virtude da emergência de uma “era” de busca da felicidade e de responsabilidade individual em se obtê-la. Aos poucos a disciplina, na atualidade, vai sendo substituída pelo controle dos parâmetros de felicidade e pela aguda depressão de quem não consegue ser. Os projetos de desempenho social desdobram-se na necessidade de auto-promoção criativa dos sujeitos.<sup>63</sup> O sucesso individual e o senso atual de incentivo à criatividade possibilitam que o trabalho de imaginação prevaleça sobre a realidade racional (perante os rígidos moralismos e as determinações de instituições sociais arcaicas). O homem contemporâneo, espera-se, constantemente deve mudar e atualizar seus conceitos, uma vez que a sociedade contemporânea apresenta-se marcada pelo consumo e pela inovação.

A inovação permeia o tecido social e constrói múltiplos sujeitos. A “inovação que consome inovação” estabelece patamares e modelos de sucesso e de felicidade que se instabilizam a cada instante. Nesse dinamismo mutante e desenfreado, tudo pode ser/ter chance de sucesso e promover felicidade, uma vez que pode se apresentar como inovação. Nesse processo, tudo se mistura e tudo pode tornar-se possível e fonte de felicidade. Assim, observamos a explosão de possibilidades

---

<sup>63</sup> Em relação aos projetos de desempenho havia parâmetros morais que os regavam, no qual os sujeitos deveriam ser disciplinados em relação a normativas que organizariam suas vidas. Em relação ao controle dos parâmetros de felicidade, o prazer do consumo (desordenado e amoral - muitas vezes imoral quanto a muitos padrões passados) e o sucesso egoístico e individualista tende a cada dia regar a vida em sociedade. Antes o sofrimento era originado pela dor da castração e da repressão, agora a depressão em não se “obter” (consumo, felicidade e sucesso) é sinônimo de marginalização. Nesse sentido o indivíduo acaba sentindo-se como sendo o único causador de seu sofrimento.

expressivas nas quais os desejos acabam sendo elementos importantes ao sucesso e a felicidade humana (atrelada ao consumo de inovação). Nesse dinamismo, qualquer barreira autoritária que impeça a fluidez das alteridades dos desejos ser combatida, ou seja, tudo que seja autoritário e procure se perpetuar é visto com desconfiança. Por outro lado, ao mesmo tempo em que a felicidade se dissipa pelo desejo em/e pela inovação, torna-se muito fácil ser infeliz. A infelicidade permeia também um tecido social regido pela sagacidade em se inovar (inovação de si mesmo). Conforme Prata (2004), no mundo contemporâneo, a histeria é substituída pela depressão. Se a primeira estava relacionada à repressão disciplinar das rígidas instituições sociais, a última estaria relacionada à instabilidade e à insegurança em um mundo em que tudo que seja estável e rígido é tido como antiquado e autoritário. Conforme Baumann (2001), o homem na modernidade se abstém do desejo em troca da segurança (do desempenho individual em relação à estabilidade das instituições sociais). Segundo o autor, na emergência da pós-modernidade, o desejo é o que prevalece, ou seja, o desejo movimentado pelo caos do mercado. O homem tende a abster-se dos rígidos instrumentos de controle sobre seus desejos (da segurança promovida pela vida social regida pela racionalidade institucional) em troca da felicidade em poder exercê-los. Em meio à crise das instituições sociais, o homem se vê responsável por si em sua saga por felicidade, que acaba sempre se tornando insuficiente em virtude do incrível dinamismo existente em relação ao consumo de inovação e do acréscimo que isso representa as exigências de “mais-felicidade”. Assim, múltiplos contextos de infelicidade também são produzidos em meio a complexos e múltiplos modelos de felicidade. A felicidade, nesse dinamismo, também é revelada pela desigualdade em se obtê-la, em virtude da incapacidade de todos igualmente otimizá-la e de se atualizarem permanentemente na mutabilidade criativa das inovações que a promovem.

O trabalho de imaginação tende a criar a realidade contemporânea. O homem imagina e cria contextos de inovação que promovem patamares e modelos diversos de exercício de seus desejos que o tornam momentaneamente feliz. Por outro lado, o homem precisa também inventar/imaginar outras possibilidades de existência quando se encontra infeliz em não ter acessado/sido a inovação. Nesse sentido, a



sociedade apresenta-se mais por seus contextos múltiplos de imaginações que se tornam realidades, do que por um todo racional, lógico e unificado. O que se apresenta, então, é um espaço social caótico e orgânico de criação de uma infinidade de realidades provenientes da imaginação dos homens em interação e em busca de felicidade. Nesse caos tudo é possível, mas também tudo é desigualmente possível para a promoção da felicidade. Não ser/estar feliz hoje se apresenta também como uma autoritária repressão. Não ser feliz, perante uma sociedade que obriga o indivíduo a ser, implica afundar-se na depressão. Assim se fundam as “separações” no mundo atual, como contextos diversos de felicidade e de infelicidade dos sujeitos responsáveis por si mesmos. Nesses contextos, rígidas normas identitárias perdem terreno ao experimento, à inovação e ao desejo.

Nesse sentido, em relação aos desejos homoeróticos, contextos diversos (quanto à possibilidade de expressão deles, quanto a formas de interação coletivas e quanto a elementos/formas estéticas dos corpos) são existências não mais reprimidas, desde que se vinculem a parâmetros ótimos e necessários de felicidade e inovação. Em vez de visualizarmos uma condição social desviante unificada, parâmetro da bimodalidade heterossexual e homossexual, hoje podemos perceber inúmeras realidades que vinculam expressões homoeróticas à felicidade de autopromover-se em relação ao consumo de inovação (estética e criativa). Sujeitos e microcoletividades homoeróticas tornam-se desiguais nesse dinamismo, condicionando-os em múltiplas “realidades-imaginárias” entre ser/estar feliz ou infeliz, ou seja, apresentam-se em múltiplas agregações microterritorializadas de acesso as condições de felicidade ótimas. Em meio a circuitos espaciais e à diversidade de expressões individuais e coletivas, múltiplas segregações/separações e diferentes realidades de discriminação e de livre exercício da sexualidade podem ser observadas em virtude dos parâmetros de sucesso, felicidade e inovação que o momento adquire. Assim, podemos visualizar toda a alteridade existente nas interações homoeróticas e todas a diversidade de possíveis territorializações dessas interações em virtude as condições de felicidade que elas possam realmente expressar.

### **3.5. A DIALÉTICA SOBRE A FRAGMENTAÇÃO RELACIONAL NA CIDADE E DA PRODUÇÃO DE MICROTERRITORIALIZAÇÕES URBANAS, OU POCKETS OF SOCIAL RELATIONS**

Podemos entender a modernidade como um grande projeto de organização racional das identidades sociais assim como as suas distribuições funcionais no espaço urbano. A homossexualidade apresenta-se, nesse contexto, como um pólo unificado para qual convergem os desviantes (sexuais). No entanto, lembrando Vallerstein (1995), as décadas de 1960 e 1970 são marcadas pela deslegitimação dos propósitos de organização social em prol do progresso e do desenvolvimento, uma vez que os “louros” desse propósito são muito restritos em todo mundo, tornando ricos poucos e pobres muitos. A percepção de que as desigualdades econômicas estão relacionadas com as diferenças culturais fortalecem movimentos sociais em prol da igualdade e da cidadania contra o preconceito. Emergem, portanto, os movimentos religiosos, das mulheres, dos gays, dos negros, dos indígenas, dos punks, entre outras coletivizações e culturas que se acumulavam nas grandes cidades.

Por outro lado, Bauman (2003) sugere que a própria libertação das diferenças e sua acumulação é possível devido a uma constante transnacionalização do capitalismo e de sua elite, que, com a emergência do capital financeiro, desvincula-se das necessidades de regramento social. Como vimos, além da explosão dos movimentos sociais e da emergência das alteridades, ocorre o afrouxamento dos instrumentos/instituições de disciplinarização social, em um mundo onde a regra é ser feliz (e ser responsável por isso). Além da disciplina institucional, o consumo capitalista vai reger a sociedade, promovendo o desejo individual e tornando necessário ser feliz. A elite capitalista não depende mais drasticamente do próprio meio material e humano local, uma vez que o capital cada vez mais é propenso em se desvincular da força de trabalho. O que ocorre hoje é a necessidade de estimular a diversidade de níveis e formas de consumo que estão ligados à diversificação cultural dos grupos humanos.

Nesse sentido, nos parece que as possibilidades de expressão da diversidade cultural nos meios urbanos atuais estão ligadas a duas interpretações possíveis:

- a) a diversificação cultural é fetichizada pelo consumo: constantemente se criam e recriam tipos de consumo e grupos inseridos neles, o que diversifica as experiências de convivência e de sensações sociais. Essa diversidade “banaliza” as experiências individuais e “aliena” pela superficialidade delas, estabelecendo o controle contínuo pelo domínio dos corpos e das sensações e não mais pela inserção em instituições disciplinares;
- b) há contestações aos regramentos sociais, tanto aos vinculados com as disciplinas institucionais, como aos estabelecidos pela repressão/controlado em relação à comercialização dos desejos humanos. Movimentos que buscam contestar a disciplina e ao controle buscam a autenticidade individual e coletiva e estão presentes nos meios urbanos como alternativas de autonomia de vida. Talvez a alienação pelo consumo seja uma estratégia capitalista oportuna em um momento de diferenciação sociocultural excessiva e de sua incapacidade de regramento social.

Noutra discussão, além dos mundos imaginados irracionais promovidos pelo consumo, outros mundos da imaginação são criados em virtude das depressões promovidas pela incapacidade em obter-se “mais-consumo” e, conseqüentemente, “mais-felicidade”. As inseguranças de um mundo da ascensão do desejo consumista e da responsabilidade individual em obter felicidade tornam necessárias invenções de outros “mundos/realidades” de segurança. Essas novas formas seguras vão apresentar-se, por exemplo, pela coletivização afetiva dos “bandos” urbanos e das demonstrações extremadas de emoção das “galeras” de futebol e das igrejas evangélicas. Nem toda alteridade é alteridade relacionada ao desejo/prazer de consumo regrada pelo mercado. Existem níveis diferenciados de regramento consumista e outros níveis diferenciados de infelicidade promovidos pela desigualdade em se obter prazer pelo consumo. A depressão promovida pela incapacidade de acompanhar o pleno exercício de prazer em um mundo do consumo mutante e instável, regido pela inovação, gera a necessidade de criarem-se outras

imaginações coletivas que podem questionar o controle consumista por diferentes óticas e relações entre negação e contemplação consumista.

Nesse sentido, são diversas as formas de convivência exercidas na cidade. Ela é, de um lado, ainda um conjunto de fragmentos espaciais previsíveis, como fruto da funcionalidade econômica e da especialização das atividades e das agregações sociais. Por outro lado, nela estão presentes diferentes comportamentos e formas de coletivização que escapam da racionalidade da realidade instrumental e moralista. Tais expressões, porém, não perambulam livremente no espaço público, e, ao mesmo tempo, também não se escondem em guetos fechados, mas singularizam lugares que tornam visíveis as propostas inventadas pelas coletividades afetivas/imaginárias humanas. A cidade se produz e se transforma por esse conjunto de fragmentos singulares que são o que são pela especificidade do conflito ou da interação entre regramentos e desregramentos em relação a disciplinaridade da sociedade racional e da desordem e do prazer de consumo capitalista. Fragmentos urbanos são condições tanto da sociedade como da sua negação. Esses fragmentos relacionam-se com a sociedade num movimento de interdependência e de coabitação, assim como de conflito e de negação.

Forças conflitantes de regramento da sexualidade agem na produção de uma territorialização gay em uma parte do espaço social. Essas forças ora conflituam, ora interagem, e acabam produzindo um espaço possível a visualização da sexualidade homoerótica: são borbulhantes na territorialização forças cotidianas de repressão e de libertação que agem concomitantemente e dão características ao local, às convivências, às relações coletivas e às percepções individuais. Assim se produzem os espaços de convivência na cidade. Cada fragmento deve ser estudado por essa dialética entre norma/disciplina e espontaneidade/prazer/desejo. O resultado da produção microterritorial gira em torno de alguma coisa entre a regra, desvio e espontaneidade.

Cabe então ressaltar a importância do entendimento da produção do espaço social urbano a partir de suas contradições e ambigüidades. A cidade contemporânea, como argumenta Salgueiro (1998), se apresenta como um espaço fragmentado no qual essa fragmentação se estabelece em escala muito grande. São

microespaços segregados tanto pela lógica de reprodução do capital imobiliário como pela aleatoriedade e diversidade de microagregados sociais de convivência afetiva ou funcional. Então, a produção dos fragmentos urbanos de convivência social, seja afetiva ou funcional, não se define simplesmente, de um lado, como uma fuga às determinações sociais ou, por outro lado, como fazendo parte de conjunto de relações especializadas motivadas pelo parcelamento de grupos urbanos envolvidos na funcionalidade econômica da cidade. Todo fragmento relacional urbano apresenta uma realidade em conflito entre determinantes sociais e práticas subjetivas que discordam e forçam o rompimento com o próprio social, no qual o resultado da forma e da expressão das relações coletivas resultantes é imprevisível e também mutante.

Para entender tais produções e o fundamento da multiplicidade de microagregados territoriais urbanos, devemos recorrer ao método dialético de entendimento do cotidiano. De acordo com Lefebvre (1958), a cotidianidade é um misto ambíguo e instável de racionalidade e empirismo, de positivismo e sentimentalidade. Um misto de lógica formal (da identidade) e lógica dialética (das relações de diferença, de oposição, de reciprocidade, de interação, de complementaridade). Nesse sentido, o autor enfatiza a necessidade do pensamento dialético recusando o discurso logicamente coerente. A lógica coerente remete a uma estabilidade das coisas e as relações de “causa e efeito”, que produzem modelos e possibilidades que se tornam naturalizadas e que mascaram as contradições existentes na sociedade. Na verdade, a estabilidade é sempre provisória no mundo real dos fenômenos naturais e sociais, ou seja, a pretensa estabilidade apresenta pontos críticos de uma estrutura que se quer coerente, mas que sempre pode explodir.

É necessário rever a estabilidade e as constâncias e estudar o conflito, as contradições e os antagonismos. É importante perceber os pontos críticos, de ruptura e de desestruturação das coisas e dos fenômenos que se querem estáveis. O pensamento dialético consiste em um estudo das estabilidades, das estruturas que não negligenciam o tornar-se e um estudo do tornar-se que não negligencia as estabilidades, ou seja, não por um “sim” ou “não”, mas por um “sim” e “não”, “talvez um sim”, “talvez um não”.

O meio urbano atual se caracteriza por uma multiplicidade de pequenos ou microterritórios nos quais relações coletivas humanas acontecem numa dinâmica incrivelmente rápida no sentido da construção e desconstrução de espaços de convivência e a da transitoriedade dos indivíduos que participam de tais agregações. Podemos observar duas coisas a respeito disso: em primeiro lugar, é fundamento de tais microterritórios de convivência a relação dialética entre instrumentalidade e afetividade das relações, influências de ideologias metafísicas de regramentos e incitações de revoltas moleculares de desregramentos. Cada fragmento relacional urbano possibilita-nos realizar uma análise dos condicionantes verticalizados, que regem o comportamento das pessoas, e das práticas locais de improvisação, expressão de subjetividades e contestação ou fuga em relação aos elementos repressores. Em segundo lugar, devido à transitoriedade dos elementos que vêm participar do agregado territorializado, o próprio fragmento, ou seja, a área de convivência demarcada (o território) ou o meio concreto – entendendo o suporte físico, os próprios corpos e a expressão estética do lugar – acaba por sobrepujar-se ante o social. É o microterritório, como uma área que delimita a interação e/ou o conflito entre práticas racionais e afetivas, que dá forma às práticas sociais diversas em meio urbano.

Por estabelecer-se por processos de interação entre movimentos globais e experiências local e pela dialética entre empirismo-incoerência e lógica formal coerente, cada microterritório urbano tende a ser uma totalidade singular. Mesmo influenciado pela globalização da cultura e dos regramentos moralistas modernos, o agregado territorial tende a absorver essas influências e reinterpretá-las a partir de práticas locais. Nesse sentido, segundo Maffesoli (2002, p. 183 e 184), “o solo é o que faz nascer, é o que permite o crescimento, é o lugar onde jazem todas as agregações sociais e suas sublimações simbólicas, o espaço é um ponto de referência, um ancoradouro para o grupo” e “enquanto ligado ao seu lugar, um grupo transforma (dinâmica) e se adapta (estática), nesse sentido, o espaço é um dado social que me faz e que é feito”.

De acordo com Gomes (2004), o espaço pode ser visto como uma condição de construção de relações sociais específicas. Nesse senso ele não é somente um

espelho das relações sociais, mas um cenário onde as relações sociais acontecem, estruturando os limites das ações, condicionando e qualificando-as. O autor sugere a análise de duas matrizes espaciais que procuram entender a dinâmica entre espaço e sociedade, tanto a partir das normatizações sociais, como pelos processos locais afetivos que agregam as pessoas.

A primeira matriz seria o *nomoespaço*, definido através de normas regulares que antecipam comportamentos, delimita-os, classifica-os e impõe-lhes níveis hierárquicos e constrangimentos quanto a desvios. Essa matriz preza a regra de convivência do espaço público, definido por um pacto formal ou um contrato construído sobre a renúncia de parte da liberdade pessoal em prol do bem comum. O *nomoespaço* é fundamento da democracia, em que formas de regulação da convivência regram a diversidade e aplicam o respeito mútuo a partir de direitos e deveres cidadãos que garantem a coabitação. Esse regular códigos de conduta é estabelecido e nomeado como civilidade, urbanidade e polidez e condiciona a vida diária da população.

A segunda matriz seria o *genoespaço*, que remete à voluntária adesão individual a um tipo de agregação humana. Essa matriz se origina nos processos de atração e convergências de tipos específicos de pessoas interessadas na formação de uma coletivização que se caracteriza por práticas relacionais singulares. Processos de identificação formam a agregação espacial, assim como a agregação espacial possibilita processos de identificação e a própria agregação das pessoas.

Na concepção de *genoespaço* é importante a categoria de território, pois o processo de agregação social específica, em diferentes escalas, remete a fronteiras dos limites de determinada agregação e emergência de outra, numa constante alternância espacial entre identidade e alteridade. As agregações territoriais são baseadas em símbolos, valores, comportamentos, estéticas e éticas que se diferenciam de outros grupos, colocando o território como fundamental para a manutenção dessas evidências de singularização e persistência do próprio grupo.

Sugerimos, assim como Gomes (2004), o uso dessas matrizes espaciais para analisar a sociedade urbana contemporânea. Os fragmentos territoriais de convivência se proliferam no espaço urbano, e cada fragmento é condição tanto de

processos evidentes no nomoespaço como no genoespço. A cada realidade de agregação socioespacial, podemos entender uma complexa interação entre as duas matrizes, que acabam gerando formatos de agregação populacional imprevisíveis, ora tendendo para o regramento normativo do *nomoespaço*, ora para a organicidade empírica do *genoespaço*. As duas matrizes devem ser instrumentos de uma análise dialética da diversidade de microinterações populacionais territorializadas no espaço social urbano.

Chamamos novamente a atenção para o conceito de cultura e sua contradição teórica entre orgânica e supra-orgânica. A sociedade definida por uma cultura supra-orgânica é deslegitimada pela existência de um espaço social no qual prolifera-se uma diversidade de “culturas orgânicas” que irão estabelecer uma gama de comportamentos e construções objetivadas pelas relações das pessoas nos locais singulares de interação. Segundo Geertz (1989), a cultura se refere à manutenção temporal de certas práticas relacionais humanas localizadas, cujos sujeitos se entendem a partir delas, assim como agem em virtude dela. A cultura remete à localização das interações humanas, que são pela produzidas pela cultura e, ao mesmo tempo, a produzem; por isso, ela remete à construção de escalas de interações específicas nas quais cada lugar se apresenta com uma cultura singular. Porém, essa singularidade não se estabelece *no* local e simplesmente *pe*lo local, mas na relação entre a autenticidade das relações locais permeadas por processos e construções que se estabelecem em diversas escalas geográficas e temporais em diferentes níveis de comunicação, interação e agregação de aspectos.

Velho (1989, p. 14), remetendo-se a Simmel, nos faz pensar sobre essa ambigüidade do conceito de cultura, que gravita entre a sua característica objetiva e a subjetiva:

O homem é um organismo superior, com um *self* cujas potencialidades podem ser desenvolvidas. Não preciso insistir que Simmel coloca-se dentro de uma longa e complexa tradição do pensamento ocidental, em que a idéia de *uniqueness* do indivíduo é crucial. Toda a idéia de self-cultivation, presente, de uma maneira ou de outra, em pensadores como Goethe, reaparece com todo vigor em Simmel, através da noção de *cultura subjetiva* (*subjective culture*). Para ele, existe uma *cultura objetiva* (*objective culture*) externa ao indivíduo, sempre interagindo com ele. Mas são relações diferentes sem relações mecânicas. A *cultura objetiva* de uma sociedade pode ser complexa, diferenciada, heterogênea, e a *cultura subjetiva* de seus



membros pode nada ter a ver com isso. Este, aliás, seria um dos paradoxos da modernidade, pois o desenvolvimento da tecnologia e da civilização material, a complexificação e fragmentação da vida social não produziram indivíduos com uma *cultura subjetiva* mais elaborada. Segundo vários pensadores dar-se-ia justamente o contrário. No entanto, para mim, neste momento é mais relevante mostrar como Simmel distingue cultura *objetiva* da *subjetiva*. Esta deve ser compreendida como uma totalidade cujo aperfeiçoamento passaria pela busca de harmonia entre diferentes potencialidades, capacidades, características.

Pensamos que o conceito de cultura opera na interação entre objetividade e subjetividade, entre forças externas ao indivíduo, que o dobra e o condiciona, e sua capacidade de escolha: sua iniciativa; sua capacidade de improvisar e usar forças internas que burlam e que dão novas formas a interações externamente objetivadas. Nesse sentido, a construção do território é que localiza, que identifica e que estabelece os limites de interação e/ou de conflito entre objetividade e subjetividade, fazendo criar uma aura ou um campo de interações humanas singulares. Devido à diversidade de possibilidades de escolhas e ao acúmulo de diferenças e de experiências na cidade contemporânea, as culturas são muito diversas e tendem a ser expressas por microterritórios que possibilitam a convivência e as práticas de determinada agregação humana.

Como afirma Geertz (1989, p. 10), a cultura é um contexto. Podemos dizer que a cultura é um território ou territórios, que podem ser entendidos em diferentes escalas, nas quais aparecem as fronteiras entre práticas individuais humanas em interações coletivas, estabelecidas tanto pela necessidade de totalização dessas práticas como, ao mesmo tempo, pelas forças de singularização e autenticidade local delas:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é o poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 1989, P. 10)

A sociedade moderna vive em processos dialéticos de particularização e de universalização, e isso se apresenta na realidade da fragmentação microterritorial da vida social urbana. Podemos entender como fragmentação tanto a condição de

parcelamento instrumental e individualização promovida pela necessidade de totalização dos regramentos racionais, como pelas agregações de cunho comunitário e formação de meios de interação afetivos regidos pela imaginação e pela promoção do prazer irracional junto às possibilidades que as realidades urbanas oferecem. Esses movimentos acontecem concomitantes nos processos de interação social, de sociabilidade, em que, como afirma Mafessoli (2002), dialeticamente “vai ao encontro de e contra o social”. Tais forças, interagindo juntas, tendem a produzir resultados diversos (que são as interações) que se expressam em grande escala delimitada, ou seja, são microterritórios que produzem, mantêm e condicionam a agregação humana ou sociabilidade.

Velho (2004) argumenta que os indivíduos, vivendo em sociedade, devem produzir projetos individuais que os ligarão a um conjunto de cenários fragmentados e instituições que constituem um campo de possibilidades de atuação performática já produzidas e aceitas socialmente. O campo de possibilidades irá condicionar o indivíduo e a produção de seu projeto, sendo que tal projeto deve ser público, mostrado e avaliado em relação a outros projetos e ao campo de possibilidades que restringe seu próprio processo de construção. No processo de construção desse projeto, existe uma série de regramentos e punições cotidianas que irão lapidá-lo, retirando os inconvenientes, os desejos pecaminosos e os sentimentos impróprios.

O desempenho dos papéis individuais é estabelecido em virtude do desempenho de outros papéis no processo de interação social, em que esse processo de interação produz contextos ou cenários que encaixam determinadas encenações coletivas, que, por sua vez, interagem com outros contextos definidos por outros campos de desempenho de papéis individuais. Assim se constituem os fragmentos de interação e os condicionamentos sociais que dobram o indivíduo: a partir de um conjunto de *pockets of social relations* (GLUCKMAN apud VELLHO, 2004, p. 31), condicionados por campos de possibilidades que interagem e constituem escalas hierárquicas para a busca da totalização e do ordenamento da sociedade geral.

Dessa forma, Velho (2004) observa que o espaço social condiciona os indivíduos à produção de papéis que permitirão a elaboração de identidades mais ou

menos sólidas, respeitadas ou gratificantes. Porém, a individualidade pode expressar-se a partir de uma performance mais ou menos bem-sucedida e, devido a isso, sempre podem ocorrer possibilidades de manobras ao desempenho de papéis sociais, nas quais criam-se novas alternativas individuais/subjetivas a objetividade do desempenho deles. As manobras e os improvisos em relação à rigidez presente no desempenho dos papéis sociais acabam promovendo um “retorno do eu reprimido”, mas também a sua castração em virtude da rigidez objetiva presente nos cenários de interação social. Isso acaba acarretando um deslocamento espacial das novas alternativas de interação e formação de lugares que possibilitariam as “manobras espontâneas” que reinventariam os determinantes sociais.

Segundo o autor, podem ocorrer desvios mesmo em contextos de interação bastante rígidos e comprometidos com as determinações sociais. Isso já evidencia que existe nesses grupos o entrelaçamento entre regramentos e transgressões na constituição dos *pockets of social relations*. Porém, a pessoa pode buscar maiores possibilidades de expressão de seus desejos individuais, ou seja, ela sai primeiramente em busca de individualização, mas, ao mesmo tempo, na busca de contexto de interação que possibilitem tal individualização. Nesse paradoxo entre fragmentação e totalização, normatização e desregramento, vão sendo produzidos *pockets of social relations*, nos quais cada um se caracteriza por forças dialéticas singulares da relação entre norma e espontaneidade. Na cidade, então, podem ser mapeados diferentes bairros que tendem à maior normatização das relações sociais e outros que tendem ao maior afrouxamento das normas de convivência, assim como a agregação consolidada mais em relação ao projeto de totalização do que em relação ao de fragmentação e vice-versa.

Pensamos que também, dentro de cada bairro, numa escala maior, possam ser observados microterritórios, ou micro *pockets of social relations*, que se diversificam entre níveis diferenciados de regramento e desregramentos. Ainda mais, nos próprios microterritórios que possam surgir em virtude da agregação de desviantes sociais, como os microterritórios de convivência homossexual, podem ser

observados condutas e comportamentos que muitas vezes remetem à reprodução das normas sociais.<sup>64</sup>

Podemos entender, então, a urbanização como o produto e a dinâmica complexa da dialética entre individualização e coletivização que vão produzindo múltiplas formas e conteúdos, em grandes escalas (micropartes do espaço urbano), que evidenciam, ao mesmo tempo, o paradoxo e a interação entre social e não-social (comunitário). Seriam inerentes à urbanização a formação, a diferenciação e a segregação entre diversas formas de agregação social, na qual tais agregações tendem a existir pela possibilidade de apropriação de parte do espaço e da formação de um território (territorialização). O próprio processo dialético, gerando ora conflitos, ora interações entre macrodefinições sociais (expressadas por ideologias e intervenções urbanas concretas do Estado e do grande capital) e a organicidade material e simbólica (expressadas em tribos urbanas, comunidades de bairros, segmentos socioeconômicos e culturais específicos), produzem diversos processos dinâmicos de territorialização (assim como de desterritorialização), gerando formas e conteúdos urbanos (agregações sociais territorializadas) mutantes e fluidos.

A cidade se constitui por um conjunto de território (microterritórios) que marcam os diferentes sujeitos e convivências urbanas. O território produz a existência concreta de várias estratégias de representação dentro da cidade, assim como seus limites, ou seja, os limites onde começam estratégias de representação diferentes. As microterritorializações urbanas se expressam pelas diferenças de convivência e de relações intersubjetivas dos indivíduos que participam. Elas possibilitam o próprio encontro a o fortalecimento dessas ligações ou laços intersubjetivos. Parece que a cidade multiplica-se em realidades urbanas dentro dela mesma, na qual a diversidade de comportamentos possíveis e a complexa produção subjetiva dos indivíduos tornam dinâmica a busca de coletivizações singulares para extravasamento de necessidades relacionais específicas.

Segundo Silva (2001, p.34),

---

<sup>64</sup> Trevisan (2000) observa em grupos homossexuais a reprodução da dicotomia entre ativo e passivo nas relações sexuais e comportamento individual, como uma característica relacional que vai ao encontro ao ordenamento de gêneros masculinos e femininos nas relações heterossexuais.

Os territórios podem manifestar-se com diferentes matérias expressivas, como verbal, a fônica ou a escritural; também podem reconhecer a diversidade genética, como serem de homens ou de mulheres; podem também definir variações na idade dos participantes como territórios de jovens (inclusive “sardinos”, como na Colômbia chamamos os jovens, e de “gagás”, como se diz no Brasil) ou de velhos. Pode-se igualmente reconhecer extratos sociais, ou origem cidadina e regional ou formação acadêmica e nível escolar. Em outras palavras, para que falemos da construção de territórios, só se quer que os refiramos a um conjunto de práticas que em seu todo mostrem ser construídas por *sujeitos territoriais* – que tenham conseguido um processo de atualização para reconhecer-se na própria experiência social.

Nesse sentido, a cidade se produz por microterritorializações urbanas, que significam, usando as palavras de Silva (2001, p. 33 e 34), “a sobrevivência necessária de espaços de auto-realização de sujeitos identificados por práticas similares que em tal sentido são impregnados e caracterizados, pode-se conseqüentemente deduzir que os territórios são de natureza diferentes”. Por serem de profunda subjetividade social e produzirem-se por sentimentos coletivos no urbano, as microterritorializações não são precisas. Elas delimitam e expressam, assim como possibilitam contextos específicos de interação em processos de diferenciação e segregação. Porém, os limites delas não são precisos, flutuam. Muitas vezes as microterritorializações somem para aparecerem em outro horário (ou no mesmo horário em outro dia) e podem também estar sobrepostas umas a outras. Por outro lado, elas existem, e as fronteiras entre diferentes interações existem, mesmo sendo quase imperceptíveis. Nesse sentido, o território, portanto, não é um mapa, mas um croqui, com limites imprecisos, quase sempre evocativos e metafóricos (SILVA, 2001, p. 24).

As microterritorializações urbanas evidenciam múltiplas possibilidades de agregação e aproximação de indivíduos, pois são elas que fundamentam concretamente formas e conteúdos estéticos, possibilidades de sensações e relações coletivas e extravasamentos emocionais pela existência de uma variabilidade de rituais inseridos em cada uma delas. É o espaço (as microterritorializações urbanas) que possibilita uma certa durabilidade de certos processos interativos entre as pessoas, uma vez que as próprias pessoas, movidas por uma vontade frenética de experimentação e consumo de formas de convivência

e empirismo, estão constantemente em trânsito e acessam fugazmente determinadas experiências. Segundo Haesbaert (2002), o mundo pós-moderno não se desterritorializa, mas se reterritorializa. Nele as “tribos” evidenciam a revalorização da vida cotidiana, da frivolidade e da superficialidade e provocam aproximação (promiscuidade) porque existe o partilhamento do mesmo território no qual vemos nascer a idéia comunitária e étnica que é seu corolário. Nesse sentido, no cotidiano urbano das grandes cidades, podemos observar muitas “tribos”, muitos segmentos sociais e muitas territorialidades urbanas que produzem e são produzidas por esse movimento de reterritorialização, ou seja, ocasionando contexto para que elas existam.

Devido à multiplicidade de experimentação sociocultural e ao plano cosmopolita em que se encontram as grandes cidades, múltiplas culturas estão presentes e marcam seus territórios de expressão. Os constantes contatos culturais que a cidade proporciona e a acentuada dinâmica de experimentação produzem identidades, estéticas e comportamentos compósitos e híbridos, em que os indivíduos não são identificáveis por essa ou aquela forma de expressão ou identidade, mas tornam-se, de acordo com Baumann (apud FORTUNA; SILVA, 2002, p. 452), “estranhos”.

A cidade não é lugar nem da aceitação nem da negação ao diferente. Em primeiro lugar, nela se observa uma postura *blasé*, como já argumentamos, ou seja, uma indiferença quanto à diferença. Em segundo lugar, o estranho, ou aquele que experimentou diferentes formas de relacionamento coletivo na cidade e que absorveu diferentes itens culturais não é merecedor nem de crédito nem de descrédito. A cidade, como espaço multicultural, apresenta-se como tolerante à diversidade, mas essa tolerância não abstém os processos de segregação, pois o próprio processo de hibridismo ou composição cultural é diverso e leva a outras formas de diferenciação que tendem a segregarem-se. Perpassa a hibridização o processo de diferenciação em relação à outra forma e contexto híbrido. Isso mantém e complexifica a hibridização cultural do mundo urbano, tornando dinâmica a criação e a destruição de possíveis interações e mantendo a realidade de experimentação

contínua do indivíduo em vários contextos relacionais que se alteram no tempo e no espaço.

O estranhamento em relação ao híbrido urbano leva a uma postura de tolerância que pode ser positiva ou negativa, segundo Fortuna e Silva (2002). No comportamento de tolerância negativa, observa-se a aceitação, mas não o compartilhamento de atitudes e comportamentos de determinada agregação e estética coletiva. Por outro lado, o comportamento de tolerância positiva leva à absorção completa ou de certos aspectos em processo de experimentação individual e de mergulho nas atividades interacionais do agregado humano com que se entra em contato.

Tanto no processo de tolerância positiva como no de tolerância negativa verifica-se a necessidade de haver territórios destinados a certas agregações e a certas experiências coletivas. No meio urbano podem existir microterritorializações onde a tolerância negativa determina as diferenças e as singularizações estéticas e comportamentais do agregado em relação a outro, definindo fronteiras de convivência muito próximas e flutuantes entre tribos urbanas. No entanto, existem microterritorializações urbanas em que a lógica de convivência é justamente a mistura e a experimentação de vários tipos estéticos e comportamentais que compartilham o mesmo espaço. Por outro lado, também podemos falar de bairros de grandes cidades onde não acontecem hibridismos culturais, e as relações estabelecidas seguem rígidos modelos de comportamento e homogeneização social. Muitos bairros residenciais de moradores de alta renda apresentam seu espaço concreto homogeneizado por padrões arquitetônicos e por regulares formas de relacionamento entre seus moradores. Porém, existem espaços públicos nos quais circulam uma extrema diversidade de pessoas provenientes de várias partes da cidade e até mesmo de fora dela. São eles espaços de lazer e de entretenimento, como praças, parques, praias, até mesmo shoppings centers e algumas ruas de diversão noturna onde inúmeros bares se aglomeram.

Em tais regiões urbanas é que as diferenças culturais tornam-se próximas e que acontecem tanto os fenômenos de tolerância negativa como de tolerância positiva. Enquanto se operam processos de hibridização, também processos de

segregação se tornam acentuados, o que acarreta a disputa pela apropriação do espaço e a oportunidade de mostrar a diferença em espaço público. Muitos grupos reforçam seus sentimentos de singularidade pelo contato com a alteridade em regiões urbanas onde a diversidade cultural habita. Na questão gay, por exemplo, torna-se evidente a alegria do compartilhamento e a expressão de afetividade em espaço público;<sup>65</sup> porém, essa expressão só é possível porque o próprio espaço

---

<sup>65</sup> O que podemos notar é ainda o contínuo repúdio em relação às afetividades homoeróticas (como por exemplo o beijo e os carinhos trocados entre pessoas do mesmo sexo) em público. No entanto, em alguns espaços públicos, em que convergem uma diversidade de “estranhos”, que não se conhecem completamente, tais expressões, ao mesmo tempo em que são “estranhadas”, são banalizadas. Mesmo as pessoas que passam ainda expressam certos “olhares” e comentários discriminatórios. Porém, para serem vistas publicamente, as afetividades homoeróticas necessitam da reunião microterritorial, na qual seus componentes sentem-se seguros pelo compartilhamento coletivo delas. Em alguns países europeus elas apresentam-se dissolvidas por entre a multidão, sem denotar algum problema; no entanto, em muitas cidades brasileiras, torna-se necessária a microterritorialização de proteção à livre expressão, como, por exemplo, em Porto Alegre, as reuniões pontuais homoeróticas no Parque da Redenção nos domingos, assim como a região do centro comercial Nova Olaria e esquinas das ruas Lima e Silva e República, no bairro Cidade Baixa. No Rio de Janeiro observamos a microterritorialização homoerótica no Posto 9 da Praia de Ipanema e em alguns bares da rua Farne de Almoedo, neste mesmo bairro. Em Manaus essas expressões ocorrem, em espaço público, nas periferias da boate A2, antes e durante as festas noturnas das sextas e sábados, muitas vezes entre passantes que se dirigem aos pontos de transporte coletivo. Também Praça São Sebastião, durante a noite, para a qual converge uma diversidade de pessoas para passearem. Verifica-se a reunião em frente ao Teatro Amazonas. Em Florianópolis é muito evidente, assim como no Posto 9, no Rio de Janeiro, a concentração espacial no bar do Deca na Praia Mole. Os exemplos das praias do Rio de Janeiro e de Florianópolis nos mostram microterritórios justapostos a outros muito próximos, como, por exemplo, a reunião de surfistas e de outras expressões heteroeróticas. Em Porto Alegre as reuniões pontuais no Parque da Redenção apresentam-se muito diversificadas quanto às qualidades estéticas dos sujeitos homoeróticos. No Centro Comercial Nova Olaria, microgrupos se formam, entre a maior concentração de pessoas, em frente ao centro comercial, como, por exemplo, a “mistura” entre homoerotismo e expressões *darks*, *rocks* e *emos* - os primeiros basicamente cultuando a estética sombria nas roupas e na maquiagem, inclusive com alguns homens maquiados no estilo; os segundos, usando vestimentas surradas dos *grunges* de Seattle (EUA) e elementos visuais, como camisetas, dos artistas e banda que cultuam; os terceiros, misturando elementos *darks* e *clubbers* dos anos 1990, como, por exemplo, o uso de botas militares, maquiagens sombrias com acessórios (cintos, pulseiras, colares, botons) multicoloridos e destoantes do entorno; os *emos* (termo reduzido de *emotion*), acabam facilmente expressando homoerotismo em seus gestos e comportamentos, pois a sigla e as reuniões implicam justamente a expressão livre de emoção, qualquer que seja, muito próxima à proposta *Queer*, de expressão homoerótica livre, sem qualquer necessidade de definição autoritária. As culturas homoeróticas de praia no Rio de Janeiro apresentam-se mais específicas, mas, de certa forma, mais divergentes dos estereótipos tidos como gays. As *barbies* – expressões que denomina muitos sujeitos homoeróticos cariocas – apresenta-se como um grupo muito fechado de convivência e são, em sua maioria, homens que cultuam esportes diversos, academias de ginástica e uso de anabolizantes. Fecham-se em círculos relacionais mais restritos, e o corpo masculino musculoso e as roupas que permitem o delinear são atributos de aproximação. Mesmo exacerbando as expressões masculinas, podemos perceber entre as “*barbies* amigas” a expressão de muitos gestos e modos de falar efeminados, fazendo transitar muito drasticamente a estética de gêneros sexuais, assim como alguns homens musculosos são *drags* em boates como a Lê Boy – ou seja, os corpos são musculosos, mas a expressão, feminina, exacerbada, da *drag queen*. Na Praia Mole, em Florianópolis, acaba também havendo essa tendência de culto



público se define pela diversidade cultural que circula e por várias formas de agregação que se processam, dando consistência à possibilidade de livre expressão cultural.

Para a expressão livre de subjetividades individuais, é necessária, em primeiro lugar, uma porção do espaço público que aceite a circulação da diversidade cultural e não apresente dispositivo rígido de repressão; em segundo lugar, a existência de *pockets of social relations*, ou microterritorializações, que possibilitem a identificação de uma tribo urbana ou de um tipo de agregação cultural, mesmo sendo híbrida ou apresentando uma forma estética mais homogênea. Em muitas áreas urbanas de propensão ao aparecimento da diversidade cultural ou ao hibridismo, percebemos que a formação da microterritorialização que marca a agregação humana torna-se elemento fundador das possibilidades de se exercer determinadas práticas relacionais e afetivas. Na cidade atual, observamos uma diversidade de grupos que se relacionam de forma totalmente diferente e precisam de algum lugar para poder se encontrar. Podemos observar nas esquinas, em partes de uma rua, em um bar, em uma boate, em um café, em um restaurante e em partes específicas de praias e parques, pontos que são marcados por um conjunto de pessoas que se parecem e que possuem assuntos comuns a debater. Essas agregações parecem triviais, parecem não possuir importância, mas elas carregam justamente múltiplas realidades que evidenciam a diversidade de formas de ver, sentir e viver a cidade.

Nesse sentido, a cidade multicultural não é somente a face da aceitação e da existência pacífica das alteridades, ela implica múltiplas segregações, discriminações e preconceitos contidos nas contradições sociais. Essas contradições representam situações dialéticas entre aquilo que imprime condições e reprime os indivíduos e grupos sociais, definidos por parâmetros homoegizantes e discriminatórios da estrutura macrosocial, e suas micropolíticas de contestação e de sobrevivência em relação a suas dificuldades em encontrar expressão e espaço nessa estrutura.

---

exagerado ao corpo masculino - inclusive, pelas informações que obtivemos, ocorre o uso de prótese deslocável na região genital dos homens para que parecessem ter grandes membros. Em Florianópolis também observamos uma tendência migratória sazonal homoerótica, ou seja, muitos homens orientados para o mesmo sexo passam as férias nessa cidade no verão, principalmente paulistas e gaúchos, muitas vezes tornando na experiência de férias intensas as experiências homoeróticas.

Maclaren (2000) argumenta, assim, que as relações entre indivíduos, grupos e a sociedade implicam um contínuo refazer nos quais “macro” e “micro” se informam e se constituem mutuamente. Toda alteridade, assim, está imersa na estrutura classificatória da sociedade e é auto-influenciada por suas definições morais e pelos interesses de racionalização e funcionalização das relações sociais. Por outro lado, ela é autêntica, devido à força de seus questionamentos e ações de resistência contra a opressão e a discriminação relativa aos processos desiguais de distribuição de riquezas, de inserção e de oportunidades sociais, assim como em relação aos preconceitos quanto aos seus interesses afetivos, a seus prazeres e às especificidades das interações que estabelecem. Em virtude desse processo dialético, as alteridades se reconstituem e se reinventam tornando singularidades espaciais e temporais importantes para entender os conflitos e contradições inseridas no espaço urbano da sociedade contemporânea.

Mas o que é a cidade? A cidade pode ser muitas coisas; aliás, múltiplas, centenas de visões são construídas da cidade por todas as pessoas que vivem ela. Para entender essa multiplicidade de visões sobre o urbano, temos que captá-lo naqueles lugares onde determinadas pessoas convivem e expressam coletivamente, em processo de interação, seus gostos e desgostos de viver a cidade. Somente assim é que podemos entender o urbano, ou seja, pela diversidade de entendimentos que ela agrega. Essa diversidade tem de ser captada, pois só assim que podemos agir e estabelecer um direito à cidade, como nos lembra Lefebvre (2001).

Para entender a diversidade, o espaço torna-se fundamental. As pessoas e as percepções urbanas só se estabelecem porque existem lugares onde elas possam encontrar-se e conversar a respeito delas mesmas e de suas interações com a cidade. Esses lugares é que criam a interação e as próprias pessoas, assim como suas contribuições à caracterização do urbano. Os fragmentos espaciais urbanos é que dão condições à produção de uma base de entendimento concreto sobre a cidade.

#### 4. O METODO MICROTERRITORIAL E O CASO DAS MICROTERRITORIALIZAÇÕES HOMOERÓTICAS EM PORTO ALEGRE-RS

O foco de estudo desse trabalho compreende a formação de uma rede de relações constituída de amigos<sup>66</sup> muito íntimos, companheiros de longo tempo, assim como conhecidos mais distantes e personagens passageiros de ligeiras conversas e contatos breves (mas que se tornaram densos no tempo curto que parou, que se foi e deixou suas marcas). O cerne empírico é a experiência de vida e a inserção efetiva no interesse de estudo, constituído pelos contatos humanos diversos, dentro da rede de relações, assim como em relação a amigos externos dos amigos dessas redes, que se tornaram, às vezes, mais que amigos, mas companheiros das intimidades e das simples conversas de bar e das noites nas boates de Porto Alegre, do Rio de Janeiro, de Florianópolis, de São Vicente e de Manaus. O texto discorre sobre experiências diversas: com os amigos, com os companheiros de sempre e com os breves, nas situações de “paqueras”, nas “noitadas” e, muitas vezes, nas tardes longas e improdutivas. O interesse formou-se pela compreensão dessa rede de relações que envolveram o autor, assim como o entendimento dele nesta rede, como um conjunto de sujeitos que, por seus contatos, compreendem cada vez mais os outros e a si mesmos.

Porto Alegre é a cidade das “experiências mil”,<sup>67</sup> desde os primeiros tempos nas noites de sábado no Enigma<sup>68</sup>, nas sextas do Ocidente<sup>69</sup> e nos domingos de

---

<sup>66</sup> O termo “amigos” refere-se aos sujeitos que contribuíram a pesquisa e cuja discussão teórica converge para as relações estabelecidas entre nós e eles, como um conjunto de trocas de experiências e produções de entendimentos conjuntos sobre o homoerotismo e suas relações espaciais.

<sup>67</sup> Essa pesquisa é eminentemente participativa, mas também longitudinal, a partir do momento que tomamos vivências de tempos diversos que remetem a essas experiências. O caráter “pessoal” aqui, não inviabiliza o caráter “científico” da tese. Colocamo-nos com centro de um conjunto de atividades e experiências que convergem para os sujeitos e grupos que entramos em contato e que queremos discutir com uma teoria que explique as relações entre território, territorialidade, homossexualidade, homoerotismo, cultura e espaço urbano.

<sup>68</sup> Antiga boate gay de Porto Alegre, localizado na área central, na rua Pinto Bandeira. Hoje não funciona mais, sendo o prédio destinado a atividade de comércio com funcionamento diurno.

<sup>69</sup> O Ocidente persiste no tempo. Posteriormente iremos discutir as relações microterritoriais desse lugar. Localiza-se no bairro Bom Fim, na esquina da rua Oswaldo Aranha com João Telles.

tarde no Escaler<sup>70</sup>, assim como qualquer dia da semana no centro, próximo ao Shopping Rua da Praia e Praça da Alfândega<sup>71</sup>. Hoje somente podemos contar com o Ocidente e o Vitraux, bem diferentes do que os tempos de 1994. Depois dele veio o Fim de Século, o bar Venezianos, a esquina da Lima e Silva com a República, o Centro Comercial Nova Olaria e o Cine Teatro. A Porto Alegre da rede de relações não é somente a desses lugares de consumo, cujos sujeitos consomem e são consumidos pelo desejo, mas a Porto Alegre da rua e as ruas de Porto Alegre. Desde os encontros rápidos, e muitos outros rápidos que se tornaram longos, na Redenção<sup>72</sup>, no Shopping Rua da Praia, na Casa de Cultura Mario Quintana e nas calçadas da Cidade Baixa, do Bom Fim e do Centro. Os espaços dos encontros se constroem aos poucos na vida dos desejos e na felicidade de viver-se pelos contatos, pelos abraços, beijos, fluidos, corpos, sexos. Permitem se encontrarem as vidas: suas alegrias, seus desesperos, suas emoções, suas decepções, seus comprometimentos, suas realizações, suas preocupações e seus “não estou nem aí...”. Por eles encontram-se sujeitos muito distantes, mas que, num piscar de olhos, tornam-se íntimos pela conexão forte de suas experiências. Pelo espaço dos encontros os desejos daqueles a quem são negados a publicidade pode emergir.

Os espaços de encontros homoeróticos povoam todas as grandes cidades na atualidade. Eles são aqueles movidos pelo consumo do desejo e pelo desejo consumidor homoerótico, das casas gays e GLS,<sup>73</sup> assim como os lugares da simples transgressão, nos labirintos escuros dos parques e nas sutilezas encontradas em banheiros públicos, praças de alimentação de shoppings, nas praças e nas ruas tanto desertas como as totalmente povoadas. Nos encontros não ocorre a preocupação identitária (Você é gay? Você é homossexual? Você é heterossexual?). O que ocorre é a necessidade de posicionamento, a comunhão, desde as agregações informais das ruas, até as agregações mais identificadas/identificadoras dos lugares de consumo gay. Os posicionamentos dos

<sup>70</sup> O Escaler era um bar “ao ar livre”, localizado no Mercado do Bom Fim, entre as ruas Oswaldo Aranha e José Bonifácio, no mesmo bairro. Foi fechado em 1996, para revitalização do prédio e não mais aberto depois da conclusão das obras, em 2000.

<sup>71</sup> Apresentamos essas experiências microterritoriais passadas em Costa (2002).

<sup>72</sup> O nome oficial do Parque da Redenção é Parque Farroupilha, porém preferimos o uso desse nome por ser mais usual.

<sup>73</sup> Sigla pra Gays, Lésbicas e Simpatizantes.

sujeitos são especificados e especificadores dos lugares de encontros; portanto, posicionamentos definidos pela coletividade (“aqui e agora”) que marcam os atributos dos sujeitos desejantes múltiplos e definem alguns atributos comuns. A comunhão marca e limita o lugar, sendo territorializada pelas fronteiras de convivências estabelecidas. Somente a marcação da comunhão permite aflorar os desejos homoeróticos, mas, grande parte das vezes, essas marcações são instáveis e difusas (como um parque em que, até certo ponto, permite, em certos espaços, expressões homoeróticas, mas em outros as nega).

Em relação aos muitos amigos, companheiros, conhecidos e transeuntes que compõem a rede de relações que envolvem o autor, o estigma homossexual constitui a origem de muitas de suas manobras de existência: manobras para a busca da autenticidade que vai burlar e combater o estigma, mesmo que somente para eles/si/nós mesmos. Por outro lado, a identificação gay vai remeter ao encontro com a aceitação, mas que não vai significar uma igualdade de corpos e mentes, nem a “curtição” das mesmas músicas, dos mesmos desejos, das mesmas formas de falar e de comunicar-se entre si. Mesmo aqueles que se dizem gays, as perspectivas perante os desejos homoeróticos e perante os processos de territorialização serão diversos. Nesse sentido, o que denota os atributos do homerotismo é a emergência dele na comunhão territorializada. Advém daí a necessidade de teorização que produziu o texto desta pesquisa.

Além das informalidades que se apresentam, o cerne empírico, como contexto de múltiplas experiências do autor, o texto permeia uma história acadêmica de pesquisas sobre a temática.<sup>74</sup> Essas pesquisas possibilitaram contatos com um gama de indivíduos orientados para o mesmo sexo, em suas freqüências nas praças e parques de Porto Alegre, assim como nos bares e boates da cidade. Conseguimos tecer redes de contatos informais pelas quais conseguimos apreender perspectivas,

---

<sup>74</sup> Desde os trabalhos de mestrado que produziram a dissertação *A Condição Homossexual e a Emergência de Territorializações*, perpassando as pesquisas feitas junto ao curso de Geografia da ULBRA, sobre os cotidianos das praças e parques de Porto Alegre, por onde derivam sujeitos desejantes homoeróticos, com a colaboração dos bolsistas voluntários Eriberto Teixeira, Arilson Volken, Denise Carvalho e Alexandro Amaro, até o retorno do foco na pesquisa sobre territorializações homoeróticas, no projeto de iniciação científica patrocinado pela FAPERGS e desenvolvido pelas bolsistas Vanessa Branco Cardoso e Ângela Muller – esta, em caráter voluntário.

discursos, comportamentos e ideais quanto à relação entre indivíduos conhecidos e homoerotismo. Entre as diferentes conversas tecidas, foram agregando-se mensagens num corpo mental constituinte da observação participativa que se tornou, pouco a pouco, pesquisa-ação (THIOLLENT, 2002). Nesse processo, o pesquisador acabou impregnando-se do grupo cultural estudado, transitando por sua diversidade e vivendo os prazeres contidos em seus territórios de convivência afetiva, cujos formatos transitam entre muitos trajetos indefinidos, em lugares bem fechados, somente dos que “entendem”.

Merece destacar a excitação desse mundo que transita entre o proibido, a tristeza das inúmeras tênues repressões e a emoção das felizes experiências dos encontros e das festas que definem suas possibilidades de vivência coletiva. O mundo homoerótico é um “circuito” espacial (nos moldes de PARKER, 2002) por onde derivam (nas idéias de PERLONGHER, 1987) homens (o caso da pesquisa centra-se no universo masculino) em constante estado de excitação e “saídas de si”: são as aventuras derivantes pela cidade (ruas, becos, praças, shoppings, banheiros), cuja atenção é o puro desejo do encontro (principalmente sexual) que se territorializa em pontos mais certos de sucesso (embora o acaso aconteça a qualquer lugar), tornando o espaço urbano (principalmente trajetos e lugares melhor definidos por uma coletividade que não se enxerga totalmente) extremamente erotizado (PARKER, 2002), tanto nas noites escuras do Centro vazio como no formar da multidão durante os horários de *rush*.

Por outro lado, além das “deriva-territorializadas” de busca sexual, conforme demonstramos no trabalho da dissertação (COSTA, 2002), os grupos de amigos coesos divertem-se de forma muito afetiva nos bares, *pubs* e boates da cidade, e é por esses grupos primários que se tecem alguns elementos que seriam constituintes de uma cultura gay, muito embora os próprios assuntos, interesses e comportamentos grupais e individuais nos grupos já denotem várias formas de expressão e investimentos homoeróticos.

Já em Costa (2002), observamos a tentativa de se enquadrar essa diversidade, coisa um tanto pretenciosa, uma vez que as condições são múltiplas e mutantes. Tentamos classificar as microterritorializações homoeróticas em Porto

Alegre a partir de transposições quanto à identidade homossexual (velada, negada e divulgada) dos sujeitos envolvidos nos lugares (nos quais se estabeleceu a convivência participativa), quanto ao padrão estético (estilo *fashion*, masculinização excessiva, transgenerificação, afirmação de estéticas de gênero masculinos, etc.), quanto à postura em relação aos comportamentos gays (bofes, bichas, homens comuns *same sex oriented*, travestis, etc), quanto ao tipo de convivência espacial (amigável, de busca sexual, segregada, não-segregada, banalização pós-moderna, desvio moderno, entre outros) e quanto ao padrão territorial (trajetos, pequena área e espaço localizado). A proposta já conseguiu estabelecer uma idéia da diversidade de microterritorializações de convivência em Porto Alegre, embora muitos dos lugares representados já não existam há um bom tempo.

Porém, a sobreposição de idéias aos lugares, contudo, talvez nunca possa ser suficiente para defini-los, uma vez que eles são microterritorializações do “aqui e agora” da rede social que se tece no espaço e no momento exatos e fazem convergir diferentes subjetividades que objetivam suas qualidades em aparências, investimentos grupais, expressões estéticas, comportamentos, nos quais essa rede de diferentes sujeitos envolvidos produz a “aura” e a “forma” do lugar (nos moldes “formistas”, discutido por MAFFESOLI, 2002). Nesse sentido, o interesse do trabalho aqui apresentado é discutir e teorizar sobre essa objetivação cotidiana instável e mutante dos desejos homoeróticos, cujo elo de expressão e ligação grupal é a existência do microterritório, que nunca pode ser visto pela perdurância, mas pelo momento espacial, que guarda consigo tanto o acaso dos momentos e das espontaneidades, quanto os imponderáveis rígidos da história autoritária de uma sociedade normativa.

Além da ação-participativa nas “derivadas de caça” (busca sexual), o envolvimento num grupo de amizade sólido no tempo (de mais de cinco anos) permitiu entender muitas das questões que envolvem a homossexualidade, a cultura gay e os desejos homoeróticos. Tal grupo formado por amigos comuns cujas tramas de intrigas da vida fizeram proliferar-se em outros grupos em dissidências diversas, muitas vezes identificados pelo convívio coeso, ou somente pelo encontro em momentos de lazer, outras vezes indicando contatos individuais, nos quais se teciam

revelações íntimas de cada um, não-pertencentes nem divulgadas a todos componentes. Os sujeitos desse grupo apresentam-se como elementos muito diferentes quanto a posturas, desejos, preferências de estéticas e prazeres sexuais, profissões e formas de comportar-se em relação à sociedade heteronormativa. Suas representações circulam na diversidade composta por cada um e nas diferenças entre as expressões vividas nos lugares em que estão sozinhos, nas do grupo unido e nas diferentes situações de convivência desse próprio grupo em comunhão. No entanto, todos vão necessitar, estando sozinhos ou unidos, dos lugares de encontros - e usá-los - para tornarem-se espontâneos e objetivarem seus interesses afetivos homoeróticos.

Nos territórios possíveis, a convivência espontânea dos homoerotismos<sup>75</sup> componentes de cada um, vão acontecer comunhões de idéias e comportamentos no interior do pequeno grupo de amigos e na totalidade que representa a territorialização, composta de elementos individuais assim como outros grupos de amizades. Parece que, pela brincadeira e pelo lazer, flui entre os grupos de amigos elementos que podem ser vistos como gay (ou *camp*): como o efeminamento nas falas e posturas, os modelos estéticos *fashions*, as discussões sobre música e divas, a necessidade de dançar e extravasar, a paquera e o sexo descomprometido, e o culto ao *pastiche*, representado pela estética do lugar e pelos shows de *drag queens*.

Mas tudo isso são representações que vão permear e ser assumidos mais ou menos por alguns, não por todos. Muito deles vão levar esses atributos ao cotidiano inteiro de suas vidas (principalmente quanto os vemos envolvidos em certas profissões, como cabeleireiro; embora se tenha conhecido cabelereiros totalmente envolvidos com uma postura e uma estética bem masculinas que façam lembrar o surfista, por exemplo). Outros, porém, apresentam nos lugares surtos componentes de expressões *camp* e outros, ainda, nunca foram vistos transitando por essas expressões.

---

<sup>75</sup> Homoerotismo aqui vai implicar o desejo sexual envolvendo indivíduos masculinos, nos quais se fundam estéticas, comportamentos corporais e gostos relativos a eles. A expressão do corpo e as manifestações discursivas envolvendo o desejo em relação ao masculino (corpo ou partes dele), assim como suas relações com o feminino (como a androginia, o efeminamento, o travestismo ou o distanciamento da masculinização excessiva), irão aproximar ou distanciar indivíduos que precisam enxergar/identificar-se mutuamente, os motivos da agregação social e da territorialização delas.



Outro fator notado foi a relação entre modelo “hierárquico” (ativo e passivo) e modelo “igualitário” de Peter Fry (1982): parece-nos que isso faz parte efetivamente das posturas homoeróticas. Por outro lado, aparecem ênfases variáveis quanto ao grupo de convivência, perpassando os somente passivos, os somente ativos, os *bivolt* (expressão usada para designar aqueles que gostam das duas coisas), aqueles que transam com ambos os sexos, aqueles em que a penetração não é necessária, os próximos ao sadismo e ao masoquismo, os que querem somente sexo com amor, os que durante muito tempo se tornaram assexuados, entre outros bem definidos e que se transformaram radicalmente nesses cinco anos de convivência.

Gostaríamos de ressaltar a experiência de um amigo que se apresentava sob os moldes totalmente gays: cabeleireiro, cabelo descolorido, roupas brilhantes e extravagantes, efeminamento na fala e nos gestos, gosto pela atividade sexual passiva, assíduo as boates e festas gays, constantes extravasamentos de humor e alegria exacerbada, entre outros. Tal amigo, de repente, deixa o grupo e estabelece uma vida totalmente heterossexualizada e familiar (inclusive com o nascimento de uma filha) no decorrer de pelo menos quatro anos nesse período de convivência. Há pouco tempo, no ano de 2007, esse amigo volta a participar nova e efetivamente da vida gay que tinha deixado no passado.

Em nossas experiências de observação, pudemos, em muito, perceber histórias de vida que se aproximam de fases propostas por Costa (1992) e Plummer (apud WEEKS, 1999). O primeiro evidencia as fases de “tornar-se homossexual”, “a proteção pelo/contra o preconceito”, a “aceitação da identidade homossexual” e a “revalorização da identidade homossexual contra o preconceito”. O segundo observa as fases de aquisição da identidade estigmatizada: a fase da “sensibilização” (sentir-se diferente), da “significação” (atribuir sentido à diferença), a da “subculturização” (reconhecer-se a si próprio pelo envolvimento com outros) e “estabilização” (aceitar os sentimento e o modo de vida).

Vamos retomar mais tarde essas fases, inserindo-as na discussão sobre as territorializações homoeróticas; porém, podemos evidenciar que realmente vai existir uma significação de uma diferença homossexual a todos os indivíduos. Essa

diferença talvez não seja conhecida por todos como homossexual, em primeiro momento, mas na participação na família, na escola e nos grupos de amizades, durante a infância e a adolescência, sentir-se diferente remeterá à não-adequação às atividades, maneiras e comportamentos de gênero sexual, causando outras formas de denominações discriminatórias conhecidas, popularmente, como bicha, veado, boilola, mulherzinha, gay, etc. Somente buscando a significação de seus desejos e comportamentos, talvez já na adolescência, ou depois de muitos anos de sofrimento e luta contra eles, na fase adulta, talvez os homens orientados de alguma forma para o mesmo sexo poderão denominar isso de comportamento homossexual. Porém, mesmo todos sabendo que somente estar/ser atraído por atributos masculinos constitui um comportamento unificado homossexual, muitos dos indivíduos vão expressar e exercer a dita “homossexualidade” em momentos, tempos, condições e atributos diferenciados.

A convivência em lugares de freqüência homossexual e o contato com o lazer, a sexualidade e a afetividade delirante dessas agregações, nos moldes *camp* ou *gay*, é que o indivíduo aos poucos vai tornando-se “subculturizado”. A subculturização implicará a territorialização dos desejos e afetividades homoeróticas, e o contato com elementos diversos e com o *pastiche* gay. Talvez aí ele realmente atribuirá sentido ao que é ser gay, diferente do gay como que era chamado na adolescência, que constituiria o sinônimo de bicha e veado; portanto, altamente discriminatório. Ser gay, nesse momento, implicaria a auto-identificação com uma comunidade, um conjunto de experiências territorializadas e uma aura cultural que começa a ser expressa em seus gostos, vontades e estilos. No entanto, mesmo existindo uma grande maioria de indivíduos que se auto-identificam como gays, ser gay vai remeter a muitas tantas experiências, estilos e formas de agregação possíveis pela constante reinvenção de consumo de identidades e estéticas que esse mundo possa transitar.

Por outro lado, muitos indivíduos podem não gostar da expressão *gay*. Mesmo vivendo em meios essencialmente homoerotizados, descartam qualquer possibilidade de vínculo e valorização dos atributos gays. Também podemos verificar outros homens que convivem com uma ambigüidade prática (atos sexuais) ou somente subjetivada (imaginações, voyerismo, masturbação, contatos muito breves,

etc) com os desejos homoeróticos, nunca inserindo-se ou auto-identificando-se como gays.

Todos esses elementos são pontos mais ou menos marcados das possibilidades homoeróticas, mas os homens transitam constantemente entre esses pontos, como pudemos verificar, entendendo as transformações constantes de nossos amigos, e com retomadas de contatos com personagens breves que mantivemos no passado e que se apresentaram no presente com outras idéias, outros comportamentos e outros vínculos com os desejos homoeróticos, assim como participantes de territorializações que talvez nunca antes tivessem coragem de participar.

Em outro momento,<sup>76</sup> organizaram-se entrevistas estruturadas para aprofundar sobre as histórias de vida dos indivíduos com que tivemos contato e enfocar o significado dos microterritórios de agregação a construção dos comportamentos e das qualidades dos sujeitos homoeróticos. O questionário foi organizado mantendo a idéia de Plummer sobre a constituição da identidade estigmatizada, porém enfatizamos a tentativa de perceber como e quando se estabeleceu o processo de “subculturização”, no sentido de analisar como essa “subculturização” está remetida ao envolvimento com uma territorialidade homoerótica.

O questionário foi aplicado na cidade de Porto Alegre, no segundo semestre de 2005 e no primeiro de 2006, envolvendo conversas com aproximadamente vinte pessoas orientadas para o mesmo sexo.

Grande parte das pessoas entrevistada já pertencia à rede de “conhecidos” do autor. O restante foram outros contatos estabelecidos pelas bolsistas de iniciação científica em envolvimento com o trabalho. As teorizações sobre as respostas obtidas com o questionário estarão melhor explanas no último capítulo, no qual enfatizamos a discussão sobre a territorialização das expressões homoeróticas. Porém, salientamos a importância do envolvimento de outras pessoas neste trabalho, principalmente as bolsistas de iniciação científica, causando oportunidades

---

<sup>76</sup> Que irá marcar uma atividade da pesquisa de doutoramento e a oportunidade de participar do programa de iniciação científica da FAPERGS, nos anos de 2005 e 2006, que participaram as graduandas Vanessa Cardoso e Ângela Muller, do curso de Geografia da ULBRA.

de discussões entre autor e outras visões fora/em primeiros contados do/com os contextos estudados. Para o autor foi possível perceber a visão daqueles distanciados desse cotidiano, cujos debates convergiam sempre para a tentativa do autor procurar “fragmentar” e “desfragmentar” visões já prontas e estabelecidas durante alguns anos de convivência, observação continuada e interação efetiva com sujeitos e territorialidades homoeróticas.

As experiências de convivência com sujeitos homoeróticos e com a diversidade de suas territorializações, levaram-nos a preocupação do entendimento do cotidiano que envolve a construção das condições de existências desses desejos e espontaneidades, assim como, nosso interesse como geógrafo, como as condições espaciais vão permitir e reprimir tais expressões tão repudiadas na história da humanidade. Nesse sentido, como base de sustentação teórica para explicar a relação entre território e homoerotismo, centramo-nos nos estudos do cotidiano, uma vez que o próprio cotidiano é condição de todas as coisas que o normalizam e tornam regras de convivência em sociedade, assim como todos os imprevistos e espontaneidades que permeiam as relações face a face.

O cotidiano é o misto ambíguo entre regra e espontaneidade, ambas alterando-se e se constituindo mutuamente. Nesse aspecto, nos parece que as espontaneidades homoeróticas acabaram sendo reprimidas em enquadramentos desviantes que necessitavam, em meio à sociedade normativa e das regras da publicidade, condições territoriais específicas para acontecerem, mas também como espaços delimitados nos quais elementos de regramento poderiam ser exercidos com maiores facilidades. É por esse viés que nosso trabalho se justifica, ou seja, pela construção de um conjunto de teorizações a respeito de uma Geografia do cotidiano urbano que enfoca o caso das (micro) territorializações dos desejos homoeróticos em meio a um espaço normatizado.

No decorrer das discussões, acabamos tendo a idéia de que a dialética entre ordem e desvio é a condição essencial da sociedade, assim como evidência da sua condição incompleta. Verificamos que, aquém de uma sociedade que se quis perfeita para o progresso, o que encontramos foi o puro espaço social ambíguo, como condições múltiplas de territorialidades e territorializações de contextos singulares

que envolvem a dialética entre diversas formas-conteúdos espontâneos das interações humanas e as condições normativas historicamente construídas, como produtos de uma sociedade moderna que quis se unificar perante todo o mundo. Dessa forma, sugerimos a atenção a um método de análise microterritorial na Geografia, que vai tentar procurar discutir as múltiplas diversidades existenciais territorializadas no espaço social. Esse método se originou do interesse empírico da vivência junto às derivas e comunhões homoeróticas, mas pode servir de entendimento a muitas outras realidades expressivas que se territorializam e produzem a diversidade desse espaço social.

#### **4.1. O MÉTODO MICROTERRITORIAL**

A produção do espaço urbano não se dá de forma homogênea, como tanto foi o interesse do projeto moderno de controle social, mas se estabelece por múltiplos processos de fragmentação relacional dos grupos humanos. A própria fragmentação relacional urbana produz e é produto de diferentes formas de apropriação espacial dos agregados sociais que constituem a cidade. Verificamos, a partir disso, a produção multiterritorial do espaço urbano, na qual cada parcela apropriada do espaço se identifica como um microterritório em formação.

A principal atividade de nossa pesquisa é discutir sobre a contribuição da Geografia para o entendimento das diferentes apropriações espaciais que se tecem na cidade. Enfatizamos o estudo de microterritórios tênues e informais - que expressam convivências muito específicas -, como os representados por um “ponto” de reunião de grupos de jovens ou, então, no caso para o que atentamos, de grupos orientados para o mesmo sexo. Por outro lado, enfatizamos que este estudo pode ampliar-se para a análise do “fechamento” territorial de áreas maiores e mais populosas na cidade, estabelecidas devido às contradições de classe e de micropolíticas de contestação e violência em virtude aos processos de contradição entre exclusão e inclusão social. Procuramos desenvolver uma proposta teórico-metodológica para entender esses processos inseridos na realidade do espaço

urbano contemporâneo. Assim, discutimos, de forma integrada, os elementos que seguem:

#### **4.1.1. A abordagem microgeográfica**

Esta abordagem já é trabalhada por Gomes (2001), que procura analisar a organização das convivências sociais do espaço urbano, inseridas na dialética da relação entre espaços público e privado e no processo de retração do espaço público em virtude de microapropriações espaciais de grupos específicos que produzem fronteiras de convivências entre eles.

#### **4.1.2. A abordagem sobre a Geografia do cotidiano**

Aprofundamos nossa análise sobre o cotidiano urbano e procuramos discutir duas vertentes fundamentais:

- a) o cotidiano como condição “supracultural” (superestrutura, ideológica, e infraestrutura, material), que imprime condicionamentos (regras de comportamento, lógicas de agir e pensar) e reprime o homem como mero ser ordinário e alienado (LEFEBVRE, 1958; HELLER, 1991);
- b) as correntes que tratam das ínfimas relações informais presentes na vida do homem comum, as quais, ao mesmo tempo, reproduzem traços rotineiros da estrutura social, mas também promovem improvisos e novas perspectivas que contradizem a normalidade dessa estrutura (DE CERTEAU, 2004; GOFFMANN, 1996; COULON, 1995).

#### **4.1.3. Multiterritorialidade e microterritorialidade**

Enfocamos os conceitos de território e de territorialidade como fundamentais à pesquisa. Verificamos as múltiplas possibilidades de manifestação da territorialidade (HAESBAERT, 2004), principalmente enfocando os processos culturais de

apropriação espacial e a “grande escala”, ou microáreas, de análise, ou seja, as microterritorializações culturais urbanas.

#### **4.1.4. Formismo**

A partir de MAFFESOLI (2002), enfatizamos a formação de microterritorializações “tênuas” (fluidas, instáveis, mutantes, restritas a tempos curtos) no espaço urbano, como fenômeno espacial dos processos de “estar-junto comunitário”, ou seja, pontos e trajetos urbanos apropriados por determinados tipos culturais (agregados culturais ou tribos urbanas) que se atraem mutuamente, sobretudo por um sentimento estético (expressões de desejos e necessidades relacionais específicas espontâneas nas quais as relações se tecem como puras, sem sentidos e propósitos funcionais) e menos por uma condição racional inserida nas rotinas urbanas. Isso se insere a realização dos mundos imaginados dos sujeitos em busca do prazer e da felicidade.

#### **4.1.5. Nomoespço e Genoespço**

De acordo com Gomes (2004), o espaço pode ser visto como uma condição de construção de relações sociais específicas. Nesse senso, ele não é somente um espelho das relações sociais, mas um cenário onde as relações sociais acontecem, estruturando os limites das ações, condicionando e qualificando-as. O autor sugere a análise dessas duas matrizes espaciais que procuram entender a dinâmica entre espaço e sociedade, tanto a partir das normatizações sociais, como pelos processos locais afetivos que agregam as pessoas em partes delimitadas do espaço urbano.

Conforme vimos na seção três<sup>77</sup>, a primeira matriz seria o *nomoespço*, que organiza e normatiza o espaço público, pela moral, pela lei e pelas classificações sociais. A segunda matriz seria o *genoespço*, que remete a espontaneidade das relações e das agregações humanas, muitas vezes discondantes a norma do espaço

---

<sup>77</sup> Pagina 111.

público, sendo condição de sua desconstrução ou retração, tornando parte desse espaço apropriado, privatizado ou semiprivatizado.

Para cada realidade de agregação socioespacial, podemos entender uma complexa interação entre as duas matrizes que geram formatos de agregação populacional imprevisíveis ora tendendo para o regramento normativo do *nomoespaço*, ora para a organicidade empírica do *genoespaço*. As duas matrizes devem ser instrumentos de uma análise dialética da diversidade de microinterações populacionais territorializadas no espaço social urbano.

#### **4.1.6. O conceito de cultura**

Chamamos atenção para o conceito de cultura e sua contradição teórica entre orgânica e supra-orgânica (DUNCAN, 2003), conforme trabalhado também na seção três.<sup>78</sup>

A cultura na perspectiva supra-orgânica remete a construção “macro” da sociedade, como uma estrutura que se impõem ao indivíduo, obrigando-o a dobrar-se frente à lei e seguir papéis firmados por normas morais rígidas. A cultura impõe regras e organiza a vida pelo trabalho, pelas instituições sociais, por preceitos morais e ideológicos e pela objetividade do ordenamento do espaço.

A cultura na perspectiva orgânica remete a singularidade inserida em contextos diversos de relações humanas, que escapam a normalidade do sistema cultural supra-orgânico e das regras que impõem preceitos de comportamento e ordenam as vivências socioespaciais. A cultura orgânica se estabelece nas relações localizadas no espaço e no tempo, na espontaneidade humana e nas relações “quentes”, promovidas pelo desejo, pela informalidade e pela imprevisibilidade. As relações quaisquer, em quaisquer escalas, produzem culturas que vão significar os contextos espaço-temporais das interações e das negociações entre indivíduos que ora se identificam ora se segregam mutuamente.

Essas duas perspectivas aparecem como dialéticas. Elas estão presentes nas diversas manifestações culturais da sociedade contemporânea, que fragmentam as

---

<sup>78</sup> Pagina 112 e 1113.



vivências dos homens e promovem a instabilidade de suas relações. Preceitos normativos forçam a normalização da sociedade, assim como espontaneidades diversas ocorrem para desconstruir à pretensa homogeneidade e organização das vivências e experiências humanas. O que resta são fragmentos de interações sociais microterritorializados que expressam recortes da manifestação dessa dialética. São culturas ou, conforme Geertz (1989), territórios que se singularizam tanto pela necessidade de totalização das práticas sociais, como pela autenticidade das relações localizadas.

#### **4.1.7. O espaço social como produção dialética entre sociedade e comunidade**

Bauman (2003) e Gomes (2002) desenvolvem alguns de seus pensamentos com bases conceituais propostas por Tonnies (1974), o qual estabelece a distinção entre comunidade e sociedade. A primeira seria estabelecida por uma vontade orgânica (Wenselville) e a segunda por uma vontade refletida (Kurville).

Conforme Gomes (2002), a primeira se constrói dentro de um contexto relacional afetivo e personalizado que seria denominado, então, de comunidade (Gemeinschaft). O segundo guiaria as relações humanas segundo mecanismos lógicos e convencionais estabelecendo interações formais, ou seja, os mecanismos da sociedade (Gesellschaft). Assim, relacionados ao desenvolvimento das sociedades modernas, estariam em ascensão as interações formais baseadas na racionalidade dos papéis sociais e em sistemas reflexivos quanto aos padrões a serem seguidos a cada contexto interacional.

Por outro lado, a partir do que desenvolvemos até aqui, em relação às redes de modernização, proliferaram-se uma diversidade de contextos interativos constituídos por relações afetivas do simples prazer de “estar-junto”. A isso se deve a formação das “comunidades-cabides” (BAUMAN, 2003), que constituem fugas socioespaciais dos condicionamentos frios relativos à vida em sociedade.

Pensamos que o espaço social emerge de uma dialética ou ambigüidade na qual estão presentes microcontextos interacionais “contra” o social, em busca da afetividade comunitária, e “a favor do” social, por onde ainda se estabelecem os

condicionamentos objetivos de repressão e controle, estabelecidos por processos reflexivos de cumprimento dos papéis sociais. Microterritorializações expressam essa dialética e ora tendem mais para contextos interacionais sociais, caracterizados pelo cumprimento dos rígidos papéis sociais, ora tendem a forças afetivas espontâneas, tendendo mais ao calor da comunidade.

Agier (apud BERTRAND e OUALLET, 2002, P. 9) nos falam do constante processo de fabricação de identidades, no qual estigmatizações e ilegalidades identitárias tomam a forma de diferenças culturais e, embora possibilitem a existência, muitas vezes bloqueiam as possibilidades de trocas sociais.

Gouëset e Hoffmann (2002) induzem ao entendimento de comunidade como uma categoria de pensamento eminentemente contextual, que não pode ser apreendido fora da situação que ele exprime, porém as comunidades atuais se caracterizam como muito fluidas, pontuais e de aparências múltiplas.

A partir dessas idéias, o que queremos instaurar é a atenção à noção de “comunitarismo” a microagregações que tomam forma na cidade, sejam elas tênues “comunidades-cabides”, sejam elas “organizações cidadãos” mais organizadas.

A idéia de comunidade nos remete à atenção aos aspectos culturais e interjuntivos das microterritorializações urbanas, vinculando-se não mais a noção de lugar social racional vinculado às estruturas de classes, rendas, profissões, mas aos aspectos afetivos que unem as pessoas e produzem outras racionalidades de entendimento. É claro também que não devemos estabelecer um exagero quanto à aproximação primária das agregações microterritoriais e buscar complexificar as análises tanto quanto aos fatores internos afetivos dela, assim como condicionantes objetivos e morais que regulam a interação entre as pessoas.

#### **4.1.8. As representações sociais**

As diversidades microteritorias encontradas no espaço urbano contemporâneo indicam múltiplas formas de relações e interpretações que os indivíduos fazem de suas condições sociais, que envolvem a dialética entre ações e interações que lhes dão prazer, e aquelas que se referem à funcionalidade, à moralidade e às obrigações

inseridas no “viver em sociedade”. Os conflitos intimistas encontram espaço na realidade pela interação com os outros, e juntos formulam definições de si, de suas relações, ora contraditórias, ora consentidas pela sociedade, assim como a materialização daquilo que imaginam ser e de que gostam de ser.

A sociedade, em função dos questionamentos dos indivíduos e da realização de seus conhecimentos sobre ela e sobre si mesmos, em vez de se apresentar como uma condição homogênea em conformidade com uma cultura universal - que indica a unificação de todos pela razão, bom senso e pela moral -, se torna mais complexa e permeada de múltiplas representações sobre suas condições. Isso se aproxima da idéia de que as microterritorializações se constroem a partir da formulação coletiva dessas representações, indicando o agir e o pensar dos grupos e/ou agregados sociais sobre determinados fatos.

A teoria das representações sociais formulada por Moscovici (2003) apresenta dois conceitos importantes: a ancoragem, que significa como os indivíduos e os grupos classificam e criam identificações para as coisas e os fatos sociais; e a objetivação, produzida pelo acúmulo de conhecimentos que compara determinadas coisas e fatos conhecidos com outros desconhecidos. O método microterritorial deve envolver a análise sobre esses processos de classificação, identificação e entendimento dos indivíduos sobre si mesmos e sobre a sociedade, implicando então o envolvimento com os grupos sociais e os significados produzidos nos territórios de convivência deles, que nos faz pensar em interpretar as territorialidades que, ao mesmo tempo, os criam e são criadas por eles.

#### **4.1.9. Território e territorialidade para Bonnemaison**

Damos atenção ao trabalho de Bonnemaison (2002) a respeito dos conceitos de território e de territorialidade e, até mesmo, a seu entendimento a respeito da geografia, evidenciando, sinteticamente, as seguintes concepções.

#### **4.1.9.1. Geografia existencial**

Bonnemaison salienta a necessidade de produzir-se um entendimento real do espaço geográfico pelo dinamismo das relações vividas, aproximando-se do entendimento da complexidade subjetiva que produz e reproduz os diferentes grupos sociais, o apego aos lugares e a produção simbólica do espaço. Entender as “visões de mundo” é fundamental para análise da realidade espacial, o viver nos lugares, o uso do espaço e sua produção. Para isso é necessário penetrar nas relações cotidianas, entender os fatos mínimos que estabelecem as relações socioespaciais, as rotinas que fazem persistir os movimentos, os funcionamentos e os laços afetivos e/ou objetivos dos diferentes grupos sociais e suas localizações.

As produções do social e do material se misturam, se influenciam, se interdependem, estando relacionadas tanto a determinações estruturais - que procuram padronizar/homogeneizar formas e conteúdos, pelo grande poder que exercem as macroinstituições ligadas ao Estado e ao capital - como a improvisos, a microdefinições de micropoderes locais e a complexidade subjetiva que permeia as múltiplas vivências do social.

A sociedade e o espaço devem ser entendidos como interdependentes e analisados tanto por macro como por micro resultados, sendo os primeiros constituídos por macromovimentos que procuram fazer *tabula rasa* da produção objetiva e subjetiva do espaço a todos os lugares em escala global; e o segundo, por “revoluções moleculares” (GUATARRI; ROLNIK apud HAESBAERT, 2002, p. 78), seguindo um constante processo de diferenciação socioespacial que dá atenção ao espaço vivido, produzido pelo cotidiano e pela construção subjetiva do local. Nesse sentido, a prática cotidiana em geografia é de extrema importância, necessitando cada vez da construção de uma abordagem da geografia do cotidiano que se preocupe com a teia de relações localizadas, situacionais e os processos subjetivos que as constroem para dar conta do complexo movimento da sociedade e de suas relações espaciais.

#### **4.1.9.2. *Etnogeografia e espaço vivido***

A relação entre os indivíduos e os lugares deve ser entendida também por um sentido de afetividade e de identidade, ou seja, por um conjunto de crenças, valores, costumes, seus desejos e suas necessidades de relações coletivas. Para entender o espaço devemos procurar aprofundar as relações emotivas de um grupo e seu espaço vivido, não somente as relacionadas à funcionalidade econômica e/ou jurídico-institucional. Nesse caso, razão (objetividade funcional) e emoção (subjetividade/desejo) devem estar lado a lado para compreensão do espaço, sendo assim, ele é subjetivo, ligado a identidade e a cultura.

Bonnemaison (2002) sugere a abordagem da etnogeografia, procurando entender o espaço das relações sociais por uma lógica informal, espontânea, construída por conjuntos de experiência pessoais, pelas rotinas, pelo contexto ou cena social e as ações normais. A etnogeografia, fundamentada no método etnográfico, procura entender os “significados e significantes dos dados culturais dos grupos sociais, buscando descobrir as significações e os sentidos que os indivíduos, enquanto elementos de um grupo social, formulam de suas própria (situ)ações da vida cotidiana” (TEDESCO, 2003, p. 99). Nesse sentido, o espaço vivido toma importância, e ele deve ser entendido pelo “olhar do habitante” (SAUTTER apud BONNEMAISON, 2002, p. 90), como se a construção espacial se estabelecesse pela vivência que cada um tem com o grupo social com que se relaciona. O espaço seria a teia emotiva, o campo de relações, os símbolos (materiais, comportamentais) que solidificam as relações e que só poderá ser apreendido pela incursão ao grupo para entendimentos dos seus significados e significantes.

#### **4.1.9.3. *Grupos culturais***

Bonnemaison (2002) funda uma abordagem geográfica da etnia, entendida como grupos culturais, ou seja, grupos humanos reunidos a partir de identidades, de conjuntos de práticas culturais - fundadas na soma de crenças, costumes, rituais, simbolismos - e de suas existências geográficas que permite a permanência e a

estabilidade desses agrupamentos humano. De acordo com o autor, “a etnia elabora a cultura e, reciprocamente, a existência da cultura funda e identidade da etnia” (BONNEMAISON, 2002, p. 94). A existência geográfica da etnia ou do grupo cultural é o que solidifica a singularidade e a permanência da identidade e da cultura, que contrastam com outras. Nesse sentido, “não existe etnia ou grupo cultural que, de uma maneira ou de outra, não tenha se investido física e culturalmente num território” (BONNEMAISON, 2002, p. 97).

O autor evidencia que, na sociedade moderna urbanizada, os grupos - no caso, microgrupos - são diversificados e apresentam complexas definições culturais, territoriais e identitárias, dadas pelo dinamismo mutante e fluido de suas agregações. Nesse sentido, o autor percebe a existência de diferentes etnias na cidade, ou seja, pequeninos grupos culturais que se agregam e se apropriam de micropartes do espaço urbano, estabelecendo complexas tramas (micro)territoriais interpostas, sobrepostas, mutantes e fluídas.

#### **4.1.9.4. Território e territorialidade**

A criação e a solidificação da etnia ou grupo cultural se fundamentam pela correspondência entre espaço e suas representações simbólicas. Nesse sentido, uma coletividade cultural se estabelece pela identificação entre os indivíduos no compartilhamento de sistemas simbólicos em um determinado espaço apropriado. Por esse viés, “o território lembra as idéias de diferença, a etnia e a identidade cultural” (BONNEMAISON, 2002, p. 126). Para o autor o território não se define somente por uma relação à fixação espacial, mas sim por aproximar-se de uma malha constituída de lugares e itinerários expressa por uma territorialidade, ou seja, a relação que o grupo social tem com esse conjunto de lugares e itinerários. Dessa forma, o território não se constitui como fechado, mas “é muito mais um núcleo do que uma muralha, e um tipo de relação afetiva e cultural com a terra” (BONNEMAISNO, 2002, p. 101), cabendo ao geógrafo desvendar a relação que une os homens aos lugares.

O autor salienta a importância de se entender o território pelas relações cotidianas, como espaço vivido e afetivo, ou seja, o espaço apropriado pelo campo subjetivo (identitário) dos grupos culturais. Temos então um território que, ao mesmo tempo, não representa somente fixidez (também o é quando lembramos a representação do núcleo territorial), mas também um conjunto de lugares (também mutantes) e trajetos ou itinerários (estabelecido pelo movimento) que se estabelecem em diferentes escalas (passando pela escala transnacional, nacional, regional, interregional, local – urbana ou rural).

Nesse sentido, fortalecemos a idéia das microterritorializações urbanas, estabelecidas pelas relações cotidianas dos grupos culturais dentro da cidade, ou seja, conjuntos de lugares de reunião ou encontro e redes de trajetos firmados pela agregação de pessoas que compartilham gostos, desejos, necessidades relacionais, comportamentos e estéticas comuns. Cabe novamente ressaltar o caráter fluido em mutante dessas microterritorializações e de suas fronteiras de convivência.

#### **4.1.9.5. *Território como convivialidade***

Bonnemaison (2002, p. 126) diferencia território e espaço dizendo que o “espaço começa fora do território quando o indivíduo está só, confrontando, e não mais associado a lugares, numa relação de está excluída toda a intimidade”. Nesse sentido, o território seria a parte de espaço com o qual um eu se identifica e mantém intimidade e no qual convive com quem mantém vínculos de identidade e de intimidade. De acordo com Bonnemaison (2002), no espaço o indivíduo torna-se errante, e as pessoas que passam tornam-se estranhas. O autor argumenta sobre essa idéia tomando como exemplo as grandes cidades modernas, nas quais se constroem muitos espaços, fazendo-se imperar o individualismo pela pressão das relações racionais, movidas por interesses práticos (econômicos). Por outro lado, ao mesmo tempo em que a vida urbana se identifica como racional, individualista e errante, observa-se que diversos refúgios ou lugares de “convivialidade” se produzem, mantendo agregações sociais singularizadas por suas práticas culturais (construindo muitas microterritorializações). O território é, antes de tudo, uma

“convivialidade”, o lugar de encontro e de reunião, com a reunião apropriando-se de parte do espaço, mesmo que seja pequena, uma esquina: um quadrante de uma praça, um banco da praça.



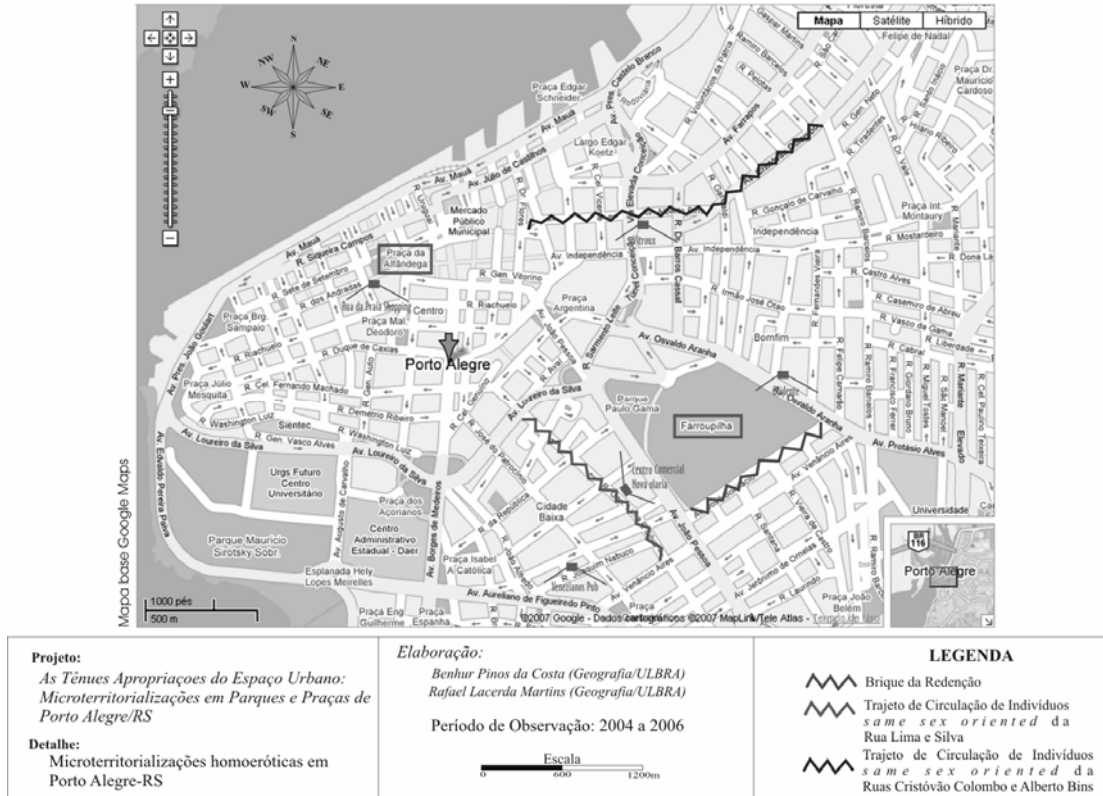
#### **4.2. AS TÊNUES APROPRIAÇÕES NO ESPAÇO URBANO – MICROTERRITORIALIZAÇÕES URBANAS EM PORTO ALEGRE-RS: EXEMPLOS DAS MICROTERRITORIALIZAÇÕES HOMOERÓTICAS**

No "mix" de expressões socioculturais que ocorrem nas grandes cidades, ocorrem agregações sociais movidas por processos de identificação e formação de alteridades. As identificações podem ser processadas por motivos bem simples, como uma reunião de pessoas que passeiam com seus cachorrinhos de estimação, ou podem demonstrar complexas convivências, como grupos de "punks", "gays", prostituto(a)s, travestis, "hippies", garotos de rua, mendigos, entre outros.

O encontro com os "iguais", os processos de identificação e de pontuação de alteridades, se processam constantemente e vão provocando microsegregações, ou seja, singularizam pequenas partes do espaço do parque ou da praça pública por uma convivência específica ou pela presença de determinado tipo social. Esses microagregados sociais se apropriam de pequenos espaços (territorializam-se) durante um período de tempo relativamente efêmero e produzem fronteiras de convivências bastante permeáveis e elásticas (que se retraem e se expandem esporadicamente) em estreita proximidade com outro agregado – que às vezes estão sobrepostos ou dividem o espaço em tempos diferentes.

É importante o estudo desse movimento populacional para procurar entender as características das expressões culturais diversas que fragmentam o espaço social em microterritórios singularizados por práticas culturais, comportamentos, estéticas, níveis de renda, e expressões de subjetividades diferenciados. Além disso, é necessário entender os processos de identificação que reúnem determinados tipos sociais em agregados de convivência, assim como os processos de microsegregação espacial destes agregados, para, finalmente entender o estabelecimento de alteridades e segregação/singularização espacial, ou seja, de formação de microterritorializações urbanas. Para entender essas microterritorializações, vamos tomar como exemplo as apropriações espaciais homoeróticas em Porto Alegre-RS.

Figura 1: Principais áreas de territorialização homoerótica em Porto Alegre-RS



Na figura 1<sup>79</sup> acima, podemos observar as principais áreas onde ocorrem as microterritorializações homoeróticas em Porto Alegre. Primeiramente temos dois eixos-trajetos de deriva homoerótica, nos quais indivíduos *same sex oriented* se microterritorializam em bares, boates e partes do espaço público durante o dia e durante a noite. Os dois eixos são a Rua Lima e Silva, no bairro Cidade Baixa, e a continuidade das ruas Cristóvão Colombo e Alberto Bins (mais precisamente das

<sup>79</sup> Todas as figuras sobre Porto Alegre foram idealizadas pelo professor Benhur Pinós da Costa e produzidas tecnicamente pelo professor Rafael Lacerda Martins, como parte do projeto de pesquisa **As tênuas apropriações do espaço urbano: microterritorializações em parques e praças de Porto Alegre-RS**, junto ao curso de Geografia da ULBRA. As figuras também fazem parte do texto **Microterritorializações urbanas: análise das microapropriações espaciais de agregados sociais de indivíduos *same sex oriented* em Porto Alegre/RS**, apresentado no I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, ocorrido na ULBRA, em Canoas-RS, no ano de 2004. As figuras originais foram preservadas, principalmente com as indicações da instituição e do projeto que as produziu, porém elas foram usadas como instrumentos e como motivos de atualização ao projeto **Por uma Geografia do cotidiano: território, cultura e sexualidades homoeróticas na cidade**, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, no qual originou essa pesquisa.

esquinas da rua Cristóvão Colombo com Ramiro Barcelos até a esquina da rua Alberto Bins com o viaduto da Conceição). Além disso, podemos observar na figura outras áreas importantes, como o Parque Farroupilha ou Parque da Redenção, a praça da Alfândega, onde localiza-se também o Rua da Praia Shopping, e o Brique da Redenção, localizado na rua José Bonifácio, na periferia sudeste do parque da Redenção.

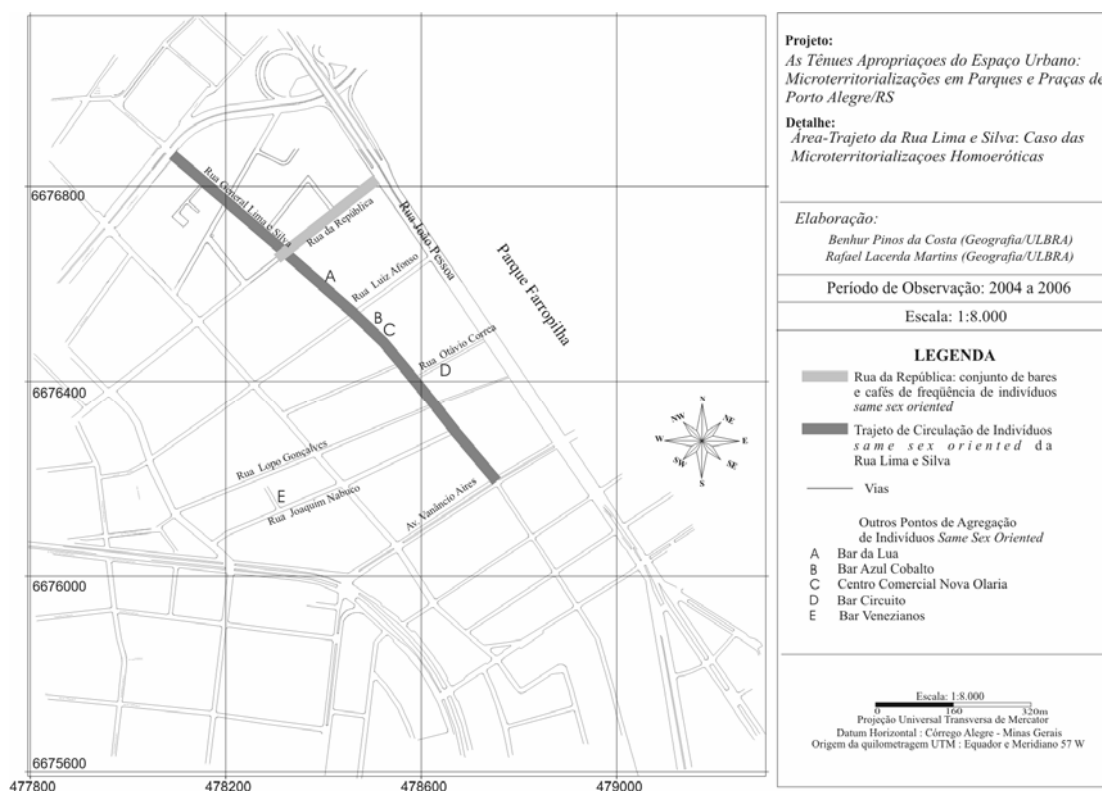
Podemos observar na cidade, de acordo com as **figuras 2 e 3**, abaixo, duas grandes “áreas-trajetos” que se identificam pela circulação (deriva)<sup>80</sup> e formação de microterritorializações de indivíduos e agregados sociais homoeróticos, que se referem mais ao padrão de tipos de convivências espaciais vinculadas a encontros amigáveis, festas gays ou GLS<sup>81</sup>, e buscas sexuais em lugares fechados (bares e boates) destinados ao público *same sex oriented*. Essas duas grandes territorializações em formato de “áreas-trajetos” mantêm o caráter tipicamente noturno, vinculado às festas homoeróticas noturnas. A primeira se refere ao eixo da rua Lima e Silva, típica rua boêmia de Porto Alegre, que agrega uma diversidade de tipos sociais, principalmente universitários e intelectuais da cidade que se agregam principalmente nos cafés da Rua República com a Lima e Silva e no centro comercial Nova Olaria. Temos, nesse eixo, a freqüência de homossexuais nos cafés da República, no Nova Olaria Shopping, nos bares Circuito, Venezianos, Azul Cobalto e Da Lua, além de presenças esporádicas em todos os outros bares ao longo da rua Lima e Silva, produzindo microterritórios de convivência aberta e de troca de experiências entre a diversidade de tipos sociais que por ali circulam. Bares como o Venezianos tem frêquência gay assídua, produzindo um microterritorialização de convivência amigável e de “paquera” homoerótica. Nele são apresentados shows de “drag queens”, números musicais de preferência de lésbicas (que adoram Ana Carolina e Adriana Calcanhoto), noite da paquera e dos “recadinhos” além de um dia especial dedicado a música eletrônica, para fazer todos dançarem. Tal bar se apresenta com uma microterritorialização de reunião da grande família gay, onde todos se conhecem, trocam experiências, se amam e se inserem na cultura gay.

---

<sup>80</sup> Ver Perlongher (1987).

<sup>81</sup> Gays, Lésbicas e Simpatizantes.

**Figura 2: Microterritorializações no eixo da Rua Lima e Silva no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre-RS**

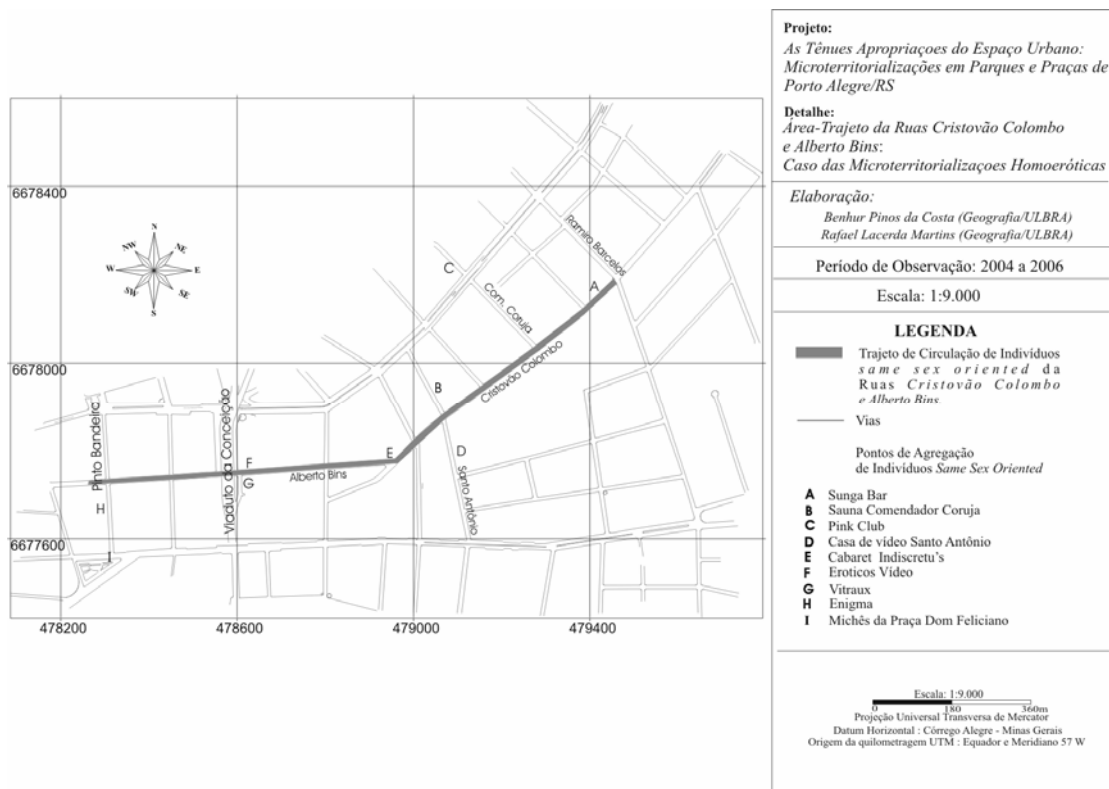


A segunda territorialização em área-trajeto homoerótico se refere ao eixo das ruas Cristóvão Colombo-Alberto Bins. Nele estão algumas boates que promovem festas gays típicas; muita música dançante; espetáculos de transformistas, *drag queens*, *strippers* masculinos; e muita “paquera” e convivência amigável gay. Estão localizados aí “guetos gays típicos”, referentes a boates noturnas: o bar Sungas<sup>82</sup>, na Cristóvão Colombo, o cabaret Indiscretu’s – freqüentado por garotos de programas, sendo microterritorialização de busca sexual e extrema erotização masculina –, o Eróticos Vídeos – aberto durante todo o até a e início da noite, promovendo shows

<sup>82</sup> No final do ano de 2006 o nome do Sungas foi mudado para Cine Teatro. De casa muito popular entre gays de Porto Alegre, passou a selecionar um público mais refinado quanto ao gosto sobre música eletrônica, principalmente aqueles que não gostam da música *pop* eletrônica, mas se interessam pelo *trance* e o *techno*, ou seja, músicas que misturam a *dance music* com tendências do *rock* e do *new hage*. Além de simples festas GLS, o Cine Teatro promove festas temáticas, como festas *funk* e festas que abordam algum tema e intervenções teatrais, causando a atração de um público mais diversificado.

de *strippers*, sauna gay, shows de *drags*, sessões em salas de vídeo pornográficas coletivas e individuais, com muita “pegação”<sup>83</sup> homoerótica no local -, a boate e bar Vitraux – com grande frequência gay nas festas de domingo e com assiduidade também de lésbicas – e o Enigma<sup>84</sup> – boate noturna com grande frequência de garotos de programa, *drags*, transformistas e homossexuais de classe mais baixa. Outras casas se caracterizam como microterritorializações bastante fechadas, lucrando por proporcionar um lugar escondido para efetivação de encontros homoeróticos entre homens. São elas a vídeo-locadora Eróticos Vídeo, a sauna Comendador Coruja e a Casa de Vídeo Santo Antônio.

**Figura 3: Microterritorializações no eixo das ruas Cristóvão Colombo e Alberto Bins, entre os bairros Floresta e Centro, em Porto Alegre-RS.**



<sup>83</sup> Gíria gay para práticas sexuais.

<sup>84</sup> O Enigma, do início até o final da década de 90, foi a casa gay mais freqüentada de Porto Alegre. Nos anos 2000 permaneceu funcionando, com a frequência principalmente de garotos de programa e travestis. Depois do final do ano de 2006 a casa fechou definitivamente.

Apresentamos os dois principais eixos territoriais noturnos da vida gay de Porto Alegre. Agora vamos observar a agregação homoerótica em espaços públicos, tomando como exemplo as apropriações, pontos e trajetos, homoeróticos. Durante o dia, a circulação homoerótica se apresenta vinculada à necessidade de busca sexual nos parques e nas praças, ou seja, de encontrar um parceiro para práticas sexuais diurnas. Essa busca de práticas sexuais homoeróticas diurnas reúne diferentes tipos masculinos, vinculados ou não à vida e à cultura gay. Observamos, nos trajetos e pontos das praças e parques, tanto homens que não participam da cultura e das territorializações gays e GLS noturnas, assim como garotos de programas, idosos e gays de diferentes classes sociais e tipos estéticos e comportamentais.

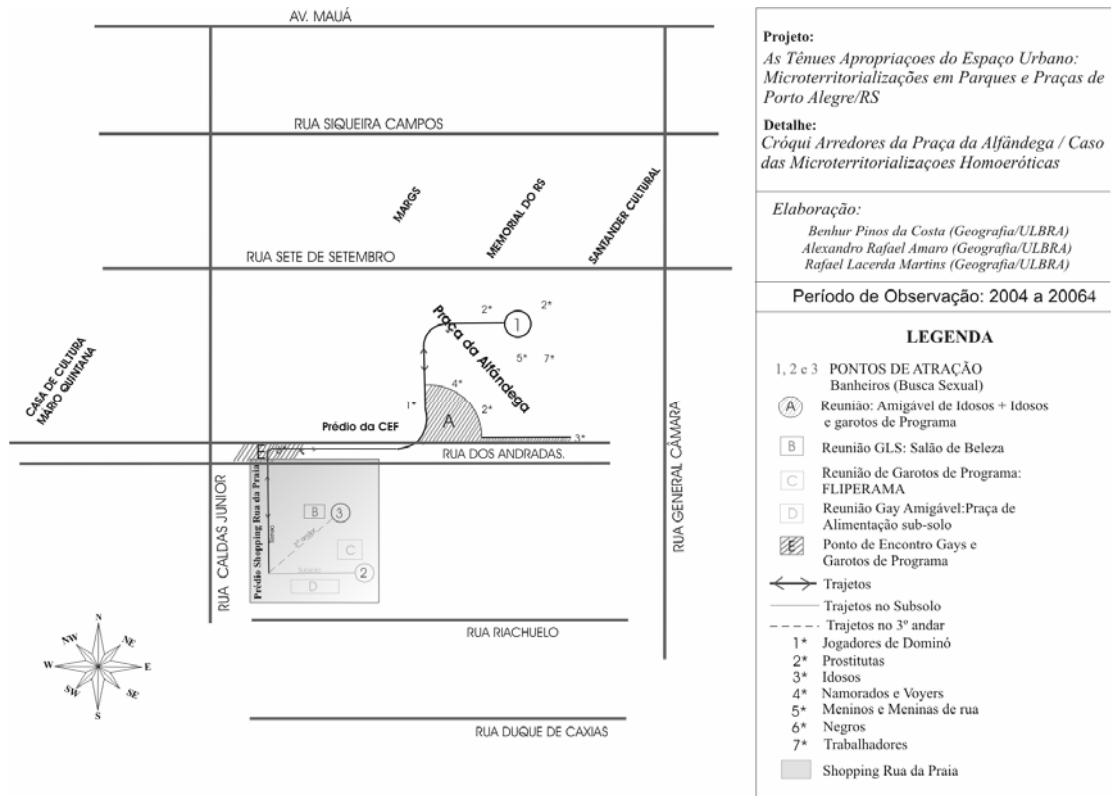
A busca sexual homoeróticas masculina tende a misturar classes sociais e idades: gays que se aproximam com o tipo estereotipado da bicha, gays discretos, homens casados, bofes<sup>85</sup>, entre outros tantos citados em Costa (2002). A partir pesquisa **As tênues apropriações do espaço urbano: microterritorializações em parques e praças de Porto Alegre-RS**, vamos demonstrar a diversidade de agregados sociais e suas apropriações espaciais no parque Farroupilha e praça da Alfândega em Porto Alegre.

Na **figura 4** estão representados os pontos e trajetos de busca sexual que constroem a microterritorialização homoerótica na praça da Alfândega e no Rua da Praia Shopping. As indicações por letras identificam pontos de encontro e práticas sexuais homoeróticas (felação, masturbação, voyerismo, exibicionismo). Os principais pontos dessas práticas são os banheiros masculinos da praça (**indicação 1**) e os localizados no subsolo (**indicação 2**) e no segundo piso do shopping (**indicação 3**). As linhas com flechas indicam os trajetos de deslocamentos, que se referem principalmente aos trajetos de ligação entre os banheiros. Devido a essa circulação de busca sexual entre os banheiros, reunindo uma diversidade de homens em busca de experiências sexuais com outros homens, temos a produção de reuniões homoeróticas mais estáveis, aproximando-se da convivência gay amigável e da convivência entre clientes e garotos de programa.

---

<sup>85</sup> A dicotomia bicha e bofe faz parte da cultura gay brasileira: bicha seria o efeminado e passivo na relação sexual, o bofe, ao contrário, seria o masculino e ativo.

**Figura 4<sup>86</sup>: Microterritorializações homoeróticas entre a Praça da Alfândega e Rua da Praia Shopping, em Porto Alegre-RS.**



Na **indicação A**, nas periferias da praça da Alfândega com a Rua dos Andradas, entre o shopping e os banheiros da praça, verificamos a presença constante de agregados sociais, de homossexuais idosos em convivência com garotos de programas, de pouca idade (adolescentes e jovens adultos). Nesse ponto são microterritorializados em um tipo de convivência bastante interessante, em que michês<sup>87</sup> jovens e clientes idosos conversam, trocam experiências, se ajudam mutuamente, se divertem e não se vinculam somente às necessidades de práticas sexuais.

<sup>86</sup> Propomos representar no plano os fenômenos microterritoriais em escala muito grande (o quadrante sudoeste da praça e o prédio do Shopping). A figura não está georeferenciada e apresenta algumas distorções quanto à proporcionalidade de áreas. Nosso interesse é somente visualizar as microterritorializações.

<sup>87</sup> Gíria gay que identifica garotos de programa.

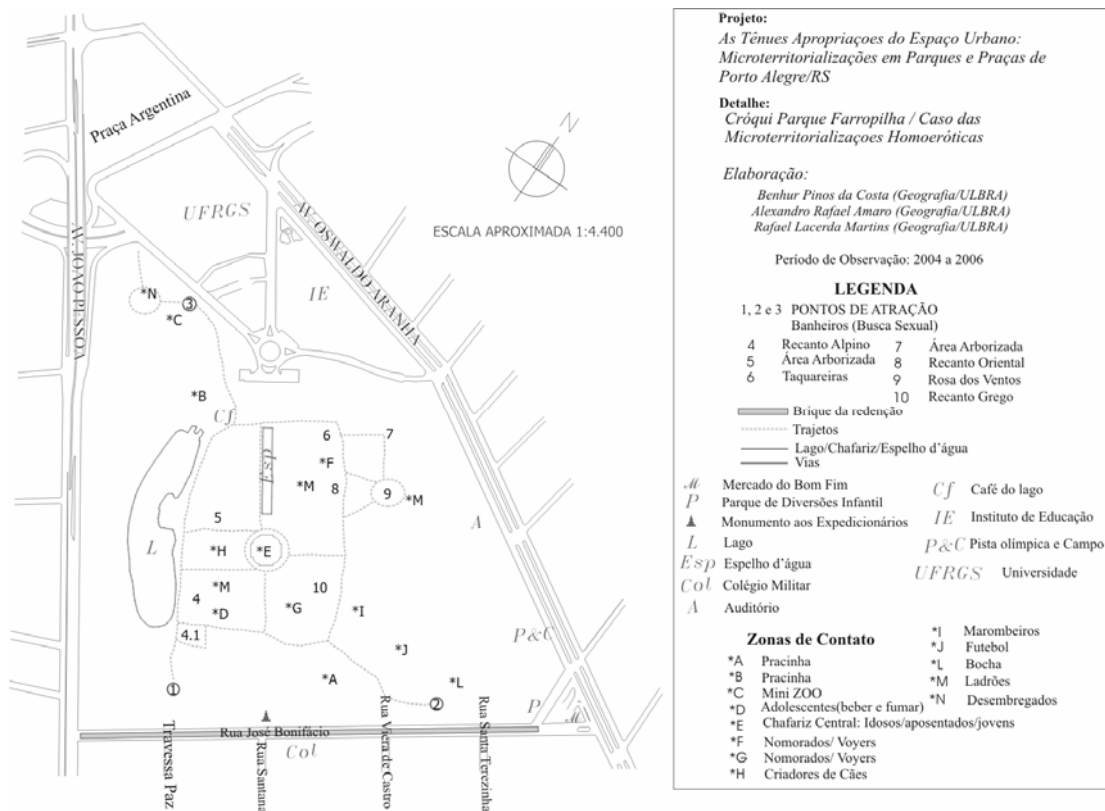
Na **indicação B** está representado o salão de beleza no terceiro andar do shopping Rua da Praia, ponto de forte atração gay, onde cabeleireiros gays e seus amigos se encontram, produzindo uma convivência amigável em relação ao trabalho de cabeleireiros. Essa microterritorialização produz um exemplo diurno de agregação social vinculada às práticas culturais e tipo de convivência GLS. Na **indicação C** observamos a reunião de garotos de programa no fliperama do subsolo do shopping, perto do banheiro masculino, ponto fundamental de “pegação” gay. Nessa microterritorialização, garotos de programa convivem entre os jogos de fliperama e a necessidade econômica da prostituição vinculada às experiências homoeróticas. Tais garotos não se identificam como gays, e entre eles fortalecem a identidade masculina e os seus desejos para com o sexo oposto, evidenciando as práticas sexuais homoeróticas como simples necessidade financeira e pontuando seus papéis ativos nas relações sexuais. A **indicação D** remete à praça de alimentação no subsolo do shopping, próximo ao banheiro masculino e ao fliperama. Nessa indicação, observamos a reunião de amigos homossexuais que estão paquerando em grupo, observando a movimentação no banheiro, e de michês entre o banheiro e o fliperama. Muitos desses grupos de amigos fortalecem o tipo do gay efeminado entre eles, muitas vezes tentando atrair bofes ativos ou firmando uma identidade gay entre o grupo de amigos.

Finalmente, na **indicação E** está representado o ponto de encontro na frente do Rua da Praia Shopping. É um dos mais conhecidos pontos de encontro da cidade, ou seja, várias pessoas que pretendem encontrar alguém tendem a marcar seus encontros nesse lugar. No entanto, em meio à diversidade de quem marca encontro nas portas do shopping, ficam garotos de programas encostados/escorados nas grades baixas rentes ao prédio da Caixa Econômica Federal (CEF), situado em frente à porta do Shopping, e homossexuais parados na própria porta do shopping. Os dois grupos não se misturam, praticam suas “paqueras” sozinhos, principalmente homossexuais na porta do shopping, mas se apresentam trocando olhares e estabelecendo contatos que visam diretamente a deslocamento a algum lugar (casa ou motel da área do centro da cidade) para efetivar as práticas sexuais. As outras indicações de asteriscos numerados representam outras microagregações



socioespaciais que segregam grupos na praça da Alfândega. Tais indicações servem para demonstrar a diversidade de tipos de convivência social e suas apropriações na praça.

**Figura 5: Microterritorializações homoeróticas no Parque Farroupilha – ou Parque da Redenção – em Porto Alegre-RS.**



Na **figura 5** estão representados os pontos e trajetos que constituem microterritorializações homoerótica de busca sexual no Parque Farroupilha (ou Parque da Redenção) no período diurno e nos dias de semana. Não estão representadas as dinâmicas microterritoriais dos finais de semana, períodos em que as agregações são outras e a densidade populacional que frequenta o parque é bem maior. Novamente chamamos atenção para a circulação homoerótica nos banheiros do parque, justamente pela busca de experiências sexuais entre homens,

representados pelas **indicações 1, 2 e 3** na figura. As outras indicações numéricas referem-se a pontos no parque que se apresentam mais reservados por manterem vegetação mais densa, na qual, em diversos horários diurnos, principalmente cedo da manhã, pelo meio-dia, ao cair da noite e em dias de chuva podem ser observados contatos íntimos *same sex oriented*, assim como voyerismo e exibicionismo.

São os seguinte os pontos de microterritorialização: **4** - recanto alpino -; **5** - área arborizada perto do orquidário -; **6** - taquaireiras perto do recanto oriental -; **7** - área arborizada próximo ao colégio Flores da Cunha -; **8** - recanto oriental -; **9** - rosa dos ventos -; **10** - recanto grego. As linhas tracejadas referem-se aos trajetos de circulação (“deriva”) homoerótica em busca sexual.

Também estão representadas as áreas de contato com outras microterritorializações de outros agregados sociais que convivem no Parque da Redenção: **A** e **B** - pracinhas (crianças e convivência familiar) -; **C** - mini zôo -; **D** - adolescentes escolares que se reúnem para beber e fumar no recanto alpino -; **E** - microterritorialização de diversidade social, frequentado principalmente por aposentados, grupos de jovens universitários e grupos de homens e mulheres gays em convivência amigável -; **F** e **G** - respectivamente, as proximidades das taquaireiras, próximo ao recanto oriental, e o recanto grego, onde podemos observar, além da busca sexual homoerótica, jovens namorados e voyers que ficam a observá-los, excitando-se e, até mesmo, masturbando-se -; **I** - equipamentos de ginástica, onde convivem esportistas e “marombeiros”,<sup>88</sup> -; **J** - campo de futebol, que agrega vários tipos sociais masculinos em virtude do futebol (estudantes do colégio militar, aposentados da região, michês do parque, moradores de rua e mendigos, entre outros); **L** - quadra de bocha, principalmente freqüentada por aposentados dos bairros próximos -; **M** - área de freqüência de “elzas”,<sup>89</sup> que muitas vezes atraem homossexuais em busca sexual para os assaltarem -; **N** - desempregados, muitas vezes jovens que buscam descanso no parque e podem entrar em contato com a prostituição masculina, transformando-se em michês esporádicos.

<sup>88</sup> Homens musculosos, fisiculturistas amadores.

<sup>89</sup> Gíria gay para ladrões.

### **4.3. O ESTUDO ETNOGEOGRÁFICO E O CASO DE ALGUMAS MICROTERRITORIALIZAÇÕES HOMOERÓTICAS EM PORTO ALEGRE-RS:**

Esse estudo está organizado da seguinte forma: primeiramente uma apresentação dos companheiros *same sex oriented* os quais acompanhamos em cinco microterritorializações de encontros homoeróticos, no ano de 2006, para podermos identificar comportamentos e discursos deles quanto as convivências estabelecidas. Depois da apresentação vamos analisar aquelas para as quais atentamos, reproduzindo alguns discursos ouvidos, assim como um quadro explicativo sobre o envolvimento de nossos companheiros nelas.

#### **4.3.1. Os amigos**

Vamos procurar caracterizar os companheiros que influenciaram nossas experiências homoeróticas e o entendimento sobre os lugares em que elas podem ocorrer. Salientamos que não podemos expor a complexidade dos sujeitos envolvidos, pois somente um trabalho de intensa análise psicológica poderia fazê-lo. No entanto, podemos resumir algumas perspectivas diferenciadas quantos a seus desejos, suas afetividades e seus comportamentos.

Observando que as microterritorializações de encontros *same sex oriented* são lugares importantes para nossos amigos tecerem suas relações afetivas de amizade e de encontros como parceiros amorosos, as posturas das pessoas envolvidas com essas microterritorializações se definem basicamente em relação a três perspectivas: a de encontro festivos entre amigos de muito tempo, fazendo lembrar os motivos que caracterizam a festa gay;<sup>90</sup> a de lazer entre namorados (que

---

<sup>90</sup> A festa gay é o motivo da imaginação de uma comunidade e de uma cultura que a identifica. Ela concede a liberdade restrita em relação a ela. Muitos dos indivíduos *same sex oriented* aprende a velar seus desejos na sociedade, liberando-os na festa. A festa gay apresenta-se como microterritórios de exaltação ao desejo e auto-afirmação dele. Ela constrói a cultura gay, pois o experimento das relações contidas na festa constrói grande parte das representações e entendimentos individuais sobre seus desejos homoeróticos: a liberdade é cultuada pela dança frenética (*dance music*); a liberalização do experimento afetivo-sexual homoerótico (sexo sem compromisso, prático e na maior quantidade possível – o estigma acaba produzindo um sintoma de escassez de oportunidades de saciar os desejos sexuais); a ironia e a mistura quanto aos padrões estéticos de gênero sexual expressos nas roupas, nos acessórios, nos comportamentos e tratamento

também encontram grupos de amigos para festejar); ou a de simples busca por parceiro sexual, cujo encontro pode desenvolver-se em um relacionamento mais duradouro ou permanecer como um simples momento de prazer.

Observamos a separação de “domínios” de convivência territorial na vida de nossos amigos, como por exemplo, a separação entre afetividade homoerótica, família, trabalho e, até mesmo, vida privada em suas residências.<sup>91</sup> Eles ora camuflam, ora divulgam a identificação homossexual,<sup>92</sup> e isso implica atenção às pessoas, grupos, instituições e microterritorializações em que essa identidade possa ser revelada.<sup>93</sup> Embora a convivência entre nossos amigos nos deixe confusos em aproximá-los de uma identificação homossexual, eles mesmos se acham diferentes de uma maioria heterossexual. Em virtude desse conhecimento, construído em relação à polarização sexual da sociedade vigente, acreditam na existência de uma “comunidade gay” (como uma população homossexual que vive diferente dos heterossexuais), mesmo sendo difusas as suas próprias compreensões sobre o fato.

---

do corpo; o sarcasmo e a comédia impregnada dos assuntos que reproduzem situações que envolvem o estigma, contornando sua gravidade e valorizando atributos do estigmatizado. A cultura gay se constrói pela territorialidade homoerótica, que se estabelece em diversos lugares específicos de convivência e de expressão de sexualidade, uma vez que não é possível totalmente sua publicidade pois está baseada num estigma social. Esses lugares representam as festas noturnas, nas quais o mercado age vinculando-se a um segmento social e a um grupo cultural. Para esses lugares converge uma série de elementos de consumo (tipos de vestuário, grifes, tipos de serviços, músicas, cinema e artes no geral), que concretizam a cultura e os tornam trocados simbolicamente em várias regiões do mundo (pela mundialização da informação e da rápida troca de mercadorias e símbolos). A cultura tende a unificar-se, assim, pela condição estigmatizada da homossexualidade (que é uma realidade em quase todo o globo, mesmo em diferentes situações e condições localizadas), pela tendência de localização afetiva desses indivíduos (no espaço urbano) e pelas estratégias de mercado que vão ligar-se com as necessidades e construções de coletivas dessa sexualidade e os lugares em que elas são incentivadas (ou até mesmo forçadas) a acontecer.

<sup>91</sup> Alguns homens, mesmo independentes e morando sozinhos, procuram preservar suas residências dos relacionamentos amigáveis ou sexuais, por motivo de segurança pessoal em relação a muitos oportunistas que podem usar esse tipo de atração para furto, roubo ou algum tipo de violência.

<sup>92</sup> Preferimos usar expressões derivadas da palavra “homoerotismo”, ou *same sex oriented*, para explicar situações e indivíduos orientados para o mesmo sexo, uma vez que os comportamentos, estéticas e perspectivas desses indivíduos são múltiplas. Aqui usamos a identificação “homossexual” porque ela remete à simples polarização de uma sexualidade divergente a heterossexualidade e apresenta-se como realidade de identificação na sociedade, principalmente em contextos de instituições sociais ditas normais. Usamos “homoerotismo” e *same sex oriented* quando o texto quer indicar a dificuldade de caracterizar os sujeitos orientados para o mesmo sexo, assim como “gays” quando os sujeitos indicam uma postura de relação próxima com a cultura gay, assim como “homossexual” para pontuar simplesmente qualquer tipo individual orientador para o mesmo sexo, ou quando o texto somente quer indicar a orientação, e não fazer lembrar a complexidade de expressões que envolve.

<sup>93</sup> Conforme Costa (2002).

Expressões como “entendido”, da “turma”, até mesmo “gay”, “bicha”, “veado”, “boiola”, remetem à identificação de todos à condição identitária polarizada homossexual, mas, cotidianamente, suas relações com outras pessoas, suas estéticas, seus prazeres e os lugares em que convivem são diversos. Observamos que homens orientados para o mesmo sexo se entendem e se identificam como homossexuais, são conscientes de que são múltiplas as suas experiências envolvendo o homossexualismo.

A boemia urbana e a constituição de uma rede de lugares de consumo e de festividade noturna também se reproduzem relacionadas à polarização da sexualidade humana. Por outro lado, atualmente existem I microterritorializações definidas pela possibilidade de freqüência “misturada”, definidos como GLS, assim como muitas casas que procuram uma clientela mais específica, caracterizadas como temáticas, nas quais a atenção à sexualidade é o que menos interessa.<sup>94</sup> Mesmo naqueles bares e boates definidos como gays, as características estéticas, as perspectivas de convívio e as posturas das pessoas que os freqüentam remetem quase sempre à heterogeneidade. Essas relações são muito difíceis de serem explanadas na sua complexidade, pois implicam relações bastante diferenciadas da moralidade e da racionalidade social. Implicam também as perturbações das

---

<sup>94</sup> Algumas casas GLS promovem festas temáticas, relacionando tipos musicais e incentivando o traço cultural que elas trazem e, por conseguinte, atraindo também um público que não se define pelo gosto homoerótico. No Cine Teatro (ex-Sungas, conforme localizado na **figura 3**, pagina 148), localizado na Avenida Cristóvão Colombo, os espetáculos de transformistas são apresentados como peças teatrais, atraindo qualquer pessoa. Em alguns momentos em que estivemos assistindo a uma peça; a casa tinha a presença de muitos casais ditos heterossexuais e de idosos que estavam lá pelo espetáculo, e não em virtude de muitas representações de situações gays que expressavam. A comédia em questão enfatizava a vida de ex-prostitutas, mas, com um texto mais sutil, se aproximava de situações envolvendo a vida de travestis e os desejos e prazeres homoeróticos. As comichadas do texto e das interpretações, em vez provocarem estranhamento, eram aceitas como engraçadas pelo público. A festa “pancadão”, por exemplo, envolve a cena funk nacional, enfatizando um estilo carioca. Entre as músicas são feitas também encenações de transformismo, reproduzindo de forma cômica algumas performances de artistas do gênero. Nessa festa encontramos muitas mulheres e casais de namorados que não procuram especificamente alguma experiência homoerótica, e sim a expressão contida na música e na dança. A festas do lugar também contêm shows de *go go boys* que chamam a atenção do público feminino, principalmente amigas de gays, que vão lá para olhar os rapazes. A festa *Erótica* oferece ao público cenas de sexo explícito e muito erotismo nas performances de dançarinos e dançarinas em um lugar que não representa uma casa de prostituição específica, atraindo um público que se interessa por isso mas que não quer freqüentar aqueles estabelecimentos. É evidente também que essas aproximações vão promover algumas experiências homoeróticas (dança, paquera e encontros sexuais) entre pessoas (homens e mulheres) não especificadamente orientados para o mesmo sexo.

definições promovidas pela agregação de alteridades e desvios sociais (as diferentes microterritorializações homoeróticas, por exemplo). No entanto, aqui vamos procurar explicar alguns pontos principais que ajudarão nossa construção teórica sobre o assunto proposto, em relação às alteridades individuais encontradas em nossa pesquisa participante<sup>95</sup>:

#### **4.3.1.1. Amigo AP**

Empregado de nível técnico em uma indústria da região metropolitana de Porto Alegre, assim como residindo na mesma cidade em que trabalha, esse amigo é solteiro e habita com a mãe. Mantém relações amorosas fixas com um parceiro, embora não fiéis, sempre convivendo em lugares de encontros homoeróticos para efetivar uma paquera.

Procura reforçar seus atributos masculinos e se distancia de qualquer tipificação efeminada, embora, em suas falas, o desejo quanto ao corpo masculino se apresente quase como uma obsessão. Busca discursivamente enfatizar sua postura sexual restrita à atividade e ao desejo quanto à região dos glúteos masculinos (a “bunda”), reproduzindo os discursos definidores do “macho” em meios ditos heterossexuais.

Ao mesmo tempo em que freqüenta e admira expressões típicas do imaginário gay, como a dança e o gosto pelas divas da *dance music*,<sup>96</sup> bem como as relações com efeminados e a admiração em relação aos shows de *drag queens*, procura a simplicidade e a masculinização de suas estética corporal, atentando à postura em conformidade com o gênero, sem expressar trejeitos e vocabulários evidenciados na cultura gay.

Seu círculo de amizades é restrito, mantendo amigos mais sólidos fora de Porto Alegre. Na cidade mantém algumas amizades com indivíduos orientados para o mesmo sexo somente quanto freqüenta microterritorializações específicas para esses encontros. Com poucos convive fora desses ambientes. Grande parte dos

<sup>95</sup> Embora as denominações sejam fictícias, remetem a sujeitos concretos.

<sup>96</sup> Gloria Gaynor, Tony Braxton, Whitney Houston, Cher, Madonna, Sarah Brightmann, entres outras.

conhecidos são paqueras e transas esporádicas, sem nenhum vínculo afetivo e compromisso.

#### **4.3.1.2. Amigo BP**

Profissional cabeleireiro, este amigo trabalha e reside na capital. Atualmente habita com o namorado. Apresenta um comportamento de efeminamento nos gestos e na fala, mas, ao mesmo tempo, faz musculação e preocupa-se com o cultivo dos contornos do corpo masculino. Declara-se passivo nas relações sexuais, assim como, em suas falas, atenta para o desejo em relação ao sexo masculino (a “neca”, na linguagem gay).

Não se preocupa ou não dá atenção a camuflar suas preferências sexuais, assim como seus atributos e comportamentos que denotam confusão quanto às estéticas de gênero. Declara gosto pelas divas do imaginário e se emociona imitando-as. Utiliza-se de muitas expressões de um “vocabulário gay”, como “uó” (horrível), “edi” (ânus e bunda), “neca” (pênis), “elza” (roubo, ladrão), “aqué” (dinheiro), “odara” (grande – “neca odara”), entre outros.

Vive longe da família, mantendo visitas muito esporádicas a ela, inclusive alegando muitas divergências quanto à aceitação dos pais em relação a sua condição.

Conhece muitas pessoas que convivem constantemente nas microterritorializações de encontros homoeróticos. Tais pessoas são, em sua maioria, ex-namorados ou ex-paqueras ou alguém com quem teve alguma experiência sexual, não declarando nenhuma restrição quanto a tipos de relacionamentos sexuais anteriores e a amizades presentes, quase todos fundando um círculo de relações que confunde amor, sexo, amizade, sem um total compromisso ou preconceitos quanto ao teor da relação que manteve, explicitando a qualquer um essas relações.

#### **4.3.1.3. Amigo CP**

Advogado, muito preocupado com a estética elegante e com as vestimentas da moda que não destoam dos atributos masculinos, de fino trato ao corpo e à limpeza (individual e do ambiente em que habita), este amigo preza pelo cuidado corporal das pessoas e dos ambientes que frequenta. Apresenta um certo gosto ao refinamento (tipos de restaurantes, lojas, lugares de lazer) e um ótimo conhecimento de cinema, artes cênicas e artes plásticas.

Em relação às preferências musicais, não apresenta preconceito quanto ao ecletismo, mas além da *dance music*, prefere a MPB, o jazz e o blues (inclusive cultua grandes divas desses tipos de musica, como Sarah Vougan e Aretha Franklin).

Extremamente discreto e, embora não preocupado em camuflar a identificação homossexual, mantém posturas pelas quais não gera nenhuma desconfiança quanto a suas relações homoeróticas, assim como não se preocupa em exacerbar comportamentos masculinos.

Seu circulo de amizade não é extenso, mas demonstra grande afetividade e companheirismo no meio dele, assim como preza uma relação afetiva estável e não é propenso à promiscuidade, que, de acordo com ele, é muito evidente em relação aos meios de convivência homoerótica.

#### **4.3.1.4. O amigo DP**

De convivência mais difícil e muito esporádica em encontros não relativos a lugares como bares e boates de festas gays, mas em microterritorializações de transito homoerótico de paquera e busca sexual, como banheiros públicos e parques, este amigo apresenta-se, como estando longe de qualquer vínculo com a cultura gay, mantendo uma vida territorializada em lugares nos quais pode encontrar um parceiro ou qualquer experiência homoerótica (voyerismo, maturbação, felação rápida). Seus argumentos giram em torno da família, dos filhos e dos projetos de trabalho e futuro. Pouco entende a respeito do que se torna muito importante e



cotidiano estabelecido entre círculos territorializados homoeróticos ou de um conjunto de atributos definidores de uma cultura gay, como a música, as roupas, as expressões corporais e os vocabulários.

Apresenta o desejo e consegue ter prazer homoerótico quando encontra lugares públicos onde isso pode acontecer. Seus desejos não implicam a penetração no ato do sexo, mas a admiração quanto ao membro masculino (somente observá-lo e tateá-lo).

#### **4.3.1.5. Amigo EP**

Muito descontraído e falante, de fácil aproximação e conhecedor de uma grande quantidade de pessoas *same sex oriented* em Porto Alegre, este amigo é um jovem que, embora se vincule principalmente a grupos de amigos de indivíduos efeminados, não apresenta nenhum atributo que o identifique com o estereótipo gay, embora explicita suas preferências como passivo na relação homoerótica.

Mora em um bairro periférico da cidade e mantém relacionamento com um policial militar, por quem se declara perdidamente apaixonado, mas não correspondido, fato que o faz autopermeter-se manter muitas outras relações sexuais esporádicas.

Apresenta um teor romântico em sua fala, almejando sempre um grande amor, embora faça parte de uma rede de amigos cujas experiências sexuais acontecem sem comprometimento e de forma promiscua.

#### **4.3.1.6. Amigo FP**

Este amigo apresenta grande capacidade de transitar entre a discrição das expressões normalizadas quanto a atributos do gênero masculino, quanto à mistura de estéticas de gênero (trangenerificação) entre os grupos de amigos a que pertence.

Trabalhador de uma fábrica da região metropolitana de Porto Alegre, mantém uma flexibilidade quanto a suas expressões pessoais, exacerbando o efeminamento

e, muitas vezes, “montando-se” (expressão de designa o travestismo) em sua residência e em boates gays, assim como assumindo um perfil condicionado às posturas masculinas em ambientes de trabalho e em outras situações cujos cenário e o público não permitem expressões homoeróticas.

#### 4.3.2. As microterritorializações<sup>97</sup>

Para nossa análise quanto às microterritorializações homoeróticas de que participamos em Porto Alegre, vamos organizar explanações textuais que apresentam aspectos gerais delas, alguns discursos<sup>98</sup> colhidos no momento da

---

<sup>97</sup> Apresentamos aqui não a totalidade de microterritorializações homoeróticas de Porto Alegre. Isso foi o trabalho desenvolvido em Costa (2002). Atentamos para algumas nos quais o trabalho de observação participante no ano de 2006 foi mais atento e mais condicionado às relações entre os amigos com quem convivemos, para podermos relacionar as expressões individuais a respeito da homossexualidade e a diversidade de comportamentos que definem os lugares de convivência homoerótica.

<sup>98</sup> Os discursos aqui remetem a dados colhidos pelo trabalho “etnogeográfico”, que procurara “olhar com os outros dos outros”, como argumenta Bonnemaïson (2003). Isso também se refere a nossas interpretações sobre o entendimento e a relação dos nossos amigos com as microterritorializações homoeróticas, que apresentamos nos quadros a seguir. Os discursos e as análises contidas nos quadros representam um esforço de procurar entender como os indivíduos *same sex oriented* entendem a condição deles e os lugares em que convivem, assim como suas relações com a moral, os padrões e os (pré)conceitos sociais. Esse esforço implica, então, procurar expor as representações que estabelecem sobre desejos e situações relacionais que envolvem o homoerotismo, aproximando-se da teoria das “representações sociais” de Moscovici (2003). Por outro lado, muitos discursos divergem sobre as microterritorializações, assim como sobre as identificações que as pessoas estabelecem com elas. Nesse sentido, as microterritorializações existem em virtude da condição social sobre a homossexualidade, como polarização identificatória que unifica desejos e sujeitos orientados para o mesmo sexo; porém, esses sujeitos divergem quanto aos sentidos que dão aos seus desejos e quanto às posturas que assumem em relação à auto-afirmação de uma diferença cultural, à necessidade de adequar-se aos parâmetros de gênero sexual e aos vínculos que estabelecem em relação a vínculos estéticos e outras culturas comercializadas em meio urbano. A microterritorialização possibilita o encontro homoerótico, que ainda não é totalmente aceito como expressão pública de afetividade; porém, as representações que os sujeitos estabelecem em relação a elas apresentam-se como dialéticas e se referem mais a um conjunto de negociações que giram em torno de preconceitos, discriminações e identificações diferenciadas existentes entre tais sujeitos. Assim, a microterritorialização apresenta um contexto de negociação do “aqui e agora” da reunião homoerótica, permeada por questões que se apresentam “contra” e “a favor” da sociedade; da razão; da moral; de certas representações contidas no mercado, nas imaginações sobre o desejo e na expressão e comportamentos espontâneos. Daí a dificuldade de perpetuar no tempo as definições das microterritorializações, mesmo sendo únicas oportunidades de certos indivíduos manterem afetividades homoeróticas. Elas alteram-se em relação às negociações que se estabelecem no momento da reunião territorializada, no qual emergem contradições existentes entre sujeitos sociais *same sex oriented*.

participação<sup>99</sup> e um quadro explicativo que reporta às relações estabelecidas pelos amigos que nos acompanharam. Nas linhas vamos dispor os amigos e, nas colunas, as relações deles ao microterritorialização, manifestadas a partir de nossas impressões e dos discursos que fluíram em nossas conversas<sup>100</sup>. As relações deles estão organizadas da seguinte forma, em descrições breves:

- a) estranhamento: elementos da reunião territorializada que provocaram estranhamento e desconforto a nossos amigos;
- b) identificação: elementos que provocaram conforto e admiração à convivência na microterritorialização;
- c) banalização: elementos que nos chamaram atenção e que não foram comentados ou observados por nossos amigos;
- d) transformação: alguns atributos que se constituíram como mutantes entre nossos amigos e que atribuem-se à participação na microterritorialização.

#### **4.3.2.1. Venezianos Pub**

Localizado na rua Joaquim Nabuco, do bairro Cidade Baixa, apresenta-se como uma pequena casa de dois pisos nos quais se “amontoam” pessoas orientados para o mesmo sexo.<sup>101</sup> Embora podendo observar estéticas diferenciadas e a formação de subgrupos, a reunião territorializada, em certos momentos parecemos estar contidos em uma “grande família”, cujos membros, quase todos, se conheciam. E muitos teciam comentários quantos às pessoas<sup>102</sup> “novas” e “fora do lugar”<sup>103</sup> em que estavam presentes.

---

<sup>99</sup> Os discursos não são reproduzidos de forma fidedigna, pois remetem a conversas informais, que constituem a observação participativa, e não uma entrevista. Assim não foram registrados ou gravados, mas guardados como idéias importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

<sup>100</sup> Apresentamos um resumo que representa nossa avaliação sobre as posturas e comportamentos de nossos amigos. Além disso, não nos preocupamos em numerar a quantidade de vezes em que os acompanhamos ao lugar, pois muitas das impressões colhidas também não implicam participação direta nas microterritorializações, mas conversas estabelecidas em outros lugares da cidade, que não sejam de freqüência especificadamente homoerótica.

<sup>101</sup> Tanto homens quanto mulheres. Porém nosso interesse é observar as relações estabelecidas entre os homens.

<sup>102</sup> Usamos a palavra “pessoas” para indicar o senso comum, ou seja, uma pessoa qualquer ou uma unidade humana. Muitas vezes usaremos também “indivíduos” para indicar a unidade e não o grupo que estamos analisando, ou aquele que se individualizou na perspectiva de Heller (1991). As palavras

O pub está localizado numa região em que transita uma diversidade de expressões culturais urbanas da cidade, mas sua especificidade de apresentação do prédio implica discrição: uma casa comum e fechada, numa rua escura um tanto distante das regiões do bairro de concentração de bares (a Rua Lima e Silva, João Alfredo e José do Patrocínio). Ao mesmo tempo em que se localiza na região boêmia da cidade, o pub está discretamente inserido nela, possibilitando certa “camuflagem” para a chegada e saída de pessoas que o freqüentam. O que queremos dizer com isso é que o bar apresenta-se como um dos tantos outros presentes no bairro Cidade Baixa, mas define-se como um tipo específico que não divulga o que acontece em seu interior, causando “proteção” no que tange à exposição das expressões homoeróticas.

Tivemos a oportunidade de conviver com essa microterritorialização juntamente com cinco amigos dos seis que destacamos anteriormente, assim como com outros conhecidos mais esporádicos e os relativos a breves contatos exercidos no lugar<sup>104</sup>. O pub Venezianos apresenta-se como uma microterritorialização possível para a livre afetividade homoerótica sem preocupação com a camuflagem delas, por outro lado nem todos as pessoas sentem-se confortáveis e identifiquem-se com as relações estabelecidas ali. Aliás, a própria microterritorialização se fragmenta em propostas de convivências diferenciadas, produzindo formas de interações culturais muito específicas, dependendo da noite da semana em que ocorre a

---

“pessoa” ou o “indivíduo” usadas aqui se aproximam da banalidade do “homem-particular” ou do “ator social” que representa papéis sociais, assim como a discussão que estabeleceremos quando as contradições contidos nesses conceitos.

<sup>103</sup> Os “fora do lugar” referem-se principalmente à estética e a apresentação visual. O Venezianos pode ser caracterizado como um lugar de convergência de homens *same sex oriented* que já apresentam uma situação financeira bem definida, fazendo parte de um segmento social de classe média. Muitos dos participantes procuram manter assuntos e mostrar conhecimentos sobre arte, cinema e mídia no geral, assim como discutirem fatos que são divulgados pelos instrumentos de comunicação globais. Tais homens, em sua maioria, têm curso superior completo e investem numa boa apresentação pessoal quanto às roupas e aos acessórios que usam. Nesse sentido, todos os que divergem dessas qualidades são notados como “fora do lugar”. Por outro lado, tais “pessoas descontextualizadas” podem ser aceitas se causarem algum atrativo homoerótico a seus participantes, como atributos valorizados da beleza masculina (corpo malhado, expressões másculas, entre outros).

<sup>104</sup> Vamos utilizar muito a palavra “lugar”, no entanto, não discutimos a categoria geográfica “lugar”. Aqui aparecem como localizações, próximas ao senso comum. Mesmo dizendo “lugar” e “lugares” e definindo a característica dele (s), queremos explicitar que essas localizações e as relações culturais existentes nelas são as expressões das reuniões homoeróticas microterritorializadas. Nesse sentido, lugar aqui se refere a simples localização das microterritorializações para que atentamos.

agregação: na noite de quarta-feira, é um lugar de encontro de solteiros amigos que estão dispostos a encontrar um par romântico, devido a ser a noite do cupido (em que um homem bonito e musculoso transita entre as mesas entregando recados, como um cupido); na noite de quinta-feira, a casa se transforma numa pista de dança, ocorrendo shows de *drags* e havendo muita sensualidade e paquera, algo que se aproxima de uma festividade tipicamente gay; na noite de sexta-feira, ocorrem shows de MPB ao vivo, havendo a reunião é amigável e percebendo-se que o público é de homens e mulheres de meia-idade; muitos deles casais fixos; no sábado, o lugar se transforma num ponto de encontro “pré-festa” (após estarem no Venezianos, se dirigem para outras casas noturnas), concentrando uma diversidade de expressões e indivíduos e perdendo a forma de “grande família” que comentávamos; no domingo, novamente temos a formação da pista de dança de música eletrônica, e o lugar funciona como um “matinê” aos seus frequentadores mais assíduos.

Nas vezes em que estivemos na microterritorialização, observamos a condição de um pequeno espaço quase sempre superlotado, no qual as pessoas se “amontam”, sendo que muitos desses participantes se conhecem, se abraçam e se beijam quando chegam ao recinto. A aura de intimidade já condiciona um receio quanto a novos elementos que venham participar da reunião, assim como a definição do objeto de prazer quanto ao novo e ao diferente (como o discurso sobre a “carne nova”, ou aquele que é estranho e precisa ser experimentado sexualmente pelos participantes). Ao mesmo tempo em que todos praticamente se conhecem, também se ironizam<sup>105</sup>. Entre os discursos de repúdio quanto a parceiros da mesma microterritorialização, emergem caracteres degradantes que convergem para as definições de passividade, efeminamento, instabilidade emocional e promiscuidade, reproduzidos das discriminações sociais.

---

<sup>105</sup> A ironia é aceita como comédia pessoal, implicando o relato de algum fato ou atributo da pessoa que poderia ser visto como algo degradante, mas que aqui é tornado comédia entre conhecidos. Ao mesmo tempo, a fronteira entre ironia e discriminação é muito tênue. De comédia a ironia pode transformar-se em preconceito e identificação daquele que não é bem-vindo a reunião amigável, em comentário sobre a antipatia, ou no estabelecimento de uma relação não muito interessante com a pessoa a que se refere.

A seguir vamos reproduzir alguns discursos de pessoas que identificam ou criticam as relações estabelecidas no Venezianos Pub:

Gosto de vir aqui porque a maioria dos meus amigos sempre frequenta o lugar. Conhecemos os garçons, a dona do lugar, assim como podemos escolher as músicas que ouvimos. É só falar com o DJ! Em Porto Alegre é um bom lugar para bater papo e encontrar gente bonita. Em outros é uma perturbação, e os tipos dos que circulam temos até medo. (Nível superior, 34 anos)

Nessa fala podemos observar dois aspectos que territorializam essa pessoa no Venezianos: o primeiro é sentir-se parte de um grupo, como se a grande maioria dos presentes fossem seus amigos, assim identificando-se com eles, com uma “grande família” que pode acessar, mesmo que em momentos bem específicos,<sup>106</sup> e com a qual compartilha com a sua condição; o segundo é a restrição à participação. De acordo com ele, em outros lugares, como o Vitraux, as pessoas não mantêm uma boa apresentação pessoal,<sup>107</sup> ou seja, se vestem mal.<sup>108</sup> Nossa observação indica que a freqüência da microterritorialização remete à condição de classe social de seus participantes, sendo o Venezianos Pub uma microterritorialização de freqüência de indivíduos *same sex oriented* que apresentam um boa e segura condição financeira.<sup>109</sup>

---

<sup>106</sup> A temporalidade ou o momento do dia ou da semana em que ocorre o encontro fortalece a idéia de microterritorialização urbana. A especificidade dos períodos de ocorrência de determinada agregação social em determinado lugar da cidade se relaciona à condição diferenciada dos indivíduos que se agregam, cujo território lhes dá sentido de conforto, felicidade e, até mesmo, de proteção.

<sup>107</sup> Isso se refere ao trato com o corpo, com o cabelo e as mãos, por exemplo, assim como ao uso de roupas adequadas à estatura e forma corporal, assim como a escolha delas e dos acessórios e a combinação entre eles. Existe um senso estético que se refere à adequada composição das roupas às posturas de gênero sexual, assim como marcas e modelagens que se apresentam na moda e que implicam um investimento quanto à apresentação no lugar.

<sup>108</sup> É comum nessa convivência observar a grife das roupas das pessoas. A atenção à roupa discrimina aqueles que se vestem com peças compradas no mercado popular do Centro e de grandes lojas de departamentos cujos modelos iguais são vendidos em grande quantidade. Estar no Veneziano significa manter um cuidado com a aparência pessoal, e esse cuidado implica gasto em tipos de vestimentas que nem todos de ter.

<sup>109</sup> Não apresentamos uma pesquisa socioeconômica dos lugares apresentados. Esse não é nosso interesse nesse momento, mas podemos falar sobre isso, pois sabemos que boa parte das pessoas que freqüentam o bar é de profissionais liberais com curso superior ou autônomos da cidade. Esse conhecimento foi estabelecido pelo trabalho “etnogeográfico” e se refere a como as pessoas entendem o tipo de convivência que se estabelece no lugar. Boa condição financeira, para nós, remete a tipos de profissão que envolve os membros desse grupo: muitos são advogados, médicos, bancários, funcionários públicos de nível médio ou superior, professores, etc.

Sempre venho aqui antes de ir para alguma outra boate. Aqui podemos encontrar os amigos e conversar de forma mais tranqüila, embora a cada dia esteja mais cheio! O clima é mais amigável, e não existe muita promiscuidade. Podemos encontrar namorados com que estão juntos há muito tempo! (Nível médio, 26 anos)

Aqui percebemos que a microterritorialização é reservada para o encontro tranqüilo, distante da agitação e a exacerbação de sensualidade das festas gays. Geralmente é usado para encontrar amigos e namorados para uma diversão mais intensa em outro lugar. Por outro lado, a promiscuidade, ao mesmo tempo em que é uma realidade sempre observada por entre os próprios indivíduos orientados para o mesmo sexo, também faz parte da preocupação deles, quando criticam tal postura e procuram enfatizar a necessidade de fidelidade e de relacionamento estável. Assim, observamos que o bar é muito freqüentado por casais, assim como por grupos de amigos constituídos por casais com alguns solteiros que assumem o objetivo de paquerarem, não para o sexo casual, mas para tentar encontrar o amor com um parceiro fixo. Essa é uma tendência da microterritorialização, mas não se refere ao comportamento e predisposição de todos os indivíduos que o freqüentam.

Venho aqui porque o ambiente é legal. Gosto das noites de quinta-feira. A musica eletrônica que toca é muito boa, embora não haja muito espaço para dançar. Gosto de caras mais maduros... Sabe... E aqui posso encontrá-los para, quem sabe, rolar algo... (Nível médio 21 anos)

Outro fator importante exposto aqui é a faixa etária dos freqüentadores. As festas gays de Porto Alegre são muito freqüentadas por jovens. O culto ao corpo masculino e a sensualidade das festas produzem uma atenção à juventude. A faixa etária, assim, é fator de atração entre iguais, mas também é entre aqueles que são diferentes, que se interessam em relacionar-se especificamente com a alteridade.

É comum também ouvir relatos de rapazes que negaram “ficar”<sup>110</sup> com outros da mesma faixa etária por alegarem gostar de “caras mais velhos” - às vezes, muito mais velhos. Embora as festas gays contenham uma diversidade de participantes, podemos observar a territorialização de homens mais maduros em outros bares. Algumas saunas, como a “Corujas”, localizada na rua Comendador Coruja,

---

<sup>110</sup> “Ficar” significa manter uma relação amorosa por certo tempo ou no momento de convívio no lugar. O termo também é usado em outros contextos fora dos lugares de convívio *same sex oriented*.

apresenta a freqüência de homens com idade bastante avançada, por exemplo. No Venezianos, é comum encontrar homens com mais de 40 anos, muito diferente da freqüência existente no Ocidente e no Cine Teatro, cujos participantes apresentam, muito comumente, menos de 20 anos. Além disso, nesse bar é comum encontrar namorados de faixas etárias diferentes, às vezes com 30 anos de diferença entre eles.

Ah aqui é tudo! Gosto da noite da roda de viola! Canto muito e depois vou dançar no Ocidente! Se pintar algo nem vou ao Ocidente, fico por lá mesmo, bebendo e paquerando muito. Às vezes nem preciso de boate. Aqui me divirto muito com meus amigos. (Nível superior, 31 anos)

Aqui verificamos outro aspecto das convivências estabelecidas no *Pub*. Como lugar de encontro “pré-festa”, as pessoas também se prédispõem ao sexo e ao experimento homoerótico casual, mantendo o clima de acaso e de “tudo pode” entre grupos de amigos que procuram intensa diversão e oportunidades de serem espontâneos ao máximo. cremos que o romantismo, a manutenção de uma boa postura e a fidelidade e estabilidade entre casais são fatores que se aproximam muito das condições impostas pela moral familiar heterossexual. Por outro lado, a promiscuidade e a liberação dos desejos e expressões sexuais, ou a transgressão em relação à adequação ao bom comportamento - principalmente aos que remetem à postura quanto ao gênero sexual, assim como o “escracho” gay, que causa estranhamento e repúdio em muitos indivíduos *same sex oriented* - remetem à espontaneidade e à crítica à moral e à previsibilidade contida nas relações sociais, como táticas que burlam as convenções nelas inseridas. Nesse sentido, os comportamentos estabelecidos nesse bar implicam a dialética contida nas microterritorializações homoeróticas, ou seja, ao mesmo tempo “a favor” e “contra” a sociedade.

Venho aqui, mas às vezes parece que todo mundo se conhece e todo mundo fica com todo mundo. Mesmo assim é um lugar muito agradável para ficar, namorar e ouvir outras coisas que não aquelas músicas que sempre tocam na boate. (Nível superior, 23 anos)

Mais uma vez aqui se observa a dialética sobre a qual falamos. Ao mesmo tempo em que o aspecto da “grande família” pode tornar-se um aspecto “positivo”



sobre a agregação homoerótica contida na microterritorialização - assim como da homossexualidade, como um fator que lembra o movimento sobre *positive gay* -, ele também representa um elemento de autoproteção entre indivíduos que se identificam e segregam outros. Isso fortalece também a idéia da microterritorialização que constitui o Venezianos: homens bem vestidos, com uma boa condição financeira, que se interessam por arte, moda e cinema. As fronteiras de convivência se erguem diante daqueles que se diferenciam das relações estabelecidas na microterritorialização.

Em relação a essas fronteiras, discursos daqueles “de fora” (ou os outsiders) são estabelecidos como avaliações ao lugar: entre eles, é comum ouvir que lá existe promiscuidade entre um grupo muito fechado, assim como a idéia de que “todas” (as bichas) que freqüentam o lugar são arrogantes, sendo chamadas de “bichas finas”.

Outro ponto também encontrado nessa fala é a divergência no bar a respeito do tipo de música que toca em festas gays: a *dance music*<sup>111</sup>. Esse tipo de música é taxada como “música gay” pela juventude heterossexual, em Porto Alegre. Por outro lado, o bar Venezianos torna-se exemplo de algo que diverge dessa cultura por proporcionar aos seus freqüentadores outros tipos de música que podem ouvir e com as quais festejar. Exemplo disso é a “roda de viola”, que ocorre nas sextas-feiras, com shows de *covers* de música popular brasileira, que são apresentados por artistas locais e que reúnem como público, principalmente, casais estáveis de homens e mulheres orientados para o mesmo sexo. A festa que pode ser considerada mais gay do bar é a de quinta-feira, em que o ambiente se transforma numa boate que apresenta efeitos de luzes e *dance music*. Quinta também é a noite mais freqüentada por jovens, apresentando maior exposição sensual e maior propensão à paquera e ao sexo casual, de forma muito espontânea.

---

<sup>111</sup> Esse tipo de música é construído eletronicamente: apresenta sons artificiais de bateria e percussão acelerados e muitos outros, psicodélicos, de sintetizadores. Esse tipo de música quase sempre traz vocais femininos, fala sobre amores impossíveis e auto-estima (coisas que muitos indivíduos *same sex oriented* gostam de ouvir e cantar). As representações contidas nos shows dessas artistas e nos vídeoclipes versam sobre as festas noturnas, sobre sexualidade, amores mal-resolvidos e extravagância estética feminina. Muitas cantoras tornam-se divas e são reproduzidas em shows de transformismo e *drag queens*, passando essas representações a fazer parte das imaginações contidas na cultura gay.

A seguir trazemos os quadros com que vamos relacionar as expressões homoeróticas individuais de nossos amigos e suas avaliações pessoais sobre o Venezianos:

<b>Quadro 1 – Venezianos Pub: expressões homoeróticas individuais dos “amigos” participantes da pesquisa</b>				
<b>Amigos</b>	<b>Estranhamento</b>	<b>Identificação</b>	<b>Banalização</b>	<b>Transformação</b>
<b>AP</b>	Facilidade de encontrar posturas efeminadas. Intimidade e proximidade entre a maioria dos participantes. Importância à moda no vestuário e acessórios corporais. Masculinização de AP e simplicidade estética destoante, provocando estranhamento em relação ao restante. Expressões de fechativas e incisivas tidas como atrevimento.	A dança e a música eletrônica de quinta-feira (festejo em relação a determinadas músicas e artistas). Aproximação sexual quanto à estética daqueles que enfatizavam atributos corporais masculinos.	Shows de <i>Drags Queens</i> . Expressão de afetividade entre casais. Pouca atenção quanto à diversidade estética que também compõe o lugar e à simples diferenciação entre <i>bichas</i> e <i>bofes</i> .	Melhor atenção quanto ao vestuário. Ênfase maior à masculinidade. Inserção da presença do namorado e expressão de afetividade nas sexta-feiras da “roda de viola” (show de MPB).
<b>BP</b>	Repúdio às paqueras com indivíduos efeminados. Estranhamento em relação a novos elementos não condizentes com o teor <i>fashion</i> do lugar. Pouco gosto em relação à música MPB e à roda de viola.	Adequação estética em relação às tendências da moda cultuadas no lugar (tipo <i>fashion</i> determinado pelo uso de roupas de grife, como Ellus, Levi’s, Adidas, Puma, Zoomp, etc). Efeminamento, extrema afetividade entre amigos, ironização quanto a situações cotidianas e sarcasmo nos assuntos que comentados sobre algum participante do lugar. Conhecimento da maioria dos participantes assíduos ao lugar. Atenção aos novos participantes do lugar. Atitude incisiva de assédio caso haja interesse sexual (principalmente se jovem e não-efeminado).	Expressões extravagantes e efeminadas também comentadas e, às vezes, repudiadas por outros integrantes do lugar. Extravagância nos gestos e na forma de dançar como causa de estranhamento de outras pessoas. O efeminamento muitas vezes implica discriminação entre grupos de amigos e não extravazamentos exagerados.	Observação de si quanto a maior discriminação e aproximação a certas estéticas mais masculinizadas, como alteração do tipo de penteado, uso de vestimentas mais discretas, uso de bermudas lembrando moda surf e regatas que mostram a transformação do corpo malhado de academia de ginástica.
<b>CP</b>	Promiscuidade observada por ele entre os participantes do lugar e a troca constante de parceiros entre	Preocupação com a apresentação e com a boa qualidade do vestuário.	Pouca atenção à diversidade no sentido não de não observá-la, mas de	Uso de vestimentas mais despojadas e mais juvenis. Atenção à música eletrônica,

	eles. Insalubridade do lugar, quando muito cheio. Atrevimento em relação a acintosas investidas sexuais (“passar a mão”), ao “deslumbre” (egocentrismo exacerbado e glorificação individual, quanto ao relato de situações vividas e às posses) de muitos participantes.	Presença de casais fixos. Gosto pela música MPB nas rodas de Viola. Boa apresentação do prédio. Diversidade de tipos, idades e estéticas que circulam, no lugar propenso a aproximação afetiva e sexual entre jovens e homens mais maduros.	manter uma atitude de aceitação e de não-preconceito. Poucas relações com indivíduos de mais idade presentes no lugar (próximos a sua idade) e atenção aos círculos de amizade entre indivíduos mais novos.	participando mais efetivamente dos dias de quinta-feira.
<b>DP</b>	Recusa de ir a lugares ditos gays por falta de identificação com tais expressões.	Sem relação	Sem relação	Sem relação
<b>EP</b>	Revelação sobre pouca frequência ao Venezianos; porém, sem demonstração de desconforto por nele estar.	À vontade em todos as noites do lugar, tanto dançando música eletrônica, quanto cantando alegremente na roda de viola. Conhecido de muitas pessoas. Festejos em diferentes pequenos grupos. Mesmo com vestuário destoando de um padrão da moda do lugar - desfilando roupas mais simples e baratas - aceito pelo carisma.	Interessante: não restrito a algum grupo específico do lugar. Banalização de todas as expressões, aproximando-se facilmente delas. Comportamento pouco efeminado, masculino no uso das roupas e dos gestos, levando a entender preferência ativa, apesar de dizer-se com preferência passiva. Capacidade de reverter em caso de paqueras de indivíduos de preferência também passiva, não implicando restrição (como muito acontece no lugar), mas um elemento de aproximação amigável.	Item não observado.
<b>FP</b>	Demonstração de desconforto por definir o lugar como de concentração de “gays” que representam ter uma boa condição social e se relacionam pelo interesse financeiro. Repúdio as “representações” artificiais e aos	Sem total aproximação ao lugar. Freqüentador com o objetivo de escandalizar e provocar repulsas. Paradoxo: aproveitando o acúmulo de pessoas para poder	Gosto por expressões e shows de transformismo, sem atentar aos shows de algumas <i>drags</i> que se apresentam no lugar, achando artificial suas	Condicionamento a uma melhor produção que procurasse esconder sua condição de classe. Aproximação de pessoas e manutenção de assuntos que

	<p>preconceitos que giram em torno da reunião. Preferência por lugares mais populares, nos quais as pessoas vestem-se com mais simplicidade e são mais autênticas. Aspecto "fechativo" causa repúdios e comentários preconceituosos dos outros participantes.</p>	<p>ousadamente investir acintosamente em relação aos outros participantes. Quase sempre alcoolizado quando está no lugar.</p>	<p>apresentações.</p>	<p>por ele identificados como fúteis, das "bichas finas". Demonstração de desconforto e pouco tempo de permanência no lugar.</p>
--	---	---	-----------------------	--

Nossos amigos revelam também muitas das questões contidas nos discursos daqueles outros colaboradores da pesquisa. Em um primeiro momento, o caráter *fashion* remete à apresentação de muitos que freqüentam a microterritorialização e torna o grupo fechado e segregador. Um principal fator que constrói as fronteiras de convivências entre indivíduos homoeróticos, dispostos a participar da microterritorialização, são as formas com que se vestem e as lojas onde compram, fazendo representar uma boa condição financeira. Mesmo aqueles que não a têm procuram investir suas economias em vestuário para representar um bom *status* e assim ser atrativo, afetiva e sexualmente, ao grupo. Por outro lado, a atração masculina também é forte e, em relação ao sexo, uma experiência com um “pobre machão” também faz parte dos desejos e experimentos homoeróticos,<sup>112</sup> tornando possível o acesso aos indivíduos do grupo. A arrogância de muitos indivíduos causa estranhamento entre aqueles que não apresentam condições financeiras para tanto ou entre aqueles para quem essas questões são consideradas fúteis e que prezam a humildade e autenticidade. Tais fatores mencionados causam um desconforto quanto à participação na microterritorialização, não impedindo o fluxo a ela, mas produzindo o atributo de sua singularização.

Embora a apresentação dos homens convirja para vestimentas que não transgridem em nada as estéticas conferentes aos gêneros sexuais, os grupos fechados de amigos - em momentos de festejos e brincadeiras, na espontaneidade na fala e ao contar certas histórias que remetam a situações cômicas que envolvem relações homoeróticas - tendem a expressarem posturas e formas de falar efeminadas, como que demonstrando conforto e segurança em expressar essas posturas desviantes entre amigos. Muitas vezes isso é usado por outros que estranham ou são segregados dessa reunião como atributo de defina as “bichas finas” e que demonstre a artificialidade e futilidade deles.

---

<sup>112</sup> Isso nos faz lembrar Gide (apud COSTA, 1992): o homoerotismo como transfuga de classe. Por outro lado, quando o estigma de classe está acompanhado pelo estigma da não-adequação às estéticas de gênero sexual, o repúdio acontece de forma mais intensa, implicando discursos em que transparecem termos como “breguice”, “baixaria”, “bafonas” e “desceu o morro”.

Outro fator também visto no quadro é a dialética entre espontaneidade de livre expressão de sexualidade, contida em representações de promiscuidade e atitudes incisivas na paquera e na intensa sensualidade expressa nas atitudes entre casais que se encontraram no momento, e moralidade quanto a bom comportamento e cuidado de si, expresso na boa conduta entre casais de namorados de muito tempo de convivência.

#### **4.3.2.2. Ocidente**

Localizado na rua Oswaldo Aranha com a rua João Teles, o bar Ocidente faz parte da história da boemia de Porto Alegre. Funcionando desde o início da década de 1980, ele vai ser a microterritorialização de convergência dos elementos culturais globais das expressões artísticas vinculadas à música. Na década de 1980, o lugar era identificado pela circulação dos “moderninhos”, de acordo com Silva (1991), para os quais muitos atributos dos artistas do momento eram reproduzidos pelas pessoas que o freqüentavam. No Ocidente formou-se uma cultura das convivências homoeróticas conectou-se com formulações estéticas que circulavam em esfera global, divulgadas por artistas como Madonna, David Bowie, Pet Shop Boys, Erasure, Mick Jagger e de outros tantos vinculados à *dance music*, assim como reproduções daqueles que, viajando ao exterior, divulgavam os acontecimentos envolvendo a cultura gay norte-americana.

Na década de 1990, por volta de 1995, o Ocidente foi interditado, voltando a funcionar no ano 2000. Hoje se apresenta como uma microterritorialização de freqüência alternativa, mantendo a agregação homoerótica nas sextas-feiras e promovendo festas temáticas nos outros dias da semana. Nas sextas-feiras a freqüência homoerótica é, em sua maioria, de jovens que expressam uma diversidade de comportamentos e atributos estéticos.

O interessante dessa microterritorialização é a convergência entre várias composições culturais que envolvem as relações *same sex oriented*: observamos muitos jovens com endumentária *skate* e *surf*, cujas relações com o lugar se

especificam pela experiência homoerótica, assim como jovens *emos*<sup>113</sup> e outros cujos atributos vinculam-se à androginia e à mistura de estéticas de gêneros sexuais nas vestes e no comportamento. A reunião implica a diversificação e o contato com várias formas de expressões juvenis, mas agrega velhos freqüentadores do lugar que procuram manter-se em relação às expressões da moda divulgadas por artistas do momento. O ambiente é festivo e a agregação é motivada pelas músicas que tocam e que remetem aos artistas preferidos e suas formas de expressão estética.

No quadro que sugerimos, vamos procurar esclarecer as interações diversificadas de nossos amigos indivíduos nesta microterritorialização, representando uma relação entre a necessidade de territorialização dos desejos homoeróticos, mas também a diversidade de comportamentos e situações de convergência e divergências de gostos e avaliações quanto às interações estabelecidas. Antes disso, vamos reproduzir alguns discursos colhidos de participantes da microterritorialização:

Aqui no Ocidente, ninguém se importa com ninguém. Tem gente cheirando, gente bêbada, mauricinhos, até punks já vi circular. Posso trazer minhas amigas que sabem de mim. Elas gostam de vir porque sempre ficam com alguém. Noto também muitos bissexuais que vêm aqui. Acho que é o melhor lugar para se divertir de Porto Alegre e encontrar gente bonita e todo tipo. (Nível médio, 22 anos)

Essa fala remete a principal característica do Ocidente: a diversidade estética que envolve o corpo homoerótico. Por ser uma casa que faz parte da história da vida noturna de Porto Alegre, uma grande diversidade de pessoas a procura. Os contatos diversos assim se estabelecem, e abre-se um espaço para aqueles que não necessariamente se envolvem constantemente com desejos e prazeres homoeróticos de curtirem tais experiências (paquera, afetividade e práticas sensuais e sexuais). Por isso a incidência de muitos “bissexuais”, como fala o colaborador com a pesquisa. Nas sextas-feiras, o interesse dos

---

<sup>113</sup> Termo resultante da redução de *Emotion*. Estética híbrida que faz lembrar atributos *darks* (roupas pretas e maquiagem sombria), assim como *punks* (cabelos “espetados” e coloridos), *clubbers* (acessórios coloridos, uso de roupas de brechó com variações diversas, sem uma rígida combinação).



participantes são as relações homoeróticas que proporciona a microterritorialização, mas também a diversidade de tipos que circulam,<sup>114</sup> a qualidade da música que toca, assim como o envolvimento com as drogas.

O Ocidente já foi melhor, lá por 93 e 94. Hoje tem muito garoto e também esses novos *emos*. A gente não sabe o que eles querem e o que eles gostam. Tem muita bichinha, mas ainda sempre podemos encontrar alguém realmente que vale a pena. (Nível superior, 36 anos)

Esse é um discurso de quem viveu o Ocidente desde quase suas origens. Seus interesses estão arraigados nas expressões da década de 1980 e início da década de 1990, que fez do Ocidente conhecido no Brasil inteiro como lugar de música e “gente alternativa”. Em nossa conversa, a pessoa alegou ter o Ocidente “virado pop” e os gays terem saído do *undregroud*<sup>115</sup> e se adequarem ao consumismo barato. Tal discurso significa uma opinião sobre o caráter transgressor anterior do ocidente relacionado ao homoerotismo. Não necessariamente o Ocidente da década de 1980 era relacionado como lugar gay, mas como convergência de culturas urbanas alternativas que, embora estivessem relacionados com a agregação de culturas globais em Porto Alegre, questionavam

<sup>114</sup> No Ocidente há michês, “mauricinhos” e “patricinhas” (os bem “arrumadinhos”), aqueles que se usam moda *street*, *skate* e *surf*, não mostrando alguma alteração de gênero sexual, mas interessados a experiências homoeróticas, assim como *bichas*, *bichichas* e *bichonas* (bichinhas pela questão da pouca idade, assim como pela estatura e corpos magrinhos – bichona como homens mais velhos de estatura grande e efeminados – usamos esses termos pois eles são correntes entre gays). “As finas”, ou aquele tipo que frequenta o Venezianos Pub, também estão presentes, assim como tipos com jeitos e vestimentas mais formais ou mais despojadas, como, por exemplo, elementos da cultura *grunge* (calça jeans rasgada e camisas xadrez surradas). As “bafonas” são um tipo especial: algumas bichas, mesmo mantendo uma estética de acordo com os padrões da moda, bebem, se drogam e provocam, seguidamente, “fechação” no Ocidente. Algumas situações delas são contadas não como repúdio, mas como casos de comédia. Anteriormente, quando era necessário subir uma escada íngreme para entrar e sair do Ocidente, uma bicha muito bêbada ao sair rola até a rua. Ao se recompor do tombo, argumenta: “cada um desce a escada do jeito que quer”, e sai “jogando cabelo” (expressão do imaginário gay que designa um gesto de “não estar nem aí”, como uma virada de cabeça brusca que movimenta um cabelo longo que não tem). Esse fato, depois de muito tempo, é relatado por muitos que viveram a situação, assim como por aqueles que somente a ouviram.

<sup>115</sup> *Underground* remete a cena noturna marginal da Londres, na passagem dos anos 1980 para os anos 1990, constituída pelo consumo de drogas e pela cultura *punk* e *rave* (festas que misturavam rock com música eletrônica e que eram divulgadas em um círculo fechado de participantes, em virtude do consumo de drogas e das batidas policiais). Essas táticas de transgressão aos poucos foram sendo reproduzidas em festas itinerantes e em lugares de consumo abertos ao público em geral, a partir do início dos anos 2000, sendo uma expressão que acabou popularizando-se no mundo inteiro como sinônimo de festas alternativas. Elas representavam táticas de fuga à normalidade social e acabaram sendo apreendidas por estratégias de capitalistas de consumo que as popularizou.

a normalidade e a moralidade da sociedade.<sup>116</sup> Por outro lado, aos poucos, tais expressões começaram a ser vistas como as de “moderninhos”, ou daqueles que estão atentos ao que acontece nas cenas artísticas da mídia global. Hoje, de acordo com a fala de nosso amigo, tudo se tornou consumo, e os “emos, por exemplo, não transgridem nada, só preocupam-se que roupa combinar... ou não combinar, né... que acessório vão usar e como vão cortar e colorir o cabelo”. Por outro lado, ainda gosta das músicas que tocam e que fazem lembrar os primeiros anos do Ocidente (um tanto nostálgico), assim como o encontro com pessoas que não consomem somente a cultura pop, mas se interessam por expressões mais alternativas.<sup>117</sup>

Incrível esse lugar. Uma casa velha com gente bonita de todas as classes e todos os tipos. Gosto que todo mundo convive e não tem aquela pegação de outros lugares gays, como a Refúgios... Às vezes vemos umas loucas que agarram todo mundo e que se atiram contra as paredes como lagartixas, mas tudo bem... Por outro lado tem cada gato musculoso que nem parece gay... (Nível superior, 29 anos)

Só não gosto das pessoas cheirando no banheiro, às vezes nem podemos entrar lá, assim como também tem muita pegação. Para vir aqui não posso ir ao banheiro. Mas ainda é um lugar em que podemos namorar e também dançar, ao contrário daquela escuridão de outras boates. Por outro lado as pessoas fazem o que querem mas respeitam as outras. [Fala procurando aprovação do namorado.] (Nível médio, 25 anos)

Nos dois discursos anteriores, novamente podemos observar as várias expressões que envolvem o homoerostimo encontrado na microterritorialização, desde as “bichas loucas” até os “gatos musculosos que nem parecem gays” - ao mesmo tempo, a necessidade de a pessoa encontrar o desejo e o prazer homoerótico sem que ele seja exacerbado em situações de “pegação”, encontrados em outros lugares de frequência *same sex oriented*. A casa transita entre aquilo que transgride e aquilo que está de acordo com o que é mais aceito

---

<sup>116</sup> Em um show com Castanha, ator consagrado na cena gay de Porto Alegre, ele transforma uma experiência de vida sua em um texto de espetáculo teatral e de transformismo. O texto versa sobre uma bicha nova e efeminada que se apaixona por um punk no contexto do Ocidente no início dos anos 1980. A história envolve drogas, homoerotismo e a mistura alternativa que representava o Ocidente naquele momento.

<sup>117</sup> De acordo ele, artes plásticas, música e cinema alternativo, não muito consumidos, ou característicos do *pop*.

socialmente, e assim agrega uma diversidade de tipos de indivíduos que convive harmoniosamente<sup>118</sup>.

Não sei, às vezes tenho receio de vir aqui e encontrar algum colega de trabalho, de faculdade... O Ocidente tem muita gente que não é e tá aqui de curiosa... Ou quer experimentar. [risos] Hoje não temos muita opção de boates gays em Porto Alegre para se divertir... É legal o Ocidente, mas já encontrei certa vez um vizinho de um primo meu... Fiquei com receio disso. (Nível médio, 27 anos)

Interessante tal passagem, pois remete a um discurso de um homem que procura esconder seus desejos e relações homoeróticas. O microterritório de convivência dessas práticas para ele significa uma proteção contra aqueles que não as entende - assim uma construção subjetiva sua de não divulgar sua orientação sexual. Esse é um fundamento essencial da territorialização homoerótica no espaço urbano, mesmo atualmente ela estando mais dispersa e constituindo lugares de convivência mais “misturados” e mais visíveis ao restante da sociedade.

É justamente esta a preocupação do colaborador da pesquisa: a mistura e a diversidade que envolve o Ocidente possibilita a inclusão de outros que não estão envolvidos necessariamente com uma cultura gay e não compreendem ou aceitem totalmente as expressões homoeróticas. Por outro lado, ele mesmo compreende a relação entre seus desejos e a sociedade como um estigma, em virtude de uma construção subjetiva impregnada de preconceitos por que passou. O que queremos dizer é que nosso colaborador representa o elo de significação desviante da homossexualidade em relação à sociedade (à moralidade e aos padrões que ela procura tornar rígidos) e, por isso, necessita velar aquilo que transgride e que o estigmatiza, tornando a ele necessário lugares específicos de convivência entre pessoas que mantém esse tipo de atração sexual.

---

<sup>118</sup> Embora tenhamos observado atos de agressividade entre homens que se mostravam másculos contra alguma bicha que os tenha assediado de forma acintosa. Esses atos, em princípio, remete a um preconceito contra a bicha e uma necessidade do agressor manter suas paqueras veladas, mais de acordo com a discreta postura e um regramento moral em relação a experiência sexual, e possíveis somente para aqueles que não sejam efeminados e estejam de acordo com os padrões de gênero sexual.

Aqui é legal, não é muito caro e não tem gente feia. Dá de tudo, é claro, mas sempre rola alguma coisa. É certo que no início as pessoas dão carão, mas perto do fim da festa todo mundo quer ficar com todo mundo... (Nível médio, 19 anos)

O “carão” é algo bastante tratado em meios de convivência homoerótica. Isso é comum em quase todos os lugares e separa aqueles não se preocupam em velar os desejos homoeróticos ou expressarem comportamentos gays e aqueles que procuram manter um bom comportamento e querem moralizar suas posturas e as dos outros, sendo contrários à promiscuidade, ao sexo casual, à “fechação” e à transgressão excessiva das estéticas de gênero.<sup>119</sup> O “carão” é comum entre os participantes de festas gays nas primeiras horas em que ocorrem, em que as pessoas parecem não se preocuparem com a busca sexual, mas festejar entre amigos e manter um ar soberbo como uma postura de auto-valorização. Porém a participação as festas não se refere somente à autopromoção pessoal, mas à busca de um parceiro amoroso. Nesse sentido, no decorrer das horas e mais ao final da festa, a maioria daqueles que estavam “dando o carão” acabam mudando seu comportamento para uma busca sexual mais atenta e acintosa, sendo esses período denominado entre os gays como “o arrastão”, ou “a hora da xepa”, ou “liquidação”, ou ainda “os restos da enchente”, denominando aqueles que ainda não “ficaram” com ninguém. Por outro lado, acabam existindo lugares nos quais o “carão” é mais evidente, como o Venezianos Pub, pois isso remete à configuração de um grupo relacional mais coeso em relação a classe social a que pertencem e as estéticas e comportamentos que cultuam.

O site Mix Brasil observa que em certas cidades brasileiras o “carão” é menos observado. Esse site divulga como característica positiva das convivências homoeróticas em Manaus-AM a extrema liberdade da expressão e a fácil propensão ao encontro sexual, como se as barreiras morais fossem desconstruídas, não somente nas festas gays, mas na “pegação” de rua. Por outro lado, no Rio de Janeiro, indivíduos orientados para o mesmo sexo que cultuam o corpo masculino malhado e as posturas másculas, chamadas *barbies* entre os

---

<sup>119</sup> Na verdade isso não existe como uma fronteira que separa as pessoas, mas se refere a contextos, situações e estados de espírito individuais, mas que acabam contaminando o localização e o momento dos convívios homoeróticos.

gays cariocas, se usam muito do “carão” para selecionar os interesses de convivência e de relacionamento sexual.

A seguir vamos expor algumas impressões de nossos amigos em relação ao Ocidente.

<b>Quadro 2 – Ocidente: expressões homoeróticas individuais dos “amigos” participantes da pesquisa</b>				
<b>Amigos</b>	<b>Estranhamento</b>	<b>Identificação</b>	<b>Banalização</b>	<b>Transformação</b>
<b>AP</b>	Demonstra-se muito distante das diversidades estéticas do lugar, todas implicando algum ponto de convergência com expressões artísticas e de elementos de consumo de diversas tendências da moda. Repúdio quanto ao uso de drogas. Desconforto quanto à extrema afetividade entre jovens efeminados [bichinhas “milkshake”, conforme ele mesmo argumentava].	A expressão que reforçava a masculinização e também a estética simplória, não implicando nenhuma aproximação com algum elemento convergente a moda e a expressões artísticas, também contribuía para a diversidade contida no lugar. O jeito machão contribuía para a aproximação sexual, embora muitos outros machões acabassem se interessando não pelos atributos de masculinidade do provável parceiro, mas algum outro elemento estético contido no vestuário e na forma de expressão individual (o contexto específico do corpo).	O clima de diversidade estética e pouco conhecimento mútuo entre os participantes do lugar deixa AP mais solto para divertir-se, assim como clima festivo e de confusão de expressões contribui para o estabelecimento de contatos com muitos indivíduos cujos traços efeminados não foram levados em conta.	Nenhuma Transformação. Continua pontuando as suas concepções negativas a respeito dos comportamentos efeminados e andróginos de muitos indivíduos; por outro lado, muda suas resistências em frequentar o ambiente em virtude do convívio de muitos homens jovens que procuram acentuar em suas vestimentas os dotes másculos.
<b>BP</b>	Sente-se muito a vontade no Ocidente, aceitando plenamente a diversidade e o ambiente festivo do lugar.	Ir ao Ocidente implica atenção nas roupas, tornando suas expressões a mais atual e autêntica possível. Conhece muitas pessoas e se identificam com a expressão exacerbada de afetividade, assim como reforça o efeminamento e a sensualização na dança durante as músicas prediletas. Em momentos de paquera, o corpo malhado e valorizado pelas roupas de grife	Ao mesmo tempo em que nada escapa de algum comentário, BP sente-se feliz pela simples característica de múltiplas expressões estéticas que envolve o lugar.	Pela condição de convívio de simpatizantes no lugar, procura conviver principalmente com mulheres ditas heterossexuais. São, sobretudo, amigas convidadas por BP cujas companhias fazem-lo esquecer busca sexual e o condicionam somente ao convívio amigável.

		contribuem muito para o interesse sexual e para conquista de muitos parceiros.		
<b>CP</b>	Mantém certo estranhamento em relação ao consumo de drogas no lugar, assim como à baixa qualidade dos serviços prestados (atendimento).	Preza muito a diversidade estética dos participantes do lugar, assim como a boa seleção das músicas tocadas pelo DJ. A atração sensual do lugar é forte para CP, uma vez que lá existem muitos jovens passivos, mas não efeminados, como é a preferência dele.	Banaliza a condição precária do prédio em virtude do contraste existente entre o fino trato e culto a tendências da moda entre muitos participantes do lugar.	Preocupa-se muito em relação às suas expressões que envolvem a dança, assim como a manutenção de um visual juvenil que diverge de sua estética formal durante o cotidiano. Essa preocupação também é observada durante nossa convivência no Pub Venezianos.
<b>DP</b>	Nunca freqüentou o lugar na sexta-feira, dia de festas GLS.	Já foi ao Ocidente no sábado, em virtude da festa Balonê, conhecida na capital como <i>revival</i> de músicas dos anos 1970 e 1980.	Na festa Balonê, freqüenta com a mulher, tomando uma postura de banalização a respeito de muitos indivíduos <i>same sex oriented</i> que também freqüentam essa festa. Certa vez alegou encontrar um rapaz que conheceu na rua e com quem manteve relações sexuais, jurando nunca mais ir ao Ocidente.	Nenhuma evidência é percebida.
<b>EP</b>	Embora freqüente todas as noites de sexta-feira, muitos participantes o vêem muito próximo, com muitos garotos de programa (michês) do lugar. Alega nunca ter feito programa e pensa que a forma de vestir-se (calças largas, abrigos de moleton e roupas não compradas em grifes) implica um certo preconceito para com ele.	Por outro lado, EP conhece muita gente que freqüenta o lugar, entre jovens, pessoas de mais idade, drogados, <i>emos</i> , mulheres. Circula cumprimentando um e outro e não se preocupa com a paquera e a busca sexual. Alega gostar do lugar pela possibilidade de encontrar gente diferente e não somente gays, característica do Venezianos.	Sua estética é destoante da apresentação de grande parte dos que participam no lugar, com roupas caras, de grifes como Adidas e Puma. Isso não é importante a ele. Consegue relacionar-se com um diversidade de pessoas, mantendo suas possibilidades econômicas destoantes. Vai ao lugar antes das 10 horas, para não pagar a entrada e	Embora não festeja preocupado com o vestuário caro, alega economizar com o intuito de poder comprar em algumas lojas de grifes da cidade.

			divertir-se mais tarde.	
<b>FP</b>	Não frequenta o Ocidente. Alega não gostar das músicas loucas e da gente estranha do lugar, assim como a mistura GLS, que agrega. Embora flexível quanto à expressão de sua sexualidade, FP é rígido quanto aos lugares que gosta de frequentar, principalmente os exclusivos gays e que mantêm a frequência de transformistas, travestis e <i>drag queens</i> .	Nas poucas vezes em que esteve conosco, gostou muito da incidência de tipos másculos ao lugar e manteve uma breve experiência sexual com um garoto que estava trabalhando no lugar.	Mantendo uma postura de pouco gosto, não percebeu a existência de muitos frequentadores do Vitraux, clube para o qual prefere ir para se divertir.	Em vez de apresentar um comportamento efeminado e com gestos, formas de falar e acentuar palavras de expressões de cunho gay, assume uma postura máscula que tem em meios de convívio heterossexual, como em seu trabalho. O desconforto quanto ao lugar o faz representar uma condição masculinizada.





Nas impressões sobre o comportamento de nossos amigos no Ocidente, verificamos os seguintes elementos que caracterizam a microterritorialização:

- a) a relação entre corpo masculino e consumo estético (vestimentas, acessórios, cortes de cabelo, serviços de academia, etc.) vincula-se à atenção a algumas marcas de roupas<sup>120</sup> e as tendências a moda. Ao mesmo tempo a autenticidade também é valorizada na reunião, desde que não sejam muito divergentes das prováveis expressões urbanas de jovens de classe média (surf, skate, brechó, emos, etc.);
- b) Por outro lado, a diversidade de pessoas que freqüentam o Ocidente é valorizada por alguns de nossos amigos como possibilidade de encontrar pessoas diferentes e se relacionar. Os traços mais comuns de consumo de roupas e acessórios, que se reproduzem como formas de expressão urbanas, são importantes ao convívio, porém a autenticidade também faz parte da reunião, uma vez que encontramos lá diferentes formas de combinar esses elementos estéticos, implicando uma indefinição quanto as expressões pessoais da microterritorialização;
- c) outros amigos estranham a “mistura” encontrada no Ocidente, pontuando a necessidade de conviver em microterritorializações exclusivas de encontros homoeróticos;
- d) embora o Ocidente na sexta-feira seja caracterizado principalmente por uma sensualidade e convívio homoerótico, muitos outros não envolvidos com isso acabam indo ao lugar como uma alternativa de festa, principalmente mulheres amigas de gays, assim como seus namorados. A diversidade sexual que agrega possibilita experimentar os prazeres homoeróticos a quem o procura esporadicamente e a quem nunca experimentou. Aliás, pela característica “híbrida” da convivência, o Ocidente atrai muitas pessoas (principalmente jovens) que procuram

---

<sup>120</sup> Existe uma preocupação com as marcas e tipos de vestimentas, e elas são identificadas facilmente entre muitos freqüentadores do lugar. Também ocorre a identificação quanto a um tipo periférico de baixa renda: roupas compradas nas lojas populares do centro ou no mercado informal, formas de cortes de cabelo e combinação de roupas e acessórios organizados de forma extravagante e tidos como “brega”. Ao mesmo tempo certos estilos periféricos são estabelecidos como marca de uma cultura musical e se agregam sem discriminação a diversidade estética do Ocidente, como o hip-hop e o funk, por exemplo.

aproximar-se pela primeira vez as festas, a afetividade, a sensualidade e as práticas sexuais homoeróticas;

- e) a própria estética da microterritorialização apresenta-se como alternativa: pela diversidade das música que toca (diversos ritmos, a musica eletrônica não popular, os hits de todos os tempos, o rock e o hip hop), pela característica do lugar (um prédio velho que mantém a sensação de estar vivendo uma cena *undergroud*, constituinte da própria rua Oswaldo Aranha). A tradição *underground* do Ocidente também é levada em conta, embora já tenha sido superada pela Garagem Hermética. Muitos filmes gaúchos e histórias de Porto Alegre remetem a uma cultura musical construída no Ocidente, do rock gaúcho e de suas relações com a musica eletrônica. Além disso, ele representa uma fuga quanto à massificação consumista presente em muitas casas noturnas, como uma opção muitas outras casas temáticas existentes, mas não tão radical como a Garagem Hermética (de freqüência de punks, darks e drogados).

#### 4.3.2.3. Vitraux

Localizado próximo ao viaduto da Conceição, no centro da cidade, é muito próximo ao terminal de transportes da região metropolitana<sup>121</sup>. Ao contrário do

---

<sup>121</sup> Faz parte da ironia gay comentar sobre a freqüência de “bichas RM”, sigla de Região Metropolitana. Isso diferencia bastante os freqüentadores do Venezianos e do Vitraux. Nos domingos a noite, ambos funcionam e são bastante freqüentados, porém existem muito mais “bichas RM’s” no Vitraux que no Venezianos. Nesses dias ocorre também uma boa freqüência de cabeleireiros, uma vez que a maioria não trabalha na segunda-feira, aproveitando para divertir-se em ambos os lugares. Por outro lado, os cabeleireiros que freqüentam o Venezianos geralmente são de salões de beleza conhecidos da cidade de Porto Alegre, muitos deles localizados em bairros de classe média alta e alta, como Higienópolis, Mont´Serat, Bela Vista e Moinhos de Ventos, enquanto muitos cabelereiros do Vitraux são de cidades da região metropolitana e dos bairros de classe baixa de Porto Alegre. O corte de cabelo feminino em Eldorado do Sul, cidade da região metropolitana, chega a ser cinco vezes mais barato que o corte em um salão localizado no bairro Higienópolis. Às vezes ser dono de um salão numa cidade ou bairro periférico não proporciona maiores lucros ao proprietário do que ser um empregado em um salão localizado no barro Moinhos de Ventos, por exemplo. Por outro lado, consegue trabalhar em um salão lucrativo não implica necessariamente formação profissional, mas contatos que determinada pessoa manteve no circuito homoerótico de Porto Alegre, proporcionando amizades e relações amorosas

Ocidente e dos Venezianos, o Vitraux apresenta-se principalmente pela freqüência de indivíduos *same sex oriented* de classe baixa<sup>122</sup>. Encontramos no Vitraux as previsíveis figuras existentes nos guetos gays brasileiros: o travesti;<sup>123</sup>, o michê ou garoto de programa; o bofe; a bicha e a fanchona, ou sapatão ou machorra; assim com as sapatilhas.<sup>124</sup> O atrativo a microterritorialização é a pista na qual se tocam música sertaneja, funk e hip-hop nacional, assim como forró e axé. Além dessa pista, existe a de *dance music* que toca os principais sucessos das rádios da cidade. Por outro lado, os pontos altos da festa são os shows de transformismo, e isso faz da microterritorialização o centro de produção da arte de cultura gay, que se apresenta tão diversificada e indefinível em outros lugares da cidade.

A seguir vamos expor alguns discursos de participantes da microterritorialização:

Imagina eu ir no Ocidente ou no Venezianos... Seria corrida de lá. Sei que às vezes sou mais homem que aquelas bichas finas, mas aqui somos o que somos, e encontramos nossas amigas. Aqui acham a gente o máximo. Uma vez fui no Venezianos montada, e todo mundo me olhava. Arrasei! Mas não dá para ir sempre, né..." (Travesti, nível médio, 23 anos)

Aqui encontramos mais um elemento que rompe a idéia de uma unidade de uma cultura gay: a segregação entre travestis e outros gays. Ao mesmo tempo em que a cultura gay implica a relação estética transgênero, isso não é uma postura

---

que possibilitaram fazer parte desse grupo mais seleto de profissionais cabeleireiros. Frequentar o Venezianos e o Ocidente, por exemplo, permite esse tipo de contato.

<sup>122</sup>São geralmente trabalhadores do comércio e da indústria de Porto Alegre e, principalmente, da região metropolitana. Há também muitos vinculados ao comércio informal. Em relação a todos que conversamos, suas indicações e nossas observações nos permitem concluir que poucos frequentadores possuem curso superior, assim como muitos apresentam rendimentos que pouco ultrapassam dois ou três salários mínimos. Em contradição, o Vitraux - em relação à entrada e aos preços de bebidas -, não é mais barato que o Venezianos. A diferença de classe remete à cultura estabelecida ali, possibilitando um ambiente de pouca importância quanto ao vestuário, por exemplo, assim como a localização central facilita o uso de transporte coletivo para deslocamento, principalmente aqueles moradores dos bairros da zona norte de Porto Alegre e de outras regiões da região metropolitana.

<sup>123</sup> Ocorrem principalmente travestis (que vivem todos os dias como mulheres), mas encontramos também transformistas (que somente se vestem de mulher para fazer um show de dublagem ou frequentar a festa) e as *drag queens* (muito próximos aos travestis, mas expressam um feminino mais caricato, destoando da reprodução fidedigna da mulher feita pelo travesti e pelo transformista).

<sup>124</sup> Mulheres *same sex oriented* que mantêm a feminilidade e são passivas nas relações sexuais.

aceita por todos, existindo posturas e situações indefiníveis para esse tipo de expressão.

Já argumentamos sobre as diversas manifestações individuais quanto ao homoerotismo, mas aquele tipo cultural que mais se aproxima do que seria um gay<sup>125</sup> ainda apresenta muita dificuldade de se relacionar tranqüilamente com um travesti, mesmo “adorando” seus espetáculos e freqüentando os lugares em que ocorrem. Os comportamentos e as estéticas transgêneros, que no travesti e no transexual atingem um elevado nível de transgressão, são reproduzidas entre a maioria dos gays, mas poucos conseguem efetivamente assumir uma postura totalmente feminina em todas as situações cotidianas como aqueles.

Além disso, a atração homoerótica remete ao corpo e à estética masculina, e isso faz com que persista nas práticas homoeróticas uma atração pelas representações sobre o bofe e aqueles heterossexuais por quem muitos se apaixonam de forma platônica. Tal desejo, muitas vezes, retorna ao corpo sob a forma de manutenção de uma masculinidade exacerbada em relação àqueles que vivem em academias malhando o corpo, como as *barbies* cariocas - formam territorializações de convívio fechado, como no posto 9 da Praia de Ipanema, no Rio. Outras territorializações de manutenção da masculinidade exacerbada, muito fechadas ao exterior, são as festas dos “pauzudos”<sup>126</sup> e dos *leathers* em São Paulo, assim como dos ursos ou *bears*, que ocorria no bar Jardim Elétrico, em, Porto Alegre, e agora no Clube Ícaro, na Avenida Brasil, na zona norte da cidade.

O travesti, no Venezianos Pub, é visto como um estranho, ao mesmo tempo em que todos conhecem o tipo e comentam sobre performances nos shows em casas gays, inclusive delas reproduzindo algumas falas e trejeitos, mas mantêm um certo distanciamento relacional, demonstrados por olhares e comentários de reprovação. O que ocorre nas quintas-feiras e nos domingos, nesse bar, são shows de *drag queens*, mas não são os mesmos daquelas do Vitraux. A *drag*

---

<sup>125</sup> Ou aqueles cujos comportamentos, representações e perspectivas relacionais estão impregnado de uma cultura que se tece nos “guetos” e que é atingida por um mercado que a homogeniza em uma comunidade.

<sup>126</sup> Existe o site do “Clube do Pauzudos”, que marca festas nas quais se reúnem “pauzudos machos”, sendo macho a reprodução do estereótipo masculino, não necessariamente implicando ser somente ativo na relação sexual.

Swan, por exemplo, lembra mais um corpo e uma estética andrógina, do que a tentativa de reprodução fidedigna da mulher, ou a caricatura dela. A androginia de Swan remete também a um ambiente *clubber*,<sup>127</sup> assim como suas performances são de artistas desse meio ou muito próximo dele. O Vitraux – reiterando o que já foi comentado anteriormente - é uma microterritorialização no qual podemos observar polarizações sexuais e estéticas dentro da cultura gay, que reproduzem as estéticas de gênero heterossexual: o travesti, a bicha, o bofe, o michê, a sapatona e a sapatilha. Isso constitui muito dos atributos que são estigmatizados pela sociedade e que devem estar contidos num território fechado, que é o gueto gay, como o Vitraux.

Venho aqui no domingo. Gosto mais do Ocidente. Lá tem gente mais bonita. Aqui tá muito deprê, tem cada figura.... Mas dá pra dar risadas... Domingo a gente não tem muita opção. Tem o Venezianos, mas lá parece uma sardinha e tem muita passiva. Aqui sempre tem uns bofes circulando. Fiquei com um cara aqui que tinha namorada e tudo... Fui tudo... Dei a noite toda. (Nível médio, 24 anos)

As contradições desse discurso expressam as contradições do circuito homoerótico de Porto Alegre. Ao mesmo tempo que nosso colaborador reclama do ambiente “deprê” do lugar e das “figuras” que transitam por ele, diz que nele se diverte e pode encontrar um parceiro sexual mais condizente com as suas expectativas ao que poderia encontrar no Ocidente. Ao mesmo tempo que esclarece sua preferência passiva e a necessidade de encontrar um “cara” masculino e ativo - de preferência, heterossexual -, se contradiz tendo preconceito contra as “figuras” - como travestis, sapatões e bichas pobres - do lugar. Ele, em outros lugares, apresenta relações de amizade entre passivos e efeminados, que esteticamente se vestem melhor e de forma mais discreta, mas procura o Vitraux, pois, além de encontrar as bichas, pode relacionar-se sexualmente com os bofes machos, não importando a classe a que pertençam e nível educacional que têm.

Às vezes quero dançar no domingo e não tem uma boate legal. O Venezianos não é uma boate propriamente dita. Então venho pra cá.

<sup>127</sup> Cultura urbana dos anos 1990, constituída por pessoas que freqüentavam as *raves* e o *underground*, usando acessórios, roupas e cabelos coloridos, lembrando o psicodelismo estético e a androginia, assim como cultuando a música eletrônica, a dança frenética. Muito comum era o uso de cocaína e de ecstase em ambientes *clubber*.

Mas tem cada figura, amigo... Parece que baixa o morro... Fico lá na pista eletrônica com alguns amigos, danço um pouco, vejo o show e vou embora.” (Nível médio, 33 anos)

Aqui novamente a questão de classe social evoca o preconceito e as rupturas existentes entre indivíduos orientados para o mesmo sexo. O caráter da pista eletrônica se difere do caráter de “povão” da pista de axé e hip-hop. De acordo com nosso colaborador, as pessoas que se concentram na pista eletrônica “são mais bem vestidas” que as pessoas da outra pista. Além disso, na outra pista, também existe uma concentração bem maior de negros que na eletrônica. Aliás, o próprio Vitraux caracteriza-se como é uma microterritorialização de concentração de indivíduos *same sex oriented* negros.

A relação entre negros e classe baixa é muito próxima no Brasil,<sup>128</sup> e no Vitraux fica clara essa relação. A pista que toca axé, samba, forró e hip-hop apresenta uma concentração muito forte de negros bichas e bofes, cujos estereótipos masculinos e femininos estão exacerbados em corpos masculinos, com vestuário e acessórios que remetem a formas e marcas baratas e populares.

Quando observamos discursos sobre as qualidade das pessoas que freqüentam a microterritorialização, esses envolvem sempre referências a tipo de roupa que usam, trato com o corpo (existe uma grande atenção com o trato com o cabelo), o efeminamento, estéticas femininas (uso de maquiagem, anéis, brincos; corte de cabelo, delineamento de sombrancelhas, etc) e a raça. No Ocidente, por exemplo, os negros que circulam são poucos, e os que aparecem apresentam um visual *fashion*, assim como uma aparência bem masculina. O efeminamento de corpos negros mal-vestidos apresenta-se como um forte estigma entre indivíduos *same sex oriented* de Porto Alegre, fazendo aqueles caracterizados concentrarem-se em lugares específicos, como o Vitraux. Por outro lado, um negro másculo repercute numa possibilidade de experiência interclasse e inter-racial, presente no imaginário e nos desejos homoeróticos.

Aqui é legal porque tem o show que começa à meia noite. Gosto de ver a Dandara, a Susy B. O Castanha também é legal. Tem muita caçaação aqui, mas também tem muitos namorados e a gente pode encontrar

---

<sup>128</sup> Os estudos de Paul Singer (2001) revelam muito disso.

alguém sim, aqui. Já fiquei com um cara quase dois anos, que conheci aqui. Só não gosto muito das sapas, são muito mal-educadas, passam e carregam a gente...” (Nível médio, 28 anos)

Muitas sapatas da microterritorialização reproduzem forma rude de tratamento, como exacerbação de um comportamento masculino, assim como a pouca limpeza e cuidado corporal. Entre os gays que freqüentam a microterritorialização, estão presentes em seus imaginários os shows de transformismos, assim como as histórias, os trejeitos e as formas de falar deles. Muitos homens, em grupos de amigos íntimos, reproduzem expressões e trejeitos contidos nesses shows, assim como as bichas circulam pela microterritorialização, representando-os a todo instante.

Minhas amigas [homens] sempre vêm aqui. Gosto daqui, só que tem muita sapata. A primeira vez, foi uma amiga sapa que me trouxe. Antes tinha pouco gay. Agora domingo, elas [os gays] são a minoria. Gosto delas, conheço muitas, mas gosto mais dos bofes. Gosto de ver o show, acho muito criativos.” (Nível médio 21 anos)

A seguir continuamos com o quadro que aproxima as impressões de nossos amigos sobre a microterritorialização.



<b>Quadro 3: Vitraux - expressões homoeróticas individuais dos “amigos” participantes da pesquisa</b>				
<b>Amigos</b>	<b>Estranhamento</b>	<b>Identificação</b>	<b>Banalização</b>	<b>Transformação</b>
<b>AP</b>	Apresenta-se muito confortável no lugar e festeja muito a proposta da festa.	No Vitraux encontra grande parte de suas paqueras. O ambiente torna propícia a expressão de sua masculinidade exacerbada (figura do bofe). Ao mesmo tempo, admira muito as apresentações de transformistas locais. Seus atributos estéticos simplórios e seu baixo investimento em vestimentas de grifes se misturam com expressões comuns ao lugar.	Embora em outros lugares comente sobre o efeminamento de muitos indivíduos <i>same sex oriented</i> , no Vitraux isso não é percebido, e, inclusive, os gestos e as posturas femininas e de sugestão de passividade de muitas bichas o aproximam para o relacionamento sexual.	Nenhuma transformação é percebida. Mantém suas posturas masculinizadas, porém solta-se mais na pista de dança, circulando tanto pelo axé e como pela dance music.
<b>BP</b>	Estranha o baixo nível econômico dos frequentadores e ironiza as formas de vestirem-se. Estranha muito e detesta o comportamento rude das mulheres (sapatões).	Interessa-se por muitos bofes presentes no lugar, mesmo simples na forma de vestirem-se. O tipo masculino e a diferença de classe provoca interesse sexual.	Não banaliza nada, notando e ironizando os comportamentos e falando muito mal de quase todos os presentes. Porém, sente interesse por muitos homens másculos que frequentam o lugar (bofes).	Entrega-se à dança e relaciona-se com muitos de quem notou a estética e a criticou. Mantém relações acintosas e sensuais tanto com bofes como com bichas do lugar. Parece que tudo se torna permitido a BP nesse lugar.
<b>CP</b>	Sente-se deslocado quanto à expressão rude e vulgar das machorras e das bichas. Preocupa-se com a segurança em relação a muitos tipos bofes e michês do lugar.	Admira muito a arte expressa nos shows de transformismo.	Não denota preconceito quanto ao nível socioeconômico dos participantes do lugar, mas não se sente confortável quanto à má educação e teme possíveis roubos. Mesmo assim, sente-se à vontade na pista de dança eletrônica e festeja com algumas músicas que conhece. Em todas as vezes que esteve no lugar conosco, sentiu-se atraído por algum jovem efeminado e acabou saindo com ele.	Não se percebe transformação alguma. Mantém a postura diferenciada quanto ao comportamento refinado e à boa qualidade e custo do vestuário. Algumas vezes procurou vestir-se mais simplesmente com medo de algum assalto, assim como abster-se do uso de jóias.

<b>DP</b>	Não conhecia o lugar e não se interessou em ir, assim como alegou impossibilidade disso, de deixar a família à noite.	Não pode ser observado.	Não pode ser observado.	Não pode ser observado.
<b>EP</b>	Demonstra muito boa aceitação ao lugar, embora alegue preferir freqüentar o Ocidente, em virtude do "baixo nível" do Vitraux.	Sua forma de vestir-se se aproxima mais da dos tipos existentes no Vitraux do que da dos frequentadores do Ocidente, porém diz que se identifica melhor com o último. Assumiu uma postura de paquera e de busca sexual, diferenciada da de atenção amigável no Ocidente.	Ao contrário do que demonstrou no Ocidente apresenta como mais um em meio aos freqüentadores do lugar. Conhece muita gente também e mantém relações fáceis com todos os presentes.	Assume posturas de paquera e de busca de relacionamentos sexuais, diferente da pouca preocupação demonstrada com isso no Ocidente.
<b>FP</b>	Diz não gostar do comportamento rude e a da má-educação de muitos.	"Adora" os shows de transformismo, conhece grande parte das bichas, travestis e transformistas. Ironiza os bofes e assedia-os. Extravasa a feminilidade e exacerba os comportamentos sarcásticos e efeminados. Sente muito gosto de freqüentar o lugar.	Sua atenção está voltada aos shows de transformismo, comentando sempre todas as roupas e apresentações, e a paquera com os bofes. São poucas as relações tecidas com as mulheres, assim como também é muito pouca a freqüência na pista de axé.	Com algumas mulheres com quem conversa, enfatiza menos a representação da <i>bicha</i> , normalizando a voz e os trejeitos. Observamos esforçar-se numa teatralização em grupos de amigos mais íntimos e normalizar o comportamento entre as mulheres e ante uma possível paquera.



As impressões coletadas de nossos amigos no Vitraux convergem para nossas interpretações sobre os discursos que procuramos reproduzir anteriormente. As relações que se tecem na microterritorialização pontuam figuras diferentes que constituem a cultura gay. As reproduções de formas mais masculinas e mais femininas estão confusas ou exacerbadas em ambos os sexos, causando atrações pela desigualdade das representações, ou pela igualdade, caso vejamos dois homens muito masculinos relacionando-se.<sup>129</sup> Por outro, lado os bofes se relacionam com as bichas e com os travestis, se não, são simplesmente taxados como “bichas-homem”, e vistos como concorrentes de busca sexual. Os bofes, muitas vezes, se aproximam das bichas e travestis por dinheiro. Os michês<sup>130</sup> cobram por serviços sexuais. Muitos bofes não cobram, mas se aproveitam do pagamento de bebidas e de outros favores.

Ocorrem também estranhamentos em relação à classe social. Esses estranhamentos apresentam-se como receio ao assalto e à violência. Assim, a concentração de pessoas em um único ambiente é acompanhada de muitas divergências e de separações entre elas, vindo à tona questões de classe, de raça, de preferência sexual, de formas de comportamento em relação ao homoerotismo e de níveis de conhecimento e educação. Ao mesmo tempo, mesmo os transformistas e os travestis não sendo totalmente aceitos para relacionamentos afetivos, eles são cultuados como artistas e referência entre o público do lugar. Muito da cultura que envolve essas pessoas, principalmente as bichas, são reproduções de criações desses transformistas.

#### **4.3.2.4. Centro Comercial Nova Olaria**

O Centro Comercial Nova Olaria localiza-se na Rua Lima e Silva. Constitui um prédio que foi revitalizado em 1992 e reaberto em 1995. Apresenta-se com

---

<sup>129</sup> Nunca vimos dois travestis juntos, assim como duas bichas é pouco comum no lugar.

<sup>130</sup> Os michês pontuam uma postura masculina e sempre se dizem ativos na relação sexual. Esse seria o principal atributo que o torna atraente. Por outro lado, muitos gays, inclusive muitas bichas, alegam terem sido ativos nas relações com michês, inclusive aqueles bem másculos, e que muitos, embora representem a extrema masculinidade, gostam de ser penetrados. Por outro lado, muitos travestis alegam que grande parte de seus clientes (a maioria dos travestis se prostituem) gostam de ser passivos, sendo muito comum essa postura.

uma série de lojas de vestuário alternativo, um salão de beleza, uma livraria e muitos pequenos bares-restaurantes. Na parte de trás, localiza-se o cinema Guion, que se especializou em filmes europeus e de cunho também alternativo, fora do circuito hollywoodiano. Por apresentar uma proposta de cinema e lojas diferenciadas do que se encontra no restante da cidade e pela localização na região da Cidade Baixa, o lugar começou a ser muito freqüentado por indivíduos *same sex oriented*, principalmente um pessoal envolvido com arte, moda e mais intelectualizado. No decorrer do tempo, nas tardes de domingo, o Olaria se tornou foco de agregação homoerótica, principalmente após o fechamento do Mercado do Bom Fim.<sup>131</sup>

Por volta de 2004 e 2005, a esse lugar convergia uma diversidade homoerótica bastante considerável. No entanto, muitos de seus freqüentadores eram jovens pobres que não consumiam no local e, ao mesmo tempo em que circulavam por entre o Olaria e as ruas da Cidade Baixa, mantinham uma postura pouco despreocupada em relação ao homoerotismo contido em seus atos: beijavam-se, acariciavam-se e simulavam alguns atos sexuais em público. As posturas escandalosas fizeram surgir muitos olhares de estranhamento. Muitas das expressões remetiam à “fechação” e ao reforço dos estereótipos da bicha louca entre jovens muito novos, assim como estava presente também um grupo bastante numeroso de jovens surdos e muitos outros que apresentavam uma estética híbrida, muito próxima à dos *emos*, fazendo lembrar muitos uma mistura entre *darks* e *roqueiros*. Estes últimos consumiam muita bebida alcoólica (principalmente vinho e algumas misturas destiladas), sem serem compradas nos bares do lugar. Ao mesmo tempo em que o Olaria mantinha padrões estéticos, arquitetônicos e serviços que deveriam atrair freqüentadores oriundos de um segmento social mais abastado, estava presente nele uma diversidade de jovens pobres que expressavam de forma intensa e publicamente os prazeres homoeróticos. Tais jovens sentiam-se seguros pelo grupo numeroso e diversificado que compunha reunião territorializada no lugar.

---

<sup>131</sup> O Mercado do Bom Fim, localizado na esquina das ruas José do Patrocínio e Oswaldo Aranha, no bairro Bom Fim (ver Figura 5 pag. 153), foi fechado em 1996 para revitalização. Nele continha uma forte agregação homoerótica nas tardes de domingo, no bar Escaler.

No final do período de 2005, grupos contrários a essa reunião, principalmente proprietários dos estabelecimentos, assim como muitos moradores da proximidade, reagiram contra tal “democracia sexual” e organizaram um força policial privada acintosa que literalmente expulsou esses indivíduos. Observamos o fato como uma prática radical de preconceito coletivo, assim como um exemplo de autoritarismo e força repressiva de uma classe mais abastada em relação ao outro menos. O Nuances, grupo gay de Porto Alegre, reagiu contra a situação e promoveu um “beijaço gay” na frente do Olaria, porém a opinião pública gaúcha calou-se em relação ao fato. Por outro lado, muitos outros indivíduos *same sex oriented* também já se sentiam desconfortáveis em relação às declarações públicas sobre a frequência homoerótica do lugar, assim como a postura “fechativa” de grande parte dos participantes.

Atualmente a agregação se estabelece na frente do centro comercial; porém, a cada dia que passa, muitas pessoas não mais se fazem presentes no lugar. A microterritorialização ainda é constituída de jovens que se encontram e que expressam coletivamente afetividades homoeróticas, porém não tão fechativas em outro momento.

A seguir vamos coletar algumas opiniões sobre essa microterritorialização:

Eu podia namorar aqui. Agora tem todos esses caras armados. Outra vez fui expulsa do banheiro, pois estava com minha namorada, e não tava fazendo nada. Eles colocaram umas mulheres armadas para vigiar o banheiro. Eu não gosto muito de ir em lugares à noite. Aqui podia encontrar meus amigos e namorar. Agora vamos ficar aqui na rua. (Mulher, 17 anos, cursando ensino médio)

O Olaria representava uma microterritorialização de aconchego para aqueles orientados para o mesmo sexo e mais uma alternativa de agregação além das boates e bares que estão vinculados ao consumo.<sup>132</sup> Jovens pobres ou sem renda, não podendo estar na boemia, pela pouca idade e pela incapacidade

---

<sup>132</sup> Em boates e bares têm que se pagar para entrar, e o consumo de bebidas acaba sendo uma norma de comportamento nesses lugares. Muitos jovens que não tem renda e pessoas de classe baixa que não podem participar dessas possibilidades de agregação homoerótica vão convergir a lugares públicos em que elas ocorrem. A forma coletiva localizada, ou a territorialização, fornece força de visualização de atributos estigmatizados, como foi o caso do ocorrido no Olaria.

financeira, se reuniam nas tardes de domingo tendo como principal forma de atração os desejos homoeróticos. Esses jovens reproduziam certas experiências culturais captadas na escola e na mídia<sup>133</sup> e misturavam nelas o homoerotismo. A adrenalina da juventude era extravasada no Olaria, assim como a necessidade emergencial de prazer e de auto-afirmação. A beleza do lugar também atraía, assim como sua localização privilegiada entre bares, na aura cosmopolita do bairro Cidade Baixa.

A gente gosta de se vestir assim. Cada um cada um. Tem gente careta que não gosta. Aqui a gente pode ficar junto e beber nosso trago. O que tem a ver? Conheci minha mina aqui. Ela vem com o Zé, que é gay... E daí? (Homem, diz ter 18 anos, cursando ensino médio, *emo*)

Embora vinculado ao consumo (das roupas, dos tênis e dos acessórios, assim como da banca de que gosta: o *Green Day*) esse jovem inspira transgressão. Muito da reunião jovem do Olaria implica transgressão, assim como a expressão livre e exacerbada de afetividade homoerótica também continha esse sentido. Aqui esse jovem se diz não-homossexual e se diverte entre amigos “gays” com sua namorada. Tais amigos, contudo, estão longe de serem próximos a uma estética gay: um jovem faz lembrar um *grunge* (como Kurt Cobain, vocalista já morto da banda Nirvana); outro, um *dark* (soturno, como um clipe de Nine Inch Nails), outro andrógino (como algum componente do Placebo); e outro, um *nerd* dos anos 1960 (óculos quadrado e preto, roupas antiquadas de brechó, cabelo cortado como um *Beatle*). Ao mesmo tempo, a bebida e alguma droga, principalmente maconha, faz parte dessa transgressão, assim como alterar o uso de um lugar bonito e de freqüência burguesa “careta”.

Estava na hora de fazer algo. Não podíamos nem chegar mais no Olaria. Era uma confusão que até dava medo. Acho que os comerciantes têm razão em reforçar o policiamento; afinal, não podíamos ir lá tomar um café. O pessoal é muito atrevido mesmo e não estão nem aí pra nada.

---

<sup>133</sup> MTV, principalmente. As expressões estéticas transitam entre esses jovens como elementos contidos nas roupas, nos acessórios e nos comportamentos de artistas e músicos. As imaginações dos vídeos clips tornavam-se realidades entre eles. Tendo a mídia uma diversidade de expressões estéticas, eles também reproduziam essas diversidades. O mundo da fantasia, assim, tornava-se realidade nessa agregação localizada.

(Dois namorados que estavam no Bar Azul Cobalto, quando ainda se localizava na Lima e Silva, em 2006. (Profissionais liberais autônomos, 38 e 40 anos).

Aqui o discurso contrário observa a visão de um casal de homens *same sex oriented* que apresentam uma boa condição financeira e se adequaram às condições de consumo que o lugar oferece (cafés, bares, cinema, livraria, lojas alternativas). Suas posturas pouco desviantes, condicionadas à moralidade da sociedade, e a atenção burguesa ao consumo (do lugar Olaria, por exemplo), os tornam aceitos em meio à sociedade normativa.

O consumo, ao mesmo tempo que torna possível a diversidade desviante, a coloca como mais uma alteridade possível em uma sociedade organizada. Todos aqueles que se comportam bem e consumiam no Olaria são bem-vindos. O policiamento e a repressão fora estabelecidas por e para aqueles que lucram com freqüência dos “bem comportados” e “bons consumidores”. Os próprios bares incentivam a freqüência homoerótica ao local. As garçonetes, por exemplo, representam dar uma boa atenção a grupos de amigos e casais gays, inclusive participando de muitos assuntos que tratam sobre esse tema com tais clientes. Por outro lado, quando indivíduos jovens gays pobres passam expressando de forma espontânea suas afetividades, os olhares e comentários são discriminatórios. Essa é a contradição existente nesse evento repressivo que ocorre no Centro Comercial Nova Olaria.

la ao Olaria, pois achava interessante tomar um café, conversar e paquerar um pouco. Depois do Escaler, sentia vontade de poder encontrar outros entendidos em lugares ao ar livre. Todo lugar é muito fechado e insalubre. Tínhamos prazer em estar no Olaria com os amigos e sempre pintava uma paquera boa-pinta. Agora está meio difícil circular lá. (Nível superior, 37 anos)

O discurso evidencia a desterritorialização da convivência homoerótica “ao ar livre”. Elas existem em todas as cidades,<sup>134</sup> mas isso implica uma certa

---

<sup>134</sup> Em Porto Alegre os parques da Redenção, Marinha do Brasil e Moinhos de Ventos são freqüentados por homens procurando outros homens para “transarem”, principalmente em períodos noturnos, ao meio-dia e muito cedo da manhã. Além disso, em dias muito frios ou muito chuvosos, esses parques também são invadidos pelas relações homoeróticas. Em outras cidades essa relação se repete (como em Manaus, Brasília, Curitiba e Florianópolis), assim como também



camuflagem e um esconderijo. Em parques e praças, por exemplo, a busca sexual e a convivência homoerótica estão camufladas por entre as árvores e nos horários e tempos de menor circulação. Caso essas convivências invadam o espaço público e se tornem muito visíveis, ficam sujeitas à repressão indireta, como a alteração da configuração espacial do lugar, relacionados aos projetos de revitalização. Isso aconteceu como o fechamento do Mercado do Bom Fim e do bar Escaler, onde ocorria a agregação homoerótica, nos domingos à tarde, até 1996. Essa agregação foi desterritorializada e se reterritorializou no Olaria. Nesse sentido, podemos observar que existe um processo tático de luta pela visualização e convivência pública de afetividades homoeróticas, mas que são castradas pelas estratégias que reconfiguram as formas e convivências dos lugares.

Gosto da Cidade Baixa porque sempre tem gente da turma circulando... Entende? Acho que o pessoal pode ser o que é, e achei muito forte o policiamento e como tratavam aqueles jovens. Está certo que tinha muita bichinha escandalosa, mas ninguém tem o direito de reprimir ninguém. (Nível médio, 30 anos)

O Olaria é tudo. Aqui a gente parece livre, dá para tomar uns tragos, beijar muito, fumar um bek. Sempre fico com uns três ou quatro. Agente conversa, se diverte. Agora ta meio foda ficar aqui com esses caras... (17 anos, cursando ensino médio)

Nos dois discursos acima, verifica-se que a ação policial privada remete a uma repressão social. Ao mesmo tempo, elas revelam que a espontaneidade existia de fato e incomodava moralmente outras pessoas (outros clientes, proprietários/comerciantes, moradores próximos). Tal espontaneidade é caracterizada pela expressão livre de afetividades homoeróticas, assim como o uso de bebidas alcoólicas e de drogas. O fato exposto representa a microterritorialização estabelecida no Olaria nos domingos à tarde: palco de conflito entre interesses sociais divergentes, entre prazeres diversos (o homoerotismo, o consumo, as formas de expressão estética) e discursos que convergem para a moralização da sociedade.

---

nas faixas de areias de praias mais escuras durante a noite (caso da Praia da Boa Viagem, em Recife).

<b>Quadro 4 – Centro Comercial Nova Olaria – expressões homoeróticas individuais dos “amigos” participantes da pesquisa</b>				
<b>Amigos</b>	<b>Estranhamento</b>	<b>Identificação</b>	<b>Banalização</b>	<b>Transformação</b>
<b>AP</b>	Nega-se ir ao lugar. Alega receio de encontrar conhecidos que não sabem de sua orientação. Discorda das expressões fechativas e do uso de bebidas alcoólicas por jovens. Não se interessa pelos serviços prestados no Centro Comercial. Concorda plenamente com a segurança que foi instalada.	Não demonstra identificação. Ao mesmo tempo acha os bares do lugar muito caros para freqüentar, assim como estranha os filmes que passam. Tem algum interesse pela agregação homoerótica e pelas possibilidades de encontro sexual; porém, aos poucos, acha que o lugar torna muito visível sua sexualidade.	Mantém alguns amigos que freqüentam o lugar e nele expressam algumas posturas que estranha.	Nas vezes em que estivemos no lugar, negou-se a permanecer por muito tempo, mas acabou envolvendo-se com um rapaz, mantendo encontros com ele no Olaria.
<b>BP</b>	Sempre circula pelas tardes de domingo no bairro e passa algumas vezes pelo Olaria. Encontra muitos conhecidos no lugar, mas incomoda-se com a forma de uso de bebidas alcoólicas entre jovens, embora já tenha mantido experiências sexuais com elementos desse grupo. Discorda com a repressão policial feita no lugar.	Muitos dos freqüentadores do lugar se parecem com BP, principalmente na forma de penteado (cortes disformes, pontiagudos e multicoloridos), assim como nas roupas (coloridas, marcando o corpo, calças justas de cóis baixo) e na forma de gestos e falas efeminadas.	Não dá importância ao que acontece ao lugar em termos de receio sobre a visualização pública, porém prefere não expor-se tanto quanto muitos de seus amigos fazem. Também não se incomoda com o que aconteceu no lugar, em relação à repressão policial.	BP transita entre a feminilidade e a expressão de formas masculinas. No lugar se parece com um rapaz malhado distante, com muitos aspectos estéticos efeminados e dos roqueiros, darks e emos, que não se preocupam com o culto aos músculos do corpo. Nesse sentido, BP se diferencia do conjunto, mas se aproxima, em relação às suas expressões, de muitos conhecidos que estão ali, mantendo falas e gestos efeminados e assuntos que ironizam certas situações cotidianas, envolvendo homoerotismo.

<b>CP</b>	Estranha a apresentação dos jovens, acha-os degradados em sem perspectivas concretas de vida. Acha desnecessárias as ações fechativas e o uso de bebidas alcoólicas, assim como acha também autoritária a forma de repressão exercida.	Embora não se preocupe com a visualização pessoal e não tenha preconceitos contra qualquer expressão das pessoas, discorda da postura de muitos dos participantes, principalmente pelo alcoolismo e pela forma de disposição (sentados no chão, deitados, etc). Freqüenta muito o Olaria em outros dias da semana, principalmente para um happy-hour com amigos e para o cinema. Além disso, o que o atrai é a incidência de muitos jovens com quem pode paquerar.	Embora estranhe os atos fechativos e a postura dos participantes, aproxima-se deles em virtude do desejo sexual quanto a jovens <i>same sex oriented</i> . Mantém relações com pessoas discordantes de sua postura estética (formal e executiva). CP se aproxima da proposta do Olaria, de convergência de um público intelectualizado e consumidor. A reunião que se estabelece no domingo é que modificou essa proposta e fez com que muitos tipos como CP tivessem que banalizá-los para poderem manter freqüência aos serviços do lugar.	Como em outros lugares, procura manter uma estética mais despojada, mas que ainda se diferencia do restante.
<b>DP</b>	Nega-se a ir ao lugar durante o domingo à tarde.	Gosta de circular no lugar nos dias de semana durante o dia, procurando algum parceiro sexual e para encontrar alguém com quem conversou nas salas de bate-papo da internet.	Não banaliza o que acontece no Olaria no domingo à tarde, mas nega-se em participar.	Nenhuma transformação é observada.
<b>EP</b>	Sempre freqüenta o lugar, e não apresenta nenhum receio em estar lá. Fica irritado com os seguranças do lugar e discorda de sua presença.	Acha "incrível" estar no Olaria. "Adora" a liberdade que expressa no lugar. Sente-se feliz em poder expressar sua sexualidade perante todos.	Banaliza a segurança como um ato de repúdio a ela. Insiste em circular no interior do Olaria, não dando importância às convenções que se estabeleceram pós-repressão policial no lugar (não poder encostar-se nas paredes, não ficar em grupos muito grandes, não	Mantém suas formas de agir.

			poder sentar no chão).	
<b>FP</b>	Nunca freqüentou antes o Olaria pelo caráter excludente e burguês que apresentava ter, fazendo circular muitas “bichas finas”. Por outro lado, aos poucos passa por ali em virtude de conhecer muitos dos jovens freqüentadores e sentir-se à vontade de estar entre eles. Discorda severamente da forma como foi estabelecido o policiamento.	Identifica-se com muitos jovens que conhece e que freqüentam o Vitraux, mas não se sente totalmente à vontade em manter as posturas de representação feminina que mantém no Vitraux.	Não banaliza formas de reunião do Olaria. Por um lado, as identifica como “burguesas”, por chamar os freqüentadores de “bichas fina”. Por outro lado se incomoda muito com o policiamento do lugar, mas circula rapidamente por ele para encontrar alguns amigos.	Assume posturas mais discretas entre amigos, comprando-se com a liberdade que expressa no Vitraux.



As impressões coletadas de nossos amigos verificam as contradições existentes entre os discursos e as opiniões quanto à territorialização estabelecida no Olaria. Por um lado, o Olaria poder segregar tipos de indivíduos *same sex oriented* que não se sentem confortáveis por poderem ser confundidos como o caráter transgressor das expressões contidas ali. Por outro, a “normalidade” do Olaria implicaria também a seleção no que tange ao segmento social a que pertencem tais indivíduos. Tanto a normalidade quanto a transgressão não constituem condições suficientes quanto aos interesses da totalidade dos indivíduos orientados para o mesmo sexo e se apresentam como questões que referem-se à dialética da microterritorialização.

Também podemos observar que aceitação à diversidade cultural não necessariamente implica aceitação à diversidade de segmentos sociais (no sentido econômico do termo). Quando às questões de alteridade, ao mesmo tempo, remetem a questões culturais e econômicas, tornando a aceitação e a banalização mais complicadas de acontecerem. Toda alteridade também apresenta um limite de aceitação moral, e esses limites aqui estão relacionados ao uso de drogas e de bebidas alcoólicas, assim como à limpeza e ao capricho corporal.

#### **4.3.2.5. Parque da Redenção**

Este grande parque da cidade de Porto Alegre é chamado de Parque da Redenção ou Parque Farroupilha. Campos da Redenção foi a denominação dada em 1884, em comemoração à abolição da escravatura, uma vez que tais campos eram lugar onde negros realizavam batuques nos domingos. Parque Farroupilha é a denominação que se origina da importância histórica do lugar como campo de batalhas durante a revolução de mesmo nome. Deve-se também a presença militar na área, com a construção da Escola Militar e de quartel para as tropas em 1872.

Em 19 de dezembro de 1935, o prefeito Alberto Bins o denominou oficialmente de Parque Farroupilha, seguindo um plano de urbanização que o

aterrou e levou a construção de um lago e de uma fonte luminosa. Nos anos 1940, foram construídos os “recantos” do parque: o Recanto Alpino, o Europeu e o Oriental. Após a II Guerra Mundial, foi erguido o Monumento aos Expedicionários, em homenagem aos pracinhas que lutaram nessa guerra. Em 1960, foi construído o Auditório Araújo Viana, e, em 1978, foi criado o Brique da Redenção, na rua José Bonifácio<sup>135</sup>. Em 1997 o Parque Farroupilha (nome oficial) ou Redenção<sup>136</sup> (nome popular valorizado pela criação do Brique da Redenção), com 375.163 metros quadrados, foi tombado como Patrimônio Histórico da Cidade. (Atlas Ambiental de Porto Alegre, 1998, p. 127)

A urbanização da Redenção, ao longo do tempo estabeleceu, uma diversidade espacial interna, produzindo vários lugares e paisagens diferenciadas; construindo lugares mais abertos, propícios à circulação, e lugares mais fechados, arborizados e escondidos, propícios ao descanso e ao convívio discreto. O caminho central que vai da Reitoria da UFRGS até o Monumento aos Expedicionários e à Rua José Bonifácio (JB) constituem-se em lugar, por excelência, da circulação e do encontro com uma grande diversidade de pessoas que caminham, correm, praticam exercícios ou se sentam nos bancos para somente conversarem e observarem os que passam. Os lugares de maior aglomeração de pessoas neste caminho são o chafariz central e o entorno do monumento aos Expedicionários.

Por outro lado, a configuração espacial da Redenção possibilita uma variedade de lugares discretos e bonitos, sendo ocupados por quem procura esconder-se e camuflar-se da aglomeração populacional da cidade e da parte de circulação central do parque. Como dissemos, foram construídos uma série de “recantos” diferenciados a partir de 1940. Recanto se refere a um lugar especial e singular. Muito utilizada como expressão regionalista, recanto se refere àquele lugar familiar, carregado de simbologias e nostalgia e que denota o apego e o conforto que o gaúcho mantém por ele. É lugar onde se conversa; onde se sente

---

<sup>135</sup> A rua José Bonifácio localiza-se na parte sudeste dos limites do Parque, tendo suas esquinas com as ruas Oswaldo Aranha e João Pessoa. Ver Figura 1, p. 146, e Figura 5, p. 153.

<sup>136</sup> Vamos utilizar o nome Redenção ao Parque Farroupilha por ser o mais popular e mais utilizado entre seus frequentadores. Gays e travestis que freqüentam o parque, por exemplo, o chamam de “Redereca”.

confortável; que acolhe os pensamentos, os desejos e a afetividade. O recanto representa a ligação da identidade com uma parte do espaço, com uma paisagem. Nesse sentido, o termo popular de recanto se aproxima do conceito de lugar, ou seja, carregado de uma representação subjetiva que define a identificação com o espaço de convivência afetiva e a formação de campos de relações singulares. Mesmo sendo os recantos construídos por projetos de urbanização que definem estéticas e nomes fora do contexto regional, por não representarem efetivamente a cultura local, eles foram apropriados por aqueles que freqüentam a Redenção. Tal processo constitui lugares de convivências singulares, que representam a subjetividade de pessoas que se fazem presentes e que o especializam em campos de relações diferenciados.

Os recantos Alpino, Europeu e Oriental são circundados por árvores e constituem lugares recatados para serem “invadidos” por aqueles que precisam de discrição e a procuram ao freqüentarem o parque. Além desses recantos construídos, outros lugares onde a mata se encontra mais fechada e cujos caminhos não os cortam, são apropriados e se identificam como lugares de convivência e descanso localizados à parte dos lugares de circulação. Os nomes descontextualizados dos recantos servem como referências que estabelecem a reunião de diferentes pessoas em diferentes momentos.

A Redenção é um parque, ou seja, é um lugar nitidamente público. Porém, por verificarmos inúmeras formas singulares de convivência, os recantos do parque tornam-se semiprivados ou semipúblicos, isto é, são apropriados por aqueles que se fazem presentes. Outros que percebam um determinado tipo de convivência em um determinado recanto e não concordem com as práticas e as relações ali estabelecidas, procuram outro lugar de descanso e convivência. Aos poucos, segregações e singularizações espaciais são produzidas. Isso representa um processo de banalização da diferença que nega o contato efetivo com ela. Tal processo, como já demonstramos anteriormente, é chamado de tolerância negativa.

Os lugares são singularizados devido à presença de algumas formas de convivência de diferentes tipos sociais que se agregam pela identificação estética



e por assuntos, valores, desejos e comportamentos comuns. Embora sejam presenças muito tênues, elas são bem visíveis em momentos diferenciados, principalmente em horários em que os espaços de circulação são menos freqüentados: início da manhã e da noite e ao meio-dia. Dessa forma, podemos observar a construção de microterritorializações, ou seja, a singularização de lugares pelo estabelecimento de campo relacional de um agregado social que se segrega de outros (construindo fronteiras de convivência e seleção subjetiva de participantes do agregado).

A seguir vamos reproduzir alguns comentários sobre a relação entre indivíduos *same sex oriented* e a Redenção.

A Redereca é tudo. Lá o babado é forte... Principalmente nas taquaireiras [bambus perto do Recanto Oriental]. Lá rola de tudo, amiga. Até durante o dia tem jejo [paquera e práticas sexuais]. Esses dias estava passando lá perto do lago dos padalinhos e tinha uma bicha por entre as árvores dando pro bofe. Eu vou lá à noite... E aí? Tem muita gay que vai lá e fica se fazendo de fina... Sei que tem Elza [roubo], mas a gente já sabe dos bofes que querem o aqué [dinheiro] das manas. (Ensino médio, 26 anos)

Tem muita gente que nega ir na Redenção caçar. Eu, não. Tem gente que está aí em boates e se faz de santa, mas faz coisas piores que lá. Isso é preconceito. Tem muita biba [bicha] preconceituosa. Tem outras que falam mal, mas ficam circulando de carro perto da Redenção para pegar os bofes. Qual a diferença? Só acho que também é perigoso, pois tem muito cara que se aproxima das bibas para assaltar. (Nível superior, 31 anos)

Interessante nesses discursos é a presença de algumas expressões que compõem uma gíria gay, que sempre estão acompanhadas de gestos e trejeitos efeminados. Além disso, o discurso também nos mostra a relação do Parque da Redenção com a “pegação”.<sup>137</sup> Outro elemento interessante também é a postura de auto-afirmação, vista aqui em dois aspectos: o primeiro é a valorização da representação da bicha, na fala e nos gestos; o segundo é a afirmação da freqüência ao lugar e do motivo da busca sexual, visto por muitos indivíduos *same sex oriented* como um comportamento degradante.

---

<sup>137</sup> Busca ou efetivação de práticas sexuais homoeróticas.

Ao mesmo tempo que o discurso da promiscuidade degrada aqueles que são vistos no parque, principalmente à noite, muitos daqueles que reproduzem tal discurso em algum momento já foram vistos lá. De acordo com nosso amigo, “aquelas finas que dão o carão na boate vêm pro parque chupar pau”.

Assim, vemos que posturas e discursos morais se misturam com a emergente expressão do desejo e a espontaneidade sexual entre indivíduos *same sex oriented*. A transgressão se estabelece pela auto-afirmação do comportamento que é tido como desviante, assim como a moralidade da sociedade se reproduz na figura do homossexual correto<sup>138</sup> que romantiza as relações homoeróticas e que repudia certos comportamentos que são vistos como desequilibrados, como a promiscuidade, a busca sexual desenfreada.

Esses pólos são modelos inseridos no cotidiano homoerótico, mas, nas histórias de vidas desses indivíduos, eles se misturam em situações diversas. Muitos daqueles que se assumem promíscuos e negam qualquer possibilidade de relacionamento afetivo estável alegam ter tido muitas decepções amorosas, muitas delas envolvendo traições e, até mesmo, implicando situações de “flagra” do namorado praticando sexo com outro na Redenção. Por outro lado, muitos daqueles que mantêm uma relação estável e assumem um comportamento de fidelidade se fazem presente no parque procurando alguma experiência fora do relacionamento.<sup>139</sup> Além disso, alguns casais mantêm o relacionamento estável e procuram experiências sexuais com outros parceiros sem nenhum problema, muitas vezes encontrando o terceiro no parque.<sup>140</sup>

---

<sup>138</sup> *Positive gay*.

<sup>139</sup> Muitas vezes correr no parque ou levar o cachorro para passear implica disfarçar um comportamento de busca sexual.

<sup>140</sup> Certo dia, no parque, conversando com um rapaz, comentávamos sobre um casal que estava há muito tempo junto e sempre freqüenta o lugar, inclusive enfatizamos em nosso discurso a beleza disso. O rapaz, contradizendo-nos, logo disse que os dois realmente estavam juntos há muito tempo, mas que circulavam pelo parque para encontrar um terceiro parceiro para suas práticas sexuais. O mais interessante foi à postura irônica em que o fato foi relatado, assim como de desaprovação dessa atitude. Este tipo de atitude pode ser encontrada em qualquer tipo de relacionamento amoroso, assim como entre heterossexuais. No entanto, ela define-se como algo contrário aos preceitos sociais de fidelidade nesses relacionamentos. Nos relacionamentos mais sólidos entre dois homens ou duas mulheres, pode ocorrer, antes disso, o estranhamento da relação que reproduz o casamento heterossexual. Em relação à infidelidade e as relações sexuais a três, isso converge tanto a um previsível preconceito quanto à provável “promiscuidade gay”, quanto à recusa da infidelidade por alguns. Em relação ao último comportamento, tenta-se

Pelo que podemos perceber, as situações que envolvem as relações homoeróticas estão cercadas de contradições em relação às suas posturas quanto a padrões morais da sociedade e quanto aquilo que é desejo e espontaneidade<sup>141</sup>. Interessante é que essas contradições “a favor” e “contra” a sociedade fazem parte do contexto do parque da Redenção e nele são vividas.

Vou passear durante o dia. Não gosto muito dos finais de semana pois fica muito cheio. Gosto de passear com a parque vazio. Sempre pinta alguém interessante, mas também tem as Irenes [mais velhos] lá. A maioria dos meus namorados conheci lá; caras bacanas, melhor que encontrar em boate. Já transei lá também, no final da tarde. Tem cantinhos bons pra isso, mas se junta muita gente pra ficar olhando. Daí também tem o medo da polícia chegar... (Ensino médio, 35 anos)

A Redenção, como já comentado anteriormente, é vista e freqüentada para as práticas sexuais homoeróticas, principalmente em horários em que a circulação de pessoas é menor, como a noite, ao meio-dia, cedo da manhã e em dias de muito frio ou chuva. Os cantos, recantos e lugares no qual a vegetação é mais fechada se efetivam tais práticas. Pelo tamanho da área vegetada, e por proporcionar certos esconderijos não encontrados na rua, esse parque possibilitam que comportamentos desviantes se efetivem. No entanto, o policiamento mais intensivo, como ação do regramento institucional do espaço público para àqueles que burlam as convenções que organizam as convivências

---

reproduzir um quadro referente ao *positive gay*, que, embora divergente quanto a tendência desviante da homossexualidade, converge de forma ideal a moral e bons costumes sociais. A novela da rede Globo de televisão, Paraíso Tropical, exibida no ano de 2007, apresentava os personagens Rodrigo e Tiago, estrelado por Carlos Casgrande e Sérgio Abreu, respectivamente. Eles constituem um “casal gay”, mantinham uma união conjugal estável, apresentavam-se extremamente “corretos”, de acordo com os preceitos morais de convivência em sociedade, e não revelavam comportamentos de desvio quanto suas posturas masculinas. Observamos que tal “casal” refere-se a divulgação do modelo *positive gay*, a que estamos atentando.

<sup>141</sup> O filme **Philadelphia** apresenta a condição de boa conduta de um casal gay (relacionamento estável, comportamento condizente com os padrões sociais e vida profissional de sucesso). Por outro lado, também mostra o desejo transgredindo o “bom-senso” contido na relação: a situação de “pegação” de um, o personagem interpretado por Tom Hanks, numa sessão de cinema pornográfico. A consequência disso foi o contágio por HIV e a ênfase da doença como produto de um comportamento promíscuo. Em outra situação, esse discurso se explicita: o advogado heterossexual, interpretado por Denzel Washington, é assediado por um gay numa loja de conveniência e, como discurso final, o personagem diz: “por comportamentos desse tipo que vocês são repudiados pela sociedade”. Isto é, a espontaneidade sexual homoerótica, que quebra as convenções sociais, deve ser calada: ou elas serão condenadas a morte, pelas doenças que podem contrair, ou a exclusão e sofrerão a repressão pela lei social.

nele, reprime essas práticas. Nesse espaço, indivíduos *same sex oriented* são castrados quanto a possibilidade de efetivarem as práticas homoeróticas, tanto pelo regramento que contém o espaço público - como expressão da civilidade e da moralidade - que produz a política de regramento das paixões, para a racional convivência entre os homens (GOMES, 2002; ARENDT, 1991); como pelo sintoma de “retração” da civilidade, uma vez que a violência é comum<sup>142</sup>.

A moral heterossexual e familiar, durante muito tempo, discriminou os desejos homoeróticos, produzindo o regramento sexual quanto às expressões possíveis no espaço público. Mesmo assim, as formações coletivas *same sex oriented* foram invadindo esses espaços, microterritorializando-se e privatizando porções dele para tais práticas. Ao mesmo tempo em que essa realidade ocorre, uma série de conhecimentos sobre tais práticas eram produzidos pela literatura. As práticas se unem à teoria e produzem um sujeito homossexual. Tais sujeitos organizam uma cultura que os defina como alteridades, mas que também lute pela participação livre no espaço público. Aos poucos as convenções que organizam o espaço vão alterando-se pela força de um movimento social que emerge da clandestinidade cultural. As leis se alteram, assim como as definições teóricas quanto à homossexualidade. Por outro lado, os preconceitos impregnados no cotidiano ainda passam por uma mudança mais lenta, e as discriminações e violência quanto a homossexuais, embora possam ser reprimidas pela lei, acontecem de forma velada na sociedade.<sup>143</sup>

Outro fator que converge também aqui é a organização do mercado do desejo, que, ao mesmo tempo, possibilita a existência dos desviantes sociais, mas também o condiciona a um espaço de liberdade restrita no qual também o capital pode reproduzir-se. A Redenção, em virtude da repressão, tanto policial quanto de assaltantes e homofóbicos, causa um receio quanto à frequência. Por outro lado,

---

<sup>142</sup> Na Redenção é comum muito ladrões aproximarem-se das bichas para assaltarem. Em alguns casos, a violência é mais extrema, misturando roubo com um comportamento homofóbico. Isso causa receio à frequência ao lugar. Por outro lado, o desejo contido faz com que muitos procurem sexo rápido e não observem isso.

<sup>143</sup> O caso do Olaria, comentado anteriormente, poderia mover um processo contra o preconceito e a discriminação. Embora o grupo político Nuances tenha se manifestado contra tal discriminação, ela se manteve velada pela sociedade, assim como a aplicação da lei se fez nula ou ainda muito lenta.

organizou uma série de casas com funcionamento diurno e noturno nos quais se paga para praticar sexo, como as saunas e as videolocadoras<sup>144</sup>. Nesse sentido, o espaço público ainda vai organizando-se reprimindo a expressão dos desviantes sociais.

No que tange à Redenção, as práticas homoeróticas são vistas com preconceito até mesmo pelos discursos encontrados na cultura gay local. Esses discursos, aliados aos perigos que tais frequências envolvem (quanto à violência e à integridade pessoal), fazem com que muitas pessoas orientadas para o mesmo sexo se dirijam às videolocadoras, em vez de ao parque. Nelas, embora se pague pelo sexo, se tem segurança e certa discrição.<sup>145</sup> Elas também proporcionam que o espaço público se libere das convivências e práticas sexuais homoeróticas, fazendo regrar-se de acordo com os preceitos afetivos da moralidade da sociedade.

Acho que tem gente que é obcecada por sexo. Tem gente que transa com um e com outro na Redenção. Muitos nem se cuidam. Chupam um e outro. A gente passa lá quanto anoitece e nas moitas tem quatro ou cinco batendo punheta, se chupando e dando pra qualquer um. Não entendo isso. Também não entendo os quartos escuros das boates. Mas já vejo que isso é comum entre os gays... (Nível superior, 27 anos).

O estranhamento aqui se refere ao desejo de manter-se uma postura conveniente para viver-se em sociedade, muito próxima ao modelo positivo de gay, que discrimina certos comportamentos tidos como promíscuos, romantizando a afetividade homoerótica.

Adoro o Brique. Sempre venho aqui passear, paquerar... É bom para conversar com os amigos, tomar um chimas<sup>146</sup>... Sempre pinta um cara ou outro, mas aqui fico bem com os amigos... Se os olhares persistirem vamos ver qual é, né. [risos]. (Nível médio, 24 anos)

<sup>144</sup> As saunas gays são mais caras, por isso selecionam mais a frequência, porém as videolocadoras são mais baratas e mantêm salas coletivas em que passam filmes gays e labirintos escuros para as práticas sexuais.

<sup>145</sup> Os “quartos-escuros” ou “dark room” permitem a prática sexual de maneira muito velada quanto a identificação da pessoa que se faz presente, ou seja, “sexo as escuras”, sem conhecer a pessoa, sem saber o nome, a origem, etc. Por outro lado, essas práticas atentam somente a determinadas partes do corpo masculino, ou seja, o pênis, as nádegas e o anus.

<sup>146</sup> “Chima” ou “Chimas”, é expressão coloquial para designar “chimarrão”, bebida típica gaúcha.

A atitude *blasé* desse discurso implica uma postura de passear no parque entre amigos e paquerar de forma discreta, não objetivando praticar sexo e não estando totalmente preocupado com as convenções sociais que o possam reprimir em relação à afetividade estabelecida entre seus amigos. Nesse sentido, o parque, principalmente aos domingos, torna-se palco de expressão de grande diversidade cultural, desde que não se burlem de forma radical as convenções sociais, como as relativas às posturas e aos comportamentos de gênero sexual.

As repressões contra aquilo que burla radicalmente o espaço público podem ser vistas quanto às práticas sexuais homoeróticas - mesmo não implicando total visualização, devido aos períodos em que ocorrem -, assim como a repressão quanto a grupos de jovens que se expressavam de forma muito espontânea em frente ao monumento aos Expedicionários<sup>147</sup> no domingo à tarde. Esses grupos agregam *darks*, *rockers* e *grunges* e mantêm o prazer de transgredir publicamente a normalidade e a pacificidade do Brique da Redenção no domingo à tarde. Há o uso de drogas, como maconha e álcool, assim como uma postura de livre expressão nas falas, nos atos e na afetividades. A repressão a eles se dá em relação aos seus encontros conflituosos com os militares, que seguidamente expõem seus equipamentos no parque.<sup>148</sup>

O ápice de tal relação conflituosa é a queima da bandeira do Brasil na semana da Pátria de 2005. Tais jovens são reprimidos severamente e, a partir de então, suas reuniões ficam vigiadas durante muito tempo e tornam-se a cada dia mais escassas.

A revitalização do Mercado do Bom Fim<sup>149</sup> também constitui uma forma de conter a agregação dos “indesejáveis”, como já argumentamos, assim como as repressões policial e privada no Olaria<sup>150</sup>.

Ficamos aqui sentados no banco [perto do chafariz central] tomando um chimarão, fofoqueando sobre a vida alheia. Uma biba e outra passa, olha e se vai pro mato... Tem umas que estão sempre por aqui. Assim

---

<sup>147</sup> Ver figura 5, p. 153.

<sup>148</sup> A proximidade de quartéis e do Colégio Militar apresenta-se como facilitadora de tal manifestação.

<sup>149</sup> Ver figura 5, p. 153.

<sup>150</sup> Discutimos sobre isso em 4.3.2.4.

como nós! [risos] É, mas não me aventuro por aí. Gosto de curtir minhas irmãzinhas... [risos]. (Nível superior, os três, 23, 30 e 32 anos).

Os comportamentos homoeróticos no parque se dividem entre aqueles que buscam sexo e que se aventuram em períodos de menor circulação, aqueles que somente vão passear com seus namorados e amigos no domingo à tarde, (momento de agregação de população e intensa diversidade cultural), e aqueles que freqüentam o parque quase todos os dias para descansarem, encontrarem os amigos, sentarem ao sol e tomarem chimarrão. Estes últimos assumem uma postura de ir ao parque não para sexo, mas para relações amigáveis. Por outro lado, acabam circulando por entre os recantos e a parte central (os recantos são, quase sempre, destinados à postura de “caça”; a parte central, à de convívio amigável). Entre aqueles que buscam sexo e os grupos de amigos, paqueras podem ocorrer e levarem ao encontro sexual e afetivo mais intenso.

Agora vamos demonstrar as impressões percebidas a partir das situações de convivência com nossos amigos.

Amigos	Estranhamento	Identificação	Banalização	Transformação
<b>AP</b>	Durante os finais de semana, se preocupa ao circular com certos amigos, com o namorado e com casos no parque, em virtude da exposição que ele proporciona e do perigo de ser identificado com um dos “gays” presentes.	Gosta da diversidade que encontra no parque nos finais de semana e com a possibilidade de encontrar muita “gente” bonita, principalmente tipos masculinos (musculosos, esportistas) que pode observar.	Quando expressões homoeróticas remetem à masculinização, muito encontradas no parque, o desejo do contato e o encontro torna a preocupação com a exposição menos intensa.	Nenhuma transformação é percebida. Mantém uma postura masculinizada e procura não se misturar muito entre grupos homoeróticos para não ser notado como tal.
<b>BP</b>	Alega manter receio de circular no parque à noite, em virtude do perigo que pensa que existe. Também mantém certa desconfiança e preconceito contra a “caça” de banheiro e nas partes escondidas e vegetadas do lugar. No entanto, não desaprova amigos que agem dessa forma.	Nas conversas entre amigos, a Redenção aparece sempre como representação ironizada das práticas sexuais entre bofes e bichas. Transforma o convívio homoerótico do parque numa comédia, remetendo a situações de “Elza” (roubo), assim como descrevendo minuciosamente as experiências sexuais de muitos amigos com determinado tipos de bofes (militares, seguranças, policiais, operários, etc.). A experiência sexual interclasses e a oportunidade de manter relações com heterossexuais é valorizada e erotizada de forma cômica. Também as conversas remetem à banalização e à valorização dos interesses e posturas das bichas (passividade, efeminamento, subjugação sexual).	Ao mesmo tempo que contesta as práticas sexuais que acontecem no lugar, ironiza situações que as envolvem, demonstrando serem bem conhecidas dele. A comédia sobre as aventuras sexuais na Redenção pontua isso como um cotidiano banal, comum a muitos indivíduos <i>same sex oriented</i> , embora mantenha claro que tais práticas não fazem parte de seu comportamento.	Ao mesmo tempo que nega fazer parte das situações de “pegação” na Redenção, apresenta-se muito propenso à paquera, fazendo o desejo e os comentários sobre possíveis amantes tomarem conta de seus assuntos em passeios com os amigos.
<b>CP</b>	Sempre se refere à Redenção como o “verde” ou o “matinho”, manifestando recusa em	Identifica-se com a diversidade cultural que circula no parque. Não alega ter interesse explicitamente sexual de	Torna banal a diversidade homoerótica que circula com fins amigáveis. Embora indique preocupação quanto à	Nenhuma transformação é observada.



	relação às práticas sexuais explícitas no lugar, principalmente durante a noite; assim como temos ao perigo de violência que ela representa. Embora conviva com amigos que freqüentam o lugar buscando praticar sexo, explicita sua desaprovação quanto a essas atitudes.	freqüentá-lo, vê ele como um lugar de lazer e convívio com amigos e para passear com quem se relaciona afetivamente.	promiscuidade que envolve o lugar em certos momentos, torna possível contatos sexuais a partir do conhecimento de grupos de amigos que se reúnem durante o dia, nos finais de semana. Circula entre grupos de amizade que convergem a um tipo comum masculino, sempre mantendo a boa apresentação estética e o uso de roupas de grife.	
<b>DP</b>	Procura afastar-se do parque nos finais de semana, em que está com a família, com receio de encontrar algum conhecido com quem estabeleceu práticas sexuais. Não concorda com a exposição gay de muitos grupos de amigos que circulam nos finais de semana.	Freqüenta largamente o parque durante a semana, principalmente nos horários de folga do trabalho, no final da tarde e durante o período de almoço. Também alega freqüentar bem cedo da manhã, momento em que o parque está vazio, pois é fácil encontrar algum homem para manter práticas de masturbação e feação mútua.	Durante suas buscas sexuais banaliza a expressão efeminada de muitas bichas que encontra, inclusive mantém uma postura de interesse sexual que muitas também tem.	Nenhuma transformação é observada. Mas o Parque faz parte dos lugares em que busca sexo com outros homens. A paquera em banheiros públicos e em certas regiões escondidas do parque torna-o parte de práticas sexuais entre as bichas que tanto deprecia.
<b>EP</b>	Não tem nenhum preconceito ou estranhamento quanto às convivências estabelecidas no parque. Somente tece comentários sobre aqueles que nos finais de semana representam um tipo “fino” (conforme sua fala) e discreto no parque e que em períodos noturnos se aventuram como “loucas por entre as taquaireiras atrás de bofe”.	Se diz “criado” na Redenção, onde encontra seu amores e seus melhores amigos. Costuma freqüentar muito durante a noite e não se preocupa em esconder as práticas sexuais que manteve, tornando cômicas muitas situações, até de perigo e violência, assim como valorizando sua postura passiva e feminina no ato sexual, contrapondo-a a masculina e os atributos dos bofes com quem mantém contato. Também torna cômicas histórias de bofes que se tornaram	Nada observado.	As transformações de EP remetem a uma forma masculinizada que assume fora de seus meios amigáveis e de busca sexual. No parque, mesmo em finais de semana, em que circula uma diversidade de pessoas, não se preocupa em exacerbar um comportamento efeminado e valorizar uma condição de auto-identificação com o estereótipo de bicha.

		passivos no ato sexual e mudaram as posturas masculinizadas, de forma repentina e radical.		
<b>FP</b>	Não tem nenhum preconceito ou estranhamento quanto às convivências estabelecidas no parque.	Antes de ir ao Olaria, passa pela Redenção para encontrar os amigos. Não declara freqüentar o lugar e o vê somente como lugar de passagem. Assim como seus amigos, somente circula rapidamente pelo parque para agregar-se em grupos se dirigirem para o Olaria no final da tarde.	Banaliza as convivências do parque, uma vez que somente é lugar de passagem para ele. No parque sempre passa sozinho e encontra alguns conhecidos. Preocupa-se em dirigir-se para o Olaria.	Nenhuma transformação é observada.



As impressões sobre nossos amigos em relação às suas convivências no parque convergem para posturas mais propensas à transgressão ou à manutenção das convenções sociais, que implica preconceitos e discriminações entre os próprios indivíduos *same sex oriented*. O desconforto quanto ao convívio e à busca sexual no parque implica temor quanto à integridade pessoal, em virtude da repressão policial e das ações homofóbicas, que se misturam com o roubo e a violência que pode ocorrer no parque. Por outro lado, a diversidade de expressões culturais existentes no parque atraem grupos de amigos *same sex oriented* que, de forma mais velada e não totalmente transgressoras, acabam expressando algum comportamento e alguma afetividade que possam definir-se como gay entre aqueles que somente observam.

Agora vamos procurar descrever estes recantos ou lugares singulares ou microterritorializações que são produzidas na Redenção. Cabe salientar que esta descrição é fruto de observações diárias no parque e do contato informal com os indivíduos que participam delas no período de março de 2004 a outubro de 2006.

#### 4.3.2.5.1. Chafazriz central<sup>151</sup>

Neste recanto, percebem-se dois grandes grupos:

- a) encontros GLS amigáveis: encontrados junto ao chafariz central do parque, são grupos de amigos gays que se encontram para conversar e divertir-se. Também se fazem presentes grupos de lésbicas que dividem um lugar próximo a um banco que circunda o chafariz, bem como pares de namorados, sejam duas mulheres lésbicas ou dois homens gays. Encontram-se freqüentemente também gays acompanhados de amigas que ficam observando rapazes que correm próximo ao chafariz e passam por eles. Esses grupos estão mais presentes no final da tarde, quando o parque está mais cheio. Em outros horários, observamos gays sozinhos que estão no parque procurando um parceiro sexual;

---

<sup>151</sup> As microterritorializações a partir daqui descritas podem ser localizadas na Figura 5, página 153.

- b) Idosos aposentados: encontram-se, sobretudo, pela manhã, quando praticamente invadem o parque. Muitos deles se reúnem em grupos bastante numerosos e conversam descontraidamente sentados nos bancos próximos ao chafariz, enquanto outros se encontram dispersos no parque, caminhando ou sentados em algum outro lugar.

#### 4.3.2.6.2. Área entre o chafariz e o lago

:

Neste lugar encontramos a muitos cães e seus donos, muitos dos quais moram nas proximidades do Parque da Redenção, principalmente Bom Fim, Cidade Baixa e Centro. O lugar se transforma em um verdadeiro canil a céu aberto, onde os cães brincam alegremente enquanto seus donos conversam. O principal motivo da reunião espacial nesse lugar é ter um cãozinho. A partir dos cães, se fazem amizades e, até mesmo, se promovem paqueras. Os assuntos giram em torno da criação dos animais, como acessórios, problemas de convivência, tipos de raças, comportamento do cão, até atingirem assuntos mais pessoais ou gerais.

#### 4.3.2.6.3. Recanto Alpino e área arborizada

Também nesse recanto percebem-se dois grandes grupos:

- a) paquera homoerótica: neste lugar encontramos muitos homens *same sex oriented* que buscam um parceiro sexual. Nos períodos mais vazios do parque, sobretudo pelo meio-dia e pela manhã bem cedo, podemos observar, até mesmo atos sexuais, como masturbação e felação. Podemos observar algumas diferenças na frequência homossexual em horários diferenciados:
- idosos: sobretudo pela metade da manhã até o meio-dia;
  - adolescentes: principalmente após o período de aula da manhã e antes da aula da tarde, ou seja, nas proximidades do meio-dia;
  - travestis: no amanhecer, pois passaram a noite no parque;

- vigilantes e trabalhadores das redondezas: freqüentam principalmente no amanhecer, procurando uma experiência sexual com travestis ou com outros homens que estão neste horário justamente para encontrá-los. Outros trabalhadores das redondezas passam, com o mesmo propósito, no parque antes e depois do trabalho, além do horário do almoço.
- b) adolescentes existem grupos de adolescentes (normalmente em torno de dez elementos) que estudam perto da Redenção e que se reúnem no recanto Alpino para experimentarem drogas, principalmente maconha; fumar cigarros e tomar bebidas alcoólicas. São bastante coesos e riem, brincam e falam alto. Todos os percebem, principalmente pela manhã e à tarde, antes do término das aulas, no momento dos últimos períodos escolares, que são “matados” ou “enforcados” (não assistidos) para se direcionam ao parque antes de ir para casa.

#### 4.3.2.6.4. Área gramada entre o chafariz, espelho de água e Recanto Oriental

Neste lugar se reúnem, principalmente no final da tarde, grupos de neo-hippies que cultuam as atividades circenses. Parecem com os hippies dos anos 1960. Usam basicamente roupas com tecidos soltos e calças jeans surradas, cabelos compridos e mal-cuidados, acessórios de madeira e couro, bolsas surradas de tecido e couro com longa alça que se apóia no pescoço e cai até abaixo da cintura. Os homens usam barbas serradas ou longas e, nos dias de calor, estão sem camisa, mostrando o corpo magro, esbelto e curvado. Todos praticam atividades circenses, como malabarismos, tocha humana e perna de pau. Existem muitos *rastas*, estilo Bob Marley, e *black powers*, negros com cabelos cheios e calças boca de sino e casacos surrados. Todos convivem muito harmoniosamente e carinhosamente, conversam em círculos, onde se abraçam, se tocam, se beijam e descansam deitados proximamente. O uso da maconha é freqüente, fato que remete ao movimento hippie dos anos 1960.

4.3.2.6.5. *Área arborizada entre o Recanto Oriental, o Auditório Araújo Viana, o Instituto de Educação e a Oswaldo Aranha: Recanto Oriental, taquaireiras e rosa-dos-ventos*

Em tal local, observamos três grandes grupos:

- a) paquera homoerótica: neste lugar indivíduos orientados para o mesmo sexo circulam ou permanecem sentados em lugares mais visíveis ou outros menos, como nas taquaireiras, procurando algum parceiro sexual. Muitas vezes percebemos alguns atos de masturbação ou felação mútua, sendo mais visível em lugares mais escondidos e em horários de parque mais vazio, como ao meio-dia, no início da manhã e no cair da noite. Encontramos, circulando também, alguns michês (garotos de programa) que procuram algum homem que os pague em troca de sexo. São principalmente jovens e, até mesmo, adolescentes. Microterritorialização freqüentada por uma diversidade de tipos homoeróticos, desde os mais idosos, que estão presentes sempre pela manhã, até os adolescentes, em períodos após a aula da manhã e antes da aula da tarde. Pela tarde, o lugar fica mais movimentado, intensificando-se ao cair da tarde. Alguns se escondem entre as árvores, outros ficam esperando uma paquera, sentados nos bancos da rosa-dos-ventos e perto do jardim budista, e muitos deles somente passam afoitos a olhar quem se encontra sentado;
- b) namorados: misturados entre aqueles que buscam paquera homoerótica, namorados heterossexuais ficam sentados, em abraços e beijos calorosos, principalmente perto do jardim grego. São, sobretudo, estudantes que saem da escola ou faltam as aulas e procuram o lugar para namorarem. Muitos desses casais são adolescentes que estudam no Colégio Militar e passam tempos bem longos no parque;
- c) voyers: observamos alguns homens de mediana idade que se sentam sozinhos próximos aos casais de namorados adolescentes e permanecem a olhá-los. Chamamo-os de voyers, pois têm o prazer de somente olhar casais namorando, tocando-se e beijando-se. Verificamos que eles

observam e ficam excitados com as cenas, muitas vezes praticando discretamente a masturbação, outras vezes sendo mais explícitos, caso o casal de namorados não se importar ou gostar de uma terceira pessoa que os observe. Neste último caso, cria-se entre o *voyer* e o casal um clima de extrema sensualidade; porém, nunca observamos um contato maior do *voyer* com algum casal. Os *voyers* acompanham os lugares prediletos dos casais, principalmente no recanto oriental, no recanto europeu e na rosa-dos-ventos.

#### *4.3.2.6.6. Área gramada na periferia e no centro do caminho central até perto do monumento dos açorianos e principalmente entre o caminho central e Recanto Grego arborizado*

Nas periferias do caminho central, principalmente perto do Recanto Grego e do centro gramado do caminho, observamos grupos de adolescentes masculinos que, em períodos de maior calor, se reúnem e jogam futebol. São sobretudo adolescentes masculinos que mantêm o estilo surfista, ficando sem camisa e deixando sempre os bermudões rebaixados da cintura - muitos deixam mais evidente a parte superior das peças íntimas (cuecas) como item de sensualidade. É lugar de afirmação masculina adolescente. Mostram e cultuam os corpos malhados entre os colegas. Pela linguagem e pelos gestos acentuam o caráter masculino e pelo futebol concorrem entre si com virilidade, no intuito de serem bem-conceituados no grupo. Jogam futebol principalmente no período da tarde, principalmente no final dela.

Quando não estão jogando, observamos estes jovens homens em grupos tomando sol e chinarão. Muitos trazem seus cães Pit Bulls. O cão Pitt Bull, no parque, constitui uma marca que acentua a virilidade de seu dono. A característica corporal deste cão se assemelha com as características dos homens que cultuam um corpo musculoso e procuram acentuar o caráter masculino no falar, andar, gesticular e se vestir.



#### 4.3.2.6.7. *Recanto Grego*

No Recanto Grego observamos quatro tipos sociais:

- a) casais de namorados (estudantes sobretudo);
- b) *voyers* que observam estes casais;
- c) homens orientados para o mesmo sexo que procuram algum parceiro;
- d) pessoas que se deslocam até o lugar para meditar e fazer yoga.

#### 4.3.2.6.8. *Equipamentos de musculação atrás do Recanto Grego e nas periferias da pista Olímpica*

Este lugar é destinado à prática da musculação. Dessa forma, observamos principalmente esportistas que, depois de uma corrida pelo parque, param no lugar para se alongarem e praticarem musculação. Outros passam pelo parque, a caminho da escola ou do trabalho e praticam flexões na barra. Os “marombeiros” (praticadores de musculação) são encontrados, sobretudo, à tarde. Pela manhã, encontramos homens de meia-idade e até velhinhos que se alongam neste lugar, contanto com a facilidade de alguns equipamentos.

Perto deste lugar ficam descansando ao sol muitos mendigos e bêbados, além dos cães vira-latas que os acompanham. Juntamente estão os vendedores de drogas (maconha, cocaína) que convivem com os que cultuam musculação nos equipamentos. Estes vendedores atraem diferentes tipos sociais que consomem drogas, desde estudantes, neo-hippies, “marombeiros”, neo-surfistas, entre outros, que passam somente para comprar drogas. A concentração de pessoas fazendo musculação, ou seja, tendo um objetivo, pode dissipar a atenção à venda de drogas, despistando a ação da polícia. Por outro lado, observamos que a maioria dos cultuadores do corpo, assíduos daquele lugar, estão em contato com a droga.

Também encontramos homens *same sex oriented* que praticam esportes no parque ( musculação e corrida) e vão até o lugar, escondendo sua identidade, para se exercitarem e, muitos deles, observarem discretamente os homens musculosos que ali se encontram.

#### 4.3.2.6.9. *Banheiros e pracinha em frente ao colégio militar, na Rua José Bonifácio*

O banheiro masculino público próximo à pista olímpica é ponto de parada de homens *same sex oriented* masculinos que estão no parque ou passam por ele. É lugar para promover sexo rápido (felação, masturbação e exibição). O clima do banheiro é de extrema excitação e sexualidade. Na grande maioria das vezes, quando entramos, podemos observar algum homem se exibindo e se masturbando. O fluxo no banheiro é muito intenso. Alguns passam para realmente usá-lo fisiologicamente, outros somente entram e já saem para sentir o movimento e perceber quem lhes interessa, outros ficam tempos longos junto ao mictório, exibindo-se. Aliás, muitas das pessoas que ficam um bom tempo no banheiro procurando sexo não se parecem em nada com o estereótipo gay já conhecido. Muitos homens másculos se encontram presentes, procurando masturbação mútua com outro homem. O banheiro é um lugar oportuno para estar próximo sexualmente com outro homem; por isso ele é um lugar ótimo para homens casados e “não-assumidos” sobre sua homossexualidade promoverem uma experiência rápida. Além da necessidade fisiológica, a necessidade sexual marca o lugar.

Vizinha aos banheiros, encontra-se a pracinha infantil, onde crianças brincam todas as horas do dia, acompanhadas de suas mães e da família. Nesse sentido, quando compararmos a pracinha com o banheiro masculino próximo, podemos observar a diversificação intensa de usos que os lugares do parque possui. Os freqüentadores dos lugares são vizinhos e presentes, mas não possuem nenhum contato mais direto com os elementos e as práticas de cada um.

#### 4.3.2.6.10. *Campo de futebol sem grama, entre os banheiros e a pista Olímpica*

É lugar de futebol organizado em equipes competidoras amadoras que cria uma convivência a respeito do futebol. Grupos de amigos se encontram para jogar e conviver amigavelmente, trocando experiências e pontuando o mundo masculino, suas exaltações e seus problemas com os amigos mais próximos.

Também os citamos por um fato muito interessante que observamos e que define a tolerância social presente na Redenção.

Numa certa manhã, assistimos brevemente a um jogo futebol amador organizado. Os times tinham camisetas próprias, e os componentes se dedicavam à atividade. O mais interessante é que em um time estava jogando uma pessoa que integra um grupo político organizado que trata sobre as questões da homossexualidade (direitos, cultura, sexualidade, estética e ética) em Porto Alegre (o Grupo Nuances), ou seja, homossexual assumido. Na outra equipe encontramos um garoto de programa que circula pelo parque. Ambos se encontravam convivendo, no futebol, juntamente com traficantes da área; residentes do bairro Bom Fim aposentados; um homem com o estilo *rasta* e, só para pontuar a diversidade de tipos sociais naquele jogo, um estudante do colégio militar que parou no local, vestiu a camiseta de uma das equipes e começou a jogar. Tomando como exemplo essa partida, podemos classificar o lugar do campo de futebol como um lugar de tolerância e convivência mútua das diferenças sociais que se encontraram para jogar futebol (tolerância positiva). Isso promove a aceitação mútua em virtude de um objetivo: o futebol.

#### *4.3.2.6.11. Cancha de bocha próximo ao campo de futebol sem grama*

Trata-se de local de reunião de homens principalmente opositados e mais idosos do bairro Bom Fim e Cidade Baixa.

#### *4.3.2.5.12. Monumento aos Expedicionários*

Encontramos nesse lugar, pela manhã e pela tarde, uma reunião de pessoas que se envolvem com esporte neste período, principalmente ciclistas e corredores, com uma diversidade de idades bastante grande, desde aposentados com mais de 50 anos de idade, até adolescentes e pessoas de idade mediana. A grande maioria se encontra envolvida com o ciclismo, a caminhada e a corrida. Mas este lugar também é um ponto de parada, para conversar, para alongar-se e

tomar sol. Muitos aposentados permanecem no lugar somente tomando um sol, embora vistam-se como roupas bem apropriadas ao esporte. A diversidade de idades é causada principalmente pelo fator familiar da reunião. Muitos pais, mães e netos estão presentes pela manhã e pela tarde, bem abaixo dos arcos do monumento. Nas periferias do monumento, sentados nos bancos que o circundam, encontramos uma diversidade de pessoas: eventuais passantes, grupos familiares tomando chimarrão, estudantes, militares, casais de namorados, envolvidos no local pela atração ao sol.

#### *4.3.5.2.13. Pracinha próximo a UFRGS, área arborizada perto do minizoológico*

Encontramos a presença de muitos mendigos em período diurno, por ser espaço arborizado e constituir mais um caminho do que um lugar de parada e convivência. Essas pessoas encontram o descanso que não conseguem em outros lugares do parque mais procurados e congestionados. Essa região também está mais próxima do Centro e das paradas de ônibus provenientes de bairros das zonas sul e leste de Porto Alegre. Para quem chega de ônibus da zona sul de Porto Alegre, esse é primeiro lugar de contato com o parque. Pela proximidade do Centro, encontramos muitas pessoas que ali se sentam, sozinhas. Muitas delas carregam pastinhas que contêm currículos profissionais. São desempregados que param no parque para aliviar a tensão de uma longa jornada, à procura de emprego. Encontramos desde jovens a pessoas mais velhas, muitas vezes cabisbaixos, sozinhos e desanimados pelo problema do desemprego.

Juntamente com mendigos e desempregados encontramos alguns indivíduos orientados para o mesmo sexo que atraem e são atraídos por homens desempregados do local. Muitos jovens desempregados procuram o parque com o intuito de ganhar algum dinheiro com um eventual programa com outro homem. Isso promove uma atração mútua destes dois tipos por este lugar, mantendo como ponto focal os banheiros próximos ao minizoológico. Muitos homossexuais de mais idade passam por ali procurando um parceiro e encontram um homem desempregado mais jovem, o convencendo-o à prática sexual e levando-o a um

motel ou à própria casa para esse ato. Assim como encontramos michês eventuais, também michês mais assíduos circulam comumente pelo lugar em período diurno.

#### *4.3.5.2.14. Pracinha perto do minizoológico*

A pracinha e o minizoológico atraem um público de mães, pais e filhos, constituindo um ambiente muito familiar.

#### *4.3.5.2.15. Café do Lago*

Público de maior poder aquisitivo é encontrado no local, que tem grande frequência de artistas, intelectuais, professores e estudantes universitários que procuram o parque e o café para conversarem e se divertirem com a beleza do lago da Redenção. O Café funciona até a noite, com policiamento e lugar para estacionar o carro. Aos finais de tarde, o café lota: são promovidos shows de MPB, atraindo um público mais seletivo quanto aos níveis escolar e econômico. Já se constitui um lugar de consumo e diversão “obrigatória” no mapa turístico em Porto Alegre.

#### *4.3.5.2.16 Quadras de vôlei, futebol de salão e pista Olímpica*

Reuniões de esportistas profissionais e amadores assim como de estudantes e professores para as aulas de educação física., ocorrem nessas quadras.

#### *4.3.5.2.17. Bancos próximos à Rua José Bonifácio e João Pessoa*

Encontramos, sobretudo, aposentados mais idosos que moram próximo ao parque e que preferem sentar nos bancos a caminhar. Muitos vão acompanhados de familiares ou enfermeiras.

#### *4.3.5.2.18. Auditório Araújo Viana*

Encontramos grupos de mendigos e de meninos e meninas de rua que moram sob as marquizes da construção do auditório. Durante o dia eles colocam seus “trapos” a secar e tomar sol e reúnem-se em grupos no gramado para beber e cheirar cola. Muitos dormem em grupos reunidos ao sol no gramado.

#### *4.3.5.2.19. Brique da Redenção*

É um espaço de tolerância positiva, com microsingularizações espaciais na Rua José Bonifácio nos domingos.

O Brique da Redenção constitui um espaço de lazer tradicional nos domingos de Porto Alegre. Para este lugar (rua José Bonifácio) imigra uma diversidade de pessoas de vários bairros de Porto Alegre e da região metropolitana procurando fazer parte do cosmopolitismo desse espaço público.

Constitui-se um espaço público por excelência, onde as pessoas passam, encontram conhecidos e conhecem outras, conversam, trocam informações, enriquecem seus conhecimentos, aprendem e ensinam, assistem a incursões artísticas, debatem política, absorvem e/ou promovem manifestações políticas e culturais, compram e produzem arte, ficam a par dos movimentos culturais e de consumo de vanguarda, assim como do ressurgimento de alguma moda antiga. É um espaço público cosmopolita porque todas as expressões que ali circulam, desde as individuais não espetaculares até as apresentações artísticas profissionais e amadoras, remetem a manifestações trazidas de esferas nacional e/ou global que se agregam ao cotidiano cultural de Porto Alegre.

É lugar onde a “alma” cultural e artística de Porto Alegre troca informações e se agrega a expressões de outras esferas/escalas não-locais, produzindo uma diversidade sociocultural e a tolerância as diferentes expressões individuais e artísticas. Mesmo assim, possui uma localização restrita e exata no espaço e no tempo, ou seja, acontece na Rua José Bonifácio, aos domingos. Assim como o Gasômetro, nas margens do lago Guaíba, cuja vida pública floresce também no

domingo, o Brique da Redenção representa uma das únicas oportunidades de viver o espaço público propriamente dito em Porto Alegre, cuja retração é visível pelo mundo do trabalho, do consumo, pela “correria” cotidiana e pelo intimismo que se instalou no centro da cidade.

Por possibilitar a expressão artística e política diversa, também é lugar de expressões de diferentes subjetividades individuais que se sentem livres e imersas na variabilidade de formas estéticas e de tipos de convivência. Podemos dizer que se forma uma territorialização de tolerância à diversidade estética, sexual, ou seja, de vários tipos sociais que expressam diferentes subjetividades. Dessa forma, no Brique, as pessoas encontram e entram em contato com novos comportamentos, novas sensações e começam a apreender a usar novos padrões de consumo, novas idéias e concepções acerca da vida cotidiana, sejam em éticas, como estéticas. É microterritorialização de contato e aprendizado mútuo de culturas e valores.

No entanto, nesse emaranhado de pessoas que caminham, inseridos num grande conjunto espaço-cultural diversificado internamente, as pessoas procuram encontrar aqueles que expressam valores culturais, e/ou estéticos, e/ou políticos, e/ou sexuais parecidos e a eles agregar-se. Esta necessidade de identificação referente a estéticas, assuntos, gostos, ideais e sexualidades parecidas acabam por formar microagregados sociais que ocupam uma porção singular dessa grande territorialização que se caracteriza pela tolerância da diversidade político-cultural.

As microterritorializações se formam pela presença de um pequeníssimo agregado de pessoas que se relacionam de forma diferente. Tais microterritorializações formam-se em lugares bem específicos e pequenos nas periferias do espaço de circulação (asfalto) da rua José Bonifácio. Essas microterritorializações também são efêmeras dentro do espaço do Brique no domingo, sendo vistas em tempos extremamente variáveis e produzindo-se em diferentes graus de intensidade. No entanto, verificamos certas localizações específicas que se tornam destinadas a pontos de encontros de algum tipo ou

expressão cultural, política e artística singular dentro da variabilidade de tipos sociais que circula pelo Brique.

Podemos dizer que o Brique da Redenção é uma territorialização de tolerâncias positivas em virtude da diversidade sociocultural presente, pela intensidade manifestações culturais e pelas diferentes facções políticas que estão juntas. Porém, dentro dessa grande territorialização, processos de identificação se produzem e singularizam determinados pequenas microterritorializações es de convivência específica e/ou de consumo cultural e/ou tipos de manifestações artísticas e políticas, produzindo o sintoma de tolerância negativa ou pequeníssimas segregações.

Nesse sentido, tentaremos visualizar algumas microterritorializações que representam estas singularizações dentro desse espaço de tolerância positiva. Tarefa difícil quando estas microterritorializações são tão pequenas e efêmeras, mudando constantemente.

**As territorializações das bancas** localiza-se ao longo do canteiro central da rua José Bonifácio (JB), onde estão localizadas bancas para vendas de obras de arte, decoração e utensílios de artesanato. Existe uma certa organização na disposição dessas no espaço, causando uma especialização de determinadas partes do alongado canteiro central da JB pela característica dos produtos que uma certa quantidade de bancas vendem. Podemos dizer que, pelas características das bancas, que é dada pelo tipo de produtos que vendem, forma-se um lugar de venda e discussão singular, ou seja, a constrói-se uma microterritorialização por um tipo singular de convivência dos donos das bancas e de compradores a respeito do “mundo daqueles produtos” (fabricação, qualidade, histórias envolvendo a compra e venda, materiais tradicionais e novos utilizados, formatos, inovações e manutenção das antigas características, histórias do brique em que se envolveram, reclamações e notícias boas sobre o trabalho cotidiano, entre outros).

O aspecto relacional dessas microespecializações espaciais, envolvendo a venda de artesanato e os artigos de decoração no Brique da Redenção está relacionado a culturas específicas que envolvem os produtos que se vendem. Dois



exemplos bem claros disso são os lugares de venda de antiquários e de artesanato indígena.

O antiquário está relacionado a toda uma tradição e antiguidade dos produtos que se vende. “Quando se compra um utensílio deste tipo, não está se comprando somente um produto, está se comprando uma época, um contexto histórico e, até mesmo, afetivo”, diz um vendedor do Brique. Ou seja, o produto está envolto de todo um contexto histórico que define uma época, e isso determina seu valor. A época remete ao tipo de material e ao *design* do produto. Além da característica temporal desse produto, também se levam em conta a quantidade de utensílios daquele tipo disponível no mercado e o próprio contexto de sua fabricação. Nesse aspecto, toda uma discussão a respeito do fabricante entra na negociação e na valorização do produto. Muitas vezes também é caráter de valorização a família do antigo dono, que, se for famoso na cidade, tende a manter o produto supervalorizado.

Outro lugar que se singulariza por relações culturais específicas e que se envolve na fabricação e venda de produtos é a territorialização do artesanato indígena, que envolve decoração e utensílios para o lar, principalmente cestos feitos de maneira bem rústica. Quando passamos pela territorialização indígena, nos sentimos presentes em outro lugar que não a própria JB no contexto do Brique. Remetemo-nos a uma comunidade indígena e a todas as problemáticas que envolvem a questão dessas populações hoje. Encontramos, localizadas no final da JB, próximo a Rua Oswaldo Aranha, pessoas com traços indígenas claros e uma comunidade que fala, se comporta e se relaciona de forma bem diferente. Sentimo-nos magoados pela pobreza pela qual tais comunidades passam e nos remetemos a todo peso da exclusão e violência histórica que o indígena passou e passa no Brasil e no mundo inteiro. Naquele lugar eles se envolvem com um comércio de artesanato que mantém um tipo de convivência específica e uma cultura singular. Os compradores e visitantes, ao passarem pela territorialização, imergem em um outro contexto social e histórico, evidenciando uma sensação relacional totalmente divergente das outras tantas que se experimentam em um pequeno tempo presente no Brique da Redenção.

Estes dois são alguns exemplos de territorializações específicas que envolvem as bancas no decorrer do domingo no Brique da Redenção. Agora vamos listá-las, localizá-las e fazer alguns comentários sobre elas.

- a) bancas de antiquários: localizam-se no canteiro central da JB, desde a esquina com a João Pessoa até a rua Santana. É um conjunto de bancas que vendem louças, móveis, discos, livros e roupas antigas. Essa pequena porção do espaço abarca todo um momento de relação específica que permeia a qualidade, o valor e o cotidiano da venda de produtos usados e antigos;
- b) bancas de quadros e esculturas: localiza-se também no canteiro central deste a esquina da Santana até a esquina com a Vieira de Castro. O conjunto de vendedores de quadros e esculturas firma um maior aproximação entre eles do que a mantida com os vendedores do antiquário. Além disso, desenvolve-se toda uma série de assuntos diferenciados que envolvem o mundo da pintura e da escultura, assim como o mercado das peças;
- c) bancas de artesanato em geral: da esquina da Vieira de Castro até a esquina da Rua Santa Terezinha se dispõe uma série de bancas que vendem artesanatos variados, podendo não se caracterizar um tipo específico, a não ser uma certa especialização da venda de artigos em couro que se passa na esquina da rua Santa Terezinha e se alonga até o artesanato indígena, próximo à esquina com a Oswaldo Aranha. As bancas têm qualidades específicas: vendem artigos ou em couro, ou bonecas, ou pequenas esculturas, ou arranjos de flores artificiais, incensos, utensílios de metais, roupas, calçados e tapetes artesanais; no entanto, elas encontram-se dispersas sem ser possível estabelecer uma classificação ao conjunto. As relações próximas entre vendedores se mantêm, mas giram em torno da troca de informações sobre cada trabalho, não sendo específico a uma atividade. Na verdade, cada vendedor conhece um pouco do trabalho do outro, causando um conhecimento maior a respeito do artesanato no geral, não sendo específico a um ramo de atividade. Existe uma menor

especialização das atividades em cada vendedor, característica que define o trabalho artesanal, ou seja, o envolvimento constante com novas práticas e o aprendizado da produção de vários utensílios;

- d) JB esquina Oswaldo Aranha: neste lugar localizam-se o artesanato indígena, que não apresenta banca, mas a exposição dos produtos diretamente no chão. Envolvem-se basicamente com a produção de utensílios para o lar, produzidos com gravetos e raízes finas e com formato rústico. Muitos deles utilizam técnicas de pinturas tradicionais dos grupos a que pertencem. Como já comentamos, ao passarmos pelo lugar, entramos em contato com outra cultura, que sobrevive com muitas dificuldades, preconceitos e empobrecimento dentro na cultura cotidiana de Porto Alegre.

**As territorializações fora do canteiro central – asfalto e periferias –** situam-se além do canteiro central onde estão localizados os conjuntos de bancas. A parte do asfalto que fica fechada à circulação de automóveis no domingo, rente ao parque, se caracteriza como um espaço alongado onde as pessoas caminham (passeiam) para conversar, observarem-se, comprar e olhar os utensílios e obras vendidos nas bancas e para assistirem a alguns espetáculos culturais, profissionais e amadores, apresentados no Brique. Podemos dizer que é um típico “caminho” ou “trajeto” onde as pessoas passeiam e às vezes param para cumprimentarem amigos, conversar e assistir aos espetáculos artísticos. No entanto, além da microterritorialização das bancas no canteiro central, podemos observar locais onde a característica do lugar passa de “trajeto” e se transforma em pontual, onde as pessoas estão paradas, convivendo mais intensamente. O aspecto do trajeto que é fluxo (passeio) é quebrado pela formação de um agregado social que se reúne devido a algum motivo, singularizando uma pequenina parte do Brique por um momento também curto. Se analisarmos o contexto fluxo do asfalto, nos saltam aos olhos os diferentes lugares de aglomeração, vinculados a diferentes motivos de convivência. Então agora vamos demonstrar alguns destes.

*Em frente ao Monumento aos Expedicionários* é um ponto de encontro, ou seja, lugar onde as pessoas marcam encontros e esperam outras para passearem

no Brique. Por ser ponto de encontro, sempre são produzidos agregados sociais mais intensos que em outros lugares do Brique, sendo cada agregado caracterizado por uma reunião de um tipo social determinado.

É o lugar de maior intensidade de convivência coletiva do Brique, perdendo aquela característica de “fluxo” ou “trajeto” e passando a espaço de convivência onde diferentes agregados sociais se apropriam em diferentes momentos do dia.

Observamos principalmente uma intensa apropriação gay lugar. Ali grupos de amigos gays estão presentes em todos os horários do domingo, sendo principalmente grupos de amizade onde são promovidas “paqueras” entre elementos de grupos diferenciados. Podemos observar, por exemplo, uma reunião de grupos de homens muito bem vestidos e geralmente seguindo os padrões de vanguarda da moda em vestuário e acessórios. Muitos desses grupos reúnem homens gays que fogem do padrão estereotipado efeminado; porém, outros sentem-se tão à vontade entre amigos que riem e gesticulam de forma mais extravagante e sentem-se seguros para “paquerar”, através de olhares mais provocativos, os que passam naquele lugar. Também observamos grupos de mulheres lésbicas que se localizam sentadas no limite entre a calçada e a rua, enquanto os homens preferem ficar em pé.

Outros grupos também dividem este espaço. Podemos observar grupos de “rockers” que esporadicamente se reúnem no local, ficando mais restritos e bem localizados próximo ao monumento. São geralmente adolescentes que vestem roupas alternativas, saias em estampa xadrez, roupas pretas, em que são gravados os nomes e os símbolos referentes às bandas de rock prediletas. Isso com relação às mulheres que usam cabelos avermelhados e mal-cuidados. Os homens usam cabelos longos ou raspados. Quanto ao vestuário, andam com camisetas em estampa xadrez ou roupas totalmente pretas. Costumam estar acompanhados de muito cigarro e de bebidas alcoólicas. Discretamente usam maconha.

Também neste lugar acontecem espetáculos artísticos, muitos deles aproximando-se de atividades circenses. Quando as atividades circenses acontecem, observamos uma aglomeração de “neo-hippies” que promovem estes

espetáculos: pernas de pau, malabarismos, palhaço, apresentação de comédias. Observamos a presença acentuada de argentinos que apresentam estes espetáculos.

Grupos teatrais profissionais de rua também se apresentam neste lugar, como, por exemplo, o grupo “Oi-nóis-aqui-traveis”. Ao acontecerem esses espetáculos, às apropriações tendem a atenuarem e formam-se grandes círculos de diversidade de pessoas que se reúnem em virtude do espetáculo.

**Os canteiros gramados**, locais de namoro, de amizade e de chamarão, situam-se ao lado ao monumento aos Expedicionários e rente a parte de asfalto, em direção à avenida Oswaldo Aranha. Existem canteiros de grama que, nos domingos de sol, ficam cheios de grupos de amigos e de namorados que formam círculos de conversas, passam o chamarão e tomam sol. Como dizem os gaúchos, ficam “lagarteando”, expressão que lembra o lagarto que procura o sol para se aquecer.

O complemento do “lagartear” é sempre o chamarão. Geralmente são grupos de jovens, bem-vestidos, de classe média, que se reúnem no Brique nos dias frios e de sol para conversarem e observarem os que passam na parte de asfalto. Também podemos observar esporadicamente a presença de maconha que circula nos círculos juntamente com o chamarão (a presença das duas ervas: a do mate e a maconha). A aglomeração é bem evidente e territorializada nas áreas dos canteiros gramados entre o monumento, os banheiros, a pracinha e o asfalto da Rua JB.

Alguns **espetáculos artísticos amadores** são tradicionais no Brique e promovem a reunião de pessoas em virtude do espetáculo. Tais espetáculos se localizam no espaço asfaltado de fluxo entre as esquinas das ruas Santana e Santa Terezinha. São eles:

- a) as estátuas vivas: grupos de estátuas vivas se reúnem ao longo do espaço asfaltado da JB, rompendo com o fluxo de pessoas. Geralmente podemos encontrar duas ou três pessoas que se produzem e ficam paradas como estátuas, chamando a atenção das pessoas que ficam a observar. Elas se

localizam principalmente entre as esquinas da rua Santana e Santa Terezinha;

- b) os saltadores e ginastas amadores: também encontramos apresentações de saltadores e ginastas amadores que se arriscam com fogo e facas para chamar a atenção das pessoas e ganhar algum dinheiro. Promovem a reuniam de pessoas que os assistem, principalmente próximo à esquina da rua Freitas de Castro;
- c) “O homem e o gato”: figura tradicional em Porto Alegre e inclusive em outras partes do Rio Grande do Sul, esta pessoa promove espetáculos amadores de comédia de forma itinerante, em Porto Alegre e em outras cidades do Rio Grande do Sul, principalmente nas praias, no verão. Seu espetáculo refere-se a uma comédia hilariante da luta entre um homem e um gato que se encontraria preso em um saco. Utilizando um utensílio de boca, o homem imita sons que são parecidos com miados e gritos de gato. Muitos destes miados se aproximam de palavras e frases emitidas pelo gato no saco. Além desse espetáculo, são contadas histórias e piadas. O público se diverte muito, e o espetáculo é um sucesso. Suas apresentações interrompem o fluxo e cria-se um grande círculo onde ele está apresentando-se;

**As microterritorialização políticas** situam-se ao longo do limite entre o asfalto da JB e o parque, desde o monumento aos Expedicionários até próximo à esquina da rua Freitas de Castro. Nesse espaço, se fazem presentes bancas de partidos políticos e de sindicatos, que distribuem panfletos e vendem materiais de propaganda, como botons, camisetas, adesivos e bandeiras. Em torno dessas bancas, sempre existem grupos de pessoas que se fazem presente, discutindo política, concordando com as idéias do partido ou delas discordando. É um espaço de discussão política tênue, mas que é intensificado em períodos de participação política global, como épocas de eleições.

Nos **bares do Mercado do Bom Fim** há uma identificação com a paquera heterossexual, drogas e álcool. O Mercado do Bom Fim, na esquina da JB com a Oswaldo Aranha, tem na parte que fica de frente para a JB, uma série de lojas

temáticas e, em seus fundos, próximos ao parque de diversões infantil, uma série de bares e uma área livre para as mesas. Nessa área livre, nos finais da tarde de domingo, aglomeram-se jovens para namorar, conversar, fumar maconha e beber. Observamos aí uma diversidade de tipos sociais alternativos: *hippies*, *rastas*, *rockers* e tipos mais comuns que procuram conviver mantendo presente a música, a maconha, as paqueras e a bebida alcoólica.

Digamos que este lugar se apresenta como uma extensão das reuniões típicas da Oswaldo Aranha no período noturno, lugar que se caracteriza pela reunião dos “alternativos” de Porto Alegre (*hippies*, *punks*, *rastas*, *rockers*), que procuram bebida, drogas e discussões sobre música e sobre o mundo de cada grupo. A Rua Oswaldo Aranha se apresenta aproxima como “zona moral” (PERLONGHER, 1987), ou seja, lugar dos degradados e alternativos, movimentada pela vida noturna das festas que envolvem sexo, drogas e rock. Nos bares do Mercado do Bom Fim se fazem presentes, nos finais de tarde do domingo, os freqüentadores da Oswaldo Aranha.

#### **4.3.2.6. Praça da Alfândega e Rua da Praia Shopping**

De acordo com o Atlas Ambiental de Porto Alegre (1998), a região da praça da Alfândega funcionava originariamente como porto, em que teve espaço o primeiro mercado da cidade, conhecido como Largo da Quitanda. Em 1820, o mercado foi transferido para a atual praça XV de Novembro, para dar lugar ao prédio da Alfândega. Em 1866, foi instalado, no centro da praça, um chafariz e plantadas as primeiras árvores. Em 1883 a arborização foi concluída, e a praça foi denominada Senador Florêncio. Em 1912, com a demolição do prédio da Alfândega, o aterramento e a construção do porto, a área verde foi ampliada. Sobre o aterro foram construídos os prédios dos Correios e Telégrafos e a Delegacia Fiscal, e, em 1933, foi inaugurada a estátua em homenagem ao General Osório, erigida onde estava o chafariz. Em 1979 tomou a forma original pela unificação das Praça Senador Florêncio e Barão do Rio Branco, voltando a chamar-se Praça da Alfândega.

Atualmente, a praça representa o coração da cidade. Por ela e em seu entorno, circula uma grande população que se desloca ao Centro para trabalhar e consumir. Nessa perspectiva, a praça apresenta-se apenas como um lugar no qual circulamos sem interesse específico de parada, a não ser para consumir artigos de vendedores ambulantes presentes no lugar, ou, então, para visitá-la no período em que ocorre a Feira do Livro de Porto Alegre.

No entanto, na praça, convivem pessoas que buscam algum relacionamento específico e que nela o encontram. Despercebidos por entre os que somente passam de forma apressada, no local se reúnem meninos de rua, mendigos, aposentados, jogares de dama e de cartas, vendedores ambulantes que descansam no lugar, prostitutas, prostitutas e homens procurando sexo com outros homens. Em relação aos últimos, se forma um circuito de “deriva” entre a praça, principalmente mantendo os marcos de convergência para o banheiro público e o shopping Rua da Praia - neste, principalmente, entre os banheiros do subsolo e do terceiro piso, além da praça de alimentação, também no subsolo. Na praça de alimentação do subsolo do shopping, observamos garotos de programas, jovens pobres da periferia e da região metropolitana de Porto Alegre; homens mais velhos (muitos idosos) que convivem com tais jovens; grupos de amigos jovens efeminados que se reúnem na praça de alimentação do subsolo; assim como uma diversidade de homens que circulam por entre a praça e os banheiros do shopping, procurando algum paquera e parceiro sexual.

A seguir vamos reproduzir alguns discursos de indivíduos *same sex oriented* sobre as relações entre a região e os desejos homoeróticos:

A gente vem pra cá, já há bastante tempo. Fico aqui sentado e tem os guris. Eu mais ajudo eles, mas tem uns que são tão bonitos... Moro aqui perto, ali na Duque. [Rua Duque de Caxias, próximo ao shopping] Tem um guri que confio mais. Bom rapaz, pena não ter muitas oportunidades na vida. Nem fazemos nada... Mas gosto dele e acho que também gosta de mim... (Ensino superior, 64 anos)

Aqui encontramos a fala de um senhor idoso *same sex oriented*, que faz parte de um grupo de conhecidos que se territorializam entre a praça da Alfândega, perto do banheiro público, e a praça de alimentação do subsolo do



shopping. Geralmente esses senhores ficam sentados nos bancos dessa localidade da praça, nos quais muitos michês também se fazem presentes. A microterritorialização que se forma representa a relação entre esse grupo de amigos e entre eles e os michês, e já faz parte do cotidiano da praça. Tal relação é estabelecida pelo interesse econômico dos michês e pelo desejo dos senhores, mas às vezes implica afetividade, quanto há admiração mútua entre algum casal. Os senhores são muito experientes e sabem sobre aqueles que possam causar algum perigo. Geralmente os michês também são os mesmos de muito tempo, cujas histórias de vida e cujos comportamentos já são conhecidos de tais senhores.

Produz-se, na microterritorialização, um cenário de negociações, de entendimentos mútuos e de troca de favores entre eles, assim como de aprendizado pela troca e pelo relato de experiências de vida. A necessidade da troca se intensifica quando os senhores observam michês novos e estranhos no lugar. Eles sempre procuram a longa conversa para estabelecer um largo conhecimento da pessoa e assim saber sobre a possibilidade de aproximação mais intensa. Os michês, por outro lado, em virtude da necessidade financeira, se “jogam” ao experimento sexual, sem praticamente nenhum conhecimento sobre com quem estejam relacionando-se. Tais indivíduos mantêm uma postura masculinizada e são principalmente garotos pobres da periferia da cidade e da região metropolitana. Os senhores são, em sua maioria, moradores do Centro há muito tempo, tendo muita experiência quantos aos perigos e prazeres das práticas homoeróticas envolvendo interesses outros que não somente os sexuais e afetivos. Muitas vezes tais senhores parecem manipular as conversas e os comportamentos desses rapazes simples, e isso nos fez ver a inocência de muitos deles, mesmo mantendo uma postura de autovalorização e esperteza entre companheiros de atividade. Por outro lado, tais senhores, em seus assuntos, ironizam muitos atributos, comportamentos e situações que envolveram determinados michês, bem como as espertezas de alguns michês em eventos de furto e extorsão a alguns elementos do grupo de senhores.

Aqui rende pra caramba. Tem muito cara que bem que gosta... Tem um cara que eu fico que encontrei aqui. A gente se viu no banheiro. Tem namorada, e eu sou a outra... [risos]. As bibas entram e saem do banheiro, sempre catando os bofes. Quando vêem que tem uma neca [pênis] bem, ["bem" é usado para bom, grande e bonito] saem atrás do bofe. (Cursando ensino médio, 18 anos)

Os michês ficam lá perto do banheiro [do subsolo]. Eles entram e saem do banheiro. Lá ficam mostrando seus paus e outros caras ficam olhando. É muito excitante... Mas michê é michê, e eu não me meto com eles. Também pagar pra transar não dá, né?! Tem coroas que pagam. Acho por isso que eles ficam muito por aqui. Eu paquero muito aqui. Tem muito cara casado. É legal ficar com eles... Às vezes rola durante muito tempo. Eles não podem pegar no pé porque tem seus compromissos... E eu, os meus [risos]. (Ensino médio, 29 anos).

Esses discursos implicam a relação entre componentes dos grupos de jovens gays que se fazem presentes no lugar, principalmente na praça de alimentação, e outros indivíduos *same sex oriented* que mantêm relações homoeróticas, mas que não convivem nos lugares e não se aproximam de comportamentos e práticas culturais gays. Muitas vezes, muitos indivíduos mantêm uma vida condizente como os padrões heterossexuais, concomitantemente com experiências homoeróticas, camuflando encontros esporádicos com algum companheiro ou em idas a lugares públicos nos quais essas relações possam ser efetivadas.

De acordo com nosso amigo, da primeira das falas anteriores, o bofe com quem mantém relações há algum tempo não vai às boates gays que ele frequenta e tem uma namorada fixa. Isso é valorizado por nosso amigo como oportunidade de manter relações sexuais constantes com um homem que não é gay ou é totalmente masculino.<sup>152</sup> O Shopping Rua da Praia é freqüentado por muitos gays em virtude dessa possibilidade de encontro sexual; por outro lado é freqüentado por homens que se dizem heterossexuais para experiências homoeróticas esporádicas, principalmente voyerismo e masturbação nos banheiros.

Outro fator preponderante também na microterritorializações são os michês. Além da relação entre michês e senhores, existe a relação entre michês, jovens gays e homens *same sex oriented* esporádicos. A relação entre michês e jovens

---

<sup>152</sup> Esse interesse faz parte do imaginário gay, como já comentamos.

gays é mais dificultada em virtude da baixa capacidade financeira dos jovens, tendo eles mais relações com homens *same sex oriented* esporádicos, assim como com alguns mais maduros. A relação entre michês e homens *same sex oriented* esporádicos ocorre principalmente entre aqueles homens de maior faixa etária e michês mais jovens. Sabemos de alguns casos nos quais a relação sexual persiste durante um período longo, sempre implicando pagamento. Temos também o conhecimento da possibilidade de o michê manter em sigilo tal relação. Nesses casos, perpassa pelos comentários entre indivíduos da territorialização, a possibilidade de determinação michê ser passivo na relação sexual<sup>153</sup>

Tem gente que tem coragem em caçar no banheirão da praça. Deprimente... Tem cada figura lá. Os michês são oportunistas e perigosos. Já sei de casos de gays que levaram michês para casa e se deram mal. Acho que muitos gays têm gosto pelo perigo. O Shopping é tranqüilo, mas não gosto da pegação de banheiro. Não sou flor, já fiz muito disso, mas não é minha praia. Prefiro curtir com os amigos num lugar legal, e, se pintar algo, legal. Hoje pode rolar em qualquer lugar. Para paquerar e me divertir, gosto de ir no Venê [Venezianos]. Lá é seguro, e as pessoas são boa-pinta. (Ensino superior, 37 anos)

Aqui encontramos o discurso moralista do nosso amigo, implicando preconceito com aqueles que freqüentam a microterritorialização somente em virtude da busca sexual, assim como com aqueles que se relacionam com michês. Também em seu discurso, além do temor ao perigo, o preconceito é presente quanto ao segmento social que freqüenta o shopping e a praça, principalmente pelo baixo poder aquisitivo, pela idade e pelo efeminamento dos jovens gays.

A seguir vamos demonstrar no quadro algumas impressões sobre os comportamentos de nossos amigos quanto à microterritorialização de encontros homoeróticos da praça da Alfândega e do Rua da Praia Shopping.

---

<sup>153</sup> A identidade do michê, discutida em Perlongher (1987), perpassa a definição máscula e a postura ativa (de penetrador) na relação sexual. Os comentários colhidos na microterritorialização, neste caso, contradizem essa postura. Na pesquisa, assim como em Perlongher (1987), verifica-se as posturas másculas e a definição sexual ativa apresenta-se como uma representação do michê, que pode facilmente ser quebrada no decorrer do ato sexual.

Amigos	Estranhamento	Identificação	Banalização	Transformação
<b>AP</b>	Nenhuma postura negativa quanto ao lugar é percebida	Circula freqüentemente pela região, procurando algum parceiro sexual. Tal circuito o protege da divulgação de seus desejos, uma vez que a deriva de busca sexual pode ser velada pela funcionalidade e a normalidade do lugar (um shopping por onde circula muita gente), não as práticas “subterrâneas” que esconde. Sempre encontra parceiros, e usa de atributos e gestos que intensificam a masculinidade de seu corpo (mexer no pênis, deixá-lo sobressalente na calça, usar roupas que valorizem os músculos, não se produzir muito, mas tornar a masculinização sua atração estética).	Não atenta e não dá importância aos grupos de jovens efeminados que estão presentes no lugar. Eles expõem essas expressões quando estão em grupos na praça de alimentação do subsolo, não quando estão nos banheiros flertando ou circulando entre a praça e os corredores do shopping.	Nenhuma mudança comportamental ou estética é percebida.
<b>BP</b>	Mantém certo preconceito com quem freqüenta o lugar, procurando paquera e parceiros sexuais, embora no passado já tenha encontrado namorados no Shopping. Não gosta do Rua da Praia Shopping por achá-lo muito popular. Quanto à praça da Alfândega, alega não chegar perto do lugar e	Não se sente identificado em nada com o lugar, somente remete a ele com ironia e sarcasmo. Por outro lado, gosta do Café localizado no subsolo do Prédio do Santander Cultural (ver Figura 4, p. 150), dos Cafés e do cinema da Casa de Cultura. O café localizado no Santander Cultural agrega muitos homens <i>same sex oriented</i> que trabalham com artes, moda e estética, fazendo territorializar-se um tipo mais <i>fashion</i> , intelectualizado e de classe média	Alega que pode encontrar conhecidos e qualquer homem que lhe interessem sexualmente no lugar, mas sua freqüência a ele nada tem a ver com a especificidade dos relacionamentos homoeróticos, mas é de caráter prático de consumo.	Ao sair pelo Centro da cidade para comprar algo, procura atentar ao máximo na produção, procurando diferenciar-se dos tipos populares que circulam. Procura também, de acordo com ele, estar “chic para o trottoir no centro da cidade”, apesar de este Centro “ser uó”.

	não ter interesse pela “pegação” do banheiro masculino, indicando a frequência de “velhos” e moradores de rua.	homossexual.		
<b>CP</b>	Assim como acontece a pegação na Redenção, detesta e vê com desprezo a pegação no banheiro da Alfândega. Procura manter distância dos michês do lugar, alegando serem sujos e ladrões. Circula às vezes pelo Rua da Praia Shopping para um descanso do trabalho e ir ao café do Macdonald’s. Diz gostar do ambiente da Rua da Praia, principalmente seus prédios e da beleza da praça. Por outro lado, critica as convivências que se estabelecem ali e acha um desrespeito o que acontece nos banheiros públicos.	Confessa que já flertou com muitos jovens que vão ao lugar para paquerar e que prefere estar na Casa de Cultura e no Café do Santander Cultural quando tem algum interesse de encontrar parceiros sexuais.	Ao circular, mesmo tendo propensão ao flerte, procura afastar-se de garotos de programa e não dar importância a eles.	Nenhuma transformação é observada.
<b>DP</b>	Freqüenta sempre o lugar e não apresenta estranhamento a ele. Procura afastar-se das reuniões de jovens gays na praça de alimentação do subsolo do shopping.	Trabalha próximo à região e freqüenta muito os banheiros públicos, os bancos e os corredores do shopping. Sempre se vale desses lugares para encontrar parceiros sexuais e confessa ter tido muitas experiências com michês que estão lá.	Foge do convívio de grupos gays efeminados. Por outro lado, circula pelas praças da Alfândega e de alimentação do shopping, sempre atento a outros rapazes que estão ali procurando parceiros sexuais.	Nenhuma transformação é observada.

<b>EP</b>	Nenhuma postura quanto ao lugar é percebida. Convive em um grupo bem singular de jovens que sempre se encontram na praça de alimentação.	Encontra seus amigos, os mesmos do Olaria e do Vitraux e alguns do Ocidente. Conversa muito em pequenos grupos localizados de mesa em mesa na praça de alimentação. Às vezes uma das mesas se transforma em uma clara territorialização desses jovens, contendo em sua volta quase vinte componentes.	Sempre atento e ansioso quanto às pessoas que saem e entram do banheiro, procura identificar alguém com quem já teve alguma relação, e atentando aos rapazes interessantes e propensos à paquera.	Enquanto no Ocidente, no Olaria e no Vitraux não enfatiza a necessidade de procurar parceiro sexual, sempre romantizando suas relações e almejando encontrar um grande amor para ficar durante um longo tempo; no Shopping, juntamente com seus amigos, assume uma ansiosa postura de busca sexual.
<b>FP</b>	Nenhum estranhamento é mostrado.	Gosta muito de circular também pelo Rua da Praia Shopping, principalmente procurando alguma experiência sexual.	Não faz parte do grupo de jovens, mas conhece muitos homens mais velhos que circulam pelo lugar e que estão mais nas periferias da Praça da Alfândega. A partir deles faz contato com alguns michês.	Em suas investidas sexuais no lugar, assume uma postura mais masculinizada, procurando atrair melhor algum parceiro.

Aqui se repetem as observações anteriores. Primeiro em relação aos casos contraditórios no que tange à territorialização, que envolve situações diferenciadas entre gosto, aproximação e afastamento; entre as pessoas que segmentos sociais diferentes, faixas etárias e posturas quanto aos desejos homoeróticos. As aproximações estão relacionadas a diferentes faixas etárias – por exemplo, envolvendo senhores e michês, assim como homens mais maduros e jovens gays da microterritorialização - e a diferentes níveis socioeconômicos - entre segmentos mais abastados e michês, assim como entre os que não são michês, mas que não dispõem de rendas, como estudantes que fazem parte dos grupos de jovens gays, fazendo se repetir, muitas vezes, a relação de faixa etária.

Além disso, também persiste um comportamento que faz aproximar bichas e bofes, assim como muitos homens *same sex oriented*, embora muitos não apresentem trejeitos afeminados: freqüentarem a microterritorialização para encontrar um outro homem não-efeminado e, de preferência, que não freqüente bares e boates gays e que leve uma vida heterossexual. As práticas sexuais, que transitam entre passividade e atividade são muito importantes na definição dos indivíduos quanto ao homoerotismo. Porém, muitas delas são encenadas e podem somente indicar uma representação do corpo, ou seja, são discursos e posturas quanto à masculinidade e à feminilidade. Muitos efeminados, por exemplo, confirmam assumirem a postura ativa em relação a um homem e um michê masculinizado, tornando obscuras as definições quanto às relações sexuais, embora sejam representações rígidas.

## **5. A DIALÉTICA DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL: MICROTERRITORIALIZAÇÕES (CULTURAIS) URBANAS “A FAVOR” E “CONTRA” A SOCIEDADE**

### **5.1. *AQUÉM DO INDIVÍDUO, O HOMEM-PARTICULAR***

De acordo com Heller (1991), os fundamentos do cotidiano estão estabelecidos pelo conceito de “homem-particular”. Tal concepção desconstrói seriamente a noção de liberdade individual na sociedade moderna capitalista pós-Revolução Francesa. Para Heller, talvez não exista o indivíduo, mas o homem-particular, como fragmento alienado da totalidade que o reproduz, subjugado a uma realidade pronta, naturalizada e normalizada. Daí da crítica à vida cotidiana. Mesmo participando de vários contextos interacionais, a particularização da vida representa o conjunto de pequenos fluxos, de pontos relacionais, das interações apreendidas, dos destinos manifestos e das ações esperadas e repetidas. Tal particularidade faz parte da complexa totalidade produzida por históricas ações humanas, nos fundamentos da sociedade, que organiza o microcosmo cotidiano como um conjunto de banalidades das coisas a fazer-e na normalidade dos modos como se faz.

O cotidiano constitui-se, assim, como a realidade do conjunto de ações e objetos inerentes à vida do homem-particular. A realidade é a vida cotidiana. Ela é vivida pelo aprendizado do homem-particular em relação às coisas como elas são, e sua busca por inserção ao que é dado, como pronto e regular. Além disso, ela também é a vaidade alienada do individualismo, o espírito de concorrência em relação à desordem do desejo de consumo e a selvageria na disputa pelos prazeres que são escassos e estão desigualmente distribuídos. Tal individualismo já não se apresenta como espontaneidade, mas um desejo criado pelas próprias condições alienantes contidas na realidade do homem-particular.

A realidade cotidiana é condição existencial do homem-particular. Ele está particularizado pela divisão do trabalho nas sociedades capitalistas, alimentado pelas relações de valor e de troca das interações utilitaristas e motivado pelas



ambições de ascensão social e de bom padrão de consumo. A realidade é o dia-a-dia dos procedimentos com que o homem-particular se envolve; refere-se ao contexto social em que nasceu e às condições dadas para o desenvolvimento de sua maturidade, conforme as possibilidades que encontrou e as escolhas que fez. Possibilidades essas inerentes às condições que estruturam a realidade, externas a ele, assim como as escolhas que constituem um conjunto finito de portas que se podem abrir para “desconhecidos complexos”, ou seja, de múltiplas outras condições de realidades particulares, todas também inerentes à totalidade do sistema de organização social e representando contextos de dominação e alienação que pressionam outras condições de particularização.

Os desejos humanos tornam-se canalizados pelas aspirações referentes à hierarquia social, cujo homem-particular se vai descobrindo nos sistemas de interação social, nos quais “portas” se vão mostrando e começam a ser abertas pela possibilidade da escolha. As escolhas são finitas; portanto, pertencem ao sistema de alienação e, assim como os momentos de escolhas, remetem ao complexo anterior de outras, todas finitas e pertencentes à complexidade de particularidades inerentes à totalidade (des)organizada,<sup>154</sup> fragmentada, articulada, (des)hierarquizada e alienante.

As próprias escolhas estão condicionadas a esse complexo, mas levam em conta a espontaneidade do homem-particular. Essa espontaneidade não constitui o livre-arbítrio, mas as condições sociais experimentais de sua história de vida, que canalizam a energia humana (desejo e espontaneidade) aos processos sociais. Nesse sentido, as condições dos contextos de interação social possibilitam não só escolhas, mas também algo de espontâneo ao homem-

---

<sup>154</sup> Inserimos o prefixo *des* entre parênteses, pois verificamos que a particularização do homem se estabelece por um lado, pela organização das objetividades e dos discursos morais da sociedade disciplinar moderna - nesse sentido racionalmente planejada e hierarquizada -; por outro lado, pela desordem dos mundos de desejo e imaginação promovidos pelas relações de troca e pelo consumo no capitalismo tardio. De acordo com este último pensamento, o homem encontra-se sozinho no lugar, sendo “instituição de si” na busca da felicidade. Isso culmina na crise das instituições e da organização da sociedade. Nesse sentido, temos a multiplicação de sujeitos em busca da felicidade incitada pela publicidade dos valores/prazeres divulgados pela mídia e pelos mecanismos que inventam o consumo. A diversidade rompe a ordem massificadora e hierarquizada, porém a ruptura representa a sublimação da transformação pela necessidade de consumir mercadorias, idéias e culturas que se ligam à reificação e às relações quantitativas do valor de troca no capitalismo globalizado.

particular, talvez chamado de “esperteza”, que permitiria a escolha mais certa às possibilidades de plena inserção às condições de felicidade social. Aqui a felicidade é social, ou seja, vinculada aos padrões de *status*, ou seja, ao que se chama sucesso.

Ao homem-particular resta um esforço de tornar-se “esperto” e movimentar-se dentro da estrutura social e acomodar-se em níveis de particularidade restritos, recusando o grande esforço que poderia levar à negação das condições dessa estrutura, coisa que levaria à marginalização, ao ilícito e ao anti-social. É certo também que a realidade cotidiana exerce uma pressão à reprodução do homem-particular, mantendo-o no cotidiano restrito de suas práticas.

De tudo isso, podemos depreender que existe aquilo que chamamos de “portas finitas” que levam a “caminhos finitos e canalizados” às estruturas do sistema, que produzem os fluxos em níveis de condições particulares da sociedade, melhores ou piores, conforme os parâmetros de ascensão social. Assim, a “esperteza” nas “escolhas” não são mais do que uma plena capacidade de o homem-particular canalizar suas aspirações para os parâmetros externos que constituem o social, e impregnar-se dele, tornando sua felicidade individual a mesma das possibilidades de felicidade social.

Como fala Freud (1974), a realidade é externa ao indivíduo. Mais precisamente, isso determina a condição do homem-particular. A realidade é a naturalização e a normalidade das coisas, algo que pressiona a conduta do indivíduo. Isso transforma o indivíduo em homem-particular, ou seja, alienado nas particularidades que constituem a totalidade das redes sociais.<sup>155</sup> A realidade, assim, é uma complexa abstração tornada “real” pelos procedimentos e condições não-criadas pelo homem-particular, mas que o abarcam e pelos quais ele organiza sua vida: são todas as coisas concretas por ele não criadas, são o conhecimento

---

<sup>155</sup> Na sociedade disciplinar, a totalidade apresenta-se na organização e na hierarquização do espaço dos lugares, que constituem as objetividades e os procedimentos do cotidiano desses lugares, como a trama dos objetos e das relações sociais. Na globalização e na emergência do capitalismo flexível, a totalidade extrapola os lugares e toma a escala mundial. Por esse viés, ela tende a ser cada vez mais apreendida na escala do globo. A cultura global, por exemplo, apresenta-se pela diversidade de elementos que ocupam os lugares, tornando-os confusos e indecifráveis, mas, na escala do globo, apresenta-se como mosaico das estratégias capitalistas de consumo que se movimentam entre culturas locais, imaginações e promoção de prazeres diversos.

que adquire, as coisas a fazer-se e o fazer como comprometimento com uma natureza dada.

A condição fundamental do homem-particular é a sua adequada localização, que significa sua reprodução do engajamento de um conjunto de procedimentos locais, cujo trânsito pelos caminhos de ascensão social são dificultados pelas redes de monopolização das posições sociais que instaura a hierarquia capitalista. Por outro lado, além dessa rigidez hierárquica, a criatividade do homem como “instituição de si”,<sup>156</sup> ao possibilitar a inovação e seu aproveitamento pelo mercado, vai transitar além das determinações que o condicionam, podendo implicar o extravasamento dessa criatividade singular que acaba impregnando a realidade social. É nesse sentido que mundos imaginados por alguns se tornam realidade para muitos, principalmente pelo trabalho da mídia e pela instantaneidade da informação globalizada. Isso acaba diversificando contextos múltiplos que impregnam o espaço social, tornando a sociedade contradição de si mesma, ou seja, fragmentada, desorganizada, difusa e instável.

O trânsito entre as hierarquias capitalistas<sup>157</sup> é possibilitado pelo acesso a tecnologias de transporte e comunicação, ou seja, pela capacidade de uso dessas tecnologias como valores de troca. Isso se refere à localização em outros estados da hierarquia social, nos quais essa condição concreta se altera por um conjunto de maiores abstrações e inter-relações de mundo concebidos. Esses mundos concebidos somente são formações particulares não-locais que se entrelaçam nas redes do capitalismo globalizado, tornando o homem-particular envolvido em abstrações mais complexas, porém não menos alienantes, vivendo ou não vivendo cotidianamente outras particularidades do sistema-mundo, da moderna

---

<sup>156</sup> A idéia da responsabilidade individual na busca da felicidade, condição de um capitalismo que se livra das necessidades de disciplinarização e controla pelos assédios do prazer e do desejo, rompe a noção de uma sociedade disciplinar rígida e estanque, aproximando-se mais de uma condição em que a mutação das inovações e a emergência das diversidades de idéias, de intervenções concretas e de culturas tornam a realidade muito mais mutante, caótica e desordenada.

<sup>157</sup> Aqui hierarquias podem traduzir-se como classes. Temos que entender “hierarquia”, na atualidade, não mais como instância rígida, estável e permanente. Múltiplas hierarquias se tecem nas redes do capitalismo globalizado, e todas elas tendem a explodir e dar espaço a outras com muita rapidez. Temos que entender hierarquia pelo seu caráter diverso, instável e multiplamente escalar na atualidade da globalização.

sociedade capitalista. O fato é que a realidade sempre será externa ao homem-particular. O homem pobre está preso ao local, o homem rico está transitando em realidades não-locais, mas toda realidade acaba sendo uma externalidade, pois é um conjunto de conhecimentos que se deve apreender. Assim se funda o cotidiano das ações do “homem-particular”, ou seja, pela aceitação, pela inserção e por suas ações que se tornam condicionadas a uma dada realidade particularizada, tanto as mais locais quanto as mais envolvidas com outros mundos percebidos.

Por outro lado, no mundo urbano moderno, toda realidade local está impregnada de condições extralocais, como as próprias formas arquitetônicas ou os sistemas de costumes, que representam aspectos das transições e interpenetrações dos sistemas culturais e de normas relativas à mundialização da sociedade ocidental moderna e do sistema econômico capitalista. O fato é que podemos viver ora mais localmente ora mais em outras realidades percebidas, porém é fato que o que é local e o que é extra-local se interpenetram. Dessa forma, vivemos num conjunto de abstrações, pois tanto as paisagens como os conhecimentos que possibilitam nossas relações são naturezas externas ao local e não pertencem a nossas produções autênticas, mas sim a um conjunto de técnicas, procedimentos, conhecimentos e condutas que temos que reproduzir.

Nesse sentido, o conceito de homem-particular nos apresenta o elo de relação entre o indivíduo e a sociedade e possibilita a compreensão sobre o ser social. O indivíduo transforma-se em homem-particular a partir dos processos de alienação e de sua condição particularizada em relação à complexidade da sociedade. Essa condição se estabelece, em primeiro lugar, pela realidade como construção histórica dos procedimentos sociais objetivados, conforme nos mostra Foucault (1993). A realidade cotidiana é a microfísica do poder. O microcosmo cotidiano representa um conjunto de objetivações, procedimentos, subjetivados pelo indivíduo que o pressionam a qualidade de “homem-particular”. As formas da realidade são inerentes aos procedimentos que movem essa realidade e que devem ser aceitos e abarcados pelo indivíduo como naturais e normais, como fatos do cotidiano. Nesse sentido, a subjetivação representa um caminho que faz

o exterior transformar-se no que é interior, ou seja, produz as concepções e aspirações do homem-particular. A realidade, assim, é que há de mais imediato e palpável, sendo materialidade e ação real, mas converge para um desconhecimento de suas origens, dado pela alienação e pela incapacidade de gerência das coisas do mundo. Dessa forma, tornamo-nos reprodutores de complexos de coisas que são externas a nós. Essa realidade apresenta-se estruturada em tudo que é concreto e em tudo que é vivido. A realidade são os procedimentos cotidianos legitimados como verdades nas relações normais de trabalho, pelas crenças religiosas, pelas concepções de Estado e de Nação, pela moralidade inserida nas relações sociais, pelas noções de justiça (direitos e deveres), pelos conhecimentos produzidos pela ciência, assim como pela filosofia e pelas artes.

Assim se organiza um sistema formal de normas, modelos, ações legais, crenças e conhecimentos que estruturam a realidade. A realidade é uma abstração fundada no nível dos procedimentos cotidianos, tidos como concretos, além de outros níveis de maior abstração que legitimam a dialética entre concreto e abstrato no nível cotidiano, ou seja, a lei, a religião, a ciência, o Estado, a Nação, o trabalho (a economia) e a política.

Para Heller (1991), esta é a essência da vida cotidiana: a realidade da alienação do homem-particular, que se estabelece na dialética entre concreto-abstrato do dia-a-dia e que se funda em outro nível de abstração referente às instituições sociais. Além disso, também ocorrem as abstrações ideológicas, fundadas na complexidade histórica das relações sociais, políticas e econômicas, que formam outro nível de abstração inerente ao cotidiano. Além dos procedimentos concretos e das instituições, as ideologias apresentam-se como o mais alto nível de abstração da realidade cotidiana local. Elas formam e mantêm as instituições que fundam a realidade do dia-a-dia.

Mesmo tomando o cotidiano como o concreto e as instituições e as ideologias como abstrações, todos esses níveis colaboram para produzir a invenção da sociedade como um conjunto de procedimentos objetivos externos ao

indivíduo e que em sua história de vida o pressionam para a condição alienante de homem-particular.

O homem-particular, por um lado, acaba vivendo o mundo das instituições e dos procedimentos cotidianos. Como na idéia do panóptico de Foucault (1984), as instituições são forças que fazem o homem cumprir procedimentos, como materialidades e “olhares” que os disciplinam. Nesse sentido, como concepção da sociedade disciplinar, objetividades externas forçam o indivíduo a adequar-se à ordem das coisas, e isso acaba causando dor e sofrimento. A externalidade da disciplina determina ao homem produzir uma idealização de si (ideal do ego), a fim de adequar-se aos procedimentos da sociedade e às avaliações dos outros sobre seu desempenho. Por outro lado, na atualidade, as instituições disciplinares exteriores dão lugar à posse/controlar da subjetividade na formação do homem-particular.

O que difere a transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle global (DELEUZE, 1996) é a subjetivação das ordens como se não fossem ordens externas ao indivíduo, mas inerentes a seus próprios sentidos e vontades de ser.

Além da intenção de produção de um ideal do ego, observamos o incentivo à produção de “egos ideais” nos quais os indivíduos libertam-se das amarras institucionais e são responsáveis por si mesmo na busca da felicidade. As próprias ações da propaganda capitalista incentivam o consumo estimulam as imaginações e as criações individuais e coletivas de sujeitos em busca a promoção de seus desejos.

Por esse viés, os mundos imaginados dos sujeitos, que antes eram reprimidos pela disciplina (que causava dor e histeria), são captados pelas estratégias capitalistas e vinculados às dinâmicas de consumo e trocas de mercadorias. Nesse sentido, ser feliz vai significar ser responsável por si em sua trajetória de sucessos frente aos outros, assim como ter capacidade de efetivar a realidade de seus desejos, que é ao mesmo tempo encontrada e divulgada na mídia capitalista e que está vinculada à quantificação dos valores de troca. Assim,

o controle age justamente na subjetividade dos indivíduos e está relacionado aos seus desejos mais íntimos.

Em vez da contradição entre desejo e disciplina, hoje o controle se estabelece maquiado de prazer e imaginação (estética, sensual, valores múltiplos e instáveis), atacando o íntimo do ser, formando-o e condicionando seu corpo, assim como tendo-o como instrumento de determinação e controle sobre os outros a partir das relações sociais.

É nesse sentido que a condição do homem-particular está aquém da condição imaginada de indivíduo. Essa é a proposta fundamental de Heller (1991), desconstruindo a visão liberal de indivíduo e de liberdade pregada nas sociedades capitalistas.

Segundo Freud (1973, p. 54), a liberdade não constitui um dom da civilização. Sociedades “não-civilizadas” teriam sim maior propensão à liberdade. Para o autor, um dos fundamentos da civilização é castrar do indivíduo a liberdade, uma vez que essa liberdade poderia levar à corrupção e à destruição do outro. A vida em sociedade remete à civilidade contra a barbárie do indivíduo. Os sentidos do social emergem da preocupação das relações entre os homens na busca do equilíbrio e da contenção das pulsões de morte, ou seja, a liberdade individual de desejo quanto ao outro e a pulsão humana de destruição daquilo que é desejado.

A civilização, de acordo com Freud (1974), refere-se a um complexo moral que torna restrita a espontaneidade individual. A formação da sociedade como entidade genérica e a noção de totalidade, conforme Lefebvre (1958), é expressão da civilidade humana. De acordo com o autor, a totalidade se revela como práxis, ou seja, a produção material e a produção espiritual, a produção dos meios e dos fins, dos instrumentos, dos bens e dos desejos.

A práxis remete à essência das práticas sociais, constituindo-se por múltiplos fragmentos de totalização, ou seja, particularidades integradas ao sentido da totalidade e da generalidade da sociedade. A produção da obra humana representaria a parcela individual em busca de totalização, engajada na

práxis das relações sociais. A relação individual, assim, se daria pela imbricação do homem com a obra, pelo trabalho envolvido com a práxis social.

A individualização remeteria à atividade humana conhecedora da totalidade que busca sua totalização por suas obras e pelo reconhecimento de si como parte integrante na práxis social. Nesse sentido, para Heller (1991), a individualização remete à possibilidade de o particular elevar-se acima da particularidade, de elaborar uma relação consciente com a genericidade e chegar a ser um indivíduo.

No entanto, os homens, como argumentamos, se tornam homens-particulares, pois não conseguem elevar-se acima da particularidade, em virtude dos processos de alienação. Para Lefebvre (1958), a alienação torna-se fundamento da impossibilidade de grande parte das atividades humanas reconhecerem seus processos de totalização, e essa incapacidade é gerada pela separação completa do trabalho e da obra humana, ou seja, o trabalho se transforma em labor à medida que é trocado por salário e à medida que as atividades humanas tendem a envolver-se em fetiches econômicos e consumistas.

O trabalho motivado somente pelo valor de troca aliena e produz o homem-particular. Contribui para isso a complexa divisão do trabalho na sociedade moderna. Pelo valor de troca, o homem perde o sentido da obra humana e se desgarra da práxis social, tornando alienado em funções parcelares e repetitivas. É nessa acepção que o indivíduo se desgarra do sentido de realidade, e a realidade torna-se algo externo a ele.

Nesse processo, o indivíduo se transforma em homem-particular, extremamente envolvido em uma particularidade que não entende completamente, pois a tem somente a partir das relações de troca e do fetichismo do consumo. Produz em virtude de um valor de troca que basta a suas exigências fetichistas e, assim, desconhece sua relação com a práxis social. Relacionados a isso estão o individualismo na sociedade capitalista e o sentido de concorrência pela ganância pelo dinheiro, ao contrário da concepção de individuação, que remeteria ao indivíduo envolvido em sua obra pelo trabalho comprometido com a práxis ou a totalidade social.



Lucien Goldmann (1979) nos explica a emergência desse mundo social exterior ao indivíduo. O autor privilegia a análise marxista sobre o “valor” e desenvolve sua teoria sobre o social a partir dos conceitos de “fetichismo da mercadoria”, de Marx, ou de “reificação”, de Lukàcs. A respeito dessas idéias, verifica-se que há uma tendência à ausência de regulamentação da produção para o mercado e, nos fundamentos do liberalismo econômico, o mercado deve ter liberdade para firmar suas metas de reprodução do capital. Tais metas se tornam flexíveis e mutantes quanto aos seus objetivos e representam uma saga sobre as oportunidades de geração de lucro pela venda e geração da mais-valia. Nos fundamentos do capitalismo liberal, as regras são obtidas pela oferta e procura, tornando as condições de reprodução econômica e de envolvimento sociais caóticas e imprevisíveis.

A economia mercantil, segundo Goldmann (1979, p. 112), é caracterizada por sua universalidade, por sua anarquia e pelo condicionamento das relações sociais ao valor de troca. Isso estabelece a rigidez do sistema e as condições de controle individual. As relações sociais de produção condicionadas pelo valor de troca, em substituição às relações centradas no valor de uso, em sociedades não-capitalistas, condiciona o indivíduo como um autômato que se envolve em relações sociais objetivadas pelo mundo econômico, totalmente abstratas a eles. Por essa razão, os homens perdem o sentido de solidariedade que envolvia comunidades pré-capitalistas e estabelece funções sociais envolvidas no egoísmo da necessidade de adquirir dinheiro.

Como já dissemos, o trabalho se transforma em labor, ou seja, as relações de produção das obras estão desvinculadas dos indivíduos devido à divisão excessiva do trabalho e do pagamento salarial (valor de troca). Nesse sentido, o homem não produz para o social, mas para si mesmo, para suprir suas necessidades e seus anseios de consumo.

O homem-particular se envolve num mundo abstrato, quantitativo e exterior a ele, portanto, “naturalmente” incompreensível, e seus objetivos são abarcados pelos anseios de ascensão consumista. Com isso, o indivíduo, na qualidade de homem-particular, torna-se vítima das relações de poder para reprodução do

capital monopolístico e processos de hierarquização social, tornando-se um ser alienado de suas condições e envolvendo-se num mundo que é exterior a ele, prático e racional, cuja afetividade e solidariedade vão sendo confinadas no mundo privado da família e das relações de amizade.

Na vida humana, então, o qualitativo é substituído pelo quantitativo e, em virtude do trabalho abstrato, o homem-particular sofre, de forma passiva, a ação das leis sociais que são exteriores a ele, envolvendo-se numa realidade abstrata tida como um conjunto de ordens, cenários e sistemas de ações tidas como previsíveis e “naturais”. A origem dessa condição se justifica pela complexa teia de mediações presentes e emaranhadas na história da formação das sociedades capitalistas modernas, que tornaram o indivíduo um ponto inexpressivo e anônimo pela rede de homens-particulares que se anulam mutuamente.

Dessa forma, os significados humanos são produtos da “natureza das coisas” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 123), e a reificação, então, é a apreensão que o homem-particular faz dos fenômenos humanos como se fossem “coisas” em termos não-humanos ou super-humanos, fazendo o indivíduo esquecer a própria autoria do mundo e perdendo a consciência de suas obras. Assim, o homem desempenha papéis como ações e situações inevitáveis, pois são possibilidades natas de inserir-se nas condições quantitativas do labor e do valor de troca que rege a sociedade.

Nesse sentido, o indivíduo – dizemos aqui, o homem-particular - “executa ações objetivas, conhecidas, recorrentes e repetíveis por qualquer ator do tipo adequado” (BERGER; LUCKAMANN, 1985, p. 101). É esse o papel que lhes compete, ou seja, um conjunto de tipificações válidas que tornam o mundo real para os homens-particulares e que possibilitam a inserção e a reprodução das condições da divisão do trabalho e das funções vinculadas às relações de troca.

Os papéis, assim, são institucionalizados, ou seja, são tipificados reciprocamente como ações habituais de atores sociais. As interações institucionalizadas convergem um conjunto de atores que desempenham papéis como padrões previamente definidos de condutas válidas, condicionadas pela abstração da realidade que envolve a reificação.

De acordo com Berger e Luckmann (1985), as instituições, como conjunto de interações situacionais de atores desempenhando papéis sociais, são cristalizadas e experimentadas como existindo “por cima” do indivíduo, ou seja, representam justamente a perda da consciência da práxis social que dá qualidade à condição de homem-particular e que dificulta os processos de individuação. Isso, então, apresenta-se como fundamento da vida cotidiana, como se fosse o caminho inverso da sociedade produzindo o homem, ao invés de a sociedade ser produto humano.

A sociedade é a realidade objetiva das formas e dos procedimentos panópticos de Foucault (1984), cuja relação entre essa sociedade e o indivíduo se dá, em primeiro momento, pela objetivação - ou seja, as coisas do mundo são fatos naturalizados, prontos e inevitáveis - e, em segundo momento, pela interiorização, ou subjetivação - ou seja, a conscientização da objetividade externa como realidade dada e naturalizada que condiciona o homem-particular ou ator social.

Muito das críticas ao interacionismo simbólico advém do fato de as análises não manterem um caráter explicativo para os determinantes das interações, mas a descrição do presente delas, de forma minuciosa; o que denuncia a condição mesquinha das relações cotidianas. Os atores sociais são produtos do complexo explicativo que produz e reproduz o homem-particular. Nisso o interacionismo não se detém, e, assim, está sujeito a críticas, principalmente as de ordem marxista que buscam a história dos determinantes macrocósmicos das estruturas e das superestruturas que condicionam o cotidiano. O interacionismo, então, vai buscar a sutileza das interações sociais que irá denunciar a pobreza do ator social. Essa sutileza vai ser apreendida na microsociologia da descrição das interações presentes e na denúncia sobre a pobre racionalidade dos atores no desempenho dos papéis sociais friamente organizados pela divisão social do trabalho e pela objetividade do valor de troca.

Defendemos que essas duas perspectivas que comentamos explicam o cotidiano e não se anulam, mas contribuem mutuamente para estabelecer um elo

forte entre relações macro e micro, históricas e presentes, para o entendimento das condições do homem em sociedade.

## **5.2. A NATUREZA DIALÉTICA DO COTIDIANO**

A sociedade é condição dos processos de modernização e da evolução do sistema capitalista. Por uma complexa trama de poderes e de ações/estratégias de ordenamento, a sociedade capitalista estabelece suas atividades, produz o espaço e as condições culturais. O homem-particular, fruto da disciplina social, (LEFEBVRE, 1958; HELLER, 1991) é obrigado a aprender as condições dadas no espaço, as práticas culturais inseridas nas relações sociais e as habilidades relacionadas com as funções diversas do sistema. Porém, o sistema social é complexo quanto às suas atividades e produz “lugares” para especializar funções e tornar dinâmica tanto a produção econômica quanto a reprodução de seus interesses. Nesse sentido, o homem-particular insere-se em uma parte ínfima da complexidade total do espaço social e desconhece a amplitude das estratégias que o organizam, ou seja, nesse sentido, está alienado.

Instituições sociais,<sup>158</sup> principalmente a família e a escola, estão envoltas numa complexa aura ideológica que permite imprimir as condições culturais supra-orgânicas (DUNCAN, 2003). Por outro lado, instituições tecnocráticas do Estado e da Empresa produzem as formas e os procedimentos objetivos do espaço social, que permitem a disciplinarização dos indivíduos e o bom funcionamento das rotinas necessárias à organização histórica dos poderes políticos e econômicos.

Aos processos de modernização - que não apenas objetivam a construção da materialidade disciplinar do espaço social, mas também o condicionamento subjetivo de códigos, signos, formas de pensar e comportamentos apreendidos nas instituições sociais - se contrapõem contravenções ou desvios aos caminhos previsíveis impostos aos atores sociais.

---

<sup>158</sup> Segundo Prata (2004), a noção de instituição está em Vincent Descombes, com base em Mauss e Wittgenstein, e remete à significação que as pessoas reconhecem sem que um acordo seja necessário, assim como à idéia que se apresenta a cada indivíduo como regras bem estabelecidas.

De acordo com Goffman (1996), a vida social constitui-se como uma cena, cujo cenário já produzido condiciona os atores em seguir regras e representarem. Isso implica a produção das rotinas cotidianas que estabelecem a normalidade das relações. Essa condição rotineira e “normal” do cotidiano é vista por Lefebvre (1958) como atributo de uma organização social construída historicamente que carrega consigo uma complexa trama de poderes que permite a manutenção da reprodução econômica interessante a eles. Nesse contexto, segundo Foucault (1993), aparecem as formas construídas do espaço e os instrumentos objetivos de seu funcionamento, os quais obrigam o homem-particular a apreender técnicas e procedimentos que o aprisionam e o alienam, impondo uma normalidade de rotinas, deslocamentos e conhecimentos.

Sabemos, entretanto, que esse “quadro social mecânico” existe em termos relativos. Desde a formação da sociedade moderna, estiveram evidentes outras agregações e formas de coletivização, que se apresentam desviantes e informais aos condicionamentos sociais. Maffesoli (2002) observa a formação de grupos de pessoas, ou, de acordo com o autor, “tribos urbanas”, que se territorializam momentaneamente em algum lugar da cidade e que estão juntas simplesmente por um sentimento afetivo ou estético compartilhado.<sup>159</sup> Essas tribos urbanas são reuniões de cunho emotivo, nos quais o que conta é a espontaneidade relacional e o compartilhamento de algum sentimento coletivo.

Bauman (2003) também observa a formação de “comunidades-cabides”, que representam a agregação de indivíduos que partilham de afetividades comuns e representam algo desviante ao “normal” ou esperado nas frias relações formais da funcionalidade do espaço e da vida social. O que se observa é um “estar-junto por si só”, que escapa à funcionalidade e aos interesses que movimentam os papéis sociais. Esse “estar-junto” é construído, muitas vezes, pela dificuldade dos indivíduos estabelecerem seus projetos de desempenho exigidos pela sociedade normativa (VELHO, 2004). Em relação à dificuldade de os agregar-se a grupos e relações tidas como “normais” e condizentes com papéis sociais pré-

---

<sup>159</sup> Reuniões sem propósito funcional/racional. As tribos urbanas apresentam-se como a materialização de mundos imaginados que se diferem da racionalidade das funções/atividades sociais e das instituições.

estabelecidos, indivíduos produzem coletivizações do tipo comunitário, nos quais o que conta, na reunião, é um sentimento de “ajuda-mútua”, a agregação do tipo orgânico produzida por uma grande carga de afetividade e espontaneidade.

Nesse sentido, de acordo com De Certeau (2004), em relação às estratégias que normalizam as convivências pela construção objetiva do espaço disciplinar e ao regramento emocional dado pelo aprendizado de uma cultura supra-orgância (escola, família, empresa), proliferam as “táticas desviacionistas” dos mais fracos. Essas táticas representam “golpes” estabelecidos na teia material e relacional do sistema, ou, de acordo com o autor, “o movimentar-se no campo do inimigo”, que representa as fugas à normalidade imposta e à produção de agregações e territórios, nos quais as afetividades desviantes possam ser estabelecidas em comunidade.

O que podemos também observar é uma contemporaneidade cujos cercamentos institucionais locais são diluídos. A atualidade representa a sociedade de controle (DELEUZE, 1996), na qual o poder não se apresenta mais como local/institucional, e sim se torna, ao mesmo tempo, “globalizante” e “individualizante”.

No “meio técnico-científico-informacional” (SANTOS, 1999), a informação é vetor primordial da vida social e pode circular a partir de um sintoma de “unificação técnica global”. O homem comum, acessando as técnicas que se globalizam (a TV, a internet e todos veículos de comunicação), assiste à diversidade de imagens e possibilidades expressivas que é divulgada. Os instrumentos de comunicação e publicidade expõem uma diversidade de fatos, elementos culturais e divulgam uma infinidade mutante de expressões que se ligam às possibilidades globais existentes para os indivíduos serem felizes. O consumo capitalista é promovido pela publicidade (principalmente a televisiva) e produz sintomas/representações de felicidade (posses, auto-estima, poder de fazer). Obter sucesso social (em relação aos outros) implica felicidade e, para isso, homem é responsável por si mesmo.

Nenhuma outra instituição irá possibilitar ser feliz, mas somente a “instituição de si” (EHRENBERG apud PRATA, 2004). Os instrumentos técnicos

de comunicação divulgam a diversidade de elementos de sucesso e felicidade contida numa cultura que envolve a escala global. Como em um mosaico, a escala global da cultura envolve a diversidade/confusão cultural, quando observada na escala local, e uma coerência totalizante/homogeneizante, quando observada na escala em que atua. Nesse sentido, a diversidade cultural disseminada pelos mecanismos de informação rompe a disciplinarização e a uniformidade social local, produzindo uma diversidade de sujeitos responsáveis por suas buscas de felicidade. Nesse processo, a criatividade dos sujeitos é estimulada, e isso acaba contestando e rompendo as barreiras disciplinares da sociedade (local), colocando-a em crise. A individualização criativa dos indivíduos liga-se mais ao desejo e ao prazer e coloca em cheque as rígidas normas institucionais dos lugares, tornando os indivíduos, sozinhos pela promoção de sua alteridade contestadora/criativa, mas, ao mesmo tempo, ligados a uma globalidade de controle.

O controle não mais é estabelecido pela dor da disciplina institucional, mas pela felicidade em estar apto a ser feliz (BAUMAN, 2001). A felicidade, ligada ao desejo e ao prazer individual, vai ajustar-se (pela sublimação e pelo controle estabelecido pela comunicação e pela publicidade) à diversidade consumista capitalista, que irá compor a unidade de uma cultura e de uma reprodução de capital que se encontram globalizadas. É nesse sentido que tudo se torna menos sólido no mundo atual, quando observamos a escala dos lugares no mundo. Em vez de um sistema disciplinar que ordena o lugar, os lugares vão ser contestados e fragmentados pelos indivíduos. Esses indivíduos buscam o “eu ideal” e não mais se condicionam ao “ideal do eu”, base da sociedade disciplinar. O eu ideal os liga mais a promoção do prazer do que a sua repressão, por outro lado, esse prazer é encontrado no incentivo em ser feliz que implica ter aptidão em ajustar-se a diversidade mutante de alegria, conforto e felicidade divulgada pela mídia globalizada. A globalização da comunicação, ao mesmo tempo em que impõe um controle global aos indivíduos, também é permeada pela contestação, pela crise institucional e pela fragmentação promovida pela

agregação/socialização/territorialização das inúmeras alteridades existentes no espaço social.

### **5.3 O ATOR E A GEOGRAFIA DOS PAPÉIS SOCIAIS**

A imagem do ator social tem sido importante em todo o período moderno. Ele é condição do indivíduo como célula de uma sociedade transparente regida pelo pensamento científico-racional, pela funcionalidade das atividades capitalistas e pela impessoalidade das leis.

Na França, após a Revolução e as Guerras Napoleônicas, de acordo com Vallertein (1995), acontecem as discussões sobre a chamada “Trindade Ideológica” (conservadorismo, liberalismo e socialismo) no qual as forças sociais procuram novos rumos políticos para organizar a sociedade. Como fundamento político, emerge, então, o liberalismo e seu “reformismo racional”, ou seja, a organização capitalista da sociedade centrada na ideologia da igualdade perante leis racionais e abstratas; a verdade buscada nas leis da ciência, o poder dos letrados; a liberdade de ação, respeitando as convenções sociais justificadas como racionais; e as obrigações e os deveres dos atores sociais. Os atores sociais exercem, assim, uma série de convenções ideológicas, contidas na formalização das leis jurídicas e nas “informalidades” cotidianas das condutas exigidas perante as relações sociais. Nesse contexto, a luta começa a ser travada contra o “irracional”, contra o histerismo e contra as paixões individuais, na procura da integração da sociedade capitalista urbana.<sup>160</sup> Ao mesmo tempo, o

---

<sup>160</sup> Ações de planejamento para o ordenamento do espaço vêm colaborar com isso. As reformas urbanas, como a ocorrida em Paris de Hausmann, no final do século XIX, e a reforma Pereira Passos, no Rio de Janeiro, na primeira década do século XX, são exemplos concretos do esforço tecnocrático de organização da população e moralização da habitação e das atividades humanas. Concomitantes a essas reformas, produzidas em muitas cidades do mundo inteiro, no período anteriormente citado, as ações sanitaristas e médicas vão impor um discurso de controle das relações humanas e de suas práticas cotidianas, convergindo para a necessidade da produção do corpo e da mente sadios, assim como uma série de instituições concretas são criadas para domesticação e organização delas: a escola, o hospital, a burocracia e a documentação, as prisões e as convenções instrumentais da funcionalidade urbana e a moralidade contida nas ordens da família e da educação escolar. Em Porto Alegre, por exemplo, apresentamos alguns exemplos em maior escala: no final da década de 1990 ocorreu o projeto de revitalização do Mercado do Bom Fim. Nesse período, mantendo alguns indícios ainda hoje, a rua Oswaldo Aranha



mundo do trabalho, emergente com a Revolução Industrial e cria uma série de atributos para os atores sociais, tornando-os identificados mais pelo que fazem do que por sua natureza individual.

Uma série de instituições que procuram organizar a vida dos atores sociais e inseri-los no trabalho e no sistema de reprodução do capital, que se fundamentam no controle dos interesses e das paixões pessoais. Em virtude das necessidades de crescimento econômico e tendo como justificativa o progresso

---

tornou-se muito freqüentada por “tribos urbanas” de drogados (como punks e rockers, entre muitos outros) e a rua José do Patrocínio por garotos de programas ou michês. Nos finais de semana, principalmente nos domingos, o Mercado do Bom Fim era freqüentado largamente por drogados e indivíduos orientados para o mesmo sexo, entre muitas diversidades que incluem essa orientação. O bar “Escaler” apresentava-se como lugar de contato entre essa diversidade, mantendo em suas periferias o “Sofá da Barbie” – ou o ponto de encontro entre indivíduos *same sex oriented*, perto dos “carros autochoque” do parque infantil local, no qual se misturavam famílias e crianças que freqüentavam tal lugar – e o “fumódromo” – local entre o bar e o campo de futebol do parque da Redenção, cuja agregação era em virtude do fumo de maconha. A partir do ano de 1996, todo o mercado é fechado e inicia-se um projeto de “revitalização”, sendo reaberto em 2000. Após a reabertura toda a configuração do espaço se modificou: o bar Escaler foi substituído por um café freqüentado por famílias de classe média da região, e o parque de diversões migrou para a localidade do “fumódromo”. A revitalização, assim, como ação tecnocrática do Estado, nesse caso, apresenta-se como ação organizadora que converge para a moralização das práticas sociais e organização de seus espaços de consumo muito convergentes aos padrões “normais” das famílias de classe média. Nesse sentido, a ação de ordenamento da configuração espacial vai implicar o comportamento e o tipo de atores sociais que convivem na localidade. A revitalização urbana do Mercado do Bom Fim é um exemplo mais atual, em outra escala e de caráter mais pontual, dos propósitos de organização espacial ocorridas, e já citadas, em Paris e Rio de Janeiro, na passagem dos séculos XIX e XX. Embora seja muito relacionada à restauração predial e ao embelezamento da região, ela está intimamente ligada com os segmentos sociais e os grupos culturais que antes conviviam lá, e que hoje foram substituídos por outros, muito mais próximos à “normalidade” dos padrões morais da sociedade e de consumo capitalista. Por outro lado, a desterritorialização local em relação a muitos usuários de drogas e dos grupos homoeróticos acarretou outras reterritorializações. Após a o término da recuperação do antigo prédio de uma Olaria na rua Lima e Silva, tornando um centro comercial denominado Nova Olaria, após 1995, que abriga uma série de lojas de vestuário e bares temáticos alternativos, assim como um cinema, denominado Guion, que singulariza-se em virtude dos filmes europeus, muitos alternativos, incluindo muito a temática gay, os indivíduos *same sex oriented* torna a territorializar-se novamente, freqüentando o lugar nas tardes e noites de domingo. O lugar passa a ser chamado popularmente de “Boiolaria”, assim como o cinema de “Gayon”. Após o ano 2000, a atratividade homoerótica se diversifica intensamente, incluindo muitas expressões híbridas com estéticas *darks*, *rockers*, *raggae*, principalmente por parte dos jovens de classe mais baixa e de pouca capacidade de consumo no lugar. Além disso, o uso de bebidas alcoólicas e drogas, assim como muitas expressões homoeróticas radicais (beijos, exacerbação emocional efeminadas, muito próximo à “fechação” descrita por Parker, 2002) começaram a incomodar principalmente os comerciantes do lugar. O resultado disso é a repressão privada com caráter policial, ocorrida em 2005, que expulsa tais indivíduos, causando sua reterritorialização para a rua na frente do prédio.

em prol de todos, em prol da nação, os atores passam a ser avaliados<sup>161</sup> por suas contribuições positivas ou negativas à integração social. O conhecimento sobre as verdades, assim, torna-se um elemento importante na construção de uma sociedade de comunicação. A verdade é expressa pelos condicionantes morais ao homem-particular, que se encontra imerso numa complexa rede social de determinações, pelas quais deve eleger algumas e excluir outras. Esse homem esforça-se para incluir-se na exigente teia representada pelas convenções mínimas (cotidianas, banais) e máximas (legislações, leis, políticas, convenções formais) das relações sociais. Nesse conjunto de convenções, inclui-se a moral como sistema de regramentos complexo.

Segundo Heller (1991), a moral é situacional e, portanto, é territorializada pelo contexto de interação social, regendo, assim, interações múltiplas. As necessidades de regência situacional e sua multiplicidade dão conta da complexidade de interações necessárias ao mundo das trocas capitalistas. Ora, ao entendermos o capitalismo como um modo de produção global, que se reproduz em situações diferenciadas, vemos a moral também como “una” e “múltipla”, constituída como uma esfera totalizante que apresenta suas especificidades contextuais, que dão coerência a uma rede complexa e integrada. É por esse viés que se estabelece a alienação e se reproduz o homem-particular. O ator social se encontra fragmentado em um sistema de situações, muitas vezes discordantes, regidas por normas, atividades e contextos morais específicos, porém abarcados por uma totalidade que produz o corpo integrado do social. A esse sistema dialeticamente integrado e diverso que chamamos de “mundo moderno”, cuja escala pode representar o mundo, produzida pela expansão do racionalismo europeu e pela expansão do modo de produção capitalista. O homem-particular se territorializa em algum fragmento desse sistema, caracterizado por um contexto moral e técnico-objetivo relacionado a suas funções em relação à totalidade. Por outro lado, não reconhece o funcionamento dessa organização total, tornando-se alienado sobre as reais condições que regem suas atividades e suas condutas.

---

<sup>161</sup> O desempenho dos atores é constantemente avaliado nos meios sociais. Eles devem estar de acordo com um conjunto de preceitos morais e condicionados às rotinas e aos métodos que organizam as atividades e as funções econômicas em sociedade.

O sistema social que parece fragmentado é na verdade uma rede de determinações territorializadas que abarcam parceladamente os indivíduos e os identifica como atores. Os atores representam convenções, apreendem formas de interação a cenários determinados e concordam com as necessárias atividades singularizadas a contextos produtivos. Por esse viés, o cotidiano, previsto por Lefebvre (1958) e Heller (1991), constitui-se por uma estrutura social de atividades banalizadas mas que, em suas profundezas, representam uma complexa trama histórica de produções ideológicas e materiais que servem como mecanismos de reprodução de poderes que abarcam e alienam os indivíduos, transformando-os em atores sociais.

Goffmann (1996) evidencia que as interações sociais são estabelecidas por “representações” que o indivíduo desempenha frente a um grupo de observadores. Essas representações são desempenhadas, então, em cenários específicos de interação. Esses cenários institucionalizam e são institucionalizados por representações que envolvem um conjunto de papéis sociais a serem desempenhados por atores, mediante a apropriação da fachada da representação. Os cenários são a geografia da representação dos papéis sociais avivados por atores. Os cenários tendem a manter-se na mesma posição e configuram a institucionalidade das representações em relação aos papéis. O ator, então, é que se move de cenário em cenário, e o cenário constitui-se de corpo material que abarca a invenção nominal da instituição. A instituição, abarcada pelo cenário, assim como também produzindo o cenário, é a fatalidade que fragmenta os papéis sociais a serem desempenhados. O ator, então, se movimenta entre os cenários das instituições e se apropria de um fragmento da interação, ou seja, uma representação condizente do conjunto de papéis pertencentes à instituição e materializados pelo cenário. As representações dos papéis sociais pelos atores são formadas por “aparências” e “maneiras”. A primeira informa o status social do ator, dessa forma, mais rígido e condizente com um conjunto de maneiras esperadas que se referem a determinado status, assim atemporal a situação. As maneiras expressam a situação “aqui e agora” e os caminhos possíveis de

condutas condizentes com a relação entre a aparência e a especificidade da interação.

Assim, Goffmann (1996) verifica que a sociedade se processa como um conjunto de cerimônias que rejuvenescem e reafirmam constantemente os valores morais dela mesma. O mundo social, assim, é um conjunto de sistemas de reuniões ritualizadas que fundam a condição do ator social, ao mesmo tempo abarcado pela exterioridade dos cenários e instituições sociais, e cínico pelo desempenho frio de papéis naturalizados pelas relações mercantis do valor de troca.

Além disso, Goffmann (1996) atenta para a complexidade social, verificando processos que denomina de “segregação de auditório”, que permite ao ator o envolvimento com várias representações em cenários diferenciados. Dessa forma, além da exterioridade naturalizada das instituições e dos cenários sociais, o homem-particular, ou ator, se fragmenta em atuações para diferentes auditórios que se apresentam segregados. A segregação, assim, torna possível - e é inerente a ela - a divisão de trabalho em sociedades modernas capitalistas que mobiliza porções de atores, ou homens-particulares,<sup>162</sup> ao desempenho de tarefas especializadas. O ator social se envolve em múltiplos cenários de interação que apresentam múltiplas exterioridades referentes a papéis sociais (múltiplas aparências e maneiras) que deve desempenhar. A intensa atividade do ator social expressa a pobreza de sua alienação, o extremo processo de particularização que o afasta da práxis do social.

De acordo com Velho (2004b, p. 43), Goffmann preocupa-se com o “próprio processo de definição de situação e construção da própria interação”, assim dá corpo à microssociologia, que se ocupa com as regras, as negociações, os encontros e desencontros inseridos nas situações banais do cotidiano. No entanto,

---

<sup>162</sup> Os atores sociais, em Goffmann (1996), implicam a situação de indivíduos compondo uma cena social, desempenhando papéis preestabelecidos, realizados no ato da interação. Homens-particulares, para Heller (1991), são a representação da alienação individual cotidiana pela particularização estabelecida pelas relações de trabalho e pela incompreensão quando a totalidade social. Nosso trabalho aqui é aproximar essas duas noções, a marxista e a interacionista, observando que a sociedade é um conjunto de ações e comportamentos inseridos nos papéis que atores têm que desempenhar numa cena, assim como a evidência da particularização alienada do desempenho dessas ações e comportamentos.

a condição de banalidade guarda consigo o peso da dominação que pressiona o homem-particular.

Para Goffmann (apud TEDESCO, 2003, p. 68), os “imponderáveis da vida real aparecem, estruturam-se e dinamizam-se na situação social, no ambiente recíproco, na ocasião social (evento que se localiza e se temporaliza) e no encontro social (ocasião de interação face a face)”. Assim, os cenários de interação são unidades temporais e espaciais que transcendem o “aqui e agora banal” (a situação banal cotidiana) e se constituem na complexidade da trama de poderes e formas sociais institucionalizadas que definem a sociedade como macroestrutura.

Dessa forma, a realidade social se processa como microexperiências baseadas na condição de homem-particular e ator social e as estruturas sociais, na escala do cotidiano, transformam-se nas microestruturas da interação. Tais microestruturas de interação são condições naturais de interação que apresentam regras que guiam o processo de representação do ator social. O ator preocupa-se constantemente com o decoro e apropria-se, pelo aprendizado, de condutas exteriores a ele, cumprindo o “script” situacional, sendo julgado pelos atos mínimos da platéia, desde expressões mínimas de estranhamento, até atos de violência em relação ao descumprimento do esperado na situação.

As relações entre indivíduo e sociedade, assim, apresentam-se por essa complexidade de situações de interação que banalizam os condicionantes históricos da rede de poderes da própria sociedade, oprimindo o indivíduo, impedindo seu processo de individuação e condicionando-o como ator social. Para Goffmann, a dominação da sociedade sobre o indivíduo apresenta-se pelo “controle escalonado” (BECKER, 2004, p. 104) como evidencia das relações de poder sendo exercidas no ato da interação, cujos atores anulam mutuamente ações que escapem a condição de existência institucionalizada da interação. Por meio da condição desigual de status dos papéis, as maneiras desviantes acabam sendo propensas a sanções, pela ação de um micropoder que faz cumprir o estatuto interacional.

Assim, de acordo com Gastaldo (2004), a sociedade apresenta-se como um conjunto de “enquadramentos” que se referem a contextos interacionais que abarcam um conjunto de atores sociais desempenhando papéis que instituem regras a serem seguidas. Os contextos interacionais dos “enquadramentos” (GASTALDO, 2004, p. 112) são células nos quais pululam micropoderes que condicionam minimamente os homens em sociedade: pelas regras dos papéis, pelos procedimentos da interação, pelas formas dos cenários e pelo conjunto de possíveis sanções estabelecidas mutuamente. O controle escalonado que define os enquadramentos é situacional no tempo e no espaço, constituindo cenários específicos e que segregam auditórios nos quais o ator deve apresentar-se e representar.

A relação entre as noções que Goffmann propõe, como o complexo da situação formado pelo controle escalonado, pelos enquadramentos, pelas instituições, pelos papéis sociais e pelos atores, dá corpo à idéia de a sociedade ser constituída por múltiplos e complexos microterritórios de interação, fenômeno também chamado por Gluckmann de *pockets of social relations* (GLUCKMANN apud VELHO, 2004), como bolsos de relações sociais que tendem a um fechamento ou segregação entre diferentes formas e encontros interacionais (diferentes cenários institucionalizados ou diferentes enquadramentos). A sociedade assim, se constitui de múltiplas microterritorializações de interação social.

Essa idéia adquire mais sentido quando lembramos que as interações são temporais e espacialmente estabelecidas e definem-se por relações de poder externas e internas a ela: internas, pelas funções desiguais de representação dos atores no ato da interação, que culminam em sanções para que aconteça o fluxo normal das atividades e interesses relacionais; e externas, pela condição existencial do encontro dos atores em interação, como instantâneo ponto localizado regido por sentidos que constituem a amplitude da sociedade e as redes de poderes que a constitui.

Conforme Goffmann (apud BECKER, 2004, p. 107),

Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, cada instituição tem tendências de “fechamento”. Quando resenhamos as diferentes instituições de nossa sociedade ocidental, descobrimos que algumas são mais fechadas do que outras. Seu “fechamento” ou caráter total é simbolizado pela barreira a relação social com o mundo externo e proibições de saída, que muitas vezes estão incluídas no sistema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos.

A sociedade, assim, além das condições macroestruturais, pode ser explicada pela objetividade disciplinar de micropoderes que produzem e reproduzem a realidade concreta dos atores sociais. O poder se circunscreve, de acordo com Foucault (1993), nas pequenas áreas de interação que abarcam a produção do material, do corpo do ator, de suas ações e de suas concepções.

Esses micropoderes constituem as formas heterogêneas e díspares da realidade das interações sociais e se transformam nas próprias práticas sociais que ocorrem nos contextos relacionais. A sociedade torna-se um conjunto de formas e conteúdos que disciplinam os encontros humanos mediante interesses complexos.

A sociedade disciplinar, constituída desses micropoderes interacionais, organiza o espaço, distribui os homens-particulares, classifica-os, combina-os e hierarquiza-os, tornando-os capazes de exercer funções abstratas e exteriores a suas subjetividades. Mais ainda acaba produzindo as próprias subjetividades dos homens-particulares.

O ator, assim, somente reproduz, estando isolado na restrição das microparticularidades de interação, por onde fluem os micropoderes, que o torna incapaz que apreender a totalidade ou a práxis social. O ator, assim, é a condição do indivíduo alienado e incapaz de atingir a individuação como possibilidade de erguer-se em relação às particularidades que o oprimem e que possibilitam a manutenção do status quo dos interesses que se reproduzem historicamente.

#### **5.4. DO ATOR AO SUJEITO**

Podemos entender a sociedade como uma grande estrutura mecânica na qual os indivíduos tornam-se meras peças a desempenhar racionalmente funções múltiplas. Mas qual a origem fundamental disso? Digamos que a origem é justamente o controle sobre a liberdade de prazeres dos indivíduos que formou uma complexa espiral histórica de regulação das relações dos homens pelos próprios homens, na qual, sob o propósito de conter o instinto de pulsão de morte (a degradação do outro sobre o princípio do prazer), se estrutura um conjunto de instituições e normas que fundam a ética dos relacionamentos humanos. É por isso que a sociedade se estabelece como algo além do indivíduo, superior, que regulamenta suas ações em prol da coletividade. O discurso de sociedade, além da consumação da “vontade geral”, aparece como inerente ao princípio de “civilização” que se opõe a “selvageria” das relações entre os homens, baseadas na égide do prazer individual.

De acordo com Freud (1974), o poder do indivíduo substituído pelo poder da comunidade constitui o passo decisivo da civilização. Para o autor (FREUD, 1974 p. 53), a vida humana em comum só é possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado. O poder dessa comunidade é, então, estabelecido como direito, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como força bruta. Nesse sentido, a essência está no fato de que os membros da comunidade se restringem em suas possibilidades de satisfação.

O fato que nos interessa é que o desenvolvimento da sociedade significa, em primeiro momento, para a contenção dos instintos individuais e um aprisionamento do indivíduo sobre a ética do viver em comunidade. Nesse significado encontra-se a discussão da dialética entre a contenção do indivíduo sobre propósitos positivos de regulação dos instintos destrutivos do prazer e/ou a emergência do prazer dos mais fortes contendo as forças brutas selvagens que lhes pudessem estripar seus poderes sobre a condição do funcionamento da sociedade. Assim, a realidade é tida como condição da relação dialética entre



indivíduo e sociedade, que fundamenta grande parte da sociologia e da psicanálise, e que aqui propomos tratar sobre a ótica da Geografia.

Como contradição à visão que estabelecemos sobre uma sociedade racional e mecânica, cuja ordem é o fundamento principal, Freud (1974) argumenta que o principal propósito da vida animal é o princípio do prazer. A ordem aparece como o diferencial entre o animal do homem e se transforma numa compulsão repetitiva para decidir onde e como as coisas devem ser efetuadas. Ela aparece como elemento fundamental à regulação do prazer de dominação dos mais fortes sobre os mais fracos, pela necessidade de racionalização econômica desse prazer a fim reter no tempo as condições de subordinação e reprodução das riquezas oriundas dessa dominação. Prazer e ordem aparecem como compulsões humanas dialéticas na obra de Freud, no entanto, o que origina a compulsão da ordem é a compulsão primeira do prazer. A ordem, de acordo com o autor, regula a propensão nata do prazer da destruição. A ordem nunca ocupou as relações humanas sem obstáculos uma vez que os “seres humanos revelam uma tendência nata para o descuido, à irregularidade e a irresponsabilidade” (FREUD, 1974, p. 51).

A felicidade humana para Freud provém do princípio de prazer, e os prazeres provêm da satisfação repentina com manifestação episódica, ou seja, advém de um estado de espontaneidade que movimentam corpo e mente para a sua satisfação. Nesse sentido, só podemos derivar prazer intenso de um contraste, e não de um estado de coisas. O prazer é a espontaneidade da ação humana em experimento, no ato da descoberta, e tem pouco a ver com o “estado das coisas”. Assim, segundo a ordem das coisas do mundo civilizado, as possibilidades de felicidade (a satisfação do prazer) são sempre restringidas.

Na visão negativa de Freud o homem civilizado é pouco propenso ao prazer, e muito mais à infelicidade. O homem é infeliz pela decadência do próprio corpo ao longo do tempo, pelo mundo externo (civilizado), que se volta contra ele, extirpando seus desejos e estabelecendo as regras de acordo com a ordem das coisas, e, finalmente, pelo relacionamento com os outros homens, que impossibilita a espontaneidade momentânea do prazer pelo próprio choque

relacional e/ou pela ordem que regra essas relações. Dessa forma, a história humana talvez seja a história de contenção da felicidade que se transformou na história da realidade.

A realidade, pelo que argumentamos, se transforma em algo externo às necessidades espontâneas do prazer humano. As obrigações da sociedade organizada são naturezas independentes do interior do “indivíduo desejanter”. Sua vida é condicionada pela dialética de participação a essa ordem externa e uma pressão interna de satisfação de desejos que, muitas vezes, não são condizentes com a vida em sociedade.

Para o autor, o que ocorre, na maioria das vezes, é uma discrepância entre o pensamento das pessoas e suas ações, movimentadas de acordo com as ordens sociais. Ocorre, assim, a coersão dos indivíduos a estabelecerem ações inseridas nas necessidades do movimento e da ordem da sociedade, o que se aproxima muito da idéia de homem-particular, na visão do cotidiano marxista, ou de ator social, na visão interacionista.

O ego, desse modo, inclui tudo: desejos internos e mundo externo. Em primeiro momento, o ego se volta para si, para o interior do indivíduo: são seus pensamentos separados das ações convenientes ao mundo externo, algo próximo aos reais sentimentos desejantes que estão contidos no id. Pelo ego o indivíduo separa de si mesmo um mundo externo (superego). O ego se transforma num vínculo íntimo entre indivíduo e mundo externo.

Por outro lado, o ego se expande para o mundo externo, buscando veículos de satisfação imediata do prazer. Isso culmina na criação de mundos próprios, com melhores condições de sensibilidade, que, muitas vezes, podem levar a condições “patológicas” ao social. Por outro lado, ele pode expandir-se canalizando seus estímulos a brechas que encontra no social, como a dedicação ao trabalho e a emergência da criatividade ou a manifestação de egos desejantes em possibilidades de relações informais no espaço social, como fundamento da formação de agregados urbanos desviantes e guetificados nas cidades.

Tomaremos no lugar de ego, o termo “eu”. Freud, pensando no “eu” como entidade que expressa a dialética entre prazer e ordem (bastante conflituosa no

interior pessoal), coloca em questão a relação do homem com a sociedade e rompe com o simplismo da estrutura social mecânica. O prazer não pode ser totalmente contido para o cumprimento dos papéis ou pela alienação prático-econômica do homem-particular. Em algum momento, o ego deverá abrir-se ao exterior e deixar fluir o núcleo individual, que consiste o id. Por outro lado, o ego pode ser sublimado a partir de tarefas possíveis na sociedade e que o indivíduo exerce com toda a dedicação.

Lefebvre (1958, p. 220) observa que a espontaneidade não pode ser vista como não-social; ela é condição do social. Na vida cotidiana, para o autor, a espontaneidade, como veículo do prazer propriamente individual, inexistente. A espontaneidade existe como elemento arraigado às possibilidades contidas no social. Isso equivale à espontaneidade do ator a cumprir um papel, e, por ele esse ator, canalizar sua energia selvagem contida no id.

No entanto, a sublimação não sacia o desejo que é inerente ao homem, que mantém uma irresistibilidade pelos “instintos perversos” e uma atração pelas coisas proibidas. A contenção do id pelo trabalho ou pelo comprometimento com o social é contínuo e desestimulante. Para manter-se revigorado, o trabalho deve conter sucessivos choques de inovação, mutação das tarefas e das metas, e eventos que possibilitem novas condições de sublimação. Em relação às condições sociais do trabalho e à tendência às tarefas rotineiras, isso se torna quase impossível, mesmo no atual momento da flexibilidade econômica. Em todos os momentos, a ordem social é incondizente com o princípio de prazer individual. Para isso, o homem não se contém e burla o social, criando possibilidades desejantes instáveis e mutantes.

Essas possibilidades acarretam a emergência do estilo individual, da criatividade e da personalidade forte que inova nos círculos sociais subliminares. Também interferem na formação de círculos sociais desviantes entre os inúmeros existentes nos intermeios, nas brechas e nas obscuridades subterrâneas do espaço social. Por outro lado, no caso extremo, o homem-desejante pode desvincular-se totalmente de sua particularidade, isola-se patologicamente e criar

uma condição de perversão extrema e totalmente aquém das condições sociais: torna-se um louco ou um psicopata.

Como vimos, o “eu” encontra a sociedade e já não é mais “eu”, mas “mim” (MEAD apud HOLLAND, 1979), e por esse “mim” cumpre papéis que estabelecem, além de suas atitudes, inclusive suas formas de pensar. De acordo como o autor, a condição do “mim” advém do trabalho de interação do “eu” com o “outro generalizado”, ou seja, os determinantes institucionais da sociedade.

Porém, em substituição ao “outro generalizado”, Mills (apud HOLLAND, 1979, p. 113) propõe a noção de “outros significativos”, que se aproxima da idéia de círculos sociais (KELLY apud HOLLAND, 1979, p. 130), que acaba tornando mais flexível a análise das ações sociais, uma vez que a “estrutura” é substituída pela análise interacional da situação, assim como de perturbações existentes nela. Nosso interesse aqui são essas perturbações.

A análise dos papéis sociais de Goffmann (1986) prevê essas perturbações a partir da idéia de decoro. O decoro é a falha no desempenho dos papéis sociais, porém é mais do que isso, é a evidência da tendência humana à imprecisão e à irregularidade. O próprio Goffmann (apud HOLLAND, 1979, p. 115) prevê um distanciamento do papel no ato da interação, ou seja, a evidência de um estilo pessoal que acaba abarcando a complexidade de papéis que o homem exerce. Não podemos distanciar-nos da complexidade que somos, tornando puro o desempenho dos papéis. Somos repletos de papéis a desenvolver quanto às exigências sociais, assim como somos também munidos de instrumentos desejantes internos que são canalizados para o desempenho desses papéis. Assim, a criatividade individual emerge nas interações sociais.

Holland (1979) chama atenção ao processo de socialização que consiste num caminho que transcende o id e o ego, passando do mim e das exigências sociais que constituem o superego. Nesse caminho, podemos ver o indivíduo abarcado por todas essas instâncias que transcendem o papel racional. Na situação, ao mesmo tempo, o indivíduo é id, ego, mim e superego.

Kelly (apud HOLLAND, 1979, p. 103) verifica que a teoria do papel social encontra três principais perspectivas: a perspectiva econômica, centrada nos

outros para desenvolvimento do trabalho; a perspectiva da representação, de cunho ideológico e da norma institucional; e a perspectiva da reunião de homens empáticos e questionadores que buscam a compreensão do social. A primeira já denota uma instabilidade, pois os fenômenos econômicos capitalistas já são condicionados pela flexibilidade na busca de geração do lucro, mas a terceira abre inúmeras possibilidades de questionamento e de contestação das condições naturalizadas das situações sociais. Nesse sentido, também está presente na teoria do papel social a relação entre os potenciais criativos humanos e as exigências da sociedade que procura sua reprodução. A essa crítica se abrem fluxos de possibilidades de interações informais e ilícitas ao social, que tornam emergentes o indivíduo desejante e a canalização dos prazeres do id. Tais “formas-conteúdo” de interação social amenizam o sentimento de culpa daqueles que não encontram no social suas possibilidades de felicidades plenas e, em reunião mútua, formam micro-realidades nos quais a espontaneidade e os desejos íntimos podem ser expressos.

Assim sendo, o eu (ego) apresenta-se pela condição dialética entre desejo/espontaneidade e ordem/função/moral, representativas, respectivamente, do id e do superego freudiano. Na visão psicanalítica, devido às pressões sociais exercidas no indivíduo, desde a infância, o ego, esse misto de desejo e determinantes sociais, é idealizado, sendo sobrepujado pelas condições que fundam o ator social. A idealização do ego representa grande parte dos problemas individuais, e a insuficiência de felicidade que ele apresenta constitui uma das maiores batalhas do homem desde os fundamentos da modernidade. No entanto, uma das grandes contribuições de Freud, apesar do negativismo psicanalítico, é justamente verificar a existência dessa batalha e explicitar que a civilização e que a modernidade talvez constituam dois dos grandes problemas da humanidade. Os fundamentos conceituais freudianos produzem a idéia de um ego oprimido que busca sua emancipação.

Tal busca pode implicar patologias psicológicas e desvios sociais ou então os diversos mecanismos de sublimação das energias humanas, nos quais as tramas sociais, principalmente de ordem econômica, aproveitam esses benefícios

instintivos e criativos e os canalizam como novas formas de trabalho e reprodução do capital pelo consumo (de identidades e culturas envolvidas com mercadorias). A própria “evolução” da sociedade está imbricada nessa dinâmica.

Talvez o ego nunca tenha sido totalmente reprimido e/ou idealizado. Sabemos da existência das figuras dos loucos, dos perversos, dos mal-feitores, dos ladrões, dos degradados, dos corruptos, entre outras figuras repugnadas pela sociedade, cujas formas de exteriorização do ego, em contradição com a ordem social, ocasionam as “necessárias” patologias sociais balizadoras do “normal” e do “anormal”. Dizemos necessárias, pois se constituem como discursos de “identidades” negativas que oportunizam exemplos explícitos nos quais se corrompem a ordem social e a integridade de todos: reiterando o feio, o louco, a bruxa, a prostituta, entre outros. São necessárias para identificarem o que estava/era “errado” e indigno dos benefícios de viver-se em sociedade.

Por outro lado, muitos desses loucos e perversos unem-se em outras tramas que impõem obstáculos às rígidas condições sociais e possibilitam a emergência de outras condições de interação que se aproximam da diversidade de afetividades humanas. A partir daí, diferentes processos de sublimação das identidades desviantes vão organizando-se para fazerem canalizar energias transformadoras mais proveitosas para os interesses de poderes políticos e econômicos que instituem o social.

Talvez isso seja um dos fundamentos da dinâmica da sociedade e a evidência de sua fluidez. Daí a expressão de inúmeras figuras transformadoras do social, como escritores, filósofos, educadores, líderes locais, artistas, entre outros, que não somente canalizam suas energias vitais a formação de novas concepções, mas abarcam os anseios de inúmeros outros anônimos diante da rigidez social.

Assim apresenta-se a condição da sociedade: como dialética entre rigidez e fluidez, como “magma” que, ao mesmo tempo que “escorre”, vai cristalizando-se parcialmente, por suas bordas, por seu meio, até que se transforma em rocha. Então vem a erosão, que acaba tornando fluida a rocha, que em algum momento forma outra, e assim por diante.

Os egos, então, seja pela patologia, seja pela sublimação, seja por outras condições diversas, emergem e acabam transformando o social. Assim surgem os sujeitos, conforme Touraine (1994), como aqueles que não se comportam conforme os papéis sociais rígidos do ator social - mas que questionam e modificam a sociedade, mesmo que num pequeno ato inexpressivo do cotidiano - nem de um grande autor de uma grande obra que se dissemina por toda a parte.

O sujeito é condição da autenticidade do ego, como a ligação entre a auto-estimulação erótica em Narciso e o encontro com a natureza em Orfeu, que questiona a sociedade como entidade racional/funcional externa a si. Esse sujeito, tentando compreender a sociedade, age e produz obras que fazem emergir sua individualidade. O sujeito canaliza um processo de individuação que se sobrepõe à condição de homem-particular, mas nunca consegue estabelecer-se totalmente na condição de indivíduo. Isso porque está presente em sua condição a própria pressão e a rigidez da sociedade que o abarca.

Podemos falar em sujeitos sociais, no plural, pois não são entidades fixas, mas condições individuais e coletivas fluidas diversas, que não representam um “meio” entre o que é social e o que não é (expressão dos desejos intimistas e das energias instintivas humanas), mas talvez vários “patamares” ou “posições” instáveis no processo de individuação. Essas posições variadas são condições múltiplas - como vemos em Latour (1994) - e não estáticas - dos pólos natureza e sociedade. Daí a própria crítica ao conceito de sujeito.

Os sujeitos são múltiplos e não são condições “meio” entre natureza (desejos humanos) e sociedade (racionalização das identidades corretas dos papéis sociais), mas diversidades fluidas de indivíduos e/ou coletividades que buscam suas individuações e travam – ora com muitos ganhos, ora com muitas perdas - cotidianas lutas para fazerem valer suas falas. Para aqueles que as ganham, há a crítica sobre as transformações que causam: por um lado, podem ser ocorrências radicais transformadoras; por outro, são transformações necessárias “aproveitadas” pela manutenção da ordem dos poderes essenciais.

Assim, ocorre a crítica às revoluções, pois ainda, talvez, nenhum processo tenha sido totalmente revolucionário. Talvez tenham ocorrido muitas revoluções

verdadeiras que se perderam na complexidade do cotidiano. Em suas emergências, elas sempre acabam atingindo algum ponto máximo e se esgotam, até que convirjam oprimidas pela rigidez das normas e das formas sociais.

Todos passamos por “pequenas-grandes revoluções” em nossas vidas e na vida de nossos parceiros afetivos. Tais revoluções vão construindo-nos como sujeitos que acabam esgotando-se no passar do tempo. Lembramos dessas micro-revoluções pelo caráter comunitário e afetivo que representam passagens de nossas existências. Talvez a nostalgia seja a representação da pobreza existencial do homem-particular e de seus anseios de mudança. Talvez a nostalgia seja a evidência da sublimação do desejo de mudança que um dia aflorou, mas que foi sublimado pelas exigências sociais que abarcamos, com sucesso ou não.

Foucault (1993) denuncia a modernidade como condição da organização da sociedade disciplinar representativa das complexas tramas cotidianas de poder que vigiam e reprimem os indivíduos, colocando numa posição “aquém” caracterizada pelo ator social ou pelo homem-particular. As idéias e referenciais modernos de igualdade, liberdade e fraternidade vão se esgotando-se em vista da extrema desigualdade existente e da incapacidade de todos atingirem e conseguirem se inserir-se nos projetos de abundância e felicidade tão prometidas pelos discursos de progresso e desenvolvimento.

Vallerstein (1995) verifica que a modernidade promoveu incriveis danos humanos e ambientais e que ela instalou desigualdades que foram não só econômicas, mas também verificadas na interseção entre economia e cultura dos diferentes grupos humanos. A democracia, então, foi vista como maquiagem, desde os escritos de Marx e a emergência do movimento operário, em que se inicia o resgate do comunismo contra a ilusão do reformismo racional imposto pelo liberalismo.

Por outro lado, Touraine (1994) aponta contradições inseridas no desenvolvimento da modernidade que tendem mais a desagregar que a organizar uma ordem racional. No desenvolvimento das nações modernas, se travou um embate contra as tradições, os costumes e os privilégios em favor da lei e da



razão para obtenção de um espaço nacional integrado. Porém, esse fenômeno se instaurou mais por uma ação modernizadora do que pela modernidade propriamente dita. A modernização irá mobilizar recursos particulares e locais, tentando articula-los no universal.

Ora, a partir disso, conforme Le Goff (apud HAESBAERT, 2002), podemos verificar vários tipos de modernização, produtos da imbricação de realidades locais com verticalidades transformadoras, tendo como conseqüências outros resultados que não somente a organização racional da sociedade, mas nos quais estão envolvidos fatores locais que acabam impregnando o universal, ou seja, permutando e misturando tradições e costumes locais na ordem moderna global.

Por outro lado, os processos de modernização vão vincular-se à ação da empresa capitalista. E, no interior desses processos, vê-se a luta de classes que se amplia, diferenciando o sistema social moderno. Contradições se inserem no mundo do trabalho capitalista. A alienação é denunciada, e movimentos emergem, discutindo as condições humanas e a repressão inseridas no modo de produção capitalista.

De encontro a isso, Touraine (1994) observa o papel das estratégias da empresa divergindo, muitas vezes, às regras gerais de racionalização na produção de um mundo complexo e contraditório, cujo processo se estabelece mais pela instabilidade e pelas transformações do que pela ordem e pela continuidade. O modo de acumulação flexível<sup>163</sup> torna ambígua<sup>164</sup> a necessidade dos processos de vigilância e repressão e preza muito mais a instabilidade de consumo pela promoção do desejo do que pelo regramento a condições existenciais únicas da

---

<sup>163</sup> Benko (1996) explica acumulação flexível pela flexibilidade do emprego da mão-de-obra no tecido produtivo (terceirizações, desconstrução da hierarquia da empresa e formação de equipes de trabalho), pela flexibilidade da tecnologia (enxuta, uso de novos materiais, móvel e de uso simples), pela internacionalização da produção (constituindo um mosaico de territórios distantes e ligados em rede) e pelo capitalismo financeiro comandando a economia.

<sup>164</sup> As atividades de divulgação e publicidade capitalista vão muitas vezes divergir dos rígidos padrões morais contidos na sociedade disciplinar, assim como possibilitam novos espaços de consumo a para uma diversidade cada vez maior de sujeitos que antes eram discriminados e tidos como desviantes sociais. A escola, por exemplo, torna-se inclusive muito repudiada por alguns discursos contidos na propaganda, no cinema e nas formas de divulgação de certas culturas juvenis, assim como os próprios discursos relativos ao desempenho social, que não mais prezam o trabalho como construtor de uma vida instável, nem os regramentos morais e práticos para consegui-la, mas o lazer, o não-trabalho e o desejo possível de ser revelado e saciado.

sociedade de massa e padronização das técnicas e processos inerentes ao fordismo<sup>165</sup>. Múltiplos meios produtivos e uma diversidade imensa de demandas são valorizadas tornando ainda mais complexos os processos sociais.

A respeito do consumo, a frenética busca por lucratividade da empresa, aliada ao avanço das tecnologias de comunicação e das atividades de marketing e propaganda, que se tornam globalizadas em virtude da disseminação da televisão, vão ocupar-se mais com a promoção do gosto, com estímulos sedutores, incentivando o narcisismo e o prazer, do que com o controle da libido, o que seria condição de uma sociedade regrada e homogênea.

O consumo promove o “bando” e a diferença e afastando-se das massas e dos projetos de homogeneização social. Inseridas em um campo de conflito ideológico, entre possibilidades contidas nos veios de expansão consumista e forças contestatórias autênticas que criticam relações disciplinares e de controle moral, emergem as alteridades e disseminam-se seus núcleos de libertação restrita. Em meio à desordem do consumo e às contestações sobre a repressão cotidiana, a emergência das alteridades torna o espaço social palco da multiplicação das identidades e mecanismo de segregação, nos quais ainda agem, de forma dialética, a repressão e a liberdade de expressão.

A substituição da idéia de modernidade pela idéia de modernização, conforme Touraine (1994), alavanca múltiplos processos permeados por múltiplas contradições e embates cujos resultados levam à produção de inúmeras realidades. Podemos entender a idéia de modernização pela perspectiva da rede, ou seja, redes de modernização que constituem verticalidades que procuram instaurar a ordenação e a racionalização das condições sociais locais.

As redes de modernização são, ao mesmo tempo, concretas e abstratas. Elas produzem a materialidade, as ações e conduzem os pensamentos sociais. Tais redes organizam, desorganizam, tornando a organizar o espaço social como

---

<sup>165</sup> A economia flexível vem contrapor o fordismo. Para Lipietz (1989), o fordismo implica a rigidez na produção e consumo, significando a organização hierárquica e em departamentos especializados da “linha de montagem”, na organização da mão-de-obra, e a produção e consumo em massa, ao contrário da produção *just in time* da acumulação flexível. O sistema fordista, para o autor, implica também a regulação dos agentes privados. Essa regulação repercute na relação detentores dos meios-de-produção e mão-de-obra, inserindo as questões dos direitos trabalhistas.

forças planejadoras e como produção de objetividades e saberes que condicionam um conjunto de formas arquitetônicas e as ações dos atores sociais. Elas estão contidas na ação planejadora do Estado e em seus projetos de reformismo racional, assim como na ação estratégica da empresa, de acordo com a lógica rígida de seus interesses.

As redes de modernização, de acordo com Musso (2004), apresentam uma lógica da estruturação e da disposição das coisas, assim como um sistema de ligação/circulação entre elas. A rede vai ser o elemento que organiza a “fumaça”/desordem, da natureza ou do social, cristalizando-a em uma “ordem” das coisas. Nesse sentido, a rede torna-se “um operador para a ação” (MUSSO, 2004), ou seja, a rede significa um conjunto complexo de instrumentos de poder de uma racionalidade que organiza o caos “esfumaçado” das coisas no mundo em uma rigidez “cristalizada” e estrutural, mas, ao mesmo tempo, propõe e organiza caminhos de ligação e de fluidez que retoma a noção de fumaça presente na ordem/desordem dessas coisas. A rede, dessa forma, instala o real, como entendimento da estrutura, da disposição e da ordem dos fenômenos que constituem a própria realidade.

Por outro lado, inserido na idéia de modernização, evidenciamos o choque entre essa “fumaça” (caos, instabilidade, incoerência), que constitui o contexto social, e a ação rígida e a necessidade de cristalização da ordem da rede. Nesse sentido, ao contrário de tornarem moderno, as redes evidenciam o processo dialético da modernização, ou seja, a formação de um espaço social que não é, ao mesmo tempo, nem cristal, nem fumaça, mas algo entre ordem e desordem, entre rigidez e flexibilidades, entre regra e espontaneidade. O espaço social, assim, é produto da relação e/ou conflito entre ordem e desordem inseridos nos processos de modernização.

Touraine (1994) observa que, a cada fragmento da modernidade - que, para nós, é um processo singular de modernização, entre tantos outros - traz em si simultaneamente a marca da modernidade e da sua crise. Parece que tudo, ao mesmo tempo, é moderno e antimoderno. E essa ambigüidade se apresenta contida nas lutas sociais e na resistência das identidades, que evidenciam, ao

mesmo tempo, a crise e o avanço dos determinantes modernos. No centro dessas lutas, encontra-se a evidência de uma sociedade repressiva que, ao organizar sua trama, exclui e identifica elementos dissidentes, tidos como anormais ao sistema e passíveis de cura.

Foucault (1993), observa que as redes de modernização são constituídas por corpos técnicos objetivos e por instrumentos institucionais e cotidianos de produção de saberes. Nada se cala sobre domínios contrários aos projetos sociais.

Como nos mostra o autor, em “história da sexualidade” (FOUCAULT, 1989), se intensificam os discursos para organização das condições humanas, a partir da “tagarelice” das ciências e das ações comunicantes das instituições sociais. O objetivo principal é catalogar e identificar algumas formas e ações possíveis e outras que deveriam ser separadas para a “cura”. Impregnados em diferentes contextos sociais, procedimentos e normas se instauram e constroem um cotidiano que reprime, pelas normas de comunicação e pelas técnicas condizentes, as interações entre as pessoas. Aos poucos, pelos processos de aprendizado cotidiano, o homem se transforma em um ator que encena as condições sociais, que segue um “script” e que se insere em formas e procedimentos que constituem fragmentos históricos da complexidade cristalizada do social.

Foucault (1988) observa uma multiplicidade de mecanismos de poder que compõem a complexidade dos contextos e interações mais banais. Esses mecanismos são construídos por tramas das redes que tentam consolidar ou “cristalizar” o social, dando corpo sólido à sua natureza “esfumaçada”. Por outro lado, o autor observa que essas táticas, que constituem micropoderes impregnados de estratégias universalizantes, sempre estão fadadas ao fracasso e obrigadas a recomeçar.

Talvez, por essa constatação, passamos sugerir que os mecanismos panópticos não se reproduzem com tanta facilidade, sem antes pensarmos no caráter conflituoso inserido nesse processo. Por isso, sugerimos duas “facções” de “táticas” imanentes ao conflito entre objetividade organizadora, inserida em uma

“microfísica do poder”, e “microfísicas” contestatórias daqueles que ela quer abarcar: as táticas dos fortes, carregadas de condicionamentos universalidades que tentam cristalizar o social, e as táticas dos fracos, muitas vezes silenciosas, tênues, imperceptíveis, que burlam os condicionamentos e instauram outras coisas que a dita racionalidade no entendimento das coisas e dos fenômenos desse mundo.

De Certeau (1994) nos fala dessas táticas como movimento no campo do inimigo. De acordo com o autor, o espaço social se constitui pela estratégia do lugar, condicionado pela normalidade das estruturas dominantes, mas que se torna dialético em virtude de táticas cotidianas contextualizadas, que alteram as relações e as normas, pelo desejo, pelo espontâneo, pelo calor das relações do “aqui e agora”. Os golpes táticos, que remetem à natureza dos desejos individuais e coletivos e que contradizem as normas e os condicionamentos sociais, alteram frações do espaço social e aquecem esse cristal até “derretê-lo”.<sup>166</sup> Partes “esfumacentas” aparecem e desaparecem, pululando “aqui e ali” contextos de interações informais e, muitas vezes, contrárias à normalidade do cotidiano. Outros cotidianos se tecem, ou seja, cotidianos de “meio-termo” entre aquilo que representa a formalidade das condutas, condizentes com as necessidades ditadas pelas instituições sociais formais, e aquilo que representa de mais momentâneo, mais informal, mais carnal e mais espontâneo, condizentes com os desejos e os prazeres humanos em suas relações descomprometidas e realmente livres de condicionamentos.

Nesse sentido, emerge o sujeito de Touraine (1994, p. 123),

Contra o pensamento das luzes que colocava o universal na razão e apelava para o controle das paixões através da vontade posta a serviço da lucidez, o universal emerge com Nietzsche, e depois dele com Freud, no inconsciente e sua linguagem, no desejo que derruba as barreiras da interioridade. Essa condição pode ser levada até o antimodernismo mais

---

<sup>166</sup> Os conflitos entre estratégias e táticas estão no exemplo dado sobre a organização do espaço social, que não se completa, e converge, concomitantemente, para a desordem. As táticas produziram as agregações sociais desviantes junto ao mercado do Bom Fim até 1996. Daí estratégias a desterritorializaram e mudaram a configuração e as convivências estabelecidas no local a partir de 2000. No entanto, as táticas homoeróticas, por exemplo, se reterritorializaram no interior centro Comercial Nova Olaria, reterritorializando-se novamente para o exterior e para outros bares da Rua Lima e Silva e da República a partir de 2006.

extremado; mas ela é também a condição de criação de um sujeito que não seja nem Ego individual, nem o si-mesmo (self) construído pela sociedade; um sujeito que se definisse pela relação a si-mesmo e não as normas culturais institucionalizadas, mas que não pode existir, a menos que se descubra o caminho que leva do Id ao Eu, caminho que deve contornar o Ego identificado com a razão. (TOURAINÉ, 1994, p. 123)

Citando Nietzsche, Touraine critica as “Luzes” como meios de efetivar o universal pela razão, para controle das paixões e formação da lucidez racional do ator social. Sua crítica centra-se na luta entre desejo e *self* (construções sociais para si ou papéis sociais), que se torna coletiva e produz o sujeito, como valorização do entendimento e da ação “de” e “para si mesmo” (a noção de “ego ideal”, além do “ideal de ego” visto em Freud) e não às normas culturais institucionalizadas. De acordo com Touraine (1994, p. 124),

[...] o tema do Sujeito não é mais a procura de um fundamento metassocial da ordem social, um novo nome dado a Um, a Deus, à razão ou à história, mas completamente ao contrário, um movimento social, o ato de defesa dos dominados contra os dominantes que se identificam com suas obras e seus desejos.

O capitalismo produz duas grandes situações que abarcam o indivíduo: por um lado, ocorre o mercado, no qual se operam múltiplas contradições e a emergência de diferenças sociais, que lutam pela inserção contra a exclusão em quanto às possibilidades de consumo, e a lei, que se opera pela adaptação individual ao mundo social pela repressão. Nessa sociedade existem duas oposições, conforme Touraine (pp. 128 e 129): de um lado, os burgueses, conduzidos pelo desejo, e, de outro, os operários, conduzidos pela disciplina. Por outro lado, ocorrem também a vida pública, dominada pela concorrência e pelo dinheiro, e a vida privada, na qual se impõe a subordinação às leis, regras e convenções.

Na vida privada cotidiana, cujo centro repressor é a família, se exerce a lei e se produz a culpabilidade, que nasce da resistência do desejo à lei. É na vida privada que as convenções repressoras pesam e condicionam a formação do ator social. As regras de comportamento e o fundamento de identidades condizentes com a necessária inserção na sociedade reprimem os desejos e instauram à

racionalidade e a lucidez do ser. A culpa pelo desejo proibido conduz a inevitabilidade de encenação dos papéis sociais.

Por outro lado, ao mundo consumista determinado pelo valor de troca, na publicidade das relações capitalistas, o desejo é possibilitado como elemento que movimenta a reprodução do capital. O desejo, como produtor de valor, funda uma sociedade contraditória formada por múltiplos fragmentos “desejantes”. Em essência, vemos três importantes condições que se imbricam de forma conflituosa: por um lado, uma totalidade social e territorial na qual existem normas objetivadas e que foram cultivadas nas relações privadas da família; por outro lado, uma infinidade de nichos pelos quais o desejo emerge, como fragmentos ligados a uma totalidade de consumo capitalista. A terceira grande condição refere-se aos “aglomerados de exclusão” (HAESBAERT, 2002) ao sistema de desejos consumistas burgueses, caracterizados como outros mundos marginais ao racionalismo da sociedade e ao sistema “desejante” do capitalismo. Os aglomerados de exclusão podem constituir elementos revolucionários, mas, ao mesmo tempo, são muito passíveis de manobra política, assistencialismo e clientelismo, assim como podem, facilmente, tornar-se agentes de violência momentânea, desesperados pelo desejo de consumo e não pela ação de transformação social.

Três mundos: o mundo das regras, o mundo do desejo de consumo e o mundo da exclusão total. Produzem as contradições do espaço social, articulando-se e se (des)organizando em contextos diversos. Os lugares sociais são produtos da dialética da relação entre esses mundos, estando presentes na subjetividade dos indivíduos e na objetividade de suas ações coletivas e individuais. Devido a essas condições é que não podemos pensar em uma modernidade racional e organizadora, mas sim sobre múltiplos processos de modernização, que fundam produtos e outros processos totalmente dialéticos e contraditórios desde a idéia inicial proposta pelas luzes.

Para Touraine (1994), é desses contextos que emergem os sujeitos, como resultados da relação entre desejo, natureza, sexualidade, pulsão e personalidade, de um lado, e da interiorização das regras da razão universal, de

outro. Como no pensamento de Freud, o qual argumenta que o sujeito não é produto da inflamação do “ego”, coisa que pode ser relacionada ao narcisismo do consumo; portanto, ligado à sublimação das possibilidades de questionamento social e econômico (no caso da crítica ao capitalismo), mas da relação entre “id” e “superego”, na qual esse sujeito não é mais um representante interiorizado da lei, mas sim um instrumento de libertação das exigências sociais, tanto em relação à racionalidade como em relação ao desejo de consumo.

O sujeito questiona a presença dialética daqueles três mundos, e emerge como representante ativo do contexto social, pelo qual age, procurando condições de existência mais justas e inserção nos processos e tomadas de decisões sociais. O sujeito, no contexto da modernização, se torna, assim, movimento político das diferenças como produtos diversos da existência dialética entre o mundo da razão e das regras sociais, mundo do desejo de consumo e mundo dos excluídos.

O sujeito é a transformação do ator social. Mesmo assim, é inseparável da condição de ator social. A partir da repressão do ator social e de seu sofrimento em relação aos sentimentos de culpa, que podem estabelecer os caminhos da sublimação, do tédio e da alienação, a vida aos poucos vai resistindo no indivíduo. O ator, aos poucos, deixa de exorcizar a libido e a valoriza como elemento para a construção de sua unidade e como força latente de transformação social. “O indivíduo não é senão a unidade particular onde se misturam vida e pensamento, a experiência e a consciência” [...] “por que o ator não é aquele que age em conformidade com o lugar que ocupa na organização social, mas aquele que modifica o meio ambiente material e, sobretudo social no qual está colocado, modificando a divisão de trabalho, as formas de decisão, as relações de dominação ou as orientações culturais” (TOURAINÉ, 1994, p. 220-221).



### **5.5. A DIALÉTICA DO SUJEITO E AS TERRITORIALIZAÇÕES NO ESPAÇO SOCIAL**

Pelo que argumentamos até agora, observamos a natureza ambígua do sujeito, e isso implica a busca de entendimento da realidade social pelo método dialético, em que

[...] tudo é contraditório; todo pensamento avança graças às contradições que contém, examina e supera; e não vê que se contradiz a si mesmo, que seu sistema fechado, estancado, acabado, como se fosse um balanço final do homem, deve explodir, avançar, ser superado! (HEGEL apud LEFEBVRE, 1983, p. 173).

O mundo está em movimento como realidade dinâmica e as transformações ocorrem, contradizendo definições que tentam perdurar. Com relação a isso, o autor atento à noção de identidade, critica sua definição tautológica e vazia de que “ $A=A$ ”. A determinação do pensamento lógico, afirmado pela racionalidade matemática e legitimado pelas instituições sociais, que se encarregam do aprendizado, força a qualidade rígida que naturaliza e afirma a estanque identidade restrita das coisas. Isso acaba criando, de forma abstrata, um mundo imóvel e cristalizado, ou um “mundo dos sólidos com arestas definitivas em que nosso pensamento seria um pensamento que recorta e fragmenta, “mas o mundo parece imóvel por que se deseja que ele seja imóvel” e, por isso, são forçadas justificativas sobre as “aparências e legitimam-se os momentos do pensamento, buscando o ‘grão da verdade’ do erro relativo” (BERGSON apud LEFEBVRE, 1983, p. 182).

Portanto, nada é absolutamente estável e, em movimento, os fenômenos revelam o caráter contraditório da realidade. No entanto, a razão força a identificação das coisas reais pela definição da verdade de que “ $A=A$ ”, assim criando e escondendo a complexidade da realidade por essa abstração. Além disso, força também pólos contrários e procura simplificar a diversidade das coisas pela noção simplista de diferença em que “ $A \neq B$ ”. Quanto a esses procedimentos, existe um esforço racional de se fazerem encaixar a qualidade dos fenômenos em

identificações, sentenças verdadeiras e polarizações pobres que procuram, principalmente, de forma autoritária, apreender os desvios e as exceções como eventos minoritários passíveis de correção. Como conseqüências disso, segundo Lefebvre (1983), foi a cisão entre humanismo abstrato (razão) e real humano (vida) que, por seu caráter estanque e repressor da diversidade, trouxe uma “rebelião das paixões, dos indivíduos e das massas cegas contra a razão vazia”.

A isso se relaciona, como já se apontou anteriormente, a crise da modernidade, como estruturas de identidade e de classificação racional e estanque das coisas, e a atenção ao “devir” da modernização, como aspecto da modernidade e de suas contradições, verificado pelo movimento e fluidez dos produtos das lutas entre lei (identidade e razão) e desejo (vida e espontaneidade). Forma-se, então, o sujeito cuja sua condição essencial é o “devir”, ou seja, um estado intermediário entre o “ser” e o “nada” racional, ou seja, “o que é” e “o que não é” e, também, “o que vai ser” e “o que foi”, “o que é determinado para esse” e “nesse mundo”, assim como “o que não deveria ser para esse” e “nesse mundo”.

O sujeito é a tendência para algo, assim com algo que é e que fica. Ele é a transição interrompida do indivíduo para a condição de ator. Nesse sentido, ele é “aquém” e “além” da condição de ator. “Aquém” ao sentido social ordenativo, que clama pelo ator, e “além” no sentido da emergência da diversidade reprimida (“o retorno do reprimido”), que busca intervir, seja pela forma de movimento social organizado, seja por simples táticas “desviacionistas” de grupos informais cotidianos. Na “condição de sujeito”, se observam, ao mesmo tempo, a luta pela inserção nas condições sociais e a prevalência da autenticidade do “eu desejante” individual e intersubjetivo.<sup>167</sup>

Touraine (1994) verifica no sujeito um estado de imbricação entre id e superego, que acaba estabelecendo a crítica da ordem das coisas. O sujeito é a

---

<sup>167</sup> Na seção 2 observamos a construção do sujeito homossexual. Ao mesmo tempo que é uma condição que se origina pelo repúdio social, ela acaba convergindo para a sociedade como uma alteridade criada por identificações feitas pelo desenvolvimento do tema estabelecido pela medicina e pela literatura do início do final do século XIX e início do século XX. O sujeito homossexual é produto dessa identidade que, ao mesmo tempo contem o que é convergente e divergente da sociedade, como uma posição meio-termo de uma alteridade que existe, mas não é completamente aceita, embora apresente disposições de pertencimento a essa sociedade de direito.

dialética entre ser (*self*) e não-ser que se encaminha para a emergência do eu, que não significa a formação de um ideal do ego, mas um eu coletivo e político, comprometido com o outro e com ênfase a crítica social. Esse “eu-sujeito” é dialético, pois contém tanto o mundo de desejo de consumo como o mundo da razão e das regras, além da clareza quanto às condições que o oprimem e o excluem. Isso funda a ênfase no devir da libertação. A libertação também é “devir”, que ainda não é liberdade incondicional como uma libertação completa do “id”, mas um estado fluído de libertação, travado no conflito e na ação política do dia-a-dia.

O sujeito é atuante pelo/no lugar que o oprime e que, assim, estabelece as margens possíveis ao devir de sua libertação. É no lugar, construído pelas estratégias opressoras, que o sujeito desenvolve suas táticas como um movimento no campo inimigo, como muito bem nos argumenta De Certeau (1994). É no lugar cotidiano que se interpenetram as redes de condicionamentos opressores que organizam a banalidade das relações sociais expressas, principalmente, pelos pólos identificatórios racionalizados dos modelos “A=A” e “A≠B”. Esse modelo funda o pensamento lógico baseado na classificação estereotipada das coisas banais e é legitimado pelo aprendizado produzido pelas instituições sociais. Por outro lado, é também no lugar cotidiano que táticas alteram essas identificações e produzem outras racionalidades mais próximas da espontaneidade individual e coletiva, nos quais emergem um pulular de contextos interativos do “aqui e agora”, firmadas pelo simples prazer de “estar-junto”, pela sexualidade e pela livre expressão estética sem propósitos racionais e funcionais. Essa espontaneidade coletiva remete a mundos “imaginados” e “irracionais” nos quais a beleza das coisas é a contemplada por sua forma pura, desprovida de função e de sentido lógico. Embora esses contextos interativos ainda não estejam livres de culpa, eles persistem, em virtude da incapacidade moderna de sobrepor a uma única racionalidade - tida como um conjunto de verdades absolutas – uma realidade em que convivem tantas indefinições, instabilidades e ambigüidades que compõem e natureza humana e o caráter “quente” (espontâneo, afetivo, sexual) de suas relações próximas.

Como vimos, a modernização se constitui como redes que ativam pontos que se conectam em linhas: pontos e linhas materiais, mas também instituições sociais que agem para a integração da diversidade, principalmente pela instalação das regras e dos saberes necessário a ordenação do cotidiano. Os processos de cristalização das redes chocam-se na condição fluida que constitui a “fumaça” das horizontalidades (locais). Toda rede de modernização traz consigo objetos e valores verticais, que expressam as normas dos poderes repressores. Essas redes desenvolvem os procedimentos cotidianos, os sistemas de vigilância e os saberes (FOUCAULT, 1993) que vão engessando o sistema social e produzindo o indivíduo como ator alienado de suas reais condições. Porém nessas redes, e em cada ponto ativado e conectado, se evidencia a luta entre desejo e regra, entre normalização e espontaneidade, entre valores universais e sensações produzidas pelo contato “aqui e agora”. Tais redes “normatizadoras” nunca conseguiram dar corpo sólido aos lugares, assim como tais lugares nunca se produziram como totalidades estratégicas de poderes e condições universais.

Concomitante a isso, muitas espontaneidades podem aproveitar o fluxo de ligação dessas redes e impregnar-se como um vírus que a perturba e que a contamina por valores constituídos pelos próprios locais que se queria dominar. Assim, contextos específicos fundam singularidades materiais e relacionais nos quais se estabelece a dialética entre ordem e desvio na modernidade (COSTA, 2005a). É nessa perspectiva que se pode ver a cidade atual, ou seja, um conjunto de construções fundadas em redes de modernização, mas que, por outro lado, também se caracterizava por uma diversidade de microcontextos nos quais as relações, os valores e a produção material não implicam em rígidas formas/conteúdos surgidas pela operação de interações, funções e objetos imersos numa universalidade urbana identificada pela ordem racional. A cidade hoje se apresenta como uma diversidade de microcontextos relacionais que ora respeitam as condições impostas como normais e como necessárias ao bom funcionamento da sociedade e ora divergem dela.

Esses contextos, Velho (2004) identifica-os como “pockets of social relations”, para os quais convergem indivíduos que, reprimidos em seus desejos e

incapazes de cumprir projetos sociais “normais”, agregam-se, buscando uma felicidade coletiva momentânea, fugindo da normalidade repressora do sistema. E quanto maior for a cidade, maiores em número serão seus contextos cujos agregados sociais não remetem nem à norma, nem a desvios sociais, mas a condições microterritoriais singularizadas pela qualidade do conflito entre desvio e norma. Isso produz a diferença que pode remeter à formação do sujeito social. São microterritorializações urbanas: produtos da dialética entre ordem e desvio na modernidade (COSTA, 2005b), uma vez que territorializam, em pequenos lugares do espaço urbano, essa contradição dialética.

Por outro lado, esses “mundos imaginados” vão ser abarcados pelas relações de troca da sociedade capitalista, que, principalmente na última década do século XX, se referem às alteridades culturais para instaurar sua dinâmica flutuante e variável. As autenticidades desejanças, de tanto reprimidas pela funcionalidade das instituições e dos papéis sociais, acabam convergindo à desordem de consumo pela atenção ao prazer. Mundos imaginados culminam para a felicidade sem propósitos racionais, mas que podem ser abarcados pelas relações de troca e de consumo capitalista. Pelo viés do mercado, essas imaginações acabam sendo exploradas pelas inovações de consumo. Aliás, cada mercadoria atenta para uma cultura imaginada<sup>168</sup> que acaba sendo explorada pela propaganda e pelos meios de comunicação em massa.

As culturas, antes imaginações locais como fugas à racionalidade/funcionalidade/moralidade local, acabam sendo vistas como “nichos de mercado” ou inovações consumidoras, estratégias do capitalismo, e são extravasadas dos lugares, constituindo verticalidades que atingem a escala mundial. E saindo dos lugares e atingindo a escala global pelos mecanismos de comunicação, elas voltam a outros lugares e formam um mercado dialeticamente

---

<sup>168</sup> As propagandas, os programas televisivos, os filmes e as novelas exploram muito as culturas juvenis, principalmente mostrando saúde, beleza e uma diversidade de condições estéticas que elas podem expressar. Por outro lado, outras culturas, a cada dia, vêm fazer parte dessa diversidade, como, por exemplo, produtos com incremento estético de culturas regionais, assim como outras que escapam à cultura juvenil, como, por exemplo, a atenção a outras faixas etárias, a exploração de algumas estéticas de profissionais urbanos, as transposições com outras culturas nacionais exteriores, entre outros.

fragmentado e globalizado que abarca contextos diversos, mas ligados a redes de globalização de consumo.

Pela propaganda, esses mundos imaginados divulgam possibilidades de obtenção de prazer que exigem múltiplos esforços individuais que devem atender a essas múltiplas demandas de felicidade. Nesse sentido, esses mundos imaginados na escala local tornam-se microcontextos de interação, mas na escala global atingem relações intercontinentais das redes de comunicação que os ligam de cidade em cidade.

As microterritorializações urbanas podem evidenciar formas de agregação social muito tênues e instáveis. Também podem estar longe de constituírem forças de transformação social, mas elas são núcleos de formação dos sujeitos políticos pelas vivências que eles estabelecem nesses microterritórios de interação, nos quais acumulam-se indignações e forças coletivas propensas à formação de movimentos sociais.

Impregnados pela formação de microterritorializações de agregação informal de desviantes sociais, construídas como lugares específicos cujas interações acontecem em prol dos desejos reprimidos pela sociedade, podem emergir sujeitos políticos contestadores da ordem, assim como a formação de movimentos coletivos que procuram encaminhar processos políticos transformadores da sociedade. Trata-se, por exemplo, do caso da emergência do movimento político gay, nascido e organizado nos “guetos gays” urbanos. Atualmente, a teoria *queer* vai implicar a negação a qualquer definição repressora e vai buscar a relação da alteridade sem propósitos e sob a ótica da expressão livre de sujeitos desejanter.<sup>169</sup>

---

<sup>169</sup> As representações sobre a homossexualidade criam uma condição de um sujeito homossexual, assim como discursos que os identificam (comentados na seção 2). A partir dos anos de 1960, os sujeitos homossexuais começam a lutar pela maior visualização social e por direitos iguais, fazendo emergir um movimento político que se apegava à divulgação de uma alteridade cultural diferenciada: a cultura gay (ver marco de StoneWall Inn). O lema gay, então, passa ser “assumir-se” e “sair do armário”; nesse sentido, incentivando a identificação com uma cultura gay, que apresenta a marca dos comportamentos e das estéticas encontradas nas festas dos “guetos” gays. No entanto, essa cultura gay, que se pretende unificada, é contestada após o surgimento da AIDS (TREVISAN, 2000), tornando seus atributos questionados e repudiados por muitos indivíduos homoeróticos. Longe de uma unidade cultural, as expressões ditas gays acabam sendo diversas, tornando assim necessárioS outras concepções que as expliquem, como o conceito de homoerotismo e a proposta da teoria *Queer* (conforme discutimos na seção 2).

Por esse viés, podemos compreender o espaço social como fruto das contradições do processo de modernização. Ao contrário de um espaço social ordenado, como queriam os poderes emergentes da modernidade, desde o Iluminismo à racionalidade econômica, emerge sim um espaço social contraditório, no qual múltiplos contextos específicos se produzem ora mais condizentes à racionalidade funcional e material, servindo aos interesses que instaram a universalidade de seus objetos e valores, ora totalmente discordantes e identificados com a localidade espontânea, como condição de realidades objetivas das relações “aqui e agora”. O espaço social está longe de constituir-se como um sistema de valores e de objetos integrados condizentes com uma universalidade racional, mas aproxima-se cada vez mais de uma “fumaça” impregnada de contextos interativos ou microterritorializações fundadas da dialética ordem e desvio, inseridas nos processos de modernização.

É nesses contextos que se produzem os sujeitos políticos que identificam o espaço social mais como produto do conflito e da diversidade do que pela ordem e harmonia, como se fosse um resultado da integração racional de todos os atores em prol da felicidade. Antes todos acreditavam na felicidade em longo prazo, como era prometido pelos “profetas sociais”; no entanto, a promessa transformou-se em sofrimento de muitos que agora buscam, em todo lugar, de forma espontânea, a felicidade não alcançada.

## **5.6. LATOUR E OS HÍBRIDOS**

Foucault (1988) nos fala que a grande ação da modernidade foi apreender a complexidade dos fenômenos da realidade e encurralá-los nos processos de produção de saber. Heller (1991) argumenta sobre instituições/agentes produtores (trabalho, moral, religião, política, ciência) de saberes, técnicas e funções, que vão catalogando as atividades e as condições do homem ordinário, organizando as estruturas da sociedade e seu espaço. Foucault (1988), quando trabalha a história da sexualidade, por exemplo, nos mostra que nunca houve um silêncio sobre o sexo, mas um sistema racional autoproduzido de identificações. Como condição

da evolução do pensamento racional médico, ocorreu justamente a possibilidade de falar-se muito sobre sexo, o que produziu todo o sistema de discursos que vai gerir a sexualidade.

Durante a “idade das trevas” e na passagem para a Idade Moderna, a confissão torna-se instrumento essencial aos domínios da fortaleza da Igreja Católica. Por esse instrumento forma-se os tabus morais rígidos que têm a idéia de pecado como forma de repressão a certas práticas humanas espontâneas, instaurando a culpa, o sofrimento psicológico e o castigo pelo atentado as leis de Deus.

Com a progressiva secularização da sociedade, condição da passagem para a modernidade, a racionalidade emerge como um “deus” mais tênue, que organiza formas de vigilância mais delicadas, porém muito mais abrangedoras e eficazes. Em relação ao sexo, as práticas da confissão continuam vinculadas a um sistema de aparelhagens e procedimentos médicos e sanitaristas, que criam múltiplos discursos, voltados à captação da diversidade e sua catalogação, entre pólos de sanidade e de doença, de fragilidade e de vício, de equilíbrio e de temperança.

Sistemas de vigilância objetivos, objetos técnicos médicos e seus procedimentos, por exemplo, estabelecem o corpo material necessário à organização do espaço social, assim como seus procedimentos instauraram as condições do sistema de relações da sociedade. No entanto, como já observamos em Touraine (1994), em relação a essas condições repressivas, múltiplas contradições ocorrem. Ao contrário da fundação de uma organização moderna rígida, temos, assim, processos de modernização em que seus produtos foram os mais diversos possíveis. Contrárias aos instrumentos de produção de saberes, múltiplas outras realidades são produzidas.

Na saga por catalogar e organizar os comportamentos humanos, ocorre, um esforço de se fazer encaixar a realidade na teoria. Nesses “encaixes”, tantas foram as exceções que, em vez de tornar padrões verdades universais, múltiplas possibilidades de existência são cogitadas. Assim, são exaustivos os esforços de tentar dar corpo racional à diversidade “esfumacenta” do quadro social. Isso,



porém, acaba produzindo uma contínua luta entre o que faz parte da expressão dos indivíduos como seres espontâneos e movidos por desejos e prazeres diversos e aquilo que expressam a lei e a razão abstrata e descontextualizada, as quais são inerentes aos processos imanentes das instituições modernas. Isso cria a condição e a existência de inúmeros sujeitos como indivíduos e coletividades políticas de contestação aos sistemas de coerções sociais. Emergem, dos esforços coercitivos de modernização, múltiplos fragmentos constituídos de cotidianos, de territórios e de forças políticas que tornam o social mais “fumaça” desordenada do que cristal organizado.

Para Latour (1994), as condições sociais são tão múltiplas e contrastantes que a idéia de sujeitos torna-se, então, insuficiente para dar conta de todos os processos e realidades. Para o autor, os próprios sujeitos seriam condições de racionalização e constituiriam uma mediação entre ordem e desejo, no entanto, integrados a um sistema racional e a métodos teórico-práticos que apreendem a diversidade sociopolítica em condições coercitivas que servem para reproduzir poderes hegemônicos.

Pensamos que, de algum modo, formas de poder vinculadas às necessidades de reprodução do capital acabam captando os processos de transformação social dos sujeitos e instaurando instrumentos de sublimação em prol da ordem dos sistemas dominantes. Talvez o quadro social não se estabeleça, conforme Latour (1994), pelas leis universais das coisas e os direitos imprescindíveis dos sujeitos. Essa concepção de sujeito possivelmente esteja mais próxima a uma interferência do consumo capitalista, que possibilita mais a emergência do desejo do que da ordem para a reprodução do capital.

Esses sujeitos são os vários “sujeitos burgueses” que acabam diversificando setores sociais e conduzem, aos poucos, ao dito “reformismo racional” do Estado e da Empresa em prol de seus desejos coletivos. Pela ação “desejante” dos “sujeitos burgueses”, tendo o mercado como seus aliados e adquirindo força política, são conduzidos outros processos produtores dos valores e da ordem dos objetos sociais, os quais não mais contêm padrões universais relativos a uma supra-racionalidade ordenadora, mas a outras diferentes e

distantes condições que “infestam” o quadro social de múltiplos lugares e múltiplos contextos relacionais possíveis de existência.

Por isso, ganha força a idéia de que três mundos se interpenetram na formação do sujeito:

- a) o mundo da razão abstrata: algo externo ao indivíduo que ele deve tomar como preceitos de vida;
- b) o mundo do desejo do consumo: que estabelece tenuamente a sublimação do ego, a ascensão consumista burguesa e seus poderes de alteração dos preceitos racionais
- c) o mundo das exclusões: cuja repressão não se estabelece pela culpa pela divergência de um sistema racional abrangedor, mas pela não abrangência e desinteresse desse sistema para com esse mundo. A esse sintoma alia-se a exclusão dos sistemas “desejantes” consumistas, o que acaba produzindo contextos sociais caóticos que ora estão acomodados e sem mais perspectivas, ora são produtores de vários níveis de violência, que transitam entre o que seria uma ação revolucionária transformadora e que seriam uma violência movida pela necessidade voraz de consumo; portanto, sublimada pelo narcisismo consumista.

Podemos observar essas interpenetrações a respeito do que seria a formação do sujeito homossexual (COSTA, 2002 e 2003):

- a) em primeiro momento, os desejos homoeróticos são castrados pela sociedade, em virtude dos modelos racionais impostos, principalmente de vida privada e de família. Emergem daí os pólos hetero e homossexual, contendo a normalidade e o desvio sexual, respectivamente;
- b) em segundo momento, vinculando-se a nichos de consumo, emerge talvez um sujeito gay, cujas práticas se inserem na sociedade em virtude do consumo capitalista mais vinculado ao desejo que à razão;
- c) em terceiro momento, encontramos o homossexual que, de um lado, sofre a repressão social condizente com o aspecto desviante da homossexualidade, atributo coercitivo da sociedade racional, e, de outro,

não consegue vincular seus desejos aos sistemas de desejos consumistas estabelecidos pelo mercado.

A respeito de indivíduos orientados sexualmente para o mesmo sexo, podemos verificar vários contextos psíquicos e socioterritoriais. São eles:

a) psíquicos, que envolvem:

- sofrimento: manifestado por indivíduos que sofrem pela idealização do ego e pelas condições impostas pelo superego, vinculadas às condições sociais dos meios familiares e amigáveis racionalizados pelos padrões sociais;
- consumismo: que se manifesta por indivíduos orientados para o mesmo sexo que, por sua inserção a setores burgueses, mantêm o ego sublimado pelo consumo (ego ideal narcísico vinculado ao prazer promovido pelo mercado). Eles podem exercer, mesmo que em lugares restritos, uma maior visualização social de sua condição. Esses ainda se consideram pertencentes a padrões sexuais polarizados (homossexual e heterossexual), e os reforçam estabelecendo os elementos diferenciadores e formadores de modelos de vida gay, principalmente vinculados ao consumo. Por outro lado, podem vincular-se à diversidade estética que circula nos meios de comunicação, negando a ação contestadora que talvez o movimento gay possa atingir e camuflando-se em outras estéticas que se distinguem dessa proposta, tornando-as híbridas quanto aos valores e às sensações que carregam. Por outro lado, ainda, a hibridização estética, misto de mercado e de contestação, quanto às definições repressoras, funda o movimento *queer* - como negação das definições repressoras e busca da espontaneidade sem explicação autoritária -, no qual o que importa são a mutação, o imprevisto e a espontaneidade dos sujeitos e das interações entre eles;

- exclusão: verificada pelas condições de indivíduos que apresentam seus desejos homoeróticos reprimidos em contextos vinculados a padrões rígidos (familiares e de trabalho) e também em virtude de seu poder econômico, aquém das possibilidades de inserção vinculada ao consumo destinado aos gays. Nesses podemos observar duas possibilidades manifestação:
  - a exacerbação do id inflando um ego reprimido e promovendo atitudes de “fechação” ou extravazamento daquele comportamento mais discriminado pelas condições heteronormativas (BRITZMANN, 1999) da sociedade; ou
  - a formação do sujeito como agente político vinculado à seriedade da discussão a respeito da real inserção do sujeito homoerótico na sociedade, tornando-se agente político e inserindo em grupos questionadores das imposições abstratas e racionais, assim como das possibilidades somente ligadas ao consumo e ao mercado.
- b) socioterritoriais: que envolvem a realidade na qual ocorre a territorialização das interações sociais vinculadas as práticas homoeróticas, remetendo também aos contextos psíquicos:
  - sofrimento e depressão: enxergamos o indivíduo homossexual excluído de possibilidades de inserção social, encontrando, em lugares específicos, ou microterritórios de encontros homoeróticos, o sexo rápido que satisfaça seus desejos. Seus desejos encontram-se desterritorializados no espaço social, condição estratégica que reproduz a sociedade heterossexual; porém, em momentos específicos, encontra brechas nas quais, juntamente com outros, pode territorializar (efetivar em encontros “aqui e agora”) esses desejos. As confusões mentais entre determinantes de padrões de sexualidade da sociedade e a espontaneidade homoerótica individual emergem conjuntamente

as necessidades de auto-promoção perante o cotidiano competitivo, causando possíveis momentos depressivos em relação à sexualidade que talvez possa indicar um elemento depreciativo pessoal;

- consumismo: encontramos vários níveis socioterritoriais nos quais podemos observar diversos contextos de sublimação do ego e dos desejos homoeróticos pelas possibilidades colocadas pelo consumo. Apresentam-se aqui as “comunidades-cabides” (BAUMANN, 2003; COSTA, 2005), que são contextos territoriais que proporcionam liberdade restrita a relações tidas como desviantes dos padrões sociais, mas que, ao mesmo tempo, se inserem em outros novos padrões aceitos, pois estão sendo divulgados pela sociedade de consumo ou mercado gay (PARKER, 2002). Aqui encontramos a idéia de “gueto gay”, mas diversificado pela maior ou menor visualização social ou abertura quanto ao exterior, e uma infinidade de microterritórios de agregação homoerótica, constituindo lugares semiprivados ou semipúblicos nos quais a agregação proporciona o consumo e a reprodução do capital. Por um lado podemos encontrar microterritórios restritos aos encontros gays nos quais se exige um comportamento de definição identitária de seus elementos (“sair do armário”); por outro lado, também podem ser encontrados contextos de hibridização estética, em que desejos homoeróticos e alguns atributos da cultura gay misturam-se com outras sensações estéticas vistas e divulgadas pelos meios de comunicação. Indivíduos homoeróticos tornam-se híbridos culturais, sendo seus atributos gays de difícil identificação. Muitos desses híbridos acabam não aceitando qualquer preceito identificador, sabendo que as identificações acabam por classificar os comportamentos humanos de forma autoritária (teoria *Queer*);

- exclusão: aqui podemos encontrar ações “fechativas” perdidas no meio do social repressor, muitas vezes como desabafos psicológicos. Também podemos encontrar agregações informais que se apropriam de lugares públicos, seja para saciar rapidamente desejos reprimidos, seja como condição do “estar-junto” por si só, “aqui e agora”, no sentido de encontrar os iguais que também sofrem pela exclusão social, relacionada à sociedade heterossexual, ou pela exclusão do próprio meio homoerótico burguês, vinculado à sociedade como nicho de consumo. Por outro lado, encontramos aqui agregações de discussão política sobre a sociedade e a condição homossexual relacionada a ela, fazendo emergir locais de ação política preocupados com as questões sociais que envolvem os homossexuais de forma geral. Grupos gays emergem como sujeitos políticos que criticam a sociedade como um todo, assim como aspectos vinculados à própria condição e cotidiano gays.

Chamamos atenção aqui para a concepção de “híbridos”, sugerida por Latour (1994). Os híbridos estão, em algum momento, entre duas contradições polares: a primeira seria da relação entre um pólo natureza e outro pólo sociedade, e a segunda seria em relação às dimensões não-moderna e moderna. Tais híbridos complexificam a idéia de sujeito, que se torna superada pela condição que expressa uma forma mediana entre o estado de natureza e o estado de sociedade, assim como a linha de mediação entre condições dita modernas e não-modernas.

Segundo o autor, é impossível encurralar o que seriam sujeitos sociais em uma condição entre desejo (coisa natural) e lei (regras sociais), assim como fazer uma mediatriz de sujeitos entre o que é não-moderno (tradições locais) e o que é moderno (racionalização universal).<sup>170</sup> O que o autor procura mostrar-nos é a

---

<sup>170</sup> Daí o questionamento sobre a condição do sujeito homossexual. Ele não abarca a totalidade de indivíduos orientados para o mesmo sexo e não explica todas suas expressões grupais. O homoerotismo vem contribuir para o entendimento da diversidade de possibilidades estéticas, de sentimento, de gostos e de comportamentos de indivíduos *same sex oriented*, assim como suas

complexidade que impregna a sociedade e o espaço social, evidenciando contextos diversos que não são nem constituição moderna nem sua mediatriz, mas que podem estar mais aquém e mais além da condição mediana dos sujeitos. Talvez não existam contextos totalmente racionalizados pelas condições ditas modernas, impregnados de atores sociais imersos em condições racionalizadas e desempenhando funções, como em um filme de ficção científica, assim como também não existam contextos que fogem totalmente das imposições alienantes da sociedade racional. Nestes últimos - de algum modo, mesmo constituindo, talvez, um grupo totalmente excluído ou totalmente contramoderno ou revolucionário -, elementos ordenativos e discriminatórios, vinculados a uma universalidade de padrões, costumes e práticas, acabam impregnando-se, em algum momento, de suas relações localizadas.

Latour (1994), evidencia vários contextos possíveis de híbridos, que não são nem natureza nem sociedade, nem modernos e nem não modernos ou tradicionais. A natureza não é mais totalmente natureza, é híbrida, por ser pensada humanamente. Também a sociedade não é mais totalmente sociedade, uma vez que a modernização promoveu mais a diversidade do que a unificação racional, em que muitos contextos tendem a afastar-se de padrões unificadores modernos, ora por mecanismos de exclusão que ela mesma promove, ora pela contestação generalizada da sua condição repressora.

Assim sendo, podemos observar que o espaço social é constituído por uma dialética inserida no próprio processo de modernização, no qual se instaura um eterno conflito entre ordem e desvio, entre desejo e lei, entre formalidade e informalidade, entre condições regradas e condições espontâneas. Porém, em virtude dessa dialética, vários contextos se tramam no tecido do espaço social. Em relação ao espaço urbano, por exemplo, em vez da aparente homogeneização paisagística de todas as cidades, um burburinho de agregações, mistos diversos de funcionalidade e informalidade, produz vários microcontextos que mais

---

possibilidades cambiantes e instáveis, implicando também a observação da diversidade de formas de agregação deles.

evidenciam o social como uma fumaça difusa, difícil de ser captada na sua totalidade, do que um cristal organizado em rígidas partes e ligações.

De Certeau (1994) nos fala da impressão que temos ao ver a silhueta da cidade de um ponto muito alto (no texto ele nos fala do World Trade Center, não mais existente). De um ponto alto, a cidade parece um conjunto monótono e homogêneo, porém o contraste se estabelece logo quando saímos para a realidade interna, nos quais atividades diversas e uma multiplicidade de diferenciações materiais e de agregações humanas torna muito complexa a paisagem para ser entendida rapidamente.

O espaço social por si só não se constitui num todo organizado racionalmente no qual indivíduos alienados cumprem suas funções e interagem como máquinas. Por outro lado, essa condição constitui-se como uma matriz que revela a realidade do ator social, alienado quanto a suas reais condições e dobrado por uma complexa rede de micropoderes que organizam a objetividade da vida. Latour (1994) nos faz pensar em dois conjuntos de pólos: o primeiro, naturezas e sociedades; o segundo, das dimensões modernas e não-modernas. Nesses pólos multiplicam-se híbridos diversos ou vários contextos da realidade. Situações polares, na verdade, são condições racionais que mais serviram para reger que para captar a diversidade, mas o que realmente existe é a diversidade, e ela é contextual: contextos psíquicos, sociais e territoriais múltiplos. Isso torna o espaço social dialético, o qual deve ser captado, ao mesmo tempo, como totalidade histórica, que organiza condições mestras (materialidades, saberes, regras), assim como por seus contextos específicos, produtos da dialética entre ordem e desvio na modernidade.

Velho (2004) nos fala das incapacidades de muitos indivíduos cumprirem os projetos sociais destinados a eles (principalmente pela racionalização das interações constituintes do espaço privado da família) e dos processos de fuga pela busca de microcoletividades nos quais seus reais desejos possam ser exercidos. Embora repressivo, o meio social possibilita vários contextos interacionais de fuga, o que faz surgir microterritorializações que se parecem com pequenas comunidades sentimentais, nos quais as agregações se estabelecem



pelo simples sentimento de “estar-junto” e compartilhar desejos e prazeres mútuos. Maffesoli (2002) nos fala sobre esses processos e verifica mais um mundo que se organiza por um conjunto de “tribos” e comunidades sentimentais do que por uma organização racional. Bauman (2003), também verifica a complexa formação de “comunidades-cabides”, nas quais os indivíduos, ao entrarem nessas comunidades, momentâneas e esporádicas, despem-se dos papéis sociais e convivem pelo prazer. Essa dialética entre ordem e desvio, lei e espontaneidade também apresenta relação com as matrizes espaciais de Gomes (2002): nomoespaço e genoespço.<sup>171</sup>

Nós, ao estudarmos as múltiplas agregações de indivíduos *same sex oriented* (orientados para o mesmo sexo), verificamos que a condição homossexual (COSTA, 2002), ao apresentar-se no contexto da modernidade como desviante ao pólo “normal heterossexual”, na verdade, nos fornece uma diversidade de expressões que somente podem ser apreendidas em seus contextos de “microcomunitarização” ou microterritorialização. Assim verificamos que diferentes expressões homoeróticas se produzem em diferentes microterritorializações urbanas, e essas microterritorializações são produtos, em primeiro lugar, de uma condição de desvio social, inerente à racionalidade moderna; em segundo, a manifestações espontâneas de fuga às repressões sociais. Muitos desses microcontextos territoriais urbanos também são captados pelo mercado como nichos de consumo, possibilitando mais ainda sua existência, mas outros se apresentam como tênues agregações imersas na fumaça do espaço social, que se produzem de forma “subterrânea”, quase que imperceptíveis, e que escapam de qualquer regramento, de qualquer instituição social e de qualquer estratégia mercadológica.

---

<sup>171</sup> A primeira remete à complexidade estrutural fundada em funções e papéis racionais que organizam o espaço social e instauram os atores e o homem-particular como alienado e movido por supracondições externas a ele. A segunda remete a condições “quentes” que amenizam as repressões sociais e instauram contextos comunitários informais e espontâneos nas entranhas do espaço social, tornando-o mais difuso e dialético. O interessante é que essas matrizes não são pólos, mas devem ser apreendidas de forma dialética nos vários contextos urbanos. Em cada fragmento funcional ou informal, em cada espaço público condicionado a racionalidade do mundo do trabalho e das regras sociais, ou em cada agregação informal, como, por exemplo, um grupo de adolescentes, essas matrizes devem ser instrumentos operacionais para o entendimento das relações e das condições múltiplas do espaço social.

Seguindo a idéia de De Certeau (1994), indivíduos orientados para o mesmo sexo produzem táticas que burlam, camufladamente, os condicionantes repressores no espaço social e expressam com muita perspicácia os prazeres homoeróticos fundando microagregações localizadas. Aos poucos, micropartes do espaço urbano, uma esquina ou uma parte de um parque, constituem microterritorializações de convívio homoerótico, estando a parte das possíveis funções e relações aceitas como normais em meios modernos. A partir da apreensão sobre essas agregações informais, o mercado (prestações de serviços) se organiza oportunizando lugares semi-públicos (como bares, por exemplo) nos quais se imbricam liberdade restrita e condicionantes de consumo, fundando uma cultura: que pode ser a cultura gay ou outras tantas hibridizações nos quais os desejos homoeróticos convergem.

A expansão desse mercado movimenta atores e os torna mais visíveis, pelo vínculo aos meios de comunicação, os atributos de uma cultura gay que acaba tornando-se banalizada como mais uma identidade e uma cultura possível em meios urbanos. Porém, verificamos a ocorrência de somente uma maior visualização de um “mundo à parte” e constituído por um conjunto de estereótipos que mais singularizam do que completam a real inserção social dos desejos e prazeres homoeróticos. A partir desse processo dialético, interações no interior das microterritorializações homoeróticas ora apresentam-se totalmente dicotômicas aos padrões sociais, ora reproduzem comportamentos da sociedade repressora, como, por exemplo, a dicotomia entre ativo e passivo nas relações sexuais e as polarizações entre bicha (efeminado) e bofe (“machão”). Esses pólos são comuns aos comportamentos de uma cultura gay, mas também apresentam variações múltiplas, assim como se constituem em instrumentos operacionais para entender a diversidade microterritorial homoerótica na cidade.

Pensamos que essas “comunidades-cabides”, constituídas por híbridos diversos, podem emergir como sujeitos coletivos em forma de movimentos sociais: movimento dos gays, das mulheres, movimento hip-hop, movimento punk, dos meninos de rua, até organizações comunitárias de bairros. Villasante (2002) nos fala de redes sociais que se organizam entre clientelismos; portanto, ainda

regradas e ainda distantes de se constituírem como sujeitos, e emancipações, sendo agentes transformadores sociais que conseguem fazer dialogar singularidades emergentes e a totalidade organizacional da sociedade.

Villasante (2002) identifica como redes sociais os movimentos sindicais, os movimentos de libertação de gênero e étnicos e os movimentos cidadão e ambientalistas. Essas redes complexificam a realidade social, e suas ações operam-se entre o clientelismo e a real emancipação como produtos do conflito entre regramentos e libertação inseridos nos processos de modernização. Por esse viés, chamamos atenção à necessidade da pesquisa no interior dessas redes sociais, valorizando os aspectos territoriais das situações concretas, partir das culturas locais, e identificando os processos que ora regem esses movimentos, conduzindo a estagnação, ora ao avanço, no sentido da real transformação social.<sup>172</sup>

Observando a ação desses movimentos, o autor verifica uma história de “picos” de contestação e de períodos de esvaziamento, nos quais são causados pela dinâmica de embate entre forças locais e supra-poderes (o Estado, por exemplo), que vinculam-se a processos de negociação inseridos nas divergências entre táticas fundadas no interior das reivindicações locais e estratégias que buscam a totalização e o regramento social na perspectiva dos supra-poderes. Os períodos de estagnação apresentam como estados de sublimação do “ego desses movimentos”, condicionando-os, muitas vezes por instrumentos clientelísticos, a estratégias para equilíbrios de forças sociais e manutenção do *status quo*. Dessa forma, se torna importante verificar condições que introduzem a estagnação dos movimentos e os afastam da condição de sujeitos sociais, transformando-os em mais uma diversidade em meio a tantas já regradadas no meio social difuso mas ainda condicionado.

Villasante (2002) observa que a “cultura patriarcal” ou dominante está em crise, tanto em termos políticos dos governos formais, como em relação à

---

<sup>172</sup> Essa pesquisa gira em torno disso. Preocupamo-nos com a produção de uma teoria a respeito dessa condição dialética impregnada na realidade das redes de relações constituídas por indivíduos orientados para o mesmo sexo. A rede de relações deles implica territorialização, assim como as imaginações geradas por elas dão constituição simbólica à existência desse grupo.

sociedade de consumo restrito. Nesse sentido, estão emergentes na sociedade atual tanto os tabus e as repressões como todas as carências dos seres humanos. Para o autor, ocorre não apenas está havendo uma maior fragmentação dentro das classes sociais, a respeito da produção e do consumo, como também há profundas mudanças generacionais e ideológicas. Para as novas gerações abrem-se novas experiências, como novas associações e novos movimentos, que não levam tão em conta a unidade dos setores populares ou podem considerá-la burocrática. O autor observa, nesse sentido, que estamos vivendo “revoluções do cotidiano”, ali onde mesmo se produzem as relações de dominação. Assim, passamos de “movimentos comunitários” a “movimentos cidadãos” que pluralizam os horizontes e observam uma cidade mais complexa. Nesse sentido, o próprio autor amplia o conceito de sujeito, ao verificar que essas “identidades-sujeitos” são construções muito provisórias e versáteis, lembrando as “tribos urbanas” de Maffesoli (2002), e que elas estão propensas a fraturas de todos os tipos, como os medos, as culpabilidades, as ideologias, etc.

Embora sejam diversificados, instáveis e versáteis, esses “quase-sujeitos” (LATOURE, 1994) ou esses “movimentos rizomáticos ou em redes múltiplas” (VILLASANTE, 2002), devemos tomá-los em suas relações internas e em seus contatos com o interior (sendo ora determinados e corrompidos, ora criativos e improvisadores, caminho a agentes de transformação), ou seja, “como, em cada grupo, tratam de superar as carências básicas que os constituem, as proibições culturais a seus desejos, tal como aprenderam a autoridade do pai, do mestre, do Estado ou da TV”.

Nisso Bonnemaïson (2002) nos ajuda ao falar do método “etnogeográfico” que privilegia a relação de interinfluência entre sujeito e objeto, no qual o objeto não pode mais ser captado sem sua relação com o sujeito. Dessa forma, o autor nos leva a entender o espaço geográfico a partir da compreensão do “outro” social, ou seja, o necessário procedimento metodológico de “olhar com os olhos dos outros” para conseguir inserir-se na complexidade das formas e conteúdos dos lugares. O espaço social, nesse sentido, deve ser entendido por suas múltiplas alteridades constitutivas de múltiplas culturas, não sendo somente uma

construção organizada de uma supracultura que instaura uma racionalidade totalizadora, mais um espaço complexo e difuso quanto as quase-identidades-sujeitos flexíveis que abriga, nos quais todos travam lutas cotidianas por suas existências, assim como para suprir suas carências vinculadas a uma situação organizacional externa a eles. O espaço social, tomando privilegiadamente o espaço urbano, apresenta-se assim constituído de inúmeros contextos que remetem às microterritorializações dessas diversidades, nos quais, a cada fragmento microterritorial em formação, emerge um embate entre desejo e lei, entre norma e espontaneidade. Cada microterritorialização, conforme nos dizia Maffesoli (2002), representa uma situação dialética do “contra” e do “a favor” ao social.

### **5.7. O ESPAÇO SOCIAL**

Nossa análise indica uma condição singular do espaço social, cujos elos que constituem sua existência advêm de conceitos originados pelas ciências humanas modernas, como os conceitos de sociedade, natureza, comunidade e, finalmente, de espaço e de tempo. As origens do espaço social contemporâneo remontam às origens do período moderno, tendo como marcos a Revolução Francesa<sup>173</sup> e a Revolução Industrial.<sup>174</sup> Não cabe aqui adentrarmos nas especificidades desses eventos, mas apreendê-los como eventos que originaram o mundo moderno, ou seja, a sociedade e as condições do espaço dessa sociedade: o espaço social.

Sabemos que os principais fundamentos da construção da modernidade (sociedade e espaço social modernos) estão representados pela emergência econômica da burguesia européia e da passagem do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista comercial. Esse processo está vinculado ao aparecimento dos espaços dos burgos ou das primeiras cidades comerciais, que

---

<sup>173</sup> Essa Revolução é vista como marco da emergência da prática do racionalismo iluminista na política e na organização da sociedade e do espaço social.

<sup>174</sup> Conforme vemos em Lefebvre (2001), a industrialização significou uma ruptura com o urbano pré-existente, produzindo uma cidade funcional e racional, na organização dos objetos e do traçado, assim como nas atividades e nas relações sociais.

acabam evoluindo para as primeiras redes urbanas, que irão representar concretamente o espaço regional de circulação e reprodução do capital burguês emergente. Na continuidade do processo, essas redes irão lançar bases para a monopolização do capital e para a fundação dos poderes políticos centralizados, a partir da hierarquização da classe burguesa e seus investimentos nas monarquias centralizadoras. O capital monopolizado tem como expressão territorial as cidades e os seus domínios sobre áreas produtoras no campo. A construção das relações comerciais na rede de cidade apresenta-se como fundamento da monopolização dos poderes político e econômico e da organização territorial centralizada desses poderes, sendo atributos fundamentais e emergência da organização dos Estados.

A classe burguesa emergente na cidade, aos poucos, vai separando/diferenciando-se culturalmente daquelas relações estabelecidas entre camponeses feudais. Assim, um dos seus principais investimentos inclui a produção de um movimento de renovação cultural que toma conta do espaço das cidades e das populações que as habitam. O morador da cidade acaba adquirindo um conjunto de hábitos que os diferenciam do camponês. Esses hábitos incluem a cortesia, o refinamento, as boas maneiras e as condições de comportamento em espaço público. Em primeiro momento separam-se as identidades do camponês e do burguês urbano, em segundo momento tudo que não representa o meio da cidade (culto, refinado, racional, moral), acaba sendo identificado como natural, selvagem, perverso, rude e imoral.

Segundo Carvalho (2004), nos séculos XVI e XVII, ocorre um movimento de separação entre o habitante da cidade e o habitante do campo, tido como rude e ignorante. A natureza, segundo a autora, começa a ser odiada, e a cidade começa a inspirar a evolução e o progresso de uma sociedade culta. Finalmente, a partir do iluminismo, se estabelecem os fundamentos de um conhecimento racional que legitima os discursos e as verdades dessa sociedade urbana culta. Esse discurso vai contradizer todas as outras expressões que se afastam dele e que o questionam. O Renascimento, o Iluminismo e as Revoluções Francesas e Industrial acabam fundamentando uma sociedade regrada pela racionalidade científica, pela moral, pelos bons costumes e por verdades absolutas que, a partir

de seus discursos, instauram inúmeras dicotomias que representam o “certo” e o “errado”: como as dicotomias entre sociedade e natureza, entre civilizado e selvagem, entre bom e perverso, entre homem e animal, entre cultivado e instinto. O espaço, assim, acaba sendo produzido como fundamento concreto da sociedade racional e da moral iluminista. A racionalidade moderna e a funcionalidade capitalista fundam um espaço urbano que se apresenta separado de uma invenção sobre a “natureza selvagem”, estando regrado por formas arquitetônicas funcionais e por um conjunto de papéis instrumentais que compõe as representações dos atores sociais. Isso vai compor os lugares públicos e privados das representações e da moral social.

A Revolução Francesa irá solidificar a organização da sociedade e do espaço social modernos. Por ela transita uma sociedade regrada pelo autoritarismo absolutista para um regramento mais tênue das legitimações do direito e dos discursos da moral e da ciência. A passagem para a organização da administração pública vinculada à impessoalidade do poder torna fortificados os imperativos das verdades morais e racionais que vão reger as relações sociais. As tipificações morais e instrumentais dos seres humanos, a partir de então, dão corpo à organização racional dos corpos e das funções no espaço.

A liberdade, como um dos lemas da Revolução, também fora restringida pela organização econômica do espaço social que determina relações instrumentais e deslocamentos rotineiros a uma complexidade de funcionamento racional. Emerge, assim, o chamado reformismo racional pós-Revolução Francesa, de acordo com Vallerstein (1995), em que a liberdade torna-se vigiada não mais por um poder visível e supremo ou um poder com “P” maiúsculo, como argumenta Raffestin (1993), ou o poder do absolutista monárquico; mas por um poder invisível e distribuído nas relações sociais e nos procedimentos abarcados pelas inúmeras partes do espaço social. O poder com “p” minúsculo torna-se difícil de ser questionado, pois impregna as relações sociais legitimadas por uma complexa estrutura funcional e moral que organiza o cotidiano, que se naturaliza como normalidade.

Por outro lado, a Revolução Francesa também libera forças contrárias à lógica burguesa. As ações políticas, a partir dessa Revolução, preocupam-se principalmente com a liberdade das ações capitalista e com a organização da sociedade por instrumentos de sublimações cotidianas<sup>175</sup> dos homens comuns. Em virtude da imposição de um discurso “esquizofrênico” sobre a “liberdade”, também se produzem, por outro lado, ideais e movimentos que alteram os caminhos previamente determinados. Como expressão disso, temos os movimentos ocorridos no século XIX, concomitantes à emergência da sociedade industrial. Além do movimento do proletariado e da densa compreensão e contestação promovida pelos escritos de Marx, Carvalho (2002) nos evidencia a movimento romântico desse século. Esse movimento testemunhou e contestou a ordem burguesa como causa da degradação do ambiente e das relações sociais, conseqüências das relações capitalistas de produção no decorrer da Revolução Industrial.

Hobsbawn (1994) verifica, na segunda metade do século XIX, a atenção dada às reformas urbanas contra uma possível revolução social em virtude da degradação ambiental e das péssimas condições de vida das primeiras cidades inglesas. Essa experiência urbana degradante acaba produzindo um movimento de valorização da natureza e do selvagem como elementos do movimento romântico que, ao mesmo tempo, insere-se como uma reação ao capitalismo e razão iluminista. A visão romântica desenvolve a idéia de preservação da natureza, idealizando a necessidade de torná-la “intocada”, de acordo com Carvalho (2002, p. 46). Também instaura a noção do indivíduo romântico que representa “um entrosamento entre a individualidade orgânica da natureza e a individualidade singular do homem” (CARVALHO, 2002, p. 49). Nesse sentido, o movimento romântico se estabelece como oposto à visão iluminista, que preconiza uma natureza universal, uniforme e racional.

---

<sup>175</sup> A organização da rotina funcional implica não em uma repressão vertical dos indivíduos, mas determinações tênues e impensadas como dominação, como funções que devem ser exercidas, assim como preceitos morais que devem ser respeitados por todos. Aliás, os preceitos morais vão impregnar as interações sociais e nas relações os atores se vigiam mutuamente.



O século XIX, nesse sentido, vai apresentar-se complexo quanto aos caminhos que o definem. Por um lado, as próprias reformas urbanas vão estabelecer-se pelos veios da racionalidade científica. Daí as ações sanitaristas e o planejamento urbano tecnocrático denunciados por Lefebvre (2001), demonstrado pelo exemplo da Paris de Haussmann. Nesse mesmo século, os avanços da medicina acabam inventando e denunciando as doenças e os doentes.

Foucault (1988) verifica que, no século XIX, instaurou-se uma complexidade de discursos que acabam falando sobre todas as expressões que consegue capturar. Nessa complexidade criam-se inúmeras tipificações ou identidades quanto aos comportamentos e expressões existentes, tanto na sociedade quanto na natureza. Tanto a medicina quanto a literatura esforçam-se para capturar em seus discursos a complexidade liberada pelo movimento romântico e estabelecem uma variabilidade de condições polarizadas entre “certo” e “errado”, “são” e “doente”, “bom” e “perverso”, “civilizado” e “instintivo”.

Ao mesmo tempo em que se liberam expressões em virtude do movimento de retorno a natureza, como as várias possibilidades de encontro com a individualidade orgânica, o poder da racionalidade fracassa e recomeça “tagarelado” múltiplos discursos para aprisionar da forma mais racional possível essa organicidade. Foucault (1988), verifica isso a partir dos inúmeros discursos produzidos sobre a sexualidade, contradizendo o silêncio anterior que instaurava uma única sexualidade possível: o da família burguesa. As obras médicas e literárias inventam verdades sobre a sexualidade e a aprisiona em identidades que forçam os indivíduos a se denunciarem socialmente. Essas idéias produzidas vão criando subjetividades específicas que contêm expressões tanto do movimento romântico, de busca da individualidade orgânica, como do movimento racional, das identificações produzidas pela literatura da época.

Os caminhos complexos do século XIX, produzidos pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial, adentram o século XX como esforço de forças dialéticas que ora buscam a organicidade humana, ora forçam a racionalidade da sociedade. A sociedade e o espaço social vão ser produtos

dessa dialética e, por ela, poderes nascem e morrem com tempos a cada dia mais efêmeros. Eventos como a Revolução Russa de 1917 e as duas Guerras Mundiais apresentam-se como fundamentados por conflitos de poder que sinteticamente expressam essa dialética. O campo contestador comunista emergente da Revolução Francesa se transforma na racionalidade tecnocrática dos estados socialistas, ou seja, produto dialético tanto do pensamento de comunitarismo e solidariedade orgânica humana quanto de racionalidade objetivadora de ordenamento dessa organicidade.

Na primeira metade do século XX, os projetos de reformismo racional tomam forma através da tecnocracia planejadora do espaço social, nos países socialistas, e no desenvolvimentismo, nos países de periferia. Todas as forças contrárias às reformas racionais são violentamente reprimidas pelos autoritarismos socialistas e pelas ditaduras militares em países capitalistas. No entanto, na segunda metade desse século, outros eventos começam então a colocar em xeque novamente a ordem racional repressiva.

Jameson (1992) observa que, nos anos 1960 o capitalismo torna-se mais efetivamente globalizado, em virtude da evolução dos meios de comunicação e de transportes. Os fenômenos da televisão e das migrações liberam energias sociais que não compunham o conjunto de identidades que organizavam a sociedade moderna. Além das identidades, como “encaixamentos” repressores, de acordo com Giddens (2002), outras expressões acabam tornando-se visíveis e eclodem como movimentos em todo o mundo. A evidência dessa diversidade é acompanhada pelo reconhecimento de uma triste realidade: a degradação da vida humana e seu ambiente, feitas por ele mesmo.

Vallerstein (1995) observa que, em contradição ao discurso de ordem e evolução, começam a ser vistas inúmeras e insuportáveis desigualdades para as quais não existiam resoluções dentro dos mecanismos das ações modernizadoras. Torna-se evidente que o progresso, que tanto se almeja, é privilégio de muitos poucos, que inúmeras desigualdades existem e que essas desigualdades fazem aproximar exclusão econômica com exclusão cultural. Assim, os anos 1960 acabam sendo palco de inúmeros movimentos sociais, cujo

marco é o movimento estudantil parisiense em 1968. O mundo tão sólido da modernidade socialista e desenvolvimentista começa a desmanchar-se nos anos 1960. Outros eventos acabam produzindo a imagem desse mundo instável, imprevisível, ou seja, orgânico e não-condenado a uma ordem da racionalidade de uma máquina. Os desastres ambientais são denunciados, a pobreza de muitos também. A queda do padrão-ouro em 1971, os choques de petróleo de 1967, 1973 e 1979, a evidência das restrições e da “pequenice” humana com as imagens da Terra do espaço em 1969, como nos fala Mendonça (1998); a crise do desenvolvimentismo dos países da América Latina, nos anos 1980, entre outros fatos, liberam forças de contestação e diferenciações de grupos sociais, subjetividades e sentimentos por todos os cantos do mundo.

Carvalho (2002, p. 57) verifica que os anos 1960 culminam num “questionamento dos valores da modernidade ocidental e pela busca de um novo modo de organizar a vida individual e coletiva” (p. 57). Como expressão desse questionamento, Santos (apud CARVALHO, 2002, p. 58) evidencia três grandes dimensões de contraposição: a natureza, o selvagem e o Oriente. Em primeiro momento, os movimentos ecologistas retornam sua atenção a natureza em contraposição ao mundo moderno, urbano e industrial, feito como uma máquina racionalmente organizada por engrenagem; em segundo momento, as atenções voltam-se à existência de outras racionalidades (LEFF, 2003), que antes eram aprisionadas como expressões condenáveis, tidas como selvagens, incultas e ignorantes. Além do selvagem e da valorização da cultura Oriental, em contraposição à racionalidade ocidental, múltiplos outros sujeitos culturais tomam parte do discurso em forma de movimentos sociais, cujos elementos de expressão retomam a atenção sobre a espontaneidade, sobre os instintos vitais, sobre a diversidade cultural e sobre os sujeitos e seus desejos, como um processo de contestação a norma e a repressão.

Observamos, então, que a atualidade é explicada pela dialética entre a ordem moderna e a contestação dessa ordem. A sociedade moderna procura ser instaurada mediante a racionalidade objetivadora “das luzes”; porém, como consequência dessa mesma ordem repressora, vemos inúmeras contestações

que se aproximam da necessária expressão da organicidade humana presentes nas diferentes subjetividades e grupos sociais. Essas espontaneidades humanas, expressas por diferentes alteridades atualmente, não são puro desejo e puro instinto orgânico, mas representam algum produto da dialética freudiana das relações entre “id” e “superego”, como expressão tanto dos desejos como do envolvimento dessas subjetividades com as instituições que compõem as forças e as ordens modernas. Nesse sentido, defendemos que a sociedade moderna força a organização das vidas das pessoas em um conjunto de instituições abstratas e num espaço social ordenado; porém, nesse movimento, as contrafaces das espontaneidades humanas vão produzindo táticas desviacionistas que, de acordo com De Certeau (1994), culminam em múltiplas diversidades de expressão, muitas delas resultados expressivos novos da dialética de que falamos.

Em relação a esses movimentos, não temos nem nunca tivemos uma sociedade moderna organizada, mas sim a condição de um espaço social que não se explica, mas que é expressão da diversidade e da complexidade de seus fragmentos: conectados ou não, que se sobrepõem, justapõem-se em diferentes escalas e paisagens e delimitam-se, efêmera e fluidamente em diferentes definições de fronteira.

Para sistematizar essa concepção de espaço social. Vamos trabalhar, de forma mais esquemática, as relações que ele contém, que são basicamente duas: a relação sociedade/comunidade/natureza e a relação espaço/tempo.

### **5.7.1. Relação sociedade/comunidade/natureza**

Como condição de produção do espaço social, evidenciamos outras condições que se interpenetram de forma dialética e se explicam justamente pelas contraposições conceituais para que funcionam. Essas condições são conceituações presentes nas ciências humanas modernas e servem como campos específicos de estudo que sistematizam pólos de entendimento sobre a realidade. Para a explicação do espaço social, esses pólos, ao mesmo tempo, devem ser aproximados, forçando a sua existência dialética, e complexificados em

múltiplas “condições-entre”, como faz Latour (1994) com os pólos sociedade e natureza. Essas condições explicam-se pelos conceitos de sociedade, natureza e comunidade.

#### **5.7.1.1. Sociedade**

O conhecimento do todo complexo da sociedade, para Simmel (1973, p. 67), se realiza com conteúdos individuais concretos nos quais cada um sabe que o outro está ligado a ele. A formação da sociedade está relacionada, para Bobbio (1987), com o ordenamento político em território ampliado, que irá representar a dissolução/integração das comunidades primitivas isoladas. A produção da sociedade consiste, primordialmente, na ligação das diferenças e na integração delas como partes do todo.

Em primeiro momento, esse processo faz ligar, na visão de Heidrich (2004), comunidades territoriais não integradas num território ampliado. Historicamente, esse processo apresenta etapas, como, por exemplo, os Impérios territoriais na Antiguidade; a ação integradora da Igreja Católica, na Idade Média; o Estado Absolutista, na Renascença; e o Estado Moderno, pós-Revolução Francesa. A integração plena de comunidades locais evolui com o processo de industrialização e urbanização moderna, principalmente vinculado ao planejamento estatal tecnocrático e racionalizador, que efetiva a ligação de todas as partes dos territórios ampliados em formação, pela evolução da imprensa, desde Guttemberg, e pela implementação de instituições que irão produzir o sentimento de pertencimento em uma comunidade (ampliada) imaginada, conforme nos mostra Anderson (1989).

Tem muito a ver com esse processo a evolução e a unificação dos sistemas técnicos, que se dão pelo planejamento Estatal em território nacional e evoluem para a formação das redes mundiais de produção do meio-técnico-científico-informacional (SANTOS, 1997). Pela instauração desses sistemas técnicos, fazendo ligar todos os cantos do território ampliado, irão fluir inovações que constituirão o aprendizado de “o que fazer”, “como fazer” e “por que fazer”. Isso

acaba tornando cada indivíduo ligado a um todo complexo de funções em que cada um sabe que depende do outro para a inserção e a sobrevivência nesse conjunto.<sup>176</sup> A instauração objetiva da sociedade moderna como sendo a organização das redes de inovação, acaba produzindo uma ordem racional das “coisas” e das relações. A instauração dos objetos espaciais acaba vindo acompanhada de instituições sociais que apreendem parcelas humanas em conjuntos relacionais regidos por regras que compõem “o que fazer”, “como fazer” e “por que fazer”. As redes de inovação acabam assim produzindo o território, pois são instrumentos distributivos que fundam e organizam os objetos espaciais e a vida social composta nesses objetos espaciais, ou seja, organizam os indivíduos pela apreensão de um conjunto de conhecimentos, procedimentos e funções.

Além disso, toda essa objetividade (técnicas, conhecimentos, procedimentos, funções distribuídas em redes de inovações ao território, compostas por objetos espaciais e instituições sociais que definem “o fazer”) torna-se subjetivada pelos indivíduos, conforme Berger e Luckmann (1985), fundando-os como identidades envolvidas no complexo social. Essas identidades, como vemos em Giddens (2002), são “encaixes” trabalhados subjetivamente pelos indivíduos que acompanham a objetividade do sistema de organização da sociedade, compostas pelos objetos e procedimentos que devem ser exercidos no espaço social. Assim, a rede, conforme Santos (1997, p. 210), serve como suporte corpóreo do cotidiano.

Assim, a sociedade está vinculada a essa evolução da organização do Estado Moderno como unificador/integrador da diversidade comunitária. Nesse sentido, o fundamento da sociedade será a construção de um espaço social unificado, homogeneizado e organizado pelas redes de inovação, que fundam e distribuem os elementos do complexo social: conhecimentos, normas, instituições sociais, técnicas e objetos espaciais. O espaço social torna-se funcional, regido pelo modo de produção capitalista e suas instituições sociais: composto por

---

<sup>176</sup> Isso vai dar-se : pela organização da burocracia Estatal; pela divisão territorial do trabalho; pelas políticas de rateamento de atribuições (direitos e deveres) às regiões; pela organização das vantagens comparativas de produção; pela incentivo/distribuição dos mercados consumidores; pela organização das funções do espaço; desde a escala do Estado, perpassando as regiões, as redes de cidades e a estrutura dos diferentes espaços funcionais no campo e na cidade.

sistemas de objetos espaciais e procedimentos cotidianos fundados por essas redes. Os indivíduos acabam, assim, apreendendo toda essa externalidade e compondo suas subjetividades pela necessária participação na sociedade e movimentos pelo espaço social. O externo da sociedade é naturalizado como normalidade, e o espaço social torna-se “banal” (SANTOS, 1997), um conjunto de objetos e procedimentos que devem ser exercidos e apreendidos no decorrer da existência.

O homem comum, então, está condicionado por essa existência externa da sociedade e pela organização de um espaço social homogeneizado e funcional. A relação indivíduo e sociedade, assim, está condicionada a uma pressão organizadora e objetivadora das relações sociais que fundam as condições individuais. A sociedade assim se constitui como um corpo cultural supra-orgânico (DUNCAN, 2004) que imprime suas condições ao indivíduo, formando-os como partes elementares do funcionamento do todo. Ela se sobrepõe ao indivíduo como um sintoma que representa a “vontade geral” (ROUSSEAU, 1987) de toda a população que compõe essa grande comunidade imaginária (Anderson, 1989).

A idéia de uma comunidade imaginária evidencia a integração de todas as comunidades que compõem essa sociedade e que apresentam um destino comum. Esse sistema imaginário já é condição das redes que homogeneizam e organizam o espaço social (aqui compreendido primeiramente como organização da sociedade e do Estado-Nação, mas culminando na construção de uma “sociedade imaginária-mundo” no contexto da globalização). As redes de comunicação inferem na qualificação e apreensão dos elementos constituintes dessa “vontade geral”<sup>177</sup> e tendem a construir um corpo social unificado e condicionado pelas tramas de poderes que a compõe.

A sociedade, então, se explica pela formação de redes de inovações, objetos espaciais e conhecimentos que abarcam todo o ecúmeno e produzem uma homogeneização de “o que fazer”, “como fazer” e “por que fazer” dos

---

<sup>177</sup> Vista aqui como um conjunto de ideologias e vontades práticas tornado correto a todos por mecanismos lingüísticos que compõe os conhecimentos e as informações disseminadas e que convencem os indivíduos envolvidos na sociedade.

indivíduos. Nesse sentido, para Heller (1991), a sociedade é uma externalidade que reprime e orienta o indivíduo, colocando-o num cotidiano banalizado e naturalizado de funções, práticas e conhecimentos abstratos tidos como verdades e sintomas corretos de existência. A autora, então, critica o conceito de indivíduo e argumenta que sua relação com a sociedade se dá pela alienação, que o torna um homem-particularizado no complexo da sociedade que o aliena. A individuação seria a possibilidade de agregação à práxis social e de elevação pessoal aos parâmetros da totalidade da sociedade, influenciando na construção da realidade. O homem-particular, assim, vive alienado numa complexidade social que não se apropria, mas torna apropriado por ela. Essa é a essência da vida cotidiana, ou seja, a condição particularizada e alienada do indivíduo, que se dá pelos sistemas de conhecimentos e procedimentos encontrados nas instituições sociais.

Na sociedade, o homem-particular, numa visão interacionista, torna-se ator das representações e dos contextos diferenciados de interação social. Esse sistema de atuações é organizado por uma moral das interações em contextos relacionais específicos, todos fundados nas instituições sociais. Goffmann (1996) analisa a sociedade dos atores e representações sociais como um conjunto de papéis que os indivíduos devem se adequar a desempenhar. De todos esses papéis, podem apreender-se os desvios, que devem ser reorganizados em instituições proveitosas a organização social. A condição dos atores sociais e dos desviantes remonta à idéia de sociedade organizada por procedimentos e conhecimentos que imprimem “o fazer” do indivíduo, tornando-o alienado pela incapacidade de pensar e de agir de acordo com o “si próprio”. O próprio “si”, assim, já é condição subjetivada da objetividade social.

Nessa discussão, a sociedade é representada por um conjunto de objetos, procedimentos e instituições sociais, que fundam a condição de homem-particular alienado, ou ator que cumpre os papéis normalizados e que contribui para o funcionamento desse todo e manutenção do *status quo*. O espaço social, então, não deve ser entendido como a parte da sociedade, mas construção material dos objetos espaciais, condicionado e condicionante das instituições sociais, que abarcam todo um complexo de conhecimentos definidos por essas instituições. O



espaço social, nessa visão, é a organização social concreta que condiciona os indivíduos na condição de homens-particulares e/ou atores sociais.

### **5.7.1.2. Natureza**

Simmel (1974, p. 64) nos fala sobre a pergunta de Kant a respeito da natureza: “Como é possível natureza? Isto é, que condições são necessárias para que exista natureza?”. Assim, “para Kant, a natureza é uma maneira determinada de conhecimento, uma imagem do mundo produzida por nossas categorias cognoscitivas e nascidas nestas”.

A natureza, desse modo, é uma categoria produzida como uma invenção da sociedade, cujos atores sociais se colocam fora dela para contemplá-la. Nesse sentido, a sociedade se separa da natureza, ao passo que existe uma idéia de unidade dos indivíduos com a sociedade, sendo atores dentro de uma organização social e imaginando-se ligados a um todo comum, e clara é a separação de tudo que está fora dessa sociedade e que constitui a imagem da natureza. A sociedade, assim, não é contemplada; ela é exercida pelos atores junto às instituições sociais em um cotidiano determinado por regras e conhecimentos. Como já vimos, esse processo se estabelece principalmente pelos movimentos culturais do Renascimento e do Iluminismo que instauram um conjunto de novos conhecimentos e produzem uma única racionalidade correta representada pela racionalidade científica ocidental. Além disso, a separação da sociedade e da natureza é necessária, em primeiro lugar, para separar o civilizado do selvagem e o homem culto urbano do camponês rústico.

A sociedade moderna é a representação da moral civilizada encontrada na cidade européia e de um conjunto de idéias/conhecimentos verdadeiros disseminados por ela. Por esses pólos de geração de conhecimento do mundo civilizado, vão bifurcando-se, por meio de redes, novos conhecimento, técnicas e objetos que tenderão - de forma vertical, rígida e, muitas vezes, violenta - a organizar a natureza contemplada como selvagem, inculta, perversa, feia e desorganizada. Instaura-se uma polarização entre sociedade e natureza para a

dominação de tudo que fuja à invenção da sociedade e para apropriação dos recursos em prol das exigências econômicas. Essa dominação vai ser possível pela instauração das linhas das redes de disseminação dos conhecimentos, de técnicas, de objetos e de instituições da sociedade moderna, dominada pela racionalidade científica e pela moralidade burguesa.

No movimento de mundialização da sociedade moderna européia, desde as grandes navegações, há um constante encontro entre um “mundo natural” e um conjunto de comunidades selvagens que deve-se colocar-se como cristãos e cultos, ou seja, formar-se como sociedade organizada, vivendo e produzindo como tal. Nesse processo, todos os outros, aquém do “homem-branco-europeu-burguês-civilizado”, são selvagens e pertencem ao pólo natureza. Em primeiro momento, são vistos como “recursos naturais” (à semelhança de eqüinos e de bovinos) e, em segundo momento, propensos a serem “cultivados” (educados, ordenados como atores de uma sociedade que deveria ser construída).

Nesse movimento de dominação, desde o habitante camponês europeu, até o selvagem dos novos mundos, vão-se produzindo vários “eles” que se diferenciam do “nós”, que constitui o homem civilizado europeu, culto e urbano. Para Latour (1994), isso se torna outra grande separação moderna. Em primeiro momento, a separação entre sociedade e natureza e, em segundo momento, uma separação entre sociedade (nós) e sociedades-naturezas (eles). O interessante nesse processo é que a força de modernização (produção de sociedades racionais e morais modernas) dissemina múltiplos “mistos”, “sociedades-naturezas”, tornando a sociedade não mais condizente com os atributos de racionalidade e moralidade ditas modernas, mas diversificada por inúmeros “híbridos” (LATOURE, 1994).

Esses híbridos são resultado da contestação à dominação moderna ou a seus vários “níveis” de hesitação de instauração. A modernização se disseminou em redes que não conseguem agregar de forma homogênea todos os espaços, por outro lado, por ser vertical e representar formas de dominação, encontra muitos movimentos de contestação. Além disso, por meio das próprias redes, tais “híbridos” podem circular pelos caminhos de modernização e atingir os próprios

centros modernos (pelas migrações), fundando não mais uma sociedade ordenada e organizada, mediante parâmetros identitários dos atores sociais, mas impregnada de forças identitárias não totalmente teorizadas pela racionalidade científica e não compostas como formas morais condizentes com as instituições sociais. Esses “híbridos”, principalmente pela expansão da medicina e da literatura do século XIX, começam a ser identificados em relação a múltiplas situações e tipificações. Além do pólo sociedade e natureza, outros pólos se produzem como situações “meio” entre o que é natural (desejos, espontaneidade, instinto, prazer) e o que é sociedade (ordem, moral, razão, temperança, equilíbrio, função), fundando os diferentes sujeitos sociais (TOURAINÉ, 1994).

Carvalho (2002) verifica que o movimento romântico de retorno à natureza, em virtude da evidência da degradação social e ambiental da sociedade, significa a valorização do rústico, do camponês e do selvagem. Isso acaba “explodindo” através dos movimentos ecológicos, nos anos 1960, colocando a natureza e todos os “híbridos sociedade-natureza” como necessários ao questionamento da sociedade degradada. Ocorre, então, uma valorização dos sujeitos “inferiores”, antes “fora/desviantes” da sociedade, por serem mais instinto e puro desejo do que racionalidade e moral modernas. Esses sujeitos são condições “fora” e “contra” a sociedade, mas vão compor um espaço social que se evidencia pela multiplicação de “espaços dos sujeitos”, tornando-o complexo pela configuração territorial múltipla, mutante e orgânica.

### **5.7.1.3. Comunidade**

Simmel (1974, p. 76) observa que a relação entre sociedade e indivíduo apresenta-se por uma relação dialética entre interioridade e exterioridade, e é essa relação que define a posição unitária do homem e dos diferentes grupos sociais na atualidade. Essa idéia aponta para a definição de sujeito de Touraine (1994), como uma “condição-meio”, produto tanto dos determinantes de ordem da sociedade, como entidade supra-orgânica que imprime suas condições aos indivíduos, como as “personalidades desejanças” que afloram como forças não-

teorizadas (identificadas/tipificadas) pela racionalidade e moral social modernas. O sujeito, para Simmel, é um “ser para sociedade” e um “ser para si mesmo”. Nesse sentido, o autor verifica que a sociedade é um produto de elementos desiguais, embora a condição desse termo esteja condicionada a um conjunto conceitual que concebe a idéia de organização racional dos seres em seus espaços e em suas funções e a um complexo moral, de identidade e de conhecimentos sobre “o que fazer”, “como fazer” e “por que fazer”, que se orientam, desde as luzes, para ordem social e para o progresso.

Defendemos a idéia não de uma sociedade desigual, pois ela define-se por essa construção supra-orgânica das leis genéricas sobre a ordem relacional dos seres, mas a produção de um espaço social desigual, produto da dialética entre ordem e desvios na modernidade. A sociedade se funda, conforme Simmel (1974, p. 73) argumenta, “quando os homens não são mais que sujeitos de compensações entre prestação e contra-prestação, regidas por normas objetivas, e tudo que não pertença a esta pura objetividade desaparece delas”. Na sociedade, a função tenta esgotar por completo a realidade individual, produzindo uma realidade objetiva do trabalho e das instituições sociais organizadas pela racionalidade da ordem.

Por outro lado, além de meros cumpridores de prestações, os indivíduos se vêem em posições e em instituições sociais, não se vendo como indivíduos isolados, mas a partir de “véus” que os colocam como partes integrantes de uma comunidade de profissão ou de interesse, como colegas ou companheiros, como elemento de uma comunidade particular da generalidade da sociedade. Por essa situação comunitária, o indivíduo pode fundar elementos “do agir para si”, pois “o agir para si”, numa comunidade de interesses, torna-se o fundamento de agir para os colegas e correligionários. Aliás, a “comunidade de interesses” só existe porque representa a comunhão mútuas dos interesses de “agir para si”, e não em relação a uma objetividade por onde as individualidades desaparecem. Essa é a contradição presente na sociedade, pois parte do indivíduo não se orienta para a sociedade, mas para si, o que funda múltiplas comunidades de interesses com relações orgânicas orientadas para o indivíduo e não para a sociedade. Essas

comunidades não são sociedade, mas, de acordo com Simmel (1974, p. 71), “algo que a sociedade deve deixar espaço, quer queira, quer não”.

Nesse sentido, o que temos é, ao mesmo tempo, uma sociedade como um conjunto de conhecimento e ordens supra-orgânicas racionalizadas e um espaço social em que a sociedade deixa “espaço” para a ação dos indivíduos agirem para si, cujos “espaços” representam um pulular de “microcomunidades de interesses territorializadas”. O espaço social não é sociedade e sim a relação dialética estabelecida a ação dos indivíduos agindo para a sociedade, desaparecendo nela, a agindo para seus interesses, formando tais comunidades de interesses nas quais afloram os sujeitos sociais. Assim, ele se constitui não como um todo homogêneo, mas como um complexo de fragmentos que aparecem em múltiplas escalas conectas ou não, nos quais cada fragmento é a microterritorialização dessas microcomunidades, na qual aparecem e fundam os sujeitos sociais, misto da ordem moral e racional e da irracionalidade dos desejos individuais.

Por esse viés, o espaço social apresenta-se não como uma totalidade organizada como próximo dos objetivos da sociedade moderna e de suas definições culturais e objetivas supra-orgânicas. O espaço social apresenta-se pela diversidade orgânica fundada nas múltiplas culturas dos sujeitos sociais em constante movimento e transformação. É por isso que ele se apresenta pelas múltiplas microterritorializações dos fundamentos da relação entre id, ego e superego (FREUD, 1974), nos quais essa relação produz os sujeitos sociais (TOURAINÉ, 1994), que estão, ao mesmo tempo, “contra” e “a favor” da sociedade (MAFFESSOLI, 2002). Da relação freudiana emergem inúmeros sujeitos que produzem comunidades de interesse ou comunidades mais afetivas dos “estar-junto por si só”, mesmo as mais efêmeras, como as “comunidades-cabides” de Baumann (2003), mesmo as mais duradouras, como as constituintes dos movimentos sociais organizados. Essas comunidades dos sujeitos, como “condições-meio” do “agir para si e para a sociedade”, microterritorializam-se no espaço regional e no espaço urbano, diversificando as configurações do espaço social.

Além e aquém das condições do sujeito, Latour (1994) nos fala dos “híbridos” ou “quase-objetos”. Latour verifica que a condição sujeito é somente um “ponto mediando” do caminho que liga os pólos sociedade e natureza. O sujeito é a expressão conjunta tanto do pólo sociedade como do pólo natureza, pois o sujeito é a espontaneidade, o desejo e o instinto do indivíduo, que está aquém da sociedade e aproxima-se da natureza. Para o autor, essas “condições-meios” também podem convergir para os propósitos teóricos e identitários modernos, servindo também para organizar o corpo social que se apresenta tão imprevisível.

Diversas condições apresentam-se como inúmeros níveis ou nuances de sociedade e de natureza. Esses “híbridos” diversos apresentam-se em diferentes estados e tempos de formação, e suas culturas são muito pouco rígidas e constantemente mutantes. Essas culturas ainda sofrem os impactos de uma modernização que ainda continua seu trabalho de “espalhamento” de um senso de vida e de uma ordem, assim como, em relação a esse processo, podem surgir imprevisíveis movimentos de contestação que não culmina num formato pronto como se pensa sobre os sujeitos. Nesse sentido, o espaço social não pode ser pensado também como o espaço dos sujeitos, da sociedade e da natureza, mas como múltiplas condições territoriais nas quais “híbridos” diversos se expressam.

A existência desses híbridos é condição da sociedade moderna, que estabelece a dicotomia da natureza, força a normatização da vida dos homens e, ao mesmo tempo, é produto de uma instauração incompleta dessa modernidade e de suas hesitações quanto a determinados lugares. Esses múltiplos híbridos são representantes de movimentos de contestação e de busca do sentido individual nas múltiplas comunidades de interesse e de “estar-junto por si só”.

### **5.7.2. Relação espaço/tempo**

Grande parte da história do espaço moderno mundial está relacionada ao processo de modernização/ocidentalização do mundo. Santos (1999) observa que a história do mundo representa a história da diminuição dos sistemas técnicos, no sentido que, desde a Antiguidade e culminando na expansão europeia, durante o

mercantilismo, o mundo converge para uma unicidade técnica. Os fundamentos dessa história estão vinculados à disseminação, pela dominação e repressão, de sistemas de objetos e sistemas de ações que irão construir um espaço geográfico globalizado. Esses sistemas de ações representam um conjunto de conhecimentos que determinam “o que fazer”, “como fazer” e por que fazer” por todas as regiões mundiais. A técnica única é representada pelos métodos, materiais e instrumentais de se fazer trabalho, além de todas as relações sociais e institucionais que as envolvem e as proporcionam.

Digamos que o mundo tende, a partir dessa diminuição dos sistemas técnicos, a uma unificação espaço-tempo. Para Harvey (1996), o que ocorre é uma contração local de um espaço-tempo que se globaliza, tornando os lugares do mundo unificados por uma condição territorial e histórica que remete ao processo de ocidentalização de um sistema cultural e de uma sociedade moderna baseada no modo de produção capitalista, assim como seus sistemas técnicos.

Giddens (1991) observa a difusão de um espaço-tempo que parte de um nível local e se expande para a escala global. Nesse sentido, o que podemos perceber é que as configurações espaciais e o tempo histórico tende a unificar-se nos lugares do mundo e essa unificação configura o que chamamos de globalização ou instauração de um “meio-técnico-científico-informacional” (SANTOS, 1999), para quem esse meio está representado pela unicidade técnica, pela informação instantânea, pela convergência dos momentos em/para todos os lugares, produzindo a sensação de história e de presente único, e pela universalização da mais-valia, como homogeneização dos sentidos e das relações de classes inseridas no modo de produção capitalista.

No entanto, Benko (1996) observa que, nesses processos de unificação dos sistemas de objetos, ações e técnicas, se estabelecem, de forma “contraditória e combinada”, em nível mundial. Santos (1999) também observa que, embora exista uma tendência à unificação técnica, que condiciona a formação de um espaço-tempo mundial, os “encaixes” (Giddens, 2002) espaço-temporais são singularizados e representativos por algum ponto na linha histórica que unifica o mundo. Esses “pontos” são representativos de múltiplos lugares que se

configuram diferentemente, produzindo múltiplas condições espaço-tempo que se classificam em vários níveis de atrasado ou de avançado<sup>178</sup> numa pretensa na linha histórica mundial comum.

A unificação se dá pela produção de redes que proporcionam o “alongamento” dos lugares e sua “compressão” em outros. O que podemos verificar, conforme argumenta Santos (1999), é a “exacerbação de verticalidades” nesse processo, em que os lugares sempre estão adaptando-se as novas normas e formas. As redes aqui são verticalidades disseminadas por centros de bifurcação de conhecimento e de ordens mundiais, inseridos na atual fase de extrema monopolização do capital e do poder mundial.

Na visão de Musso (2004), a rede representa a reprodução do poder vertical que se dissemina por fluxos (linhas, redes, caminhos) e os lugares que se condicionam a ela. A rede irá organizar e tornar rígida e mais previsível as relações e o lugar concreto, tornando sólida a “esfumacenta desorganização” e imprevisibilidade desses lugares.

Como vimos, a rede instaura formas e normas aos lugares. No entanto, Benko (1996) verifica que essas “coordenações” representam-se pelas desigualdades em seus programas e pela coordenação conflituosa, o que singulariza lugares e segmentos sociais em diversas escalas. Massey (apud HAESBAERT, 2005) observa isso também, argumentando que, além da compressão espaço-tempo existem distintas “geometrias de poder” nas quais a compressão se multiplica pelas desigualdades de suas configurações, de sua origem e de sua distribuição.

Haesbaert (2001) verifica que o fenômeno da globalização não pode ser entendido em separado do fenômeno da fragmentação, que pode ser compreendida por duas formas: a fragmentação inclusiva ou integradora e a fragmentação excludente ou desintegradora. A primeira remete à organização das redes mundiais e às configurações desiguais dos lugares que ela conecta, em

---

<sup>178</sup> Ao mesmo tempo em que, em virtude da unicidade técnica e da ocidentalização cultural do mundo, podemos verificar lugares que estão mais além e outros mais aquém dessa unificação mundial. Os próprios lugares reinventam-se como singularidades junto aos processos verticais que tendem a abarcá-los. Nesse sentido, o próprio projeto de unificação é dialético frente às múltiplas condições de contestação e de aproveitamentos das especificidades dos lugares.



benefício da diversificação da produção e do consumo capitalistas. A segunda remete as forças contrárias que se travam no processo dialético unificação/fragmentação, como os movimentos de contestação gerados pelas fragmentações dos excluídos desse processo ou os múltiplos aglomerados de exclusão que a globalização gera. Seguindo as idéias de Shields, Haesbaert (2005) verifica que o processo de compressão espaço-tempo se estabelece pela realidade da “presença-ausência”, “inclusão-exclusão”, “dentro-fora”, definindo várias condições do processo de unificação moderna que se dá pela desigualdade de inserção, diferenciando muito os lugares no mundo.

Nesse sentido, como conclusão desse processo, o que temos é uma multiplicidade de lugares em singularização. Pelo mundo afora temos inúmeras condições envolvidas com essa unicidade técnica que se constitui como meio-técnico-científico-informacional. A constituição desse meio é muito desigual para os lugares do mundo. Alguns ainda estão muito próximos ao meio natural, sendo quase natureza, outros ainda estão em processo de modernização e apresentam-se em algum estado entre meio natural, meio técnico, meio-técnico-científico e meio-técnico-científico-informacional. Os lugares no mundo se diferenciam por relações espaço-tempo singulares envolvidas numa linha de progresso da unificação espaço-tempo mundial.

Além das qualidades espaço-tempo diferenciadas, causadas pelos múltiplos sintomas de “presença-ausência”, “fora-dentro”, “excluído-incluído”, as perturbações são causadas pela emergência dos sujeitos que, solapados por esses sintomas, promovem perturbações à linearidade evolutiva desigual, fazendo diferenciar-se os espaços por movimentos culturais orgânicos vinculados à tradição, aos sentimentos, à espontaneidade e ao desejo. Nesse sentido, visualiza-se um espaço social que somente pode ser compreendido pelos processos orgânicos que abarca, que estão envolvidos por complexas teias de conflito que se explicam pelo entendimento de sua condição híbrida singular na linha que liga “natureza” e “sociedade” ou nas várias situações de definem “presença-ausência” dos processos de modernização.

Conforme Santos (1997), temos assim um espaço social “uno” e “múltiplo”. Uno quando nos referimos ao processo de unificação ocidental/moderna e organização do meio-técnico-científico-informacional, representando assim o processo de internacionalização de uma cultura européia, da racionalidade científica, dos conhecimentos que representam verdades sobre “o que fazer”, “como fazer” e “por que fazer”, da moral com origens cristãs e da família burguesa e do direito proveniente das luzes e da Revolução Francesa. Por outro lado, nesse trajeto de uniformização, as bases comunitárias tidas como pura natureza são dominadas pela violência, contestam a dominação e firmaram múltiplas relações entre verticalidades inseridas na uniformização cultural e técnica global e sua tradição local. Outro fato que explica a condição múltipla do espaço social é o múltiplo aproveitamento que os poderes globais definem aos lugares, diferenciando-os. No caminho das redes capitalistas, muitas condições locais acabam tornando-se globais (culturas, materiais e técnicas), fazendo com que essa definição de “global” mais próxima de uma condição que lembra um mosaico do que algo uniforme e ordenado.

### **5.8. PERGUNTAS NECESSÁRIAS À GEOGRAFIA**

Pelo que argumentamos até então, apreendemos o espaço social pela organicidade de sua produção, em virtude das singulares relações contextuais e complexas entre “sociedade-comunidade-natureza” e “espaço-tempo”. O espaço social só pode ser entendido como múltiplo, como vários produtos orgânicos (vivos, em construção, em mutação, em singularização e com vínculos diversos ao processo de uniformização social moderna) das complexas relações anteriormente citadas. Para entendê-lo sugerimos questões principais:

- a) como os lugares são abarcados pelo supra-orgânico (ocidental/moderno)?
- b) Como os lugares resistem ao supra-orgânico (mistos culturais regionais/locais)?

- c) Como está/é a diversidade relacional das “comunidades” orgânicas dos lugares? Como são suas relações entre organicidade e supra-organicidade?
- d) Como emergem/submergem o individual e o comunitário nessas relações? Seremos sujeitos, condições híbridas ou homem-particularizados?
- e) A multiplicidade pode caracterizar-se como um orgânico?

A respeito dessas questões colocadas e devido à organicidade e multiplicidade de formas e conteúdos (expressos em dinâmicas complexas) que definem o espaço social, esse somente pode ser entendido no que tange às “condições-partes” em processo de singularização. Essas “condições-partes” de “formas-conteúdos” em singularização estão representadas pela relação dialética “ordem-espontaneidade” que contém uma cultura orgânica específica. Elas podem ser concebidas como condições territoriais da relação natureza-sociedade inseridas nos movimentos de modernização e contra-modernização (dialética que define a própria modernidade) do espaço social. Essas territorializações (processo dinâmico vivo e cheio de organicidade) apresentam-se como processos múltiplos (conforme HAESBAERT, 2002), entre territorializações mais fechadas (fechamento identitário), tradicionais (lógica do poder e controle territorial dos Estados Nacionais), mais flexíveis (microterritórios organizados temporariamente nas cidades) e as efetivamente múltiplas (das sobreposições de funções, controles e simbolizações).

Nas relações que estamos estudando podemos afirmar que, seguindo a idéia de Sack (1996) sobre o “homo geographics”, e em decorrência da organicidade e multiplicidade do espaço social, não há indivíduo, grupo social ou instituição sem território, e esses territórios se expressam em diversas escalas e em diversas condições territoriais, desde a mais material e mais fechada, até a mais simbólica, flexível e fluida.

Nesse sentido, toda a relação social implica condições mistas do “favor” e do “contra” a sociedade, como “pockets of social relations” (VELHO, 2004), ou algo entre sociedade-comunidade-natureza e complexas relações espaço-tempo que, pela diversidade de expressões que abarcam, somente podem ser

concebidas como múltiplas territorializações que não definem propriamente a sociedade, mas o espaço social.

### **5.9. AS MICROTERRITORIALIZAÇÕES DE AGREGADOS SOCIAIS HOMOERÓTICOS**

As microterritorializações de agregados sociais homoeróticos apresentam-se hoje, no espaço social, como um exemplo de sua condição complexa e orgânica. Em primeiro momento a construção de uma identidade homossexual adveio de processos lingüísticos modernos que instalaram os pólos certo e contrário à normalização da sexualidade (COSTA, 2002).

A construção teórica da “homossexualidade” difunde-se pelo tecido ideológico na história do século XX e se torna uma identificação complexa em virtude da carga de estereótipos que carrega. Entre muitos trabalhos que definem ora como patologia, ora como sofrimento, ora como uma essência homossexual - talvez uma das muitas presentes na sociedade -, criou-se um “ethos” homossexual como conjuntos de atributos existentes nesses sujeitos. De anormais e perversos, passam a ser considerados como doentes mentais; posteriormente, como pessoas incapazes de domar seus instintos; e, finalmente, passam, a partir de suas manifestações, a serem vistos como sujeitos pertencentes a uma cultura que evolui em um movimento social gay que pretende uma unificação.

A AIDS promove o debate social sobre a homossexualidade, mas também amplia a ocorrência de eventos homofóbicos, fazendo com que sujeitos homoeróticos transitem por outras expressões estéticas e comportamentais que se afastem do estigma da relação entre cultura gay e AIDS.

Nesse sentido, a cultura gay transita entre forças pretensas de unificação e forças que tentam desconstruir qualquer classificação identitária de cunho autoritário (novas atitudes relacionadas à teoria *Queer*), causando uma diversidade e uma hibridização (pastiche) de possibilidades expressivas em lugares de encontros cujas forças de atração são os desejos homoeróticos. Ao mesmo tempo em que Pollak (1983) e Macrae (1983) evidenciam a construção de

uma cultura e de uma identidade gay nascida nos “guetos”; Costa (1992), Parker (2002) e Braga Junior (2006) observam que as experiências e as condições expressivas homoeróticas podem ser múltiplas e cambiantes. Nesse sentido, podemos observar que o que se fundam são “organicidades” de “comunitarismo” de interesses baseados nos desejos homoeróticos, que estabelecem um íntimo vínculo com o lugar de encontro desses indivíduos, no qual ocorre a microterritorialização.

Nesse sentido, o que podemos evidenciar é que os desejos homoeróticos acabaram sendo convertidos em condições lingüísticas que irão definir o sujeito homossexual como uma “condição-meio” de sua existência, tanto natural como social, ponto mediano dos pólos natureza (instinto) e sociedade (temperança/equilíbrio/ordem/norma). Mas é justamente o que Costa (1992) se pergunta: Existe um sujeito homossexual (ou gay)? Quais são os atributos definidores dele? As respostas a essas questões tornam-se muito confusas e procuram trazer exemplos que talvez culminem nas definições de Pollak e Macrae, mas nunca dão conta da diversidade de experiências homoeróticas que possam existir. No entanto, pairam como identidade objetiva essas definições de homossexual, gay ou até mais pejorativas como bicha, boilola, sapatão, entre outros. Essas definições identitárias objetivas, embora ainda muito confusas na literatura e para qualquer realidade individual, servem para produzirem subjetividades no pólo desviante da sexualidade da família heterossexual, criando inúmeros processos psíquicos individuais que se converteram em comunitarismos singulares em prol de uma experiência sexual homoerótica ou homoafetividade.

Todos esses sentimentos e ações *same sex oriented*, muito diversas, estão “fora” da sociedade (heterossexual) ou são algo “contra” a sociedade. Ao mesmo tempo, são produtos que ela inventou para poder curar-se e ordenar-se em busca de um progresso e de uma perfeição. Sendo dialeticamente “contra” e “a favor” da sociedade, não são sociedade, mas apresentam-se como enclaves de convivências tomadas por essa dialética. Como enclaves, são basicamente experiências territoriais, como nos lembra Parker (2002), ou seja, são lugares singulares nos quais concorrem desejos homoeróticos envolvidos com as tramas

existenciais de uma sujeitificação homossexual e gay. Nesse sentido, os tipos de convivências, as relações, as microéticas existentes e as estéticas que as envolvem apresentam-se como experiências microterritoriais de enclave e são diversas, não podendo apresentar-se como repetições territoriais de uma cultura gay. Tanto é que a própria cultura hoje procura dar definições ainda restritas a diversidade dessas experiências, como GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), entre outras siglas “racionalizadoras” de uma organicidade que se torna indefinida na realidade.

As microterritorializações de encontros homoeróticos, diversas em suas definições (talvez indefiníveis), fluidas, sobrepostas a outras experiências territoriais, estabelecidas por fronteiras de convivência (que as protege da sociedade normatizadora), tanto mais fechadas como mais abertas, além de flexíveis, são exemplos complexos das mais diversas experiências territoriais de convivência que se encontram no espaço social. Em virtude do que falamos, utilizando o exemplo das convivências homoeróticas territorializadas, a sociedade não pode existir como concreto, e sim como uma macroideologia massificadora e repressora. Nos embates produzidos pela sociedade moderna, o que fica é o espaço social orgânico, cujas identidades, afetividades e culturas acabam tornando-se experiências microterritoriais de “vida” orgânica. Conforme afirmação de Geertz (1989), cultura é um território. Nesse sentido, o espaço social apresenta-se, de um lado, como uma territorialização supra-orgânica da sociedade moderna e, por outro lado, por múltiplos embates contraditórios nessa territorialização, tornando-se um complexo orgânico de múltiplas microterritorializações que guardam em si as dialéticas “ordem-desvio”, “contra-a favor”, “natureza-sociedade”, “certo-errado”, “ordem-desordem”, “desejo-racionalidade”, entre outras.

No decorrer do anos de 2004, 2005 e 2006, foi realizada a pesquisa sobre convivências homoeróticas no bairro Cidade Baixa e Centro de Porto Alegre, tendo por objetivo procurar estudar a relação estreita entre espaço geográfico e os desejos homoeróticos. Isso representou um estudo “etnogeográfico” (BONNEMAISON, 2002) sobre as convivências com “grupos de amizade” de

homem orientados para o mesmo sexo, procurando participar de forma continua em suas “derivadas” (PERLONGHER, 1987) na busca de relações homoeróticas e em lugares festivos caracterizados como gays ou GLS. O interessante dessa pesquisa foi poder comprovar que as experiências homoeróticas poderiam ser caracterizadas por duas principais condições. Em primeiro momento verificou-se que eram basicamente experiências territoriais, uma vez que a “homoafetividade” (a simples busca sexual ou a relação desvinculada de sexo entre grupos de amigos) não poderia ser totalmente revelada sem a “proteção” de um lugar específico e, em segundo momento, que os indivíduos inclinados para o mesmo sexo mantinham práticas culturais que poderiam ser reveladoras de uma cultura gay e, ao mesmo tempo, se demonstravam totalmente diversos quanto aos seus “gostos sexuais”, suas estéticas, suas perspectivas e comportamentos. O próprio processo de territorialização das práticas homoeróticas já são diversas( COSTA,, 2002), diferenciando-se quanto à situação dos lugares, das relações estabelecidas, da estética e dos comportamentos assumidos e quanto ao fechamento e abertura com o exterior.

Além de convivência direta com indivíduos e grupos de amigos orientados para o mesmo sexo, a pesquisa procurou aprofundar o assunto da relação “território-homoerotismo” a partir de entrevistas individuais. Como método para produção do conjunto de questões foi utilizada a proposta de Plummer (apud WEEKS, 1999) sobre a construção da identidade estigmatizada, caracterizada pelas seguintes etapas: sensibilização (indivíduo torna-se consciente de sua diferenciação ao ser rotulado), significação (atribui sentido a essa diferença, toma consciência das possibilidades do mundo social), subculturização (reconhece a si a partir do envolvimento com os outros) e estabilização (atinge o estágio de plena aceitação).

O interessante é que todas essas etapas estão relacionadas à formação da identidade estigmatizada, envolvendo-se então com a idéia da sujeitificação homossexual ou gay. Ao mesmo tempo que as respostas apontam para um enquadramento identitário vinculado a um conjunto de atributos e situações que culminam numa essência homossexual, as histórias de vida, as definições de

desejo, as perspectivas e os lugares nos quais estabelecem as relações foram muito desiguais. Nesse sentido, os resultados dessa pesquisa, em relação ao trabalho “etnogeográfico”, tanto quanto as conversas estabelecidas a partir do questionário produzido<sup>179</sup>, demonstram a relação dialética existente entre identificação homossexual e/ou gay e diversidade de indivíduos e/ou situações de expressões homoeróticas. Por outro lado, todos os entrevistados apontam sempre a importância dos lugares de convivência para exercício do desejo e da afetividade. Assim sendo, as microterritorializações são fundamentais para a expressão homoerótica, mas todas elas são singulares, pois revelam em si a situação da dialética entre racionalização e espontaneidade/desejo na modernidade.

Os homens entrevistados foram contatados a partir da pesquisa “etnogeográfica” feita em lugares de convivência homoerótica. Esses lugares são:

- a) lugares públicos: o Parque da Redenção, o Rua da Praia Shopping, o Centro Comercial Nova Olaria e as ruas do bairro Cidade Baixa;;
- b) lugares de encontro privatizados (bares, boates, locadoras de vídeos pornográficos): o Ocidente, o Venezianos Pub, o Garrafa´s bar, a Eróticos Vídeo Locadora e o Vitraux.

A seguir explicitamos blocos questões feitas aos entrevistados, revelando a importância da questão e as respostas obtidas.

1. Onde e como aconteceu a sua primeira experiência homoerótica?
2. Você percebeu-se homossexual antes ou depois da primeira relação ?
3. Em que situação e em que lugar você sentiu-se diferente devido a seus desejos homoeróticos?

---

<sup>179</sup> Não ocorreu a aplicação do questionário como uma entrevista. Ocorreram conversas informais em que os observadores guiavam-se por um conjunto de assuntos interessantes e contidos no questionário.



4. Logo que percebeu essa diferença, o que aconteceu? Como se sentiu?
5. Pessoas de seu meio influenciaram você para a percepção de sua condição homossexual? Como?

Essas questões procuravam desvendar as etapas de “sensibilização”. Muitos dos entrevistados alegavam que tiveram desejos homoeróticos na adolescência para com membros da própria família e amigos de vizinhança, tendo acontecido as primeiras experiências homoeróticas com parceiros dessas categorias. Outros, já na pré-adolescência, sentiam-se atraídos por algum ator de televisão visto em filmes ou em telenovelas. Mas é interessante notar que a grande maioria dos entrevistados sentiu-se como homossexuais, gays ou bichas algum tempo depois das relações homoeróticas acontecerem, por serem rotulados a partir do conhecimento de outros a respeito dessas relações.

Em primeiro momento, a palavra homossexual somente fora conhecida posteriormente a algumas outras discriminatórias (bicha, por exemplo), mas a significação da diferença veio após o desejo e a relação homoerótica. Especialmente um entrevistado alegou ter tido, de maneira freqüente, na pré-adolescência, coito anal com vizinho poucos anos mais velho, sem ter a menor noção do que aquilo significava, somente alegando ter prazer e extrema afetividade com tal vizinho. Foi a partir de outros amigos de vizinhança, que em brincadeiras começavam a rotulá-lo de “bichinha”, que aos poucos começou a perguntar-se sobre o que acontecia e a sofrer em virtude da significação da identidade estigmatizada.

Em todas as conversas estabelecidas, o processo de significações se encontrou junto às relações sociais, partindo de rotulações de amigos e de familiares. Na escola e na família, as rotulações, em muito dos casos, tornaram-se repressivas e até mesmo violentas, como em casos de linchamento por colegas de escola e espancamento pelo pai.

Percebeu-se que em todos os casos as instituições sociais foram severas quanto à definição da diferença desviante, fazendo os indivíduos orientados para o

mesmo sexo passarem por muitas angústias psíquicas decorrentes de uma extrema necessidade de definir seus desejos, reprimi-los e procura adequar-se aos papéis e comportamentos socialmente aceitos.

A percepção da diferença dissipou-se, no decorrer das várias conversas que tivemos, em vários caminhos de comportamentos quanto ao exercício das relações homoeróticas: negação do desejo e tentativas frustradas de manter relações heteroeróticas, afirmação e apropriação dos estereótipos como forma de repúdio à repressão, manutenção da postura de gênero “heterossexual” e continuidade camuflada das relações homoeróticas fora dos ambientes institucionais repressivos, ambigüidade quanto às relações e aos objetos de desejos eróticos, convivências “heterossexuais” de fachada e fugas tanto mais contínuas como mais esporádicas a lugares pelos quais poderiam saciar desejos homoeróticos de forma rápida. A cada “caminho” citado, podemos observar tempos diversos de exercício de um ou de outro, com constantes mutações de comportamento para um e para outro, tornando diversas as posturas após a significação da identidade estigmatizada.

6. Em que situação você percebeu que havia outras pessoas que compartilhavam de seus desejos (que fazia parte de um grupo)? Como se sentiu em relação a isso?
7. Como foram os primeiros envolvimento amigáveis com essas pessoas?
8. Como descobriu lugares de freqüência homossexual? Que lugar freqüentou inicialmente?
9. Como descobriu lugares de freqüência homossexual? Que lugares freqüentou inicialmente?
10. Você se sociabilizou com facilidade? Que tipos de estranhamento teve a princípio?

Essas questões procuram verificar a etapa de “subculturização”. Para o que desenvolvemos até agora, ela representa a etapa de territorialização do indivíduo

orientado para o mesmo sexo, pois implica encontrar o grupo significativo quanto aos desejos homoeróticos, que não estão dispersos no espaço social, mas territorializados por múltiplas e mutantes culturas orgânicas de convivência que, como já falamos, representam a relação dialética entre ordem identitária e expressão de espontaneidades.

Weeks (1999) utiliza o termo subcultura em virtude da relação direta que essas convivências mantêm com o corpo estruturado da sociedade dominante (“heteronormativa”, que estabelece a homossexualidade pela rigidez do pólo identitário desviante). Concordamos com a visão de Weeks (1999) sobre o conceito de subcultura, mas pensamos que essas convivências não são condições rígidas de uma estrutura totalizante, mas, além disso, condições múltiplas orgânicas resultantes dos conflitos existentes dentro dessa própria rigidez estrutural. Dialeticamente falando, são condições “a favor” e “contra” essa estrutura social que expressam, e são expressas, por um espaço social difuso em inúmeras e orgânicas condições de microterritorialização dessas convivências. Pensamos que os termos “territorialização” ou “microterritorialização” (em virtude da grandíssima escala) representam conceitos mais flexíveis para entender as condições desses agregados sociais (se é que eles devem ser entendidos).

Observamos duas condições evidentes. Por um lado, a inserção em grupos de convivência para expressão da sexualidade é efetivada pela relação entre duas pessoas ou pela relação com o lugar onde seja possível a expressão de desejos homoeróticos. Na sua maioria, os entrevistados alegaram que as primeiras convivências, somente sexuais e amigáveis, foram possíveis pelo contato com lugares de freqüência homoerótica (lugares de “pegação” ou bares e boates gays). Por outro lado, mesmo quando se dava pelo contato entre duas pessoas, não pelo lugar, seja parceiro sexual ou amigo íntimo, a tendência era logo procurar juntos os lugares de freqüência homoerótica. Nesse sentido, os lugares de freqüência, “microterritorializados” pelas convivências singulares, tornam-se fundadores de uma “identificação” e de uma “socialização” homoeróticas do homem *same sex oriented*. E como se estabelece essa socialização?

A socialização é um processo dialético. Nesses grupos de convivência o indivíduo *same sex oriented*, ao mesmo tempo que se acha livre para a expressão de seus desejos homoeróticos, também é pressionado, de forma quase imperceptível, pelas possibilidades de relações existentes na restrição dos lugares. A microterritorialização representará um misto de várias condições: a condição da identidade estigmatizada contida na sociedade totalizante, a condição da identidade e dos valores inseridos em uma cultura gay que se transnacionaliza (marcação da diferença explorada também pelo mercado), as relações existentes dentro da sociedade local (da nação e da região) quanto ao homoerotismo, os diferentes ímpetus espontâneos dos indivíduos que constituem os lugares. Mesmo pensando que são microterritorializações próximas a “guetos”, de liberdade restrita, benéficas à organização de uma sociedade que procura esconder suas doenças, vícios e desvios, elas são “lugares” múltiplos que buscam a espontaneidade e pululam em um espaço social que contradiz a pensada realidade de uma sociedade perfeita que, para tornar-se perfeita, é repressiva.

Verificamos que diferentes foram os tipos de lugares de frequência em que as pessoas que falamos mantiveram contato inicial. Muitos deles primeiramente procuravam, de forma camuflada, lugares de prática sexual (de “pegação”) como banheiros públicos, parques e praças de paquera homoerótica. Outros se envolveram diretamente em bares e boates gays.

Observamos uma dicotomização entre lugares públicos e privados para as convivências homoeróticas em que, dentro dessas duas classificações, inúmeros lugares são avaliados por alguma condição ou outra específica da convivência: práticas sexuais e culturais estabelecidas, segmento social, tipos homoeróticos (efeminados, não-efeminados, andróginos, travestis, homens que camuflam suas práticas homoeróticas, “clubbers”, mais jovens, mais idosos, entre outros muitos).

Muitos (aqueles mais estabilizados quanto a uma identificação dita gay) verificaram que nos primeiros contatos sentiram um estranhamento quanto à espontaneidade de muitos comportamentos não-aceitos pela sociedade normatizadora e revelados nos lugares definidos como gays. Muitos deles alegam uma transformação estética e comportamental, como expressão da transformação

da subjetividade em virtude da objetividade expressa pelos lugares de convivência.

No entanto, os processos encontrados são diversos e remetem aos sujeitos produzidos como condição da relação entre suas experiências dialéticas entre ordenação de uma personalidade social e seus desejos/espontaneidades individuais e as múltiplas possibilidades de “encontros” com lugares de convivências homoeróticas específicas. Além disso, o encontro com lugares remete também ao encontro com pessoas específicas desses lugares (formação dos círculos de amizade e companherismo) que também apresentam expressões de subjetividades múltiplas, além das definições dos lugares de convivência que estiveram.

Por esses processos, podemos perceber que se tecem complexas e difusas expressões homoeróticas individuais e em agregados de indivíduos. Mesmo sabendo que determinados lugares de convivência apresentam características definidoras específicas eles contêm outros agregados de “amigos” que acabam expressando comportamentos diferenciados. Nesses processos dinâmicos é que se tecem microterritorializações orgânicas que contêm os desejos homoeróticos. Orgânicas, pois remetem ao dinamismo do processo de transformação constante das convivências que contêm. Por isso a dificuldade de persistência das condições das microterritorializações e de sua “vida” (possuem vida muito curta) e por isso o sufixo *zações*, pois são processos; não territórios prontos e estabilizados; assim como expressam culturas de convivências orgânicas de vida curta, ou seja, não estabilizadas ou representativas de condições elementares de uma estrutura rígida.

- |  |
|--|
| <p>11. Como se estabeleceu seu comportamento após a freqüência a lugares gays? Houve diferenciação comportamental nos meios formais e informais? Como você agia no mundo externo e nos lugares de freqüência gay?</p> <p>12. Você modifica seus comportamentos e posturas em determinados lugares? <u>Caso sim</u>, como age nos seguintes lugares e situações?</p> <p>12.1. Família</p> |
|--|

12.2. Trabalho

12.3. Rua

12.4. Escola

12.5. Lugares Gays

13. Como as experiências no gueto permanecem e o influenciam no seu cotidiano?

A respeito dessas questões, podemos verificar diferentes tendências de comportamento nos lugares de convivência, no dia-a-dia dos entrevistados, porém somente alguns, principalmente os entrevistados que estão engajados em ONGs vinculadas ao movimento político gay, afirmaram apresentar formas de comportamento idênticas em todos os lugares de convivência (família, trabalho, escola, etc).

Na estrutura da sociedade e pela definição da identidade estigmatizada, os desejos homoeróticos tenderam a ser expressos de forma confinada nos lugares de convivência específica gay. Em muitos dos casos é justamente isso o que acontece, mas foi verificado pela pesquisa (nas entrevistas e nas convivências participativas) que, mesmo aqueles indivíduos mais preocupados com sua condição dita homossexual ou gay, estabelecem exposições em diferentes contextos relacionais, mesmo nos meios mais institucionalmente repressivos, como família e trabalho. Por outro lado, mesmo ocorrendo isso, a territorialização das relações no espaço social preocupa tais pessoas e faz com que elas promovam um constante trabalho de vigilância sobre si e sobre as pessoas com quem se relacionam. Os indivíduos orientados para o mesmo sexo adquirem, no decorrer de suas experiências de vida, uma boa capacidade de saber onde “estão pisando”, no sentido de perceberem as condições ambientais da relação social para poderem dosar suas espontaneidades e o cumprimento dos papéis sociais “normais” da sociedade. Muitos dos indivíduos que foram acompanhados durante a pesquisa se perguntavam como adquiriram a capacidade de identificar, em meio o espaço público “heteronormatizado”, outros inclinados para o mesmo sexo e propensos a uma experiência homoerótica. Outros se entusiasmavam, relatando sobre as angústias e o esforço de aos poucos serem aceitos seus atributos desejantes em meio a outras pessoas ditas heterossexuais ou em grupos sociais

como família, trabalho, universidade, etc. Muitos deles, em diálogo com o pesquisador, observaram que tal capacidade remete justamente à angústia de se pertencer a uma sociedade que reprime e castra os desejos e as relações entre os mesmos sexos.

Mas o que queremos salientar é que, além da territorialização específica das convivências homoeróticas - sendo elas muito diversas e complexas em seus entendimentos -, expressões desses desejos ocorrem em todos os meios sociais, porém são as condições de territorialização das relações sociais que irão possibilitar e dar consistências a tais expressões - que pode ser algo que em determinados momentos, se aproxima dos comportamentos expressos nos “guetos” gays e, em outros momentos, da necessária expressão dos papéis sociais “heteronormatizados”.

Verificamos, então, que a sociedade não pode ser representada como uma “máquina heterossexual”, mas é permeada por outros comportamentos e relações que tornam difusa a racionalização da sexualidade nos contextos sociais. Assim, a sociedade é representada por um espaço social difuso que apresenta um dinamismo orgânico constituído pela diversidade de microterritorializações de relações complexas quanto à dialética entre ordens/normas e desvios/desejos/espontaneidades.

14. Que lugares frequenta atualmente? Você faz distinção entre lugares em que encontra amigos e aqueles em que busca sexo?
15. Você identifica diferentes tipos de lugares gays? Qual a diferença entre eles?
16. Você modifica sua conduta e estética em diferentes lugares gays? Em caso afirmativo, exemplifique (lugar, comportamento e estéticas apresentadas).
17. Cite três diferentes lugares de frequência gay.

Foram vários os lugares de frequência homoerótica comentados. Basicamente ocorreram as seguintes distinções nas respostas dos entrevistados: a existência de lugares de frequência privatizados (em que se paga para entrar),

como bares e boates, e a frequência a lugares públicos, como partes de shoppings centers, parques e praças da cidade e banheiros públicos. Nesses aspectos podemos verificar que as convivências e as experiências sexuais homoeróticas tendem a saírem das ruas e se confinarem em “guetos” privatizados gays, ou em diversos outros lugares que, muitas vezes, se distanciam de muitas condições estéticas gays, mas vinculam-se às práticas homoeróticas entre homens.

Nesses lugares privatizados, nos quais os desejos homoeróticos são exercidos, acontecem formações culturais orgânicas, ora com grande tendência à aproximação da cultura gay norte-americana, em que fundam atributos estéticos de consumo (música, vestimenta, acessórios, materiais de publicidade, festas, etc), ora com expressões mistas ou híbridas de alguma outra cultura (interseções entre culturas locais, ou alguma outra expressão de consumo, ou, ainda, de outros grupos urbanos variados). Diversos são os lugares privatizados, daqueles relatados cujas diferenças se apresentam pela estética (mais retrógrada ou mais à frente quanto às tendências da moda, em que se paga caro para conviver em um lugar requisitado pelas tendências de vanguarda na música, nos serviços e na “qualidade” do público), pelos segmentos sociais que se encontram presentes (implicando valor de entradas e de itens de consumo diferenciados), pelo caráter mais aberto ou fechado à convivência homoerótica (bares somente gays, bares de simpatizantes ou público GLS, bares temáticos de propensa convivência homoerótica, como os de tendência intelectual, artística e publicitária, entre outros).

Além disso, ocorrem atualmente inúmeros lugares específicos para as práticas sexuais homoeróticas (saunas, videolocadoras, cinemas pornográficos, casas de prostituição). O interessante é que estes lugares vão abrigar inúmeras situações individuais quanto à vivência da identidade homossexual ou gay, desde homens totalmente envolvidos como uma cultura gay até homens que procuram esporadicamente experiências homoeróticas que estão encobertas por uma vida coerente quanto os papéis e funções “heteronormativas”. Nesse sentido, observamos, quanto aos lugares privatizados de encontros homoeróticos, muitos



lugares temáticos que abrem à exterioridade a convivência de indivíduos orientados para o mesmo sexo (diversos quanto aos comportamentos, à estética e à expressão dos desejos homoeróticos). Outros são mais fechados e específicos de uma cultura gay mais ou menos bem definida (ocorrendo múltiplas formas conteúdos culturais que se aproximam ou se afastam das definições dessa cultura, mesmo podendo ser comparadas a ela) – o que vem a confirmar os estudos de Macrae (1983) e Pollak (1983) - e outros, estritamente vinculados às práticas sexuais (lugares de “pegação”, como videolocadoras, cinemas pornô e casas de sexo e prostituição), em que os indivíduos que neles circulam são diversos e mantêm relações eminentemente sexuais, não vinculando fortes laços de formação cultural específica. Nestes últimos lugares citados, as convivências e as condutas são primordialmente representativas das preferências sexuais, definidas pelas sutilezas e pelo silêncio nos gestos que irão definir o que se quer na prática sexual.

Além dos lugares privatizados, ocorrem as convivências homoeróticas territorializadas no espaço público. Todas essas convivências ocorrem escondidas ora em meio à multidão, nos momentos de maior circulação de pessoas no espaço urbano, ora em horários nos quais determinados espaços tornam-se pouco freqüentados (sendo invadidos pelos “desviantes”: prostituição, pessoas que moram nas ruas, “homossexuais”, mendigos). Todos os parques e praças das cidades abrigam os “deviantes”, talvez pela sua condição próxima à natureza. Neles os “quase-natureza” sentem-se protegidos da sociedade que os reprime.

Principalmente à noite os parques (como no Parque da Redenção, em Porto Alegre-RS) tornam-se lugares de grande freqüência de diversos homens que procuram saciar seus desejos homoeróticos. Na escuridão dos parques aparentemente vazios, inúmeros homens, cujos desejos e expressões homoeróticas são castradas pela sociedade, convivem em decorrência da necessidade de manter uma experiência sexual.

Tais homens “derivam” pelas ruas, pelos parques e praças (como nos fala PERLONGHER, 1987) à procura de algum parceiro adequado às suas necessidades “quase-natureza”. Essas derivas, conforme diz um dos entrevistados

a pesquisa, tornam-se verdadeiras “caçadas” no espaço público, pouco ou altamente freqüentado. Elas são como táticas que burlam a configuração material e funcional do espaço produzido pela sociedade (DE CERTEAU, 1994), para um espaço produzido pelas convivências “aqui” e “agora”, em que se separam das condições tidas como sociais para tornarem-se convivências do “estar junto por si só” (MAFFESOLI, 2002).

Devido a essas observações, verificamos que os diferentes sujeitos e suas espontaneidades vão alterando as condições normativas da sociedade, produzindo uma realidade material (que são o espaço, a relação, a ação e o tempo humanos “aqui e agora”) difusa, cheia de diferenças sutis, cujos atributos dos encontros, relações e convivências são orgânicas e complexas quanto os laços que ligam os homens ali presentes. Assim definimos a qualidade do espaço social.

## 6. CONCLUSÃO

No caminho que traçamos, construímos um conhecimento a respeito da importante relação dialética existente na sociedade moderna: a relação ao mesmo tempo combinada e contraditória entre ordem/razão/norma e desejo/prazer/espontaneidade/desordem. Verificamos que essa dialética é expressa nos mínimos acontecimentos cotidianos e abarcam a constituição dos sujeitos sociais e a formação de agregados relacionais ligados a eles. A modernidade ordenadora produz o espaço da sociedade, forçando sua produção racional e funcional, mas os diferentes sujeitos sociais burlam essas constituições e produzem um espaço complexo quanto às diferentes formas de territorialização deles. O espaço social, assim, longe de ser ordenado e homogêneo, como apreendido racionalmente, apresenta-se orgânico, mutável, instável e fragmentado em diferentes condições de interações humanas, produtos da dialética entre ordens e desvios na modernidade.

Podemos entender isso a partir da necessidade de grupos homoeróticos se territorializarem no espaço das grandes cidades. Assim analisamos essas relações em Porto Alegre. A construção da homossexualidade e da cultura gay é atravessada por um conjunto de ideologias e produtos lingüísticos estabelecidos pelas atividades de comunicação na sociedade. Tendo como origem a sexualidade do pólo desviante “homo”, os sujeitos homoeróticos vão necessitar de formações microterritorializadas urbanas para acontecerem. Essas microterritorializações produzem os lugares de convivência, de aprendizados sobre a cultura das relações territorializadas e a possibilidade de exercer a sexualidade, já constituída das relações culturais estabelecidas nesses grupos de sujeitos.

As discussões contidas neste trabalho são produtos das relações estreitas em grupos de convivência homoerótica, mas podem ser usadas como bases teóricas para quaisquer definições de sujeitos na atualidade. O método microterritorial observa que a sociedade compõe uma cultura supra-orgânica que regra racional e moralmente os homens-particulares e/ou atores sociais, porém

também observa que existem táticas de espontaneidade que burlam a rigidez imposta pelas normas sociais. A relação entre norma e espontaneidade, implicando a produção social sobre os desvios e as más-condutas, é uma realidade não somente em relação à condição homossexual, mas a diversas outras culturas orgânicas que se tecem e se territorializam nas cidades da atual. Em virtude dessa discussão, foi necessário colocar em debate o próprio conceito de sujeito, como uma “condição-meio” que inexiste, assim como os pólos de ordem e de espontaneidade que o identificam, para verificar que suas territorializações também são múltiplas e instáveis quanto às características que as expressam, como definidoras dos próprios sujeitos mutantes.

Na seção dois, apresentamos uma discussão sobre homossexualidade, homoerotismo, cultura gay e teoria queer. Nele construímos a história das definições dos sujeitos com que trabalhamos, sendo eles resultados dessas próprias tramas identificadoras, que são construtoras dos territórios concretos a que pertencem e em que convivem – como sendo por eles reforçadas -, como os analisados em Porto Alegre, na seção quatro. Na seção três, buscamos, na história da cidade e da modernidade, a conformação de suas “forças” de ordenamento, assim como a evidência de que essas forças nunca se completaram efetivamente, em qualquer contexto de sua atuação. Na seção quatro, apresentamos o trabalho “etnogeográfico” estabelecido em Porto Alegre-RS, analisando as dialéticas inseridas na produção de microterritorializações homoeróticas nesta cidade. Nesse capítulo também expomos a proposta de construção do “método microterritorial”, que constrói um arcabouço teórico para o entendimento das diversidades de agregações humanas que circulam pela cidade contemporânea.

Na seção cinco, aprofundamos uma discussão sobre a modernidade e verificamos que os processos, produtos e contradições existentes nela apresentam-se como questões importantes inseridas na produção dos microterritórios mutantes e instáveis da atualidade urbana (que são, ao mesmo tempo, lingüísticos, representativos e concretos das convivências dos grupos humanos). Nesse sentido, torna-se necessário entender e aprofundar um método

de observação sobre o espaço social e sobre a territorialização dos grupos humanos, que chamamos de “método microterritorial”.

A discussão sobre a modernidade centra-se na dialética de seus contrários: o pólo ordenativo e o pólo de espontaneidade. Tais pólos apresentam-se imbricados em diferentes situações do cotidiano urbano. Em relação a isso, aprofundamos a discussão sobre as condições de existência do sujeito homossexual, relativas às necessidades de ordenarem-se e, ao mesmo tempo, deixarem-se fluir os desejos e prazeres homoeróticos.

Finalmente, discutimos também sobre as condições do “espaço social” e suas relações enquanto base material e simbólica das agregações humanas. Inserimos, nesse momento, a análise do trabalho empírico estabelecido, assim como os procedimentos de entrevistas que tentaram captar as relações existentes entre sujeitos e desejos homoeróticos e a microterritorialização dessas relações.

Concluimos este trabalho reforçando a idéia de o quanto é necessário estabelecer uma análise das relações micro e cotidianas na geografia dos grupos humanos na cidade. Esse método busca entender a cidade pelas convivências diversas que ela agrega; suas diferentes condições e construções históricas, simbólicas e materiais, assim como o entendimento dos determinantes e das contestações que fazem parte delas e as constitui. O método microterritorial inclui múltiplas escalas de análise. Inclui também a dialética entre as rígidas representações das instituições sociais, massificadoras no contexto da universalização das práticas e discursos culturais; e entre as relações de improviso e dotadas de espontaneidade que só podem ser entendidas no “aqui” e “agora” dos acontecimentos. Nesse sentido, por esse método, podemos, pelo menos, aproximar-nos das condições de produção múltiplas e complexas do espaço social, caráter das condições dialéticas dos diversos sujeitos sociais construindo seus espaços de interesses e de convivências.

Atentamos para a microterritorialização como o elemento espacial que, ao mesmo tempo, é produzido e produz os múltiplos e instáveis sujeitos sociais. As microterritorializações criam espaços nos quais as contradições desses sujeitos podem ser negociadas, criando contextos de entendimentos mútuos sobre seus

problemas, suas espontaneidades e seus deveres para com a sociedade. Ela é o “pequeno” espaço apropriado na cidade, mas que funda o sujeito pensante e transformador dos padrões sociais.

As microterritorializações se diferenciam em virtude das condições dialéticas dos múltiplos dos sujeitos em interação, tornando-se “nós”, com suas especificidades, construídas nas diversas experiências e redes sociais a que pertencem, se redefinem. A microterritorialização, assim, influencia a construção do sujeito pela interação estabelecida (a negociação com o outro, a redefinição de posturas e comportamentos e a significação mútua daquilo que converge para eles) no tempo e no espaço do acontecimento da reunião ou do convívio coletivo. As negociações fazem convergir e divergir posturas que vão adequando-se e influenciando os participantes, tornando-se, muitas vezes, parte de suas concepções, de perspectivas de vida e do modo como se expressam.

A interação microterritorializada não se anula no tempo e no espaço do acontecimento, assim como não se explica por ela mesma. Ela contém a dialética da situação carregada de espontaneidade e singularidade, assim como a dos discursos e das ideologias que se pretendem universais e que procuram organizar as relações humanas na sociedade.

O problema colocado consiste em explicar a microterritorialização dos desejos homoeróticos, no qual esses desejos são expressão das discriminações estabelecidas no seio das regras de organização das atividades humanas no desenvolvimento da sociedade. Como evidenciamos e como demonstramos em nossa pesquisa empírica, as microterritorializações são necessárias para o convívio e a afetividade homoerótica. Por outro lado, elas se diferenciam e se multiplicam em vários contextos microterritoriais, nos quais se cruzam diferentes subjetividades como condições instáveis e imprevisíveis das expressões dos sujeitos homoeróticos, como híbridos que contém de forma dialética e imprevisível manifestações tanto das condições que os regram e os obrigam a seguir preceitos sociais, como das espontaneidades de seus desejos e interesses afetivos e sexuais.

Esse é o fundamento que orientou a discussão exposta nesse trabalho. Através dele conseguimos explicar que no âmago das discriminações sobre os desejos homoeróticos emergem identificações sociais que vão separar os sujeitos desejantes, mas, por outro lado, as táticas desses sujeitos produzem constantemente alterações, imprevisibilidades de situações e múltiplas expressões relacionadas a expressão desses desejos. Como fruto dessa dialética salienta-se a necessidade de se microterritorializar, sendo a microterritorialização o encontro da diversidade sobre a realidade dialética contida na condição homossexual, na cultura gay e nos desejos homoeróticos. Diferentes sujeitos *same sex oriented* instáveis e mutantes se encontram nos lugares possíveis a essas convivências, porém essas microterritorializações não constituem *ghetos* que expõem uma realidade única da cultura gay, mas a imprevisibilidade do encontro territorial. Mesmo assim, dentro dessa imprevisibilidade, as tipificações quanto às características do encontro territorializado vão identificando o que acontece na microterritorialização (o bar, a boate, a rua, a praça e o parque). Em “microtempos” e em “microterritórios” acontecem ao mesmo tempo muitas situações imprevisíveis que dão corpo ao encontro, assim como tipificações que influenciam a postura dos sujeitos: a estética, o comportamento e as interações entre eles. A microterritorialização homoerótica, assim, é a dialética das relações entre normas e morais sociais, preceitos de convivências e espontaneidades individuais, ou seja, entre aquilo em que se determina socialmente, entre aquilo que se deseja em grupo de interação territorializada e a expressão espontânea dos desejos dos sujeitos.

Pela discussão e estudo das microterritorializações homoeróticas conseguimos estabelecer uma discussão sobre a sociedade e o espaço social. O espaço social se produz como reflexo de uma sociedade que procura reger e ordenar as atividades e convivências humanas. O espaço, assim, imprime objetividade dessas atividades e condiciona (“dobra”) os indivíduos. Por outro lado, é nele em que acontecem todas as instabilidades quanto essas determinações, e é nele que, por entre suas “brechas”, permite os desvios e a expressão conjunta de indivíduos em interações espontâneas. Nesse sentido,

além de um espaço social homogêneo e regrado como expressão objetiva da sociedade (moderna: impregnada de racionalidade e moralidade) temos um espaço social em que se desenvolvem inúmeras “brechas” ou contexto onde “interagem”, de “forma orgânica”, aquilo que é propriamente “orgânico” (espontâneo e que foge a regra) e aquilo que é propriamente “supra-orgânico” (que está “acima” da interação, ou seja, a moral, a regra e a lógica ordenadora). Nesse sentido o espaço social é um complexo de múltiplas microterritorializações de contextos de sujeitos em interação que expressam muitas situações “a favor” e “contra” a sociedade ou “a favor” e “contra” a espontaneidade ao desejo humano.



## 7. REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ARENDT, H. **O que é política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BECKER, H. S. As políticas da apresentação: Goffmann e as instituições sociais. In: GASTALDO, E. (Org.). **Erving Goffmann**: desbravador do cotidiano. Porto Alegre, Tomo, 2004.
- BENKO, G. **Economia, espaço e globalização**: na aurora do século XXI. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BENT. Direção: Sean Mathias. Produção: Gina Carter. Intérpretes: Mick Jagger, Clive Owen, Brain Webber, Lothaire Bluteau, Nikolaj Waldau. Roteiro: Martin Sherman. Música: Philip Glass. Inglaterra, 1997. Distribuição: Film Four International.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERTRAND, J.; OUALLET, A. Communauté(s). **Espaces Géographiques et sociétés**: travaux e documents de l'Unité Mixte de Recherche 6590. Nantes: Imprimerie La Contemporaine/Universités Angers, Caen, Le Mans, Nantes, Rennes II, 2002.
- BOBBIO, N. **Estado, governo, sociedade**: por uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia cultural**: um século. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. V. 3.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRAGA JUNIOR, L. F. **Caio Fernando Abreu**: narrativa e homoerotismo. 2006. Tese (Doutorado em Literatura). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BRAZ, C. A. de. Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Seminário Internacional Fazendo**

**Gênero**, 7., 2006, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em <http://www.artnet.com.br/~marko/camilo1.htm>. Acesso em maio de 2007.

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 21, v. 1, p. 71-95, jan./jun., 1999, Porto Alegre.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio e Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

CARVALHO, I. C. de M. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da Educação Ambiental no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COSTA, B. P. da. **A condição homossexual e a emergência de territorializações**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. A condição homossexual e a emergência de territorializações. CONFERÊNCIA DA COMISSÃO CULTURAL DA UNIÃO GEOGRÁFICA INTERNACIONAL. **Anais...** Dimensões históricas da relação entre espaço e cultura. Rio de Janeiro: UGI;UERJ, 2003.

\_\_\_\_\_. Microterritorializações urbanas: *pockets of social relations* – produtos das relações multiterritoriais no cotidiano urbano em virtude da dialética entre ordens e desvios sociais na modernidade. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 9. **Anais...** Manaus: UFAM, 2005a.

\_\_\_\_\_. A relação dialética entre funcionalização e afetividade na construção do espaço social urbano: a produção microterritorial e o caso das convivências homoeróticas subterrâneas ao social. **Caesura: Revista Crítica de Ciências Sociais e Humanas**, Canoas: ULBRA, n. 27, jul./dez. 2005b.

COSTA, J. F. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CLARK, D. **Introdução à Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1985.

DE CERTEAU, M. D. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994. V. 1.

DELEUZE, G. **Conversações 1972-1990**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DUNCAN, J. S. O supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FEATHERSTONE, M. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: SESC; Studio Nobel, 1995.

FORTUNA, C. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, a. 12, nº 33, fev. 1997.

FORTUNA, C.; SILVA, A. S. A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SANTOS, B. de S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. V. 1.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREYER, H. Implicações lógicas da perspectiva macro-sociológica. In: FERNADES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Nacional e Ed. da USP, 1973.

FREUD, S. **O mal-estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FRY, P. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GARCIA, O. R. Z. Prática sexual entre mulheres: identidade ou pluralidade sexual? **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**. Florianópolis: PPGICH-UFSC, n. 56, 2003. (disponível em <http://www.cfh.ufsc.br/~dich/TextoCaderno56.pdf>). Acesso em maio de 2007.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GASTALDO, E. Erving Goffmann, antropólogo da comunicação. In: GASTALDO, E. (Org.). **Erving Goffmann**: desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo, 2004.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

- \_\_\_\_\_. **Identidade e modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOFFMAN, E. **Estigma.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A Representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1996.
- GOLDMANN, L. **Dialética e cultura.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GOMES, P. C. da C. A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Religião, identidade e território.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- \_\_\_\_\_. Monoespace and genospace: a spatial matrix. **GeoJournal**, Kluwer Academic Publishers, n. 60, p. 339-344, 2004.
- GOUËSET, V.; HOFFMANN, O. Communautarisme: un concept qui semble poser problème dans la géographie française. **Espaces Géographiques et sociétés: travaux e documents de l'Unité Mixte de Recherche 6590.** Nantes: Imprimerie La Contemporaine/Universités Angers, Caen, Le Mans, Nantes, Rennes II, 2002.
- GREEN, J. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- GREEN, J.; TRINDADE, R. São Paulo anos 50: a vida acadêmica e os amores masculinos. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Orgs.) **Homossexualismo em São Paulo: outros escritos.** São Paulo: Ed. UNESP, 2005.
- GUIMARÃES, M. Relação de afeto e direitos: preconceito e violência contra homossexuais exigem criação de leis para proteger cidadãos. **Revista Psique, Ciência & Vida.** São Paulo, a. II, n. 16., Escala, 2007.
- HAESBAERT, R. Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. In: HAESBAERT, R. (Org.) **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo.** Niterói: EdUFF, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Territórios alternativos.** São Paulo: Contexto, 2002.
- \_\_\_\_\_. Fim dos territórios ou novas territorialidades? In: LOPES, L. P. da M; BASTOS, L. C. B. (Org.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. Desterritorialização, multiterritorialidade e regionalização. BRASIL, Ministério da Integração Nacional. **Para pensar uma política nacional de ordenamentos territorial.** Brasília: MIN, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade.** São Paulo: Hucitec, 1980.

\_\_\_\_\_. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

HEIDRICH, A. L. **Além do latifúndio:** geografia do interesse econômico gaúcho. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social. In: RIBAS, A.D.; SPOSITO, E.S.; SAQUET, M. A. **Território e desenvolvimento:** diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Ed. Unioeste, 2004.

HEILBORN, M. L. Ser ou estar homossexual: dilemas da construção da identidade social. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (Org.). **Sexualidades brasileiras.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

HELLER, A. **Sociologia de la vida cotidiana.** Barcelona: Península, 1991.

HOBBSAWN, H. **A era das revoluções:** Europa, 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

HOLLAND, R. **Eu no contexto social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

JAMESON, F. **O pós-modernismo:** e a lógica cultural do capitalismo avançado. São Paulo: Ática, 1991.

LACERDA, M; PEREIRA, C.; CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia:** reflexões e crítica. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Psicologia UFRGS, v. 1, n. 15. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a18v15n1.pdf>> Acesso em maio de 2007.

LACOSTE, Y. A Geografia. In: CHÂTELET, François. **Filosofia das Ciências Sociais:** de 1860 aos nossos dias. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo.** Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEFEBVRE, H. **Critique de la vie quotidienne.** Paris: L'Ache Éditeur A Paris, 1958.

\_\_\_\_\_. **Lógica formal, lógica dialética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

\_\_\_\_\_. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004.

LEFF, E. Pensar a complexidade ambiental. In: LEFF, E. **A complexidade ambiental.** São Paulo: Cortez, 2003.

LIPIETZ, A. Fordismo, fordismo periférico e metropolização. **Ensaio FEE**, ano 10, n. 2, 1989, Porto Alegre.

LOURO, G. L. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas.** Florianópolis: CFCH/CCE-UFSC. V. 9, n. 2, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em maio de 2007.

MACLAREN, P. **Multiculturalismo crítico.** São Paulo: Bebel Orofino Schaefer, 2000.

MACRAE, E. Em defesa do gueto. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 53-60. São Paulo, abr., 1983.

MADAME SATÃ. Direção: Karim Aïnouz. Produção: Isabel Diegues, Maurício Andrade Ramos e Walter Salles. Intérpretes: Lázaro Ramos, Marcélia Cartaxo, Flávio Bauraqui, Renata Sorah, Ricardo Blat, entre outros. Roteiro: Karim Aïnouz. Música: Marcos Suzano e Sacha Amback. Brasil, 2002. Distribuição: Lumière.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MARCUSE, H. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MENDONÇA, F. **Geografia e meio ambiente.** São Paulo: Contexto, 1998.

MENEGAT, R. **Atlas ambiental de Porto Alegre.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS: 1998.

MONTEIRO, M. O homoerotismo nas revistas *Suis Generis* e *Homens*. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES UNIVERSITÁRIOS, 2., 2000, Rio de Janeiro. **Literatura e homoerotismo.** II Encontro de Pesquisadores Universitários: uma agenda para os estudos gays e lésbicos no Brasil. Rio de Janeiro: UFF, Instituto de Letras, 2000. (Disponível em <http://www.artnet.com.br/~marko/ohomoero.htm>)

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigação em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOTT, L. **O sexo proibido**: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição. Rio de Janeiro: Papirus, 1988.

MUSSO, P. A filosofia da rede. In: PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PARKER, R. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. São Paulo: Record, 2002.

PERLONGHER, N. **O negócio do michê**: a prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. Territórios marginais. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Org.) **Homossexualismo em São Paulo**: outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

PHILADELPHIA. Direção: Jonathan Demme. Produção: Jonathan Demme e Edward Saron. Intérpretes: Tom Hanks, Denzel Washington, Roberta Maxwell, Antonio Banderas, Joane Woodward, entre outros. Roteiro: Ron Nyswaner. Música: Howard Shore, Bruce Springsteen e Neil Young. EUA, 1993. Distribuição: Tristar Pictures.

POLLAK, M. A homossexualidade masculina ou: a felicidade no gueto? In: FOUCAULT, M. **Sexualidades ocidentais**. Lisboa: Contexto, 1983.

PLASTINO, C. A. **O primado da afetividade**: a crítica freudiana ao paradigma moderno. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

PRATA, M. R. Da norma disciplinar à iniciativa: os processos subjetivos e os parâmetros normativos contemporâneos. In: PEIXOTO JUNIOR, C. A. (Org.). **Formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004.

O EINSTEIN DO SEXO. Direção: Rosa von Praunheim. Produção: Rosa von Praunheim. Intérprete: Kai Schuhmann, Friedel von Wangenheim, Gerd Lukas Storzer, Olaf Drauschke. Roteiro: Chris Kraus, Valentin Passoni. Holanda, Alemanha, 1999. Distribuição: Media Luna International Film.

OLIVEN, R. G. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis: Vozes, 1987.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROSSEAU, J. –J. **Do contrato social**: ensaio sobre a origem das línguas: discurso sobre a origem dos fundamentos da desigualdade entre os homens: discurso sobre as ciências e as artes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

- SACK, R. **Human territoriality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SALGUEIRO, T. B. Cidade pós-moderna: espaço fragmentado. **Revista Território**. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 4., 1998.
- SANTOS, B. de S. Os processos da globalização. In: SANTOS, B. de S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. Modo de Produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**. Rio de Janeiro, a. IV, n. 6., 1999.
- SENNETT, R. **O declínio do homem público**. as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- SILVA, A. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SILVA, J. F. B. da. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Orgs.) **Homossexualismo em São Paulo**: e outros escritos. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005.
- SILVA, J. M. da. **A miséria do cotidiano**: energias utópicas em um território urbano moderno e pós-moderno. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991.
- SIMMEL, G. Requisitos universais e axiomáticos da sociedade. In: FERNADES, F. (Org.) **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional e Ed. USP, 1973.
- SINGER, P. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Globalização e desemprego**: diagnósticos e alternativas. São Paulo: Contexto, 2001.
- SÍVORI, H. F. Resenha: LEAP, William (Org.). Public Sex, Gay Space. New York: Columbia University Press. **MANA**: Estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPG Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 2002, v. 8, n. 2, 2002. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000200010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000200010&script=sci_arttext). Acesso em maio de 2007.
- TEDESCO, J. C. **Paradigmas do cotidiano**: introdução à constituição de um campo de análise social. Passo Fundo: Edunisc, UPF, 2003.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.



TONELLY, M. J. F.; PERUCCHI, J. Territorialidade homoerótica: apontamentos para estudos de gênero. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Psicologia Social, 2006, v. 18, n. 3. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-1822006000300006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-1822006000300006&script=sci_arttext).

Acesso em maio de 2007.

TONNIE, F. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNADES, F. (Org.). **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional e Ed. USP, 1973.

TOURAINÉ, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TREVOR-ROPER, H. R. A crise geral do século XVII. In: THEO, S. (Org.). **Do feudalismo ao capitalismo**: uma discussão histórica. São Paulo: Contexto, 2003.

UNIDOS pela causa: processo histórico moderno estabelece visibilidade para o movimento gay. **Revista Psique, Ciência & Vida**. São Paulo: Escala, a. II, n. 16, 2007.

VALLERSTEIN, I. As agonias do liberalismo: as esperanças para o progresso. In: SADER, E. (Org.). **O mundo depois da queda**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

VELHO, G. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. Becker, Goffmann e a Antropologia no Brasil. In: GASTALDO, E. (Org.). **Erving Goffmann**: desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo, 2004b.

VILLASANTE, T. R. **Redes e alternativas**: estratégias e estilos criativos na complexidade social. Petrópolis: Vozes, 2002.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

